



"No one
sets fire to the
page like
Monica Burns."
—*Ecataromance*

A mission
as dangerous
as the passion
that consumed
them.

Inferno's KISS

AN ORDER OF THE SICARI NOVEL

MONICA BURNS

Author of *Assassin's Heart*



Inferno's
K I S S

MONICA BURNS



O mais quentes romance Sicari de todos. . .

"Ninguém incendia as página como Monica Burns." -
Ecataromance

Dante Condellaire, herdeiro do Lords Sicari, sabe que ser um líder significa sacrifício. Para Dante, é renunciar a todos os prazeres eróticos. Mas ele nunca esperou que sua força de vontade seria testada tão ferozmente por Cleópatra Vorenius, assassina especialista da Ordem, e filha do homem que ele irá suceder.



Para Kati e Scott.

*Que seu felizes para sempre seja
preenchido com alegria, amor,
risos e todo romance.*



Um

— Eu não entendo por que você não me disse.

Atia ouviu a confusão misturada com raiva na voz de sua filha e tremeu com a onda de tristeza e medo que brotou dentro dela. Nunca em seus sonhos mais loucos, ela se imaginou em um canto tão sombrio e inescapável duas vezes em questão de horas. Primeiro Gabriel, e agora Cleo. Ela achava que não poderia suportar perder seus dois filhos no mesmo dia.

Imagens do Pantheon passou pela cabeça de Atia. A memória vívida de Gabriel atacando seu pai e Marcus sendo forçado a matar seu filho ainda a enchia de horror. O terrível momento se repetiu mais e mais em sua cabeça desde o seu retorno para a casa segura.

Depois houve Phaedra e seu sacrifício. Primeiro ela salvou Marcus da morte certa, apenas para salvar Lysander e entrar em coma. Ela nunca viu Lysander tão perturbado, e com a ajuda de Ares, ele levou Phaedra para o hospital privado da Ordem em Gênova.

Do lado de fora da janela da biblioteca da instalação de Roma a cidade estava começando a se agitar. Mas ela não estava pronta para enfrentar o novo dia. Nem estava pronta para enfrentar o inevitável agora.

— Diga-me por que, mãe — a voz de Cleo era suave, mas inflexível. — Por que você não me falou que eu tinha um irmão?

— Porque era muito doloroso. — Atia sabia que a pergunta era sua chance de dizer a verdade para Cleo, mas sua coragem foi desaparecendo. — Os *Pretorianos*...

Ela olhou para Marcus e sua voz foi sumindo para o nada. Suas feições eram rígidas com sua própria dor e culpa. A culpa que ela queria dizer a ele para não sentir. Ele olhou para ela por um longo momento antes de se virar para Cleo.

— O *Collegium* sequestrou Gabriel antes de você nascer. Ele tinha dois anos quando o levaram e o treinaram para odiar os *Sicari*. — Marcus disse com um sofrimento silencioso que doeu em seu coração.

Atia podia sentir a angústia e a tristeza vibrando para fora dele, mas não sabia como consolá-lo. Talvez ela nunca soubesse. No entanto, apesar de tudo que aconteceu esta noite, havia uma força que fluía dele que dava a ela coragem para o que estava por vir.

Lembrou porque ele era o *Senhor Sicari* reinante. Ela queria chegar até ele, mas baixou a cabeça por causa da tristeza. A emoção tentava sair por cada centímetro enquanto lutava para manter sua compostura. A perda de Gabriel e tudo o que ele poderia ter sido; se ela o tivesse mantido seguro as coisas poderiam ter sido diferentes. Ela estremeceu e um instante depois, os braços de Cleo passaram em volta dela.

— Desculpe mãe.

A simplicidade das palavras de sua filha e do calor do seu abraço lembrou Atia quão grande era o coração de sua filha. Apesar de seu exterior durão, Cleo tinha um lado macio que não mostrava muitas vezes. Agora, a profunda simpatia do abraço de sua filha empurrou as lágrimas contra suas pálpebras, mas Atia se recusou chorar. Ela precisava de todo o seu controle para o que estava por vir. Cleo lançou seu olhar na direção de Marcus.

— Sinto muito pela sua perda, Eminência, e a maneira pela qual você perdeu o seu filho. — A simpatia de Cleo fez Marcus hesitar.

Atia respirou profundamente com o olhar apertado no rosto. Ele foi forçado a matar seu filho, e foi culpa dela. Ela não fizera o que deveria ter feito há tantos anos atrás. Como resultado, sua penitência poderia muito bem ser a morte de seu

relacionamento com Cleo. E era muito possível que Cleo não perdoasse por esconder a verdade.

— Cleo... eu preciso. — *Deus*, ela não sabia como fazer isso. Dizer para Cleo que seu pai estava vivo era a coisa mais difícil que Atia já fizera. — Há outra coisa que eu tenho que te dizer.

— O quê? — Cleo se virou para sua mãe e a perplexidade em seu bonito rosto rapidamente se tornou em uma expressão de horror. — Não. Por favor, não me diga que meu pai era um *Pretoriano*.

— Não, *caríssima*, não. — Atia estendeu a mão e pegou as mãos de Cleo nas suas. — Seu pai não é um *Pretoriano*.

— Será que não? — Cleo franziu o cenho. Atia tentou engolir o caroço de medo que queria fechar sua garganta.

— Seu pai não está morto.

— *O quê?* — a voz de Cleo foi tão suave que Atia quase não percebeu o que sua filha havia falado.

— Eu sei que eu deveria ter dito a você, mas...

— Você *sabia?*

Um silêncio encheu a sala escura quando Atia estudou a expressão atordoada da filha. Com um movimento lento, Cleo puxou as mãos de sua mãe, e Atia respirou fundo. Com o medo fazendo seu caminho através dela, como o choque no rosto de Cleo estava lentamente dando lugar a uma expressão fria, uma expressão de mármore. Nem mesmo a luz do sol entrando pelas portas francesas aliviou o frio que escoava pelos cantos da sala. Ela esperava indignação. Até mesmo fúria, mas não este silêncio gelado.

Cleo nunca foi de ficar calada. Nunca. Mesmo quando criança, sua filha expressava abertamente seu entusiasmo ou antipatia por tudo e qualquer coisa. Nem mesmo quando Cleo ficou absolutamente mau ao descobrir a traição de Michael ela ficou assim. Silenciosa e completamente sem emoção. Atia engoliu a bile subindo em

sua garganta e freneticamente tentou formar um plano de ação. O silêncio de sua filha era a única coisa que ela não esperava.

Desesperadamente, ela tentou pensar em algo que forçaria Cleo a quebrar o seu silêncio. Deus, como ela desejava que ela tivesse feito às coisas de forma diferente. Não. Ela fizera à coisa certa. A segurança de Cleo foi a única coisa com qual ela se preocupara. Ela daria sua vida pela sua filha.

O relógio sobre a lareira anunciou a hora da manhã, com seis sinos de melancolia. O som penetrou no quarto como uma suave sentença de morte. Ao lado dela, Marcus avaliava o humor de Cleo com uma paciência deliberada que era assustadoramente familiar, mesmo após tantos anos separados.

Os tentáculos de seus pensamentos se misturando com os dela um instante antes que ela recuasse da gentil sondagem mental. Ele puxou seus pensamentos para ela, com um pedido de desculpas não ditas. Com os dedos entrelaçados em um doloroso aperto, Atia lutou para não estender a mão e puxar sua filha para seus braços. Ela estava certa, pois fazê-lo só iria piorar as coisas.

— Cleo, eu queria dizer...

— Não. — O comando era um silvo raivoso de fogo sobre o gelo e Atia se encolheu sob olhar severo de Cleo. — Você mentiu para mim.

— Não! — exclamou Atia.

— Então do que você chamaria isso, *mãe*? — o sorriso de escárnio na voz de Cleo era uma lâmina atingindo profundamente a pele de Atia.

— Eu nunca disse que seu pai estava morto. Eu simplesmente permiti que você acreditasse. Foi para te proteger. — Foi uma defesa lamentável, e ela sabia disso.

— Me proteger do que, exatamente? — Cleo disse friamente. — Eu não tenho habilidades. Nem mesmo os *Pretorianos*, porra, saberiam o que fazer comigo.

— Eles poderiam... você poderia passar as habilidades de seu pai para uma criança.

— Bem, esse *bastard* vem me procurando há três anos, não?

Atia não olhou para Marcus, mas seu corpo estava tão afinado com o seu que ela poderia dizer o instante em que as palavras de sua filha o enrijeceram. Ela sabia que já deveria ter explicado para ela as coisas, mas foi consumida pelo medo do que aconteceria quando dissesse a verdade para Cleo. Ela se sentia muito frágil para lidar com qualquer outra coisa. Agora fizera as coisas parecerem ainda mais enganosas.

Seu olhar mudou de volta para enfrentar Cleo, e ela parou com o breve flash de desespero no rosto da filha. O estômago de Atia revirou-se. Sua bela filha nunca saberia a alegria da maternidade. Que foi arrancada das mãos de Cleo por uma lâmina *Pretoriana* que quase a matou – e a deixou estéril. Mas Cleo também não sabia sobre isso. A dor que veio ao tentar proteger sua filha. E Atia fez tudo que podia para proteger Cleo.

Tudo isso por poucas horas nos braços de Marcus no Terrazzo La Del Ninfeo¹, há mais de trinta anos, tudo o que ela fez por Cleo foi feito por amor. Ela empurrou sua tristeza para encontrar forças para chegar a sua filha mais uma vez. Seu filho estava perdido para ela para sempre, e agora ela teria que lutar para manter sua filha.

Cleo odiava quando alguém mentia para ela, e Atia fizera isso, embora tivesse pecado por omissão. Ela permitiu que a filha acreditasse que seu pai estava morto. E foi uma mentira que Cleo nunca poderia perdoar. A presença de Marcus, alto e imponente ao seu lado apenas enfatizou o quanto Cleo precisava perdoar.

— Eu fiz isso para te proteger.

— Quem é ele?

Não era uma pergunta, era um comando, e a voz de Atia morreu em sua garganta quando viu o desprezo no rosto de Cleo. Com um aceno de cabeça, ela lutou para encontrar sua voz, e os segundos expandiram-se para um longo silêncio antes de Marcus limpar a garganta.

— Sou eu.

A autoridade tranquila na declaração Marcus fez Atia suspirar, um pouco da raiva e desprezo no rosto de Cleo deu lugar ao choque novamente. Certamente ela

¹http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/91/Villa_Litta_Lainate_Fronte_Ninfeo.JPG

poderia fazer Cleo entender agora que, como a filha de um *Senhor Sicari*, Atia pensou somente na sua segurança. Ela estendeu suas mãos trêmulas para Cleo, mas seu braço caiu ao seu lado quando Cleo deu um passo atrás. O movimento silencioso de rejeição era como um veneno que espalhou agonia através de seus membros deixando a dor como seu rastro.

— Seu pai e eu...

— *Não* diga isso. — Como se de repente, lembrando o seu lugar, Cleo se virou e inclinou a cabeça com firmeza ao *Senhor Sicari*. — Perdoe-me, *Il mio Signore*, não estou desrespeitando-o.

— Sabemos que isto é um choque, mas eu entendo os motivos de sua mãe, *caríssima*. — A voz de Marcus era suave e baixa, mas Atia ouviu a nota de pesar em suas palavras.

Ele não tinha nada, só um grande remorso. E isso tudo era obra dela. Atia brevemente fechou os olhos contra o pensamento doloroso. E se as coisas tivessem sido diferentes. Ela olhou para Cleo novamente, e o brilho nos teimosos olhos violeta de sua filha só aumentou seu medo. Atia não queria perdê-la. Ela já perdeu um filho hoje à noite. Perder outro seria insuportável. De alguma forma ela precisava fazer Cleo entender suas razões para esconder a verdade.

— Eu não contei a ninguém quem era seu pai. Nem mesmo a Ignacio. E eu não falei com o seu... — ela viu a expressão de Cleo endurecer. — Eu nem sequer disse a Marcus.

— Então, você optou por me deixar crescer sem um pai.

— Eu escolhi mantê-la segura. E eu faria de novo. — Atia sentiu seu medo e frustração levando a melhor sobre ela.

— Segura de quê? Cada maldito membro da Ordem está sempre em risco, o que me faz tão especial?

— Porque você é a filha de um *Senhor Sicari*. — Atia deu um passo à frente para chegar a sua filha novamente. Ela tentou tocar seu rosto, mas Cleo saiu fora.

— Eu ainda tinha o direito de saber — Cleo disse com uma voz firme.

— E eu tinha o dever de protegê-la — Atia respondeu com determinação.

— Dever ou não, *Senhora Cônsul*. Você mentiu para mim. Você mentiu para mim sobre o meu irmão, você mentiu para mim sobre quem era meu pai, e você me permitiu acreditar que ele estava morto.

A formalidade das palavras de Cleo fez Atia balançar um pouco. Uma mão invisível e liquidada em seu ombro a firmou. Ela acenou com a mão para Marcus para descartar o toque. Sua oferta de conforto não aliviaria seus medos.

— Eu tinha pavor de alguma coisa acontecendo com você, *caríssima*. O pensamento dos *Pretorianos* a levarem da mesma forma que levaram Gabriel... era insuportável. — A declaração tranquila de Atia enviou um clarão de compreensão sobre o rosto de Cleo antes de sua expressão endurecer novamente. Era tão parecida com seu pai.

— Eu posso entender por que você me manteria no escuro quando eu era criança, mas quando fiquei mais velha? — Cleo disse ferozmente.

— Eu queria te dizer, mas a cada dia se tornava mais difícil fazê-lo. Eu sabia que você veria o meu silêncio como ter mentido para você, e estava com medo.

— Medo? — Cleo bufou irritada, com descrença. — Você é mãe, você é destemida. Você toma membros do Conselho como uma leoa faz com sua presa. Você optou por não me dizer a verdade porque era mais fácil não é.

— Não foi fácil. A partir do momento em que você nasceu eu vivia com medo. Se os *Pretorianos* soubessem quem era seu pai, eles teriam feito de tudo para levá-la como fizeram com Gabriel.

— Então por que agora? Por que não há três anos? — ela estava nervosa. — Você não poderia me dizer a verdade, então? Os *Pretorianos* não têm qualquer utilidade para as mulheres que não podem se reproduzir.

— Se eu tivesse dito a você, então, teria mudado alguma coisa?

— Sim. Não. Eu não sei, mas você devia ter me contado. — A voz de Cleo ecoou



com confusão, e Atia sentiu uma grande necessidade de alcançar sua filha e tê-la em seus braços.

— Por favor, Cleo. Eu quero que nós... — ela começou a fechar a distância física entre elas, mas Cleo saltou para trás.

— Não. — Cleo falou. — Nem mais uma palavra, mãe. Agora, a menos que haja algum outro segredo escuro que você gostaria de revelar, posso sair?

Mais uma vez Atia se inclinou para sua filha, mas Marcus deu um passo adiante para interceptá-la. O toque físico de seus dedos em seu braço silenciosamente ordenou que ela não continuasse.

— Nós entendemos que você precisa de tempo para ajustar a tudo o que sua mãe tem compartilhado com você esta manhã. — A voz de Marcus era um som calmo e sereno, mas ela não poderia dizer se ele teve algum efeito sobre Cleo. Sua voz suavizou ainda mais. — Eu sei o quão difícil isso deve ser para você, Cleópatra. Não foi fácil para mim quando sua mãe me contou sobre você. Mas se você me der à oportunidade, eu gostaria de conhecê-la. Tudo que peço é que você pense sobre isso.

Cleo reconheceu com um afiado aceno de cabeça. Ela hesitou por uma fração de segundo, e Atia pensou que ela fosse dizer algo, mas Cleo simplesmente se virou aproximadamente em um calcanhar para sair da biblioteca, sem um olhar na direção de Atia.

O momento em que a porta se fechou atrás de sua filha, Atia foi para longe de Marcus e, lentamente, circulou o canto da mesa para afundar na cadeira de couro do escritório. Ela perdeu sua filha. Cleo nunca iria perdoá-la por não dizer a verdade. Com a cabeça baixa, ela fechou os olhos e tentou pensar, mas não conseguiu. Pela primeira vez em muito tempo não tinha um plano. Não tinha nenhum lugar para onde ir. Isso a fez se sentir perdida e sozinha.

— Ela finalmente vai encontrar seu caminho e perdoá-la. — Pela declaração tranquila de Marcus, ela levantou a cabeça para olhar para ele.

— Não. Ela não vai — ela disse amargamente. — Você não a conhece como eu.

— Você está certa, eu não conheço. — Não houve acusação em suas palavras. Foi

apenas uma observação simples

— Ela também odeia ser enganada. Tudo começou quando ela era criança. Sua melhor amiga caiu de três metros de altura e ela ficou cheia de culpa pelo acontecido. Falaram que elas estavam brincando na muralha da ala leste na propriedade de White Cloud. Eu disse para Cleo que sua amiga viveria. A criança morreu. Ela passou a exigir a verdade desde então. Ela pode ser muito implacável.

— Então nós vamos fazer com que ela veja que você não tinha outra escolha.

— E você acha que eu não tinha outra escolha? — ela conhecia esse tipo de olhar afiado, lembrando de como ele estava furioso quando ficou sabendo da existência de Cleo.

— Você fez o que eu teria feito. Você protegeu nossa filha — ele disse calmamente, mas não era o lampejo de emoção em seus vívidos olhos azuis que a preocupava. — Eu não posso criticá-la por não me dizer a verdade.

— Mas?

— Você deveria ter *me* dito Atia. Eu tinha o direito de saber que eu tinha uma filha. Eu poderia ter assistido ela crescer a distância. Você me negou essa alegria.

— Se você quer que eu diga que sinto muito, eu não posso. — Ela balançou a cabeça. — Eu não podia arriscar ver você levá-la de mim.

— E ainda assim você arriscou a vida na tentativa de criá-la sozinha pensando que ninguém iria descobrir o seu segredo. Eu poderia ter ajudado a protegê-la.

— Sua vida estava em risco, não importa qual curso de ação eu tomasse — ela falou com ressentimento. — Eu fiz o que achava melhor para a minha filha. Eu não vou pedir desculpas por isso.

— A nossa filha. — A intensidade feroz de suas palavras enfatizou que ele ainda estava com raiva por ela ter escondido a verdade dele. Como Cleo, ele demoraria a perdoá-la. E o fato de ela querer o seu perdão a assustava. Isso mostrava quão rápido ele estava se tornando uma parte de sua vida novamente.

— Nossa filha. — Ela assentiu com resignação.



Com os olhos fechados, ela esfregou os dedos em seu rosto. Outra dor de cabeça. Elas pareciam que estavam vindos com mais frequência. Um toque suave e invisível acariciou sua testa, e ela suspirou à carícia invisível.

— Por que você está tão certo que Cleo irá me perdoar? — ele ficou quieto, ela levantou a cabeça para encontrar o seu olhar intrigado.

— A preocupação dela com você na noite passada no Pantheon demonstrou o quanto ela te ama.

— Cleo é como você. Ela tem uma personalidade teimosa. Quando ela coloca em sua mente alguma coisa, é difícil convencê-la do contrário.

— Então talvez ela devesse conversar um pouco comigo.

Embora seu olhar fosse sombrio, havia apenas um toque de diversão curvando seus lábios enquanto ele a observava. Ele despertou algo dentro dela que ajudou a aliviar um pouco da dor que ainda machucava seu corpo. Ela fechou os olhos ao lembrar-se da morte de Gabriel e quão perto Marcus ficou de se juntar seu filho.

Uma lágrima espremeu seu caminho para fora sob sua pálpebra, e um forte juramento escapou de Marcus. Seus olhos se abriram de surpresa com o som, e viu Marcus se mover rapidamente para puxá-la para fora da cadeira. No momento em que seus braços passaram em volta dela, ela caiu em prantos. Um tremor passou por ele, e ela sabia que derramava lágrimas de ambos.

A dor que ela experimentou no dia que os *Pretorianos* tomaram Gabriel deles era diferente da dor que sentiam agora. Então, ela foi preenchida com terror pela vida de Gabriel e dela própria. Ela matou um *Pretoriano*, mais antes o segundo já havia dado o seu golpe mortal.

Até que Cleo nasceu, ela desejou milhares de vezes que os *Pretorianos* tivessem matado ela naquele dia horrível. Seria melhor do que viver com o fato de que ela falhou com Gabriel. Não conseguiu fazer seu dever. Ela não teve coragem de tirar a vida de seu filho naquele dia. Ela se permitiu agarrar a esperança de que ela poderia derrotar o *bastardi* que a pegou de surpresa e seus guarda-costas.

Mas ela não fez. E os *Pretorianos* riram para ela quando arrastaram um Gabriel



chorando de seus braços. Como ela, eles estavam certos, ele deveria ter sido morto. Eles zombaram dela enquanto iam embora, falando sobre como Gabriel viria a ser um deles.

Eram memórias que a assombrava todos os dias. O *bastardi* deliberadamente a deixou morrer sabendo que os últimos minutos de sua vida seriam gastos agonizando sobre o destino de seu filho. Ela foi à única culpada por Gabriel, e nunca dissera isso a Marcus, ele nunca soube a verdade, se ele soubesse, ele nunca iria perdô-la.

Ela mentiu para ele. Ela disse que ficara inconsciente quando eles tomaram Gabriel. Mesmo que ela tivesse sido forçada a fazê-lo, ela não poderia ter matado seu filho apenas para evitar que os *Pretorianos* o levassem. De repente, ela desejou que estivessem longe de Roma.

Ela delicadamente se retirou de seus braços, se ele tentasse sondar seus pensamentos. Sua capacidade de manter seu escudo mental no lugar estava extremamente limitada neste momento. Se ele realmente quisesse saber o que ela estava pensando, ele não teria dificuldade em romper seus pensamentos. A compreensão a apavorava.

Atia não queria enfrentar a sua condenação logo após a morte de Gabriel, e isso aumentou o profundo medo que nunca a deixou desde o dia do sequestro de seu filho. A expressão de medo em seu rosto pôde revelar mais do que ela queria que ele visse, Atia se afastou de Marcus e afastou a umidade em seu rosto.

— Do que você tem medo, *mia cara*?

Sua voz era uma carícia suave sobre seus sentidos. O amor. O carinho a envolveu com calor. Isso a fez se sentir valorizada. Segura. E ressaltou sua vulnerabilidade que Marcus sempre trazia a tona. Ela sempre quis dizer a verdade a ele, assim como ela queria dizer sobre Cleo. Ela simplesmente nunca encontrou a coragem de fazê-lo.

Sua incapacidade de explicar o seu único erro enfatizou o fato de que ela nunca parou de amá-lo. Ela tremia, com a mão ele pegou o queixo e a forçou a olhar para ele. Havia uma carranca de preocupação em seu rosto enquanto ele a estudava. Ela se afastou de seu toque e balançou a cabeça.

— Eu não tenho medo, Eminência. — Ela estremeceu com a nuvem escura de irritação que tomou conta de suas feições. — Com sua permissão, vou levar o *Tyet de Ísis* de volta à White Cloud. Não é seguro aqui na Itália.

— Concordo — Marcus rosnou. — Eu preciso falar com Dante antes de sairmos.

— Nós? — ela não tinha a intenção de soar tão afiada.

— Sim. Nós — ele disse com voz a firme. — Eu gostaria de examinar alguns documentos que estão no artefato. — No minuto em que ele mencionou o artefato, ela se enrijeceu. O pensamento de trabalhar estreitamente com ele para estudar a antiguidade era alarmante. Ela engoliu o nó na garganta.

— A Ordem tem vários pesquisadores, inclusive eu, que são extremamente bem informados sobre o *Tyet de Ísis*.

— Talvez, mas eu gostaria de examinar o pergaminho também. Minhas memórias da minha vida passada como Tevy pode ser útil.

— Mas...

— Sem argumentos, Atia. Eu não vou ficar para trás. — Sua boca se diluiu com determinação. — Pretendo estudar o pergaminho com você. Mas essa não é a única coisa que eu planejo fazer. Eu também pretendo reivindicar o que é meu por direito.

— E eu disse que não sou sua propriedade. — Um silvo agudo de ar passou a frente seus lábios. — O laço de sangue é um acordo mútuo.

— Que você concordou há 36 anos, completos no próximo mês, se a memória não me falha. Suas palavras a fizeram saltar com surpresa. Lembrava o dia do seu laço de sangue. Seus olhos se estreitaram. — Você acha que eu iria esquecer? Nós pertencemos um ao outro, Atia. E eu vou para o Tártaro novamente para fazer você ver isso.

A intensidade de sua voz a fez ficar ainda mais apreensiva. Ele estava agindo como se tudo estivesse resolvido entre eles. E não estava. E sua arrogância em assumir isso a irritava. Seu olhar caiu para a papelada em sua mesa de trabalho. Sempre foi um santuário, que seria novamente. Ela afundou em sua cadeira e afastou vários trabalhos



para o lado para encontrar uma caneta.

— Perdoe-me, Eminência. Tenho trabalho atrasado para recuperar. — Seu comentário desapaixonado puxou um silvo agudo de ar de Marcus.

— Você consegue tirar a paciência de qualquer um, Atia — ele disse asperamente. — Você sempre achou mais fácil se esconder dos seus problemas do que enfrentá-los. Vejo que nada mudou.

— Eu não estou me escondendo de nada. Como *Prima Cônsul* tenho responsabilidades que não posso evitar, e ao contrário de você, eu não tenho alguém me esperando nos bastidores para me ajudar a desempenhar essas funções.

Ela não se preocupou em olhar para ele enquanto falava. Um momento depois, o sentiu ao seu lado quando ele veio ao redor da mesa. No momento em que a palma de sua mão bateu fortemente na área de trabalho na frente dela, ela pulou. Quando ele puxou sua cadeira ao redor com a outra mão, ela se recostou mais profundamente no couro macio enquanto ele se inclinava sobre ela.

— Estou disposto a te dar tempo, *caríssima*, mas nada mudou desde a manhã quando assistimos o nascer do sol sobre a cidade, no Terrazzo La Del Ninfeo. Eu disse que você era minha, e eu quis dizer isso.

— Deus, mas você é um arrogante filho da puta — ela retrucou violentamente, enquanto ela empurrou a cadeira para se afastar dele, e ficar de pé. — O que faz você pensar que pode entrar novamente em minha vida e simplesmente exigir o direito do laço de sangue? Eu construí uma vida sem você, e é tão difícil aceitar que eu tenho sido feliz sem você?

O que não era exatamente verdade. Ela aprendeu a se adaptar e encontrar a felicidade onde ela podia. Ela não se atreveu a dizer quantas noites ficou acordada ao longo dos anos desejando que ele estivesse deitado ao lado dela. Algo que ela fez todas as noites desde a sua primeira reunião em Santa Maria sopra Minerva.

Mas não mudou nada. O que aconteceu no passado custou caro. E ela estava muito cansada, muito velha e com muito medo para começar de novo. Ela apertou sua mandíbula e olhou para ele. Seus olhos azuis vivos imediatamente se estreitaram



enquanto ele estudou seu rosto. Era sua avaliação visual que sempre conseguiu mostrar mais do que o que ela queria mostrar. Mas ao longo dos anos, ela ganhara muita prática escondendo seus pensamentos dos outros, ainda mais desde que se tornou *Prima Cônsul*. Com um grunhido vicioso de raiva, ele deu um passo em direção a ela, e ela imediatamente se afastou. Algo brilhou em seus olhos que a fez querer chegar até ele, mas ela se forçou a permanecer imóvel.

— Você disse não há muito tempo que o passado está sempre com você. E comigo também. E ele irá fazer você se lembrar quão importante eu sou para você — ele disse asperamente.

Com um último olhar duro em sua direção, ele se virou e saiu da biblioteca. Deixada para trás, Atia viu como a porta se fechou atrás dele. Ele pretendia entrar novamente em sua vida, e ela sentiu uma súbita vontade de deixá-lo fazer exatamente como ele queria. Ela fechou os olhos com o pensamento.

Marcus poderia ser persuasivo quando queria ser. Nos poucos anos que ficaram juntos, ela sempre cedeu quando ele argumentou. Mesmo quando ele se tornou um *Senhor Sicari*, ele nunca forçou a fazer nada, apesar do fato de que seu comando era praticamente lei. Ele simplesmente a seduzia com palavras. E com seu toque.

A memória da última vez que fizeram amor acariciou seus pensamentos. Cleo foi o resultado dessa união. E agora tudo estava pendurado na balança. Da mesma forma que estivera quando Gabriel foi sequestrado. A angústia de que o evento criara um abismo entre ela e Marcus. E essa foi à única vez que Marcus a abandonou.

Ela precisava dele naqueles dias e semanas após Gabriel ser levado. Mas ele se trancou em um mundo próprio. Ele carregava um fardo de culpa que não queria dividir. Talvez se ela tivesse sido capaz de dizer a ele a verdade, se ele não tivesse a deixado. Ela estremeceu como as memórias correram para ela como a fúria de um *Pretoriano*. Com as pernas fracas, ela afundou em sua cadeira.

Talvez Cleo estivesse certa. Talvez não soubesse como dizer a verdade. Mas então a verdade nunca foi tão fácil para revelar, como a filha pensava. Seus dedos passaram por todos os papéis sobre a mesa. E ela era tudo, menos destemida. Ela era uma covarde. Essa foi a verdadeira razão pela qual não queria Marcus de volta em sua vida.

Ela não tinha a coragem que seria necessária para enfrentá-lo contando a verdade. Como Cleo, era improvável que ele perdoasse o seu pecado. Ela fechou os olhos e se recostou na cadeira tentando desesperadamente não deixar as lágrimas escorrerem. Ela falhou, e no silêncio do seu escritório, ela chorou por aquilo que poderia ter sido e pelo o que nunca poderia ser.

Na batida suave na porta do escritório, ela se levantou. Cleo retornou? A visão de Ignacio entrando a fez soltar um suspiro de decepção enquanto rapidamente enxugava os olhos secos. Embora o som fosse quase inaudível, ela sabia que Ignacio ouvira porque sua mandíbula se apertou.

O coração de Atia gelou. A amizade sempre foi algo que ela estimava. Por que ela não percebeu até agora que o homem queria algo mais do que a sua amizade? A resposta foi fácil. Nunca teria, e nunca seria ninguém mais, apenas Marcus.



Lágrimas brilhavam nos belos olhos cinzentos de Atia quando Ignacio fechou a porta do escritório atrás de si. Ele viu as mãos tremerem enquanto ela rapidamente limpava a umidade de suas bochechas. A última vez que a viu chorar foi quando os médicos disseram a eles que Cleo nunca teria filhos. O intestino de Ignacio se torceu. Ele nunca quis se apaixonar por ela. Ele sabia bem, mas ele sucumbiu de qualquer maneira.

Até algumas noites atrás, ele realmente começou a acreditar que poderia convencê-la a desistir dos fantasmas de seu passado. Um pensamento tolo. Ele sabia que era uma esperança inútil. O fato de Vorenius ter entrado na vida de Atia novamente apenas enfatizou o quão irreal que era.

Só de pensar no *Senhor Sicari* fez o sangue de Ignacio esquentar com ciúme. O bastardo simplesmente caminhou de volta à vida de Atia, como se ela fosse algum prêmio para o *Senhor Sicari*. Ignacio não se importava que os dois tivessem um laço de sangue, isso não dá o direito de Vorenius reivindicar Atia novamente depois de todos esses anos.

— Você deveria estar na cama — Ignacio disse ríspidamente.

— Eu não seria capaz de dormir. — Ela apontou para a papelada na frente dela. — O trabalho vai ajudar a afastar minha mente de tudo.

— Eu sinto muito por Gabriel. — Ela nunca saberia quão triste ele estava.

— Obrigada. — Ela engoliu em seco.

Dedos pressionados na mesa, ela curvou a cabeça como se estivesse estudando os papéis à sua frente. Ignacio sabia que ela não estava lendo. Ela perdeu seu filho hoje à noite, e sua tristeza era dele. O pensamento o impeliu para frente. Quando ele chegou a ela, Atia olhou para ele, surpresa, ele gentilmente a puxou para seus braços.

— Estou aqui para você, *caríssima*. Eu sempre estive. — Era verdade.

Desde a primeira vez que ele a conheceu, Ignacio fez sua meta se tornar indispensável para ela. Era esperado dele. No processo, ele se apaixonou. Ele lutou contra isso e nunca falou de seus sentimentos com ela até a noite em que descobriu que Vorenius era o pai de Cleo. Ele quase sentiu pena do homem, descobrindo da maneira como fez que Cleo era sua filha. Quase.

Cleo era a filha que Ignacio nunca teve. Ele atendia seus joelhos esfolados, a ensinou a lutar, e mais uma dúzia de coisas que qualquer pai ensinaria aos seus filhos. Ele se permitiu tornar uma parte de suas vidas que ele não tinha certeza se seria capaz de deixar de ir quando chegasse a hora. E o tempo viria. Ele apareceu na frente dele como o rio Styx. Ele esmagou o pensamento. Deveria haver uma maneira de chegar até Atia, não importa os obstáculos.

— Acho que Cleo não reagiu bem à notícia. — Sua declaração simples o fez recuar.

— Não. — Ela se afastou de seus braços de uma forma que disse que queria poupar seus sentimentos. — Nós lutamos antes, mas agora foi diferente. Eu não acho que ela vai me perdoar por não ter contado a ela sobre Marcus.

Ignacio mordeu o interior de sua bochecha quando a voz de Atia suavizou ao dizer o nome do *Senhor Sicari*. Será que ela sequer percebeu que revelara tanto com

uma palavra? Ele limpou a garganta seca.

— Nós dois sabemos que Cleo é teimosa, mas ela retornará — ele disse enquanto agarrava a mão dela. — Ela sempre faz. Eu vou falar com ela.

— Não. Ela vai pensar que te enviei.

— Eu acho que conheço a nossa... — ele quase escorregou e usou a palavra filha. — Cleo será mais razoável em um par de horas. Ela só precisa de tempo.

— Você não vai vê-la, Ignacio. — Atia balançou a cabeça.

A tristeza no seu olhar causou dor no coração dele para ela. Sem pensar, colocou as mãos em concha em seu rosto e a beijou. Foi um beijo rápido, mas ela imediatamente enrijeceu sob o toque. Ignacio afastou-a instantaneamente. Foda-se. Sua reação era como se tivesse acabado de beijar um *Pretoriano*. Ele fez uma careta.

— Perdoe-me — ele murmurou.

Aturdido, e seu rosto brilhante com a cor rosa, Atia afastou-se dele com um aceno de sua mão. — Eu... você sabe que eu cuido de você, Ignacio. Você é... Eu não sei o que eu teria feito sem você ao longo dos anos. Eu valorizo tanto sua amizade, e eu não quero perder você como amigo.

As palavras de Atia palavras cortaram mais profundo do que qualquer ferida que já sofrera. Amargura endureceu o seu coração. Amizade. Ele queria mais do que isso dela.

— Você não vai me perder. Eu estive aqui por você desde o início. — Ele aprendera a mentir tão bem que ele não tinha certeza qual era a verdade mais.

— Eu sei, e essa é uma das razões pelas quais você é tão querido para mim. Sem você, a vida teria sido muito mais difícil.

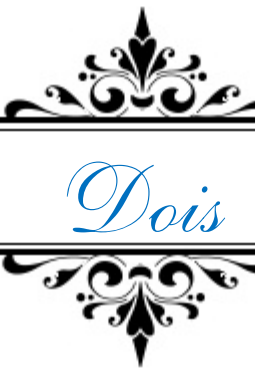
Era a sua maneira de dizer que ele não tinha a menor chance com ela? Ele não queria saber. Poderia fazer com que ele agisse precipitadamente. Ele ergueu a mão dela e pressionou sua boca contra sua pele. Tão macia. Tão doce cheiro. Deus, como ele a amava. Mas foi um erro se envolver tanto com ela. Ele necessitava sair agora ou ele diria tudo.



— Eu vou falar com Cleo — respondeu asperamente antes de afastar o olhar triste em seu olhar e saiu da sala.



Dois



Cleo grunhiu enquanto caía das costas de sua égua. Era como se alguém de repente tivesse dado uma surra nela. Ela caiu sobre um joelho e esperou que a dor diminuísse. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se permitiu tomar uma baita surra. O que não era verdade. Apenas poucos dias após uma lâmina *Pretoriana* terminar sua gravidez e os médicos dizerem que ela nunca poderia ter filhos, ela foi à procura de problemas. Ela encontrou três diferentes guerreiros *Sicari* na propriedade White Cloud e deliberadamente os insultou.

Foi a sua tentativa catastrófica de fazer algum exercício. Ela não trabalhou, em seguida, e ela duvidava de que estava indo trabalhar agora.

Mario teria ficado tão feliz ouvindo o seu discurso retórico enquanto treinava com ela. Mas ela precisava fazer alguma coisa, e ainda não estava pronta para conversar. Com toda a confusão que transparecia em seu rosto, porém, ela estava certa de que ele desejava que ela oferecesse a ele uma garrafa de cerveja. Ao invés disso, ela fez uma careta.

Apesar do pouco tempo que se conheciam, Mario a conhecia muito bem. Não tão bem como Lysander e os outros com quem ela cresceu. Mas ela e Mario confessaram muitos segredos um ao outro depois de umas latinhas de cerveja. Ela conheceu o instrutor de diversas artes marciais alguns anos atrás, quando ela visitou Roma em missão. Eles se tornaram grandes amigos e companheiros de bebida.

Ela deveria ter percebido que beber não daria o esquecimento que procurava. *Christus*, se ela tivesse pensado qualquer coisa, teria ido para fora, para derramar sangue *Pretoriano*. Ela precisava de algo para ajudá-la a esquecer que sua mãe havia mentido para ela durante anos sobre o seu pai. Ela era filha de um *Senhor Sicari*. A porra de um *Senhor Sicari*.

Como, em nome de Júpiter, isso era possível? Ela não tinha nem um pouco de habilidades *Sicari*. Sem poderes de cura como Phae, sem habilidades sensíveis, como as outras mulheres *Sicari*, nem mesmo uma pequena capacidade de telecinese como sua mãe possuía. Ok, talvez uma molécula de premonição, mas isso era tão fugaz e pouco confiável que não contava.

— Vamos, Cleo. Eu acho que você já teve o suficiente.

— Não — ela exclamou com voz rouca. — Eu decido quando eu já tive o suficiente, não você.

— Droga, Cleo. Eu não quero te machucar. — Mario falou com frustração.

— Foda-se.

Ela queria atenuar a dor em seu coração.

Se esforçar até o ponto da exaustão física que ela sempre fizera nesses casos. Ela se esforçou para bloquear a dor física e ficou de pé. Fazendo seu caminho de volta para o outro lado da esteira de treinamento, dando a Mario um olhar exasperado. Com um aceno de sua cabeça, ela o convidou a atacá-la novamente. Desta vez ela não o deixaria passar por suas defesas. O instrutor de artes marciais sacudiu a cabeça com desgosto e relutantemente deu um passo adiante.

Com várias batidas rápidas com a mão, ela forçou Mario a ficar em uma posição defensiva. Ignorando deliberadamente os sinais de dor subindo pela perna machucada, ela chutou com a perna boa para cima e conseguiu um duro golpe na barriga do treinador. Ele cambaleou para trás, e Cleo saltou para frente para lançar mais dois socos fortes, primeiro no peito e então em seu rosto.

Mario caiu deitado na armação do piso de treinamento. Isso deveria ter feito com que se sentisse bem. Mas isso não aconteceu. Em vez disso, seu desejo de chutar

alguém ainda estava fazendo o seu caminho através de suas veias. Deus, onde estava um *Pretoriano* quando você precisava de um.

Uma imagem de seu irmão morto passou pela sua mente, e o som do choro de dor de sua mãe. Sua garganta se fechou com essa memória. Engolindo em seco, Cleo mancou por todo o tapete para chegar perto de Mario.

— Mais uma vez — ela disse violentamente. — E não me diga que está cansado.

— *Christus*, o que diabos está acontecendo com você, Cleo? — seu amigo exclamou ferozmente. — Se eu realmente me soltar em você, você vai se machucar.

— Mais uma vez, seu filho da puta. Só porque eu não tenho nenhuma habilidade especial não significa que eu não posso bater em você.

O treinador arqueou as costas em seguida, e se levantou em seus pés com um movimento fluido. — Esta é a minha sala de treinamento, e eu digo que você acabou por hoje.

Algo explodiu dentro dela. Lascas de angústia, medo e raiva bombardearam seu coração em uma quase dor física que a fez sentir no peito como se estivesse em incêndio. Ela não estava pronta para sair. A dor física não era ruim o suficiente para mascarar a ferida no interior. Ela lançou-se para o treinador, seus movimentos duros e rápidos quando ela tentou acertar um golpe após outro sobre Mario.

Com um grito, ela bloqueou sua mão, em seguida, com uma torção de seu corpo, ela tentou puxar seu braço para trás dele. Ele bloqueou a tentativa com um ataque em seu peito que a mandou voando para trás até ela cair sobre o tapete. Atordoada, lentamente se virando e tentando ir novamente. Seu peito ainda estava em chamas, e ela lutou para acalmar sua respiração irregular.

— Isso é o suficiente. — A voz profunda de Ignacio fez Cleo virar a cabeça.

Seu mentor estava na ponta da esteira, com uma escura carranca no rosto. Ele apontou o dedo em sua direção antes de ordenar que ela saísse da borracha dura do tapete com um empurrão de seu polegar.

— Para o chuveiro, Cleo. — Sua carranca cresceu ficando mais escura quando ela começou a protestar. — Agora.

Algo na voz de Ignacio amenizou o tumulto que ela havia sido engolida esta manhã quando sua mãe a apresentou a um pai que Cleo sempre acreditou que estava morto. Ela não sabia qual dor era pior. O fato de não ter um pai enquanto estava crescendo ou o fato de que sua mãe havia mentido para ela sobre isso. Mentiu para ela por quase 33 anos.

Esse fato sozinho a cortou profundamente. Com um aceno de sua cabeça, ela reconheceu as ordens de Ignacio e mancou em direção à borda do tapete. Quando chegou, o rosto preocupado de Mario a fez sentir vergonha por estar usando-o como um saco de pancadas humano.

— Eu sou burra. Sinto muito — ela disse com voz rouca.

— Você não precisa pedir desculpa para mim, *caríssima*. Tudo está errado, eu sei que você está sofrendo — ele murmurou enquanto a puxava em um abraço de urso, sua voz rouca sendo abafada pelos seus cabelos. — Você não luta assim, a menos que esteja tentando vencer algum demônio dentro de você. Se ajuda você a extravasar um pouco da raiva, tudo bem. Mas bloquear tudo dentro de você não é bom, *bambina*. Fará você ficar descuidada quando você menos puder permitir isso.

— Como você sempre consegue me fazer sentir como se eu pertencesse quando eu estou apenas do lado de fora olhando?

Ela engoliu em seco e conseguiu combater as lágrimas ante ao afeto na voz de seu amigo enquanto ela o abraçou de volta.

— Olhando de fora para dentro? Pela Pedra de Júpiter², *bella*. Isso tudo é sobre isso? Você não ter habilidades especiais? — Mario exclamou com a voz baixa. — *Christus*, vocês não sabem quão poderosas vocês são? Você é a mulher mais bonita em Roma. Os homens quando a vê chegando abrem suas bocas. Eles não podem pensar em

2 A pedra de Júpiter na tradição romana, considerada a pedra Juramento, um aspecto de Júpiter em seu papel como lei divina responsável pela ordem.

linha reta quando a vê. Isso é um inferno de uma habilidade poderosa se você me perguntar.

— Não é a mesma coisa — ela murmurou.

Embora ela nunca tenha hesitado em usá-lo como sua vantagem, seu rosto era um substituto pobre para uma habilidade *Sicari*. Sua falta de poderes entre os *Sicari* não era um segredo. Com uma mãe que era uma figura tão proeminente na Ordem, era natural que as pessoas falassem. E agora que ela era estéril, não tinha nada para oferecer a um guerreiro *Sicari* para garantir a continuação de sua linhagem, para não mencionar manter o grande gene *Sicari* que carregava.

Michael foi sua última chance de felicidade, e mesmo ele tendo a abandonado no momento em que ela mais precisava dele. Ele a deixou para lidar com a dor de sua perda sozinha. Ela engoliu o nó na garganta quando Mario franziu o cenho para ela. Não era algo que ela poderia fazer seu amigo entender. Ela duvidou que houvesse qualquer *Sicari* que conseguia entender como ela se sentia.

— Droga, Cleo. — Mario tremeu ligeiramente.

— Você tem incríveis habilidades de luta, você é inteligente, e você é Mortalmente deslumbrante. Se você tivesse qualquer outra habilidade, você seria um maldito *Senhor Sicari*.

As palavras a fizeram tremer. Sua expressão deve ter revelado a sua dor, porque Mario franziu a testa com uma intrigada preocupação. Não prestes a explicar, ela forçou um sorriso aos lábios.

— Estou muito suada para ser Malditamente deslumbrante — ela afirmou. Seu esforço para soar alegre ficou aquém do olhar na cara de Mario e ela se virou. — Vou falar com você mais tarde.

— E se eu te levar para jantar em algum lugar, que fomos no mês passado. Aquele com o ziti³ que você gostava. — Sua oferta a fez olhar por cima do ombro para ele. O sorriso juvenil no rosto de repente a fez querer chorar.

³ <http://www.themodernhomekeeper.com/wpcontent/uploads/2011/03/bakedziti.jpg>

— Você só não vai me deixar ter um momento de autopiedade, não é? — ela perguntou com um sorriso aguçado.

— Não. — Mario riu enquanto ele sacudiu a cabeça em direção ao vestiário. — Para o chuveiro como Ignacio disse, em seguida, me encontre no salão esta noite às seis.

Seu olhar ficou em Mario por um momento, antes de ela assentir e fazer seu caminho em direção ao chuveiro. O vestiário das senhoras estava vazio, e Cleo estremeceu quando puxou o cordão de sua calça de moletom. Cada um de seus músculos doía do treino brutal que ela estava tendo desde o início da manhã. Ela olhou para o relógio sobre a porta de entrada. Sete horas. Foi a pouco mais de sete horas desde que sua mãe havia revelado a verdade sobre quem era seu pai. Como se não fosse ruim o suficiente descobrir que ela tinha um pai, ela tivera um irmão.

Se os *Pretorianos* não tivessem levado Gabriel? Ela teria sido tão próxima dele como ela era de Lysander?

Ela sentiu um engraçado não luto por Gabriel. Era difícil se arrepender que ele estava morto quando ele era um *Pretoriano*. Talvez não por nascimento, mas por tudo o que havia feito, Gabriel foi um dos inimigos. Para sua mãe era claramente diferente. A *Prima cônsul* estava com uma máscara, mas Cleo viu a tristeza de sua mãe por baixo. E apesar da forma como sua mãe havia mentido para ela, Cleo não gostava de ver sua mãe sentindo dor. Então tinha Marcus Vorenus. Ele estava de luto também, mas sua dor estava enterrada ainda mais fundo do que a tristeza de sua mãe.

A imagem do homem voou através de sua cabeça enquanto ela puxava sua blusa e colocava violentamente na sua bolsa do ginásio. Aqui estava ela, selada com um pai que ela pensou que estava morto, e um irmão morto, que ela nunca soube. Era como se estivesse vivendo alguma tragédia destorcida de Shakespeare.

Ela pegou sabonete e xampu de seu armário e mancou fazendo o seu caminho para o chuveiro. O quente spray foi um longo modo para tirar um pouco da tensão em seu corpo, mas o calor só aliviou a dor física. Não fez nada para aliviar a dor em seu coração. Sua mãe mentiu para ela. Não, ela simplesmente não se preocupou em corrigir a suposição de Cleo de que seu pai estava morto. Era uma mentira por

omissão, e uma traição de confiança. Sua mãe prometeu sempre dizer à verdade a ela, não importando o quanto isso fosse machucar.

Cleo exigiu isso de sua mãe quando uma criança. Ela não tinha dúvidas de que era uma promessa infantil, mas mesmo assim, sua mãe sabia que seu pai estava vivo. Como ela deveria perdoar algo como isto, e muito menos acreditar em qualquer coisa que sua mãe dissesse novamente? E o que dizer de Marcus? Um *Senhor Sicari*. Deus, a ironia era quase histericamente engraçada. Ela era a filha de um homem que tinha maior capacidade do que qualquer *Sicari*, e ainda assim ela não tinha nenhuma. Zero. Nada.

Ele só enfatizou seus sentimentos que ela era uma estranha entre seu próprio povo. Nem mesmo o comentário de Mário sobre ela não ter a necessidade de poderes especiais não aliviava a sensação de que não se encaixava e nunca se encaixaria. Um sentimento que Michael ajudou a cimentar quando ele se afastou há três anos. Ele queria crianças, mas não de outra pessoa. Algo que ela não poderia dar a ele. Ela fechou os olhos e quis que a dor de cabeça tomasse conta. Não funcionou então ela enterrou e se focou em seus pensamentos em seu chuveiro.

Um pouco mais de vinte minutos depois, ela entrou no vestiário para ver Violetta sentada no banco entre dois conjuntos de armários. A primeira vez que a encontrou foi quando ambas foram atribuídas à equipe de busca ao *Tyet de Ísis*. Ela gostava de Violetta, mas ela não era alguém que Cleo se sentia perto o suficiente para confiar seus segredos. Ela ignorou a mulher e foi para o armário se vestir. Quando Cleo vestiu uma camisa limpa, ela ouviu Violetta limpar a garganta.

— Por que você não me deixa dar uma olhada em sua perna?

— Eu estou bem.

Ela não olhou para Violetta quando puxou um par de jeans. Alcançando um pente, e cruelmente o arrastando pelo seu cabelo. Quando terminou, ela juntou os cabelos longos em uma mão e o prendeu em um rabo de cavalo com um laço.

— Mario está preocupado que possa ter algum nervo danificado após o golpe que ele deu em sua perna.

— Eu não preciso do *Curavi* para os músculos doloridos.

Ela sabia que os curandeiros, por vezes, viam coisas durante o processo de cura. E apesar de curandeiros jurarem manter em segredo o que viram, Cleo não queria correr o risco de Violetta ver algo. Ela simplesmente ainda não estava pronta para deixar alguém saber que seu pai há muito perdido apareceu, e que ele passou a ser apenas um *Senhor Sicari*.

— Então é melhor falar para Mario. Ele está convencido de que sua perna vai ficar permanentemente danificada, se eu não curá-la. — Havia um tom espinhoso na voz da mulher, e Cleo percebeu que ela foi grossa com a curadora.

— Desculpe-me, eu não deveria ter falado assim com você — ela disse com pesar. Virando a cabeça na direção da curadora. — Mario vive preocupado. Eu não nego que minha perna ainda dói, mas vou ficar bem.

— A maioria das pessoas está irritada quando estão sentindo dor. Não precisa se desculpar. — Violetta ofereceu um sorriso. — Mas vou ser honesta. A maneira como você entrou aqui alguns minutos atrás, você se parecia com alguém que poderia se beneficiar de um toque curador.

— Eu vou ficar bem, mas se a dor piorar, eu prometo que irei vê-la.

— Tudo bem, mas só para você saber, Mario não é o único preocupado com você — Violetta disse se levantando. — Ignacio está esperando por você lá fora.

— Merda. — A resposta de Cleo fez a curadora rir.

— Eu acho que foi a resposta de quando Mario explicou como você se machucou. Por estar preparado para um ato de motim com você. E você sabe onde me encontrar se você mudar de ideia sobre a perna.

Ainda rindo, Violetta se virou e saiu do vestiário, deixando Cleo pensativa sobre Ignacio a esperando do lado de fora do vestiário. Porra, ela não queria lidar com solicitude paterna de Ignacio no momento. Ela franziu a testa. Como ele iria se sentir quando soubesse que Marcus Vorenius era seu verdadeiro pai?



Provavelmente tão surpreso quanto ela. Com um movimento afiado Cleo jogou as luvas em sua bolsa de ginástica e bateu para fechar o armário. Quando estava quase saindo do vestiário, ela viu Ignacio encostado na parede perto da porta.

— Você deveria ter colocado gelo sobre a perna.

— É dor muscular, não uma entorse, senhor. — A resposta o fez murmurar algo em voz baixa.

— Venha comigo.

Não foi um pedido, era uma ordem, e ele não se preocupou em esconder sua frustração com raiva. Com um afiado movimento, ele foi para longe dos painéis de madeira do vestiário e saiu. Ela o seguiu em silêncio, certa de que ele estava indo para sua mãe, razão pela qual ela passou sete horas no ginásio trabalhando até o ponto de exaustão. E dor. Ela provavelmente deveria ter deixado Violetta curá-la. Não, ela não estava pronta para lidar com todas as perguntas. Se manter perto de Ignacio com seus passos rápidos não foi fácil, mas ela só apertou sua mandíbula até doer e o seguiu mancando. Ela não foi protestando. Reclamar teria sido inútil como sempre era quando Ignacio estava em uma causa.

Seu mentor não sentiria uma gota de pena dela. Não que ela quisesse. Quando chegaram à biblioteca, e Ignacio apontou para uma das quatro grandes cadeiras confortáveis.

— Sente-se.

Uma ordem que ela ficou feliz em obedecer porque a perna doía muito. Ela olhou seu mentor cuidadosamente quando ele afundou-se na cadeira em sua frente. Pelo olhar no rosto de Ignacio, ela poderia dizer que ele estava em um churrasco ou uma palestra. Um ou outro lugar, e ela não queria qualquer um. Ela tentou adiar o inevitável.

— Existe alguma notícia sobre Phae?

— Ares mandou dizer que ela está estável, mas os médicos não sabem quando ela vai sair daquela situação. — Ignacio inclinou-se para frente, seus braços

descansando nas coxas e olhou para ela por um longo momento. — Eu não pedi para você vir aqui para conversar sobre Phaedra. Agora, fale comigo.

— Não há nada para falar.

— Não me venha com essa porcaria. Você realmente acha que após todo esse tempo você pode me enganar? Eu a conheço desde você nasceu — Ignacio a repreendeu. — Eu sei que tem algo te incomodando, e eu tenho uma boa ideia do que é.

— Como diabos você sabe o que está errado.

— Vamos refazer o que aconteceu a poucas horas no Pantheon? Ignacio a olhou com um olhar severo.

— O quê? Meu choque ao descobrir que eu tenho um Irmão *Pretoriano*. Algo que minha mãe nunca me disse. Não é exatamente o tipo de notícia que você pode engolir em apenas uma ou duas horas.

— A situação do seu irmão é uma tragédia terrível.

— Sim, eu sei. — Ela balançou a cabeça se lembrando do pedido frenético de sua mãe na noite passada no Pantheon enquanto lutavam para manter os *Pretorianos* longe do *Tyet de Ísis*. Não importa o quanto ela pudesse estar com raiva de sua mãe, Cleo ainda odiava vê-la sofrendo.

— Mas não é isso que está realmente errado, não é? — a voz de Ignacio era firme e imperturbável.

— Que diabos isso quer dizer?

— Eu sei que você se encontrou com Atia e Marcus esta manhã.

— Então? — ela colocou para fora ferozmente.

— Ela te disse a verdade, não foi? — seu tom manso a atordoou. Ele fez uma careta. — Não olhe para mim assim.

— Minha mãe te disse sobre Marcus? Antes de me dizer? — a mulher não só mentiu para ela, mas disse o verdadeiro nome de seu pai a Ignacio antes dela. Ela não

tinha certeza do que era pior, ser enganada, ou saber que o homem que ela considerava como um pai conheceu a verdade antes dela.

— Ela não me disse de bom grado.

— Então, o que, você torceu seu braço? Dê-me um motivo porra. Você pode fazer melhor que isso.

— Ninguém jamais torceu o braço de sua mãe, *bambina* — Ignacio disse com uma pitada de diversão antes de sua expressão se tornar sombria. — A verdade é que ela foi colocada contra a parede.

— Por ele?

Uma onda súbita de raiva tomou conta dela ao pensar no *Senhor Sicari* intimidando sua mãe. Ela poderia estar com raiva de ser enganada, mas ela não gostou da ideia de alguém colocando sua mãe contra a parede. Seu mentor sacudiu a cabeça ligeiramente.

— Eu sempre pensei que ele tivesse abandonado você e Atia. Quando eu o insultei — Ignacio passou a mão contra a sua garganta, — ele não estava feliz com isso. Sua mãe o convenceu de que ela não trairia seu laço de sangue com ele, e ela me disse... a verdade.

— Certo, ela disse a verdade, mas não para mim, sua filha — ela falou com a voz afiada.

— Você está julgando-a muito severamente, Cleópatra. — Ele sempre usava seu nome completo para expressar sua desaprovação com algo que ela fizera. Mas ainda sim continuou a defender sua mãe e isso a irritou e a fez querer se lançar em cima dele.

— E você a julga muito suavemente, porque você está apaixonado por ela. — Suas palavras ferozes fizeram Ignacio ficar ereto na cadeira quando ela lançou um ruído áspero de desgosto em sua observação sem tato.

— Eu vejo — ele murmurou. — Então eu sou um objeto de diversão na Ordem por amar uma mulher que nunca me deu muita atenção, a não ser como seu guarda-costas.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Eu nunca ouvi ninguém falar nada sobre vocês dois. Nem mesmo aquele verme, Cato, sugeriu, e se alguém diria algo ele seria o único.

Ela sempre pensou no homem como um pai. Franzindo a testa quando ele balançou a cabeça e se recostou na cadeira para contemplar suas palavras. Ela sentiu seu coração doer por ele. Ela nunca viu sua mãe dar a Ignacio qualquer indicação de que poderia haver esperança para ele. Na verdade, ela não tinha certeza de sua mãe percebeu que seu *Celeris* estava apaixonado por ela.

Enquanto ela se lembrava que Ignacio sempre estivera lá para ela e sua mãe. Foi Ignacio quem a ensinou como lutar, como suturar uma ferida. Ele esteve lá quando ela perdeu na rodada final do *Invitavi*, e ele estava lá quando os médicos disseram que seu bebê havia morrido e ela nunca teria filhos. E foi Ignacio quem esteve lá para ela quando Michael se afastou menos de um mês depois de sua lesão.

Ignacio sempre estivera lá quando ela precisava dele, e o amava como um pai. Mas ele não era seu pai. Marcus Vorenius, o *Senhor Sicari*, era. Não, o *Senhor Sicari* reinante segundo a sua mãe. Foda-se. Ele não podia ser apenas um *Senhor Sicari*? Ele precisava ser o maldito comandante. O chefe.

— Foda-se. — Ela explodiu para fora de sua cadeira em um salto rápido, em seguida, caiu de volta em seu assento com um acentuado grito de dor. Ignacio se inclinou para frente com a óbvia intenção de examinar a perna, mas ela o dispensou com um aceno de sua mão.

— Inferno. Ela deveria ter me dito a verdade.

— Não foi fácil para ela, Cleo. Dizer a verdade, há três anos e hoje com certeza foi um pensamento aterrorizante para ela.

— Então ela disse, mas eu estou tendo uma dificuldade em acreditar — ela disse amargamente.

— Quando eu a trouxe de volta aqui pela manhã seu... seu pai descobriu sobre você, ela ficou profundamente abalada. — Uma expressão estranha passou pelo rosto de seu mentor. — Seu pai pediu para conhecê-la, e o pensamento de dizer a verdade a

apavorava.

— Minha mãe não tem medo de nada.

— Ela definitivamente tem medo de perder você. — Ignacio balançou a cabeça em desacordo.

— Por que você continua defendendo-a? Além do óbvio. — Ela olhou para ele. Ignacio lançou um olhar paciente.

— Porque eu conheço a sua mãe por um longo tempo, e depois da noite passada, eu a entendo, melhor do que entendia antes. — Ele se inclinou para frente novamente, com as mãos estendidas num gesto calmo. — Atia não é invencível. Nenhum de nós é *bambina*. Sua mãe perdeu muito nas últimas 24 horas. Ela é bonita e frágil agora, você acreditando ou não.

Cleo recostou-se na cadeira para descansar a cabeça nas almofadas macias. Com os olhos fechados, lançando uma dura respiração. — Mas ela mentiu para mim.

— Sim, mas você deve estar se perguntando por que ela mentiu para você. Os *Pretorianos* levaram o filho dela quando ele mal tinha idade suficiente para saber seu próprio nome. Aí, você apareceu. Você pode imaginar quão aterrorizada ela deve ter ficado cada vez que você estava fora de sua vista? Eu posso facilmente entender por que ela manteve a identidade de seu pai um segredo. De todos, inclusive você.

— Pare de fazer isso parecer tão malditamente lógico. — Ela abriu os olhos para encontrar o seu olhar simpático. — Ok, então ela mentiu para me proteger, mas doce Júpiter, ela poderia ter dito alguma coisa há três anos quando os *Pretorianos* *bastardi*... Ela poderia ter me dito então Nacio. Ela não precisava ter esperado até hoje para dizer que o meu pai está vivo. E oh sim, a propósito, Cleo, ele é um merda de um *Senhor Sicari*.

Ela o viu recuar um pouco quando ela usou o seu apelido de infância. *Christus*, ele estava pensando que Vorenius tomaria seu lugar? Que ela acabara de esquecê-lo e tudo o que ele foi para ela.

— *Senhor Sicari* ou não, ele é seu pai, Cleópatra. — Novamente com desaprovação.



Inclinado para frente, ela agarrou sua mão e a apertou. A borda do anel que ele usava marcou sua palma. Ela deu a ele a jóia no seu aniversário, quando tinha apenas doze anos. Ela ganhou dinheiro com a limpeza de espadas e outras armas durante um período de vários meses para que ela pudesse economizar o suficiente para comprar o anel.

Quando ele leu a inscrição, *De sua filha Cleo*, seus olhos lacrimejaram. Esse momento estava tão vivo hoje como se tivesse acabado de acontecer. Ignacio sempre estivera lá para ela. Ela nunca iria abandoná-lo.

— Ele não é você, Nacio. Ele nunca poderia ser — ela disse ferozmente. Ele bateu em sua mão e havia um brilho de emoção em seus olhos que enviou um arrepio para o seu pescoço antes que ela descartasse a sensação. Fosse o que fosse que ela pensou ter visto se foi quando ele enviou um sorriso terno.

— Ele pode não ser eu, mas ele é seu pai, Cleo. Ele merece o seu respeito não apenas porque ele é um *Senhor Sicari*, mas porque ele é seu pai.

Cleo não respondeu. Ela simplesmente puxou a mão da sua e ficou de pé. A dor na perna se aprofundou para uma dor aguda. — Falou a voz da razão.

— Tente entender — Ignacio disse em um tom autoritário quando ele se ajoelhou aos seus pés. — Você vai deixar Violetta realizar a *Curavi* em sua perna, nem que eu tenha que prendê-la e me sentir mal.

— Eu não preciso disso. Tudo que eu preciso é um pouco de calor para relaxar os músculos, um pouco de descanso e eu estarei boa como nova em um par de dias. Um bom mergulho na banheira fará maravilhas. — Ela mancava em direção à porta. — Além disso, uma cura vai me colocar sonolenta e eu tenho um encontro com Mario e uma garrafa de vinho em poucas horas.

— *Va bene*, mas vai demorar pelo menos duas semanas para sua perna curar, então eu vou mandar Emilio Angotti na próxima semana, em vez de você. — Suas palavras a fizeram parar onde estava e virar a cabeça na direção dele.

— Pedra de Júpiter, você quer dizer que eles realmente tomaram uma decisão sobre o filho da puta? — ela olhou para o seu mentor, surpresa. Cada território na

Ordem tinha um Tribunal que analisava os casos e os alvos para execução. Os três juízes no Tribunal de Roma eram notórios por seu processo de revisão lenta.

— Todas as evidências, as provas, e o Tribunal emitiram seu veredicto nesta manhã. Claro, desde que você não vai estar à altura da tarefa por pelo menos... — Ignacio inclinou a cabeça para estudar sua perna. — O quê? Duas ou três semanas? Eu vou...

— Você não dará esta tarefa para qualquer um além de mim.

— Você percebe que sua mãe e Vonerus vão... provavelmente. Roma nunca foi um lugar seguro para uma *Sicari*, mas para você, poderia ser mortal.

— Não há nenhum lugar seguro para mim — ela disse, tentando manter a calma. — Quanto à minha mãe e Vorenius, você não tem que dizer nada a eles. Vou lidar com eles, mas o serviço é meu. Eu sou a única que levou a atenção do tribunal um ano atrás, quando eu estava aqui na atribuição.

— Estou começando a me perguntar se isso é uma boa ideia — Ignacio disse enquanto a avaliava calmamente. — Você parece envolvida um pouco demais para o meu gosto.

— Eu sei que não devo fazer disso pessoal — ela disse com uma voz controlada, mas no fundo um sentimento de satisfação crescia dentro dela. Finalmente, ela estava conseguindo ter uma chance de libertar Marta.

— Você? Eu não tenho tanta certeza. Nos três últimos anos, quase todos que pegaram essa atribuição tem se envolvido em metas relacionadas com as crianças que estiveram prejudicadas. Está começando a parecer como se você estivesse em uma vingança. — Ignacio deu a ela um olhar. — Você sabe que o tribunal não julga gentilmente os combatentes que quebram o código. Se alguém ainda achar que seus alvos sofreram uma morte lenta e dolorosa, eles irão acusá-la. O desafio não é uma punição fácil de sobreviver.

— Eu não vou quebrar o código, Nacio, eu não vou. Mas se eu não posso ter filhos, então o mínimo que posso fazer é proteger as crianças de todos os outros *bastardi* lá fora.

— Então, vamos levá-la a Violetta. Vai demorar pelo menos uma semana para planejar o assassinato, mas eu não quero que ninguém questione a sua aptidão para o serviço. — Ignacio apontou para a porta, e ela mancou seu caminho em direção aos seus aposentos.

Cleo estava sentada no sofá da sala puxando os cabelos de sua trança, quando Violetta chegou. A mulher não fez comentários sobre a mudança de atitude de Cleo, mas rapidamente realizou a *Curavi*. Quando ela terminou, Violetta ordenou que descansasse a perna esquerda. A cura era sempre um processo de drenagem para ambos, curador e ferido, e Cleo caiu quando a porta se fechou atrás de Violetta.

Apesar de sua exaustão, ela lutou com o emaranhado de imagens mudando aleatoriamente em sua cabeça. A memória da confissão de sua mãe fez o seu caminho sem descanso até o sofá. A expressão do remorso de Atia flutuava pela cabeça de Cleo. Ela estremeceu. Talvez Ignacio estivesse certo. Talvez ela estivesse sendo muito dura com sua mãe.

Um suspiro abriu seus lábios quando ela percebeu que sua mãe fez apenas o que qualquer boa mãe faria. Atia fez para protegê-la. Ela teria feito menos se ela fosse uma mãe? Seu coração apertou dolorosamente dentro de seu peito. Ela certamente não estava pensando no bem estar do bebê na noite em que saiu para a missão. Ela poderia facilmente ter solicitado após o bebê nascer. Ela não pensou e pagou o preço. Foi o último pensamento que se lembrou quando entrou na escuridão do sono.

Raios de luar passaram através das vigas da ponte trazendo um sentimento calmante. A poucos metros à sua esquerda, ela mal podia ver a figura alta de Lysander. Isso era uma coisa boa. Quanto mais tempo ele ficasse sem ser detectado, mais fácil seria para executar o seu alvo. Assassinatos não eram fáceis. A maioria das pessoas tinha uma tendência a atirar primeiro e perguntar mais tarde.

— Assim como nós planejamos, está correndo tudo bem. — Lysander comandou silenciosamente em seu fone de ouvido.

— Estou pronta, se você estiver.

Seu sussurro parecia ecoar por todo o caminho da ponte de trem até sua cabeça. Ele estava inquieto. A situação no geral não estava boa. Por que ela não era como a maioria das mulheres Sicari que tinham um senso de perigo.

Aquilo provavelmente era algum fruto de sua imaginação, ela pensou enquanto ia para o sedan preto que estava estacionado no lado oposto da ponte. Ela começou o caminho para o carro quando ele gritou para ela olhar o carro que saiu de debaixo da ponte indo para o próximo pavimento.

— Cleo, temos companhia.

As palavras de Lysander foram cortadas pelo som de uma espada de metal batendo três vezes em rápida sucessão. Instinto a fez puxar sua espada para fora da bainha de suas costas e girar em um fluido movimento. Mesmo se virando rapidamente ela ainda não conseguiu desviar a espada dela. A lâmina afiada da espada Pretoriana finamente cortou seu antebraço tão bem quanto se ele estivesse cortando um pedaço de bife.

— Droga. Filho da puta. — A risada suave seguiu para um choro, e seu olhar encontrou um tipo de diversão ameaçadora no homem de frente para ela.

— Você está certa, inconfessável — o Pretoriano murmurou em um tom de seda que foi ainda mais perturbador por causa de seu som agradável. — Minha mãe era uma puta. Uma cadela Sicari que teve a decência de morrer ao dar a luz.

A insensibilidade da declaração fez o sangue de Cleo esfriar. Esse cara era mais malicioso em seu ódio do que os outros Pretorianos que ela encontrou. Sua espada já estava virada em sua direção novamente, e ela rapidamente mudou sua arma de mão para atacá-lo. No instante em que sua lâmina cortou o peito do homem, ela viu a surpresa em seu rosto. Ela conseguiu dar um sorriso de satisfação apertado.

— Não esperava encontrar um adversário não é seu bastardo.

Com um juramento vicioso, seu adversário jogou sua espada em uma rodada de ataques furiosos que a fez tropeçar para trás. Sua habilidade estava no mesmo nível da dela, mas era a força de seus golpes que ela não poderia igualar. Ela precisava arrumar uma maneira de compensar, porque o cara tinha quase duas vezes seu tamanho.

A espada Pretoriana se chocou contra a dela quando as duas armas deslizaram para baixo uma contra a outra enquanto ele levantava o punho. O brilho de triunfo nos olhos do homem desapareceu enquanto ela o socou na virilha. Com um grito de dor, a espada Pretoriana caiu se misturando ao chão de terra e cascalho quando ele caiu segurando sua espada. A ponta de sua espada imediatamente pressionou seu peito, pronta para atravessar o coração do homem.

— Você lutou bem, Pretoriano. Eu agora peço o seu perdão — ela disse calmamente. — Você me perdoa?

— Que a sua alma podre arda no inferno, inconfessável — o homem rosnou e com um flash de velocidade que a surpreendeu ele levantou seu antebraço batendo violentamente na borda de sua lâmina.

O movimento jogou a espada para longe de seu peito, mas o preço foi pago, a lâmina afundou no braço do Pretoriano em um corte profundo em seu braço até que atingiu o osso. Com um ruído forte de raiva, ela fez uma careta quando o sangue fez seu caminho para sua mão. No instante seguinte, um frio gelado riscou sua pele quando o Pretoriano recuperou sua espada e a arrastou profundamente através da camada de pele sob o seu umbigo.

— Oh merda — ela sussurrou, enquanto seu cérebro reagiu freneticamente para a lesão e tudo começou a escurecer. — Lysander... Estou sor...

O sorriso vicioso do Pretoriano tocou seus ouvidos, com sua mão pressionada contra a sua ferida. Ela ouviu o riso do homem parar quando ela caiu de joelhos e os dois foram ao chão.



Com falta de ar, Cleo deu um pulo no sofá.

Christus, ela não havia sonhado com aquela noite terrível em mais de um ano. Ela empurrou o cabelo escuro para trás do rosto. De onde diabos isso veio? Do



sentimento de empatia por sua mãe? Cleo levantou seus dedos através de sua barriga então sacudiu a cabeça e fechou os olhos. Ela entendeu porque sua mãe a mantinha no escuro sobre seu pai.

Ela só precisava de um tempo para processar. O que ela mais odiava eram as coisas cruéis que ela disse à sua mãe. Ela era a única pessoa que ela tinha.

Uma imagem de Marcus Vorenus passou através de sua cabeça. Não era verdade. Pelo menos não no momento. E o *Senhor Sicari* não agiu como se estivesse indo a algum lugar tão cedo. De certa forma, ela não estava realmente surpresa por ele. Os dois estavam ligados pelo sangue. E isso não era o tipo de coisa que você poderia se afastar.

Porra, ele estava realmente tentando voltar com sua mãe? Ela estremeceu. Ela não ia ali. A primeira coisa que precisava fazer era lidar com sua mãe, então poderia descobrir como lidar com Marcus Vorenus e retornar para sua vida.

Deus, ela desejou que Lysander estivesse aqui. Ele era a pessoa mais próxima de um irmão que ela tinha, e se alguém pudesse fazê-la ver a lógica da situação era ele. Pensar em seu amigo lembrou-se de Angotti. O *bastardi* estivera dentro do convento, e ele iria dizer o que ela precisava saber. Ela usaria o seu conhecimento da construção para tirar Marta para fora daquele buraco do inferno e ajudar Lysander ao mesmo tempo.

É claro que quando Lysander escutasse a informação que ela tinha, ele iria agradecê-la, então chutar seu rabo, em seguida, agradecer novamente. Quanto a Marta ela sabia o que sua amiga faria. Cleo ficou rígida. Marta podia querer que ela estivesse morta. Pior ainda, sua amiga poderia pedir a Cleo para matar Cassiopeia. Ela estremeceu. Não. Marta era mais forte do que isso. Além disso, matar sua amiga simplesmente não fazia parte do plano.



Três

Um pedaço de luz de uma janela acima do corredor fez as pedras viscosas reluzirem. O fétido cheiro dos esgotos fez Cleo enrugar o nariz enquanto esperava pacientemente no escuro. Como a maioria das cidades antigas, o sistema de drenagem atual de Roma foi trocado por um tempo muito longo, e o cheiro refletia esse fato.

Mesmo apesar da quantidade de tempo que ela estava de pé aqui, ela ainda não estava acostumada com o mau cheiro.

Quanto mais cedo ela voltasse para a casa segura para um bom mergulho na banheira, melhor. Desde semana passada, ela esteve tão ocupada planejando a execução de Angotti que ela não foi capaz de tirar qualquer momento para uma das suas atividades favoritas. Um banho de espuma seguido de um copo de Lambrusco, ópera italiana, e seu prazer-culposos – um livro de romance. A combinação tinha uma maneira de aliviar toda a tensão de seu corpo.

Pelo menos, seu envolvimento com o destino de Angotti permitiu evitar a sua mãe e Marcus Vorenius antes que eles deixassem a propriedade White Cloud há uma semana. Não a surpreendeu que o *Senhor Sicari* fosse com sua mãe, embora a ideia de que sua mãe pudesse renovar seu relacionamento com Marcus Vorenius era, por algum motivo, inquietante. Uma pequena parte dela estava sentindo ciúmes que ela precisasse compartilhar sua mãe o tempo todo. Era egoísta se sentir assim, mas há anos que era apenas as duas, e Ignacio. Agora, Cleo era confrontada com um pai em sua vida quando ela tivera tão longo tempo sem um. *Concentre*. Ela não tinha necessidade



de estar pensando sobre a confissão de sua mãe. Angotti era a sua preocupação no momento.

O seu olhar centrou-se na porta, a uma curta distância de onde ela estava. Esperemos que o bastardo não demore muito agora. Angotti foi à casa de sua amante um pouco mais de duas horas atrás. Tempo mais que suficiente para foder a mulher duas ou três vezes. O policial *Vigilavi* atribuído para vigiar Vincente Angotti detalhara a programação variada do filho de uma puta por quase 12 meses. O que levava ao tribunal quase muito antes de alcançar o julgamento.

Roberto, Isabella, Giovanni, Rosa, e Lorenzo foram a principal razão que ela insistira nessa tarefa. Lembrou-se das imagens de cinco crianças misturadas com a papelada na mesa de Salvatore Conti, na delegacia em Roma. O mais velho estivera com oito, mas era a de seis meses de idade, Isabella, que colocou uma trava em torno de seu coração. Cinco vidas ceifadas pela ganância de Angotti.

Pela primeira vez ela estava feliz que o tribunal de três homens de Roma teve a mesma quantidade de tempo para debater o destino de Angotti. Tinha dado mais tempo do *Vigilavi* continuar a sua observação de Angotti. Tempo para transformar o presente inesperado. Angotti estava na cama com um *Pretoriano*.

Foi por isso que ela veio sozinha esta noite. Ela não queria um outro lutador questionando suas ações com Angotti. Claro que, quando Ignacio descobrisse que ela viera sem backup, ele estaria colocando-a no banco de reservas por pelo menos um mês. Bem, isso não poderia ser evitado. Ela queria que as informações que Angotti tinha, e estava indo buscá-la antes que executasse o *bastardo*.

O som de uma porta se abrindo colocou-a em linha reta enquanto o seu olhar estreitava sobre a figura baixa e atarracada que se virou para falar com alguém protegido na escuridão da entrada. Ela ouviu uma risada feminina e fez uma careta. Como, em nome de Juno poderia a mulher até mesmo permitir que o homem a tocasse? Cleo rangeu os dentes. Este era um alvo que não sentia qualquer remorso por matar.

Profunda na parte traseira de sua mente, ela ouviu o aviso de Ignacio para se certificar que a morte de Angotti fosse misericordiosa, visto que o Código *Sicari*



proibia mortes por vingança. Ela quase bufou com escárnio. Isto não era vingança. Era justiça. Ela ignorou a pequena voz em sua cabeça que sugeria que talvez seus motivos fossem menos do que honroso. Desonroso? Não havia uma porcaria de errado com a execução de um assassino de bebê.

Conforme o homem se afastou da porta, Cleo ouviu a porta fechar, e ela olhou em direção a um fim do beco e depois o outro. Angotti sempre viajava com uma comitiva pequena, mas ela entrou no beco, após seus soldados terem verificado os cantos escuros de ambas as extremidades do beco estreito.

Às vezes, táticas *Pretorianas* eram uma coisa boa, especialmente quando isso significava rapel de um telhado para escapar à detecção. É claro, esse tipo de entrada a fez se vestir esta noite um pouco mais desafiadoramente. Angotti amava as mulheres bonitas, e aparência ela tinha de sobra.

Ela sabia o quanto era importante se vestir tão sedutora como possível. Ela precisava silenciar Angotti rapidamente, e a única maneira de fazer isso era apelar para seus instintos básicos. A desvantagem de tudo eram os limites para o que ela poderia usar, já que estava pulando de um prédio.

Então ela teve de se contentar com uma camisa decotada vermelha com um par de calças de couro macio e preto. Enquanto ela tinha um par de vestidos, ela era utilitária por natureza, e seu armário era mais cheio de roupas úteis. Embora ela tivesse uma fraqueza secreta por lingerie sensuais e sapatos. Particularmente elegantes botas como os quais ela estava usando esta noite.

Quando ela viu as botas sem salto com a parte superior com metais e intrincadas pregas em uma vitrine de loja de Roma, eles apelaram para ambos os lados dela, utilitária e feminina. As botas eram perfeitas para uma missão como esta. Botas com travas tornavam praticamente impossível de se defender se ela corresse para qualquer problema.

Para não mencionar os ruídos das esporas nos calcanhares que teria feito no lado da parede quando como ela deixou cair três andares para dentro do beco. Já era ruim o suficiente que os dois longos lenços de pescoço se mantinham flutuando acima de seu rosto enquanto ela descia do telhado. Mas ela precisava de uma mordaca e algo



para prender as mãos de Angotti. Ela bufou um suspiro de desgosto em sua análise de seu vestuário. Se o filho da puta permanecesse fiel ao seu perfil, seus olhos estariam em seu peito e seu decote.

Ela se empurrou para longe do lado do edifício que estivera encostada em silêncio para seguir o homem, que provou ser muito mais consciente de seu entorno do que ela esperava. Ela o viu virar-se empunhando uma arma. A arma tinha um silenciador nela. Droga.

— Por favor, *signore*. Por favor, não me machuque.

Lysander teria rido do jeito que ela fingiu ser uma mulher indefesa, mas parecia que Angotti acreditou em seu ato. Ele olhou para ela de perto no escuro, relaxando um pouco sua postura. Ele não falou, mas moveu o pulso e usou sua arma para ordená-la para fora, para o pequeno fluxo de luz que ela esteve evitando. Os olhos do homem se arregalaram quando ela saiu das sombras, e ele sorriu com mais de uma sugestão de luxúria.

A reação de Angotti não foi surpresa para ela. Seu gosto por mulheres bonitas ia ser sua queda esta noite. Ela estava vestida especificamente para seu benefício. Um presente de despedida para ele. O pensamento divertido a fez sorrir genuinamente quando ela entrou para a luz, para ele dar uma boa olhada nela.

A calça de couro que ela usava era apertada, enquanto a curta jaqueta de couro preta que ela usava sobre sua camisa vermelha escura enfatizava sua cintura e quadris cheios. O confortável top que ela usava mergulhava para baixo e teria sido muito mais revelador se não fosse o broche aninhado entre o peito e os lenços esvoaçantes em volta do pescoço. O homem lambeu os lábios como se fosse uma sobremesa em seu prato. Sua expressão fez sua pele arrepiar. De repente, os lenços no pescoço valeram a pena a trabalho que dera a ela, enquanto descia o telhado. Pelo menos, a seda cobria a maior parte da sua pele que sua curta camisa revelava, junto com o broche ornamentado que escondia sua arma de escolha.

— *Bellíssima* — disse Angotti quando ele a olhou com uma mistura de desejo e suspeita. — Como você conseguiu passar os homens no final do beco?

— Que homens? — ela fingiu espanto, embora já tivesse visto os homens de Angotti mais cedo, antes que ela fosse até o telhado do prédio atrás dela. — Eu vi dois homens sentados em um carro perto da entrada do beco. É isso que você quer dizer?

Angotti murmurou algo feroz debaixo de sua respiração. Cleo mordeu de volta um sorriso. O homem nunca teria a chance de rasgar seus guarda-costas. Seu olhar ainda cauteloso, ele manteve a arma apontada para ela por mais um minuto antes de sua expressão mudar para mostrar que ele tomara uma decisão. Com um sorriso em sua direção, ele voltou sua arma para o coldre debaixo do casaco. Um erro de sua parte.

— O que você está fazendo aqui sozinha sem um homem para protegê-la, *caríssima*?

Outro erro. Nunca assuma que uma mulher não era capaz de proteger a si mesma. Forçou-se a enviar um olhar impotente para ele. — Eu não achei que estaria fora tão tarde.

— Uma mulher tão bonita como você nunca deve ficar sozinha — Angotti disse. — Onde você mora?

— Na outra rua. Eu estava com pressa para chegar em casa, e pensei que o beco era um bom atalho. — Ela atraiu a atenção dele e ofereceu outro sorriso.

— Becos escuros nunca são seguros, *cara*, e você é afortunada por ser eu que te encontrei e não alguém menos honroso.

Ela quase riu alto em suas palavras. O homem não sabia nada sobre honra. Ele havia assassinado cinco inocentes por dinheiro. Ele merecia uma morte muito mais dolorosa do que ela foi autorizada a conceder-lhe. Ela forçou um sorriso nos lábios, apenas impedindo que a bile na garganta a sufocasse.

— Isso foi tolo da minha parte, eu suponho.

— Uma mulher tão bonita como você pode ser perdoada por tal erro, mas vamos lá. Deixe-me levá-la até em casa, *bella*. Então você pode me convidar para um drinque, para que possamos nos conhecer melhor. — Angotti estendeu a mão para

pegar a mão dela na sua e levou-a aos lábios molhados. Como ela se impediu de vomitar, ela nunca saberia.

— Mas nós acabamos de nos conhecermos. Pode ser imprudente da minha parte.

— Cleo deliberadamente fez seu som de voz rouco, enquanto ela brincava com um dos lenços de seda soltos em volta do pescoço.

— Você está me dizendo que você não me reconhece?

— Perdoe-me, *signore* — ela murmurou. — Eu sou nova em Roma.

— Então você está precisando de alguém que está familiarizado com a cidade para te ajudar a encontrar onde estão as coisas. — Angotti se inclinou em direção a ela um pouco, em uma tentativa lamentável de ser galante. Seu grande corpo não acomodando bem seus esforços. — Sou Vincente Angotti. Empresário e empreendedor.

— Ah, sim, eu ouvi falar de você. Um prédio seu de apartamentos queimou até o chão no final do ano passado, não foi?

Ele começou com surpresa, o seu olhar estreitando como se ciente de que ele poderia ter cometido um erro ao relaxar sua guarda. Não importava. Vincente Angotti estava sem tempo. Cansada de brincar de a mulher indefesa, Cleo se moveu com uma velocidade incrível e bateu violentamente o fio da navalha da mão no pescoço do homem.

Ao longo dos anos, ela aprendeu a bater em um ponto de certa pressão sobre o lado do pescoço para incapacitar ou possivelmente até mesmo matar alguém.

Com Angotti, seu peso extra significava que ela deveria bater forte. Ela grunhiu enquanto seu corpo atarracado caiu no seu antes de afundar para baixo. Ele não estava morto, mas ela precisava dele vivo. Pelo menos por alguns minutos. Ciente de que ela não tinha muito tempo, ela guiou Angotti para o chão, onde ele se sentou na calçada molhada.

Se o homem tivesse sido capaz de protestar, ele teria, sem dúvida, lamentado o fato de que seu antigo terno cor creme estava arruinado. Ela puxou um de seus lenços do pescoço para amarrar as mãos de Angotti por trás de suas costas. Certa de que ele não conseguia se libertar do sistema de retenção, ela deu um tapa na nuca e esfregou



duro para estimular o sistema nervoso do homem. Quando ele lentamente se recuperou do golpe de pressão e começou a murmurar, ela puxou o restante lenço fora do pescoço e amordaçou-o.

Uma fúria primitiva atacou através dela quando ela puxou o estilete da bainha aninhada entre os seios. Ela queria cortar a garganta do homem ali mesmo pela sua responsabilidade na morte de cinco crianças inocentes. Sua lâmina empurrou contra a carne do pescoço carnudo de Angotti enquanto ela tateava os dedos pelos seus cabelos ralos e sacudia a cabeça para trás para que pudesse olhar dentro de seus olhos.

O homem deu um grito de raiva silencioso por trás do lenço. Embora seus olhos estivessem arregalados de fúria, havia um brilho de medo lá também. Bom, o filho da puta deve ter medo. Na verdade, se ele soubesse o que iria acontecer em poucos minutos, ele estaria chorando como um bebê. Uma imagem do pequeno corpo de Isabella a fez soltar um silvo agudo de ar. A ganância de Angotti matara Isabella e as outras crianças.

O *bastardo* pagara Luigi Romano para incendiar um dos edifícios de seu apartamento ao invés de fazer as atualizações necessárias para atender o código de fogo. Pior, Angotti tinha conhecimento que o edifício era uma armadilha mortal, e não se deu ao trabalho de despejar os inquilinos antes que enviasse Romano para deixar o local em chamas.

Seu estômago embrulhou com o pensamento de como os cinco filhos morreram. Romano foi para a cadeia por seu crime, mas Angotti ficou livre. Até hoje à noite. Um tremor chicotou através dela, mas não era de medo. Era um desejo de quebrar todas as regras que já havia jurado obedecer. E que tomaria cada grama de determinação que possuía para não estripar o homem antes que cortasse sua garganta. Ela inclinou-se para Angotti, sua boca estava perto de seu ouvido.

— Vou fazer algumas perguntas — ela sussurrou. — E você vai me dizer o que eu quero saber, *capisci*.

O homem murmurou algo por trás da mordaça e sacudiu a cabeça em um aceno de cabeça. Ele ainda não havia perdido sua arrogância. Isso a irritou, e ela se forçou a

relaxar em uma respiração profunda. *Controle*. Ela precisava permanecer no controle. Matar esse filho da puta daria muito mais prazer do que ela deveria estar sentindo.

Ela precisava deixar a raiva ir. Ela não deveria apreciar matar. E, apesar de sua fúria, ela não queria trair os princípios básicos da Ordem que dizia que cada execução era por justiça. Nada mais. Ela relaxou em outra respiração afiada.

— Eu estou indo remover a sua mordação. Se você tentar pedir ajuda, eu vou cortar sua garganta antes que você comece uma sílaba para fora.

Ela aumentou a pressão de sua lâmina contra a garganta do homem. O homem acenou com a cabeça novamente. Mantendo o ponto de sua lâmina contra sua veia jugular, ela rapidamente desfez o lenço. Ele relaxou em uma respiração profunda como se estivesse prestes a gritar, e ela apertou a lâmina em sua pele até que tirou sangue.

— Você puta do caralho! Você não sabe com quem está mexendo — rosnou Angotti.

— Oh, eu sei quem você é. Eu sei tudo sobre você. — Talvez tenha sido a calma e destacada nota em sua voz que fez o homem perder um pouco da sua arrogância.

— Quem é você?

— Eu diria que seu pior pesadelo, mas então eu não gosto de clichês.

— O que você quer de mim? Dinheiro? Posso pagar bem.

— A única coisa que eu quero de você é informação.

— Informação?

— Você está familiarizado com o Convento da Sagrada Mãe na costa em Atrani, a oeste de Salerno?

— O convento? — o primeiro sinal real de medo fez seu caminho através da voz Angotti, uma indicação de que algumas coisas aterrorizavam o homem muito mais do que a faca em seu pescoço. Ela fez uma careta.

— Eu sei que você trabalha para os *Pretorianos*, você, porco gordo. Conte-me sobre o convento.

— *Sicari*. Você é *Sicari*. — Algo além do medo entrou em sua voz. Talvez um fascínio. Ela sibilou com frustração.

— O convento. Eu quero saber tudo sobre ele.

— Eu só estive uma vez lá dentro, e não por muito tempo. — A voz de Angotti foi hesitante, como se ele estivesse tentando ganhar tempo. Por quê? Ela franziu a testa, mas continuou com seu interrogatório.

Onde fica a sala de controle de segurança?

— Eu não... — ele parou quando ela pressionou a ponta afiada de sua lâmina mais fundo em seu pescoço. Desta vez, medo substituiu a sua maneira arrogante. — Doce Mãe de Deus, eles vão me matar se eu te disser.

— Eles não estão aqui, e eu sou sua maior preocupação no momento. Agora, me diga. Onde fica a sala de controle de segurança?

— No final do corredor principal. — Ele sugou um silvo agudo de ar quando ela deslizou a ponta da lâmina através de sua pele em um pequeno corte. — O primeiro corredor à direita e um par de portas para baixo.

— Número de *Pretorianos* de plantão.

— Um, talvez...

Ela apertou a lâmina mais forte no pescoço do homem. — Não tente a minha paciência, seu fodido...

— Dez. — Angotti choramingou. — Sempre dez irmãos de plantão.

— Isso dentro ou fora?

— Fora — o homem sufocou. — Há pelo menos mais cinco ou seis lá dentro.

— Quantos outros no tempo de folga? — sua boca apertou quando ela imaginou o que aqueles outros *Pretorianos* estavam fazendo quando não guardavam o convento.

— Eu não sei. O homem gemeu quando a faca em sua garganta clamou mais uma gota de sangue de sua pele. — Dez. Quinze. Eu não sei. Eu nunca contei.

Ante a resposta de Angotti, ela suprimiu um gemido. Ela iria precisar de muita mais ajuda se ela seguisse adiante com seus planos. Pasquale precisaria de um pouco de convencimento, mas ele eventualmente, viria. Ela gostaria de esperar por Lysander, mas Phae ainda estava em coma, e Cleo não estava prestes a perguntar a Lysander se ele deixaria Phae de lado. Ares viria no minuto em que ela mencionasse o nome de Marta, e Violetta se juntaria a eles, porque a irmã morreu em um criadouro *Pretoriano*.

Ela pode sempre pedir para Mario ou Ignacio. O pensamento a fez grunhir com humor negro. Ambos os homens tinham a mesma ideia sobre ela ousar sugerir um assalto ao convento. Ela mordeu seu lábio inferior. Talvez com um pouco de sorte ela pudesse convencer um casal de outros lutadores para vir junto. O problema era manter todo o negócio silencioso para que sua mãe não tivesse ideia. Ela sorriu tristemente. Talvez manter segredos corria pela família depois de tudo. Ela estava perdendo tempo e imediatamente voltou sua atenção para o assunto em questão.

— As entregas. Quem faz suas entregas?

— Sonny Mesiti.

— Quando?

— Eu não sei — Angotti soluçou. — Por favor, eu já disse tudo. Por favor, me deixe ir.

Seu alvo se contorceu um pouco sobre os paralelepípedos. Em algum lugar próximo ouviu um som suave. Ela não podia identificá-lo, mas ele levantou o cabelo na nuca. Ela estava demorando muito. Ela puxou a cabeça de Angotti de volta e expôs seu pescoço.

— Vincente Angotti, você foi julgado e considerado culpado do assassinato de cinco filhos.

— O qu...? Não. Eu não matei ninguém.

— Sim, você fez, e você sabe disso. Você contratou Luigi Romano para queimar um prédio de apartamentos que possuía. Cinco crianças morreram no incêndio. Lembram-se?

Um sentimento doentio agarrou seu estômago quando imagens dos rostos felizes dançaram por sua cabeça. Sua garganta apertou com o pensamento de Isabella. Deus, ela era uma coisa pequena. Tão pequena e bonita, não, ela não ia fazer isso. Não agora.

— Eu fui absolvido — o homem engasgou. — Eu não fiz nada errado.

— Você foi absolvido por causa de faltas de provas.

Como investigador chefe da delegacia de incêndios criminosos, Salvatore foi o primeiro oficial chamado para o local do incêndio. Ele encontrara evidências ligando Angotti ao crime, mas os *Pretorianos* não estavam dispostos a deixar que um de seus maiores capangas afundasse. Eles ajudaram o viscoso bastardo a fazer seu caminho para fora de uma condenação através de roubo de provas. Como um membro do *Vigilavi*, Salvatore informou a Ordem da absolvição do homem e pediu justiça. Sua amiga estava indo para obter seu desejo.

Com a ponta de sua lâmina pronta para apunhalar o pescoço de Angotti, ela enfiou a mão no bolso de sua jaqueta de couro. Sua mão agarrou um plástico contendo duas fotos preto-e-branco e um pedaço de papel. Cleo deixou cair a evidência no plástico no chão na frente do homem.

— Ver esses? Esse é você nas fotos. Você e Romano. — Cleo disse enquanto uma calma mortal caiu sobre ela. — O homem fez um acordo e apontou-o no julgamento, mas foi sua palavra contra a sua sem essas imagens.

— As fotos são falsas. Você pode fazer qualquer coisa com software hoje em dia.
— Pânico ecoou na voz do homem.

— Você está certo. As fotos são falsas. Mas as informações sobre aquele pedaço de papel é o negócio real.

— Re... recibos?

— Há duas transações detalhadas sobre aquele pedaço de papel. Um deles é o dinheiro na conta bancária de Romano que a polícia não conseguiu rastrear a sua origem. O outro detalhe de transação é para uma transferência eletrônica de sua conta bancária nas Ilhas Cayman diretamente para a conta de Romano. O dinheiro se assemelha exatamente e é datado do dia *após* o incêndio.

— Como você fez...? Você não pode seguir esse tipo de coisa.

— Mas eu fiz.

— Tudo bem, eu paguei Romano para queimar o edifício. Mas eu não disse a ele para fazê-lo quando havia pessoas dentro, o estúpido. — Angotti agarrou. Sua insolência estava de volta. Ela olhou em direção a um fim do beco e depois o outro. Nada se movia nas sombras.

— Cinco crianças inocentes morreram no fogo. — Cleo puxou a cabeça do homem de volta para que ele pudesse olhar para ela. — Você tem filhos, não tem, Angotti?

— Sim. — Os olhos do homem se arregalaram de horror. — Meu Deus, não os fira. Não machuque o meu *bambino*.

— Não me insulte, seu bastardo. — Cleo lançou um sopro duro de nojo. Deus, ela não queria pedir o *Donavi Rogare* desse filho da puta.

— Agora, infelizmente, devo pedir seu perdão.

— Eu não entendo. — Seu medo estava de volta.

— Você será executado pelo assassinato de cinco crianças inocentes. Como o seu carrasco, peço o seu perdão.

— Você não pode! — a voz de Angotti cresceu mais alto enquanto ele gritava em terror.

— Eu não acho que você irá me perdoar — Cleo disse duramente.

O grito do homem terminou com uma nota alta abrupta quando ela cortou sua garganta. Em um segundo Angotti caiu no chão, ouviu um grunhido atrás dela. Ela se

virou para ver primeiro um e depois outro homem cair do telhado do edifício de três andares que ela desceu mais cedo. *Pretorianos*. Não, esses caras nunca dariam uma folga? Atrás dela, o som de pés correndo, os guarda-costas de Angotti estavam indo em direção a ela. Droga, mesmo se ela fosse uma covarde e quisesse correr, não havia para onde ir.

— Você realmente acha que nós vamos deixá-la correr, inconfessável? — um dos *Pretorianos* zombou.

O comentário enfureceu-a, mas ela rapidamente suprimiu sua raiva quando se lembrou das palavras de sabedoria de Mario na semana passada. Ela poderia chutar esses *bastardi* para o Tártaro e para trás enquanto mantivesse a calma. Ela podia sentir os pensamentos dos *Pretorianos* batendo contra o escudo mental que havia erguido, enquanto observava os dois avançando lentamente em sua direção. Pelo menos eles não eram tão grandes como alguns que ela lutara no passado.

Atrás dela, os passos de corrida diminuíram, e ela lançou um olhar rápido para trás a tempo de ver um braço musculoso chegando para agarrar seu ombro. Em um movimento que foi uma segunda natureza para ela, ela se virou e pegou o braço do homem sob o dela e levou a lâmina na parte de trás do pescoço. O homem ficou rígido e não fez um som. No minuto em que ela o soltou, ele caiu na rua suja, como um grande saco de farinha.

Uma abatido, faltam três. Um riso de um dos *Pretorianos* atrás dela a fez revirar os olhos. Bem, deixe-os pensar que ela não poderia derrotá-los. Ela rapidamente desviou do segundo guarda-costas e bateu a mão na sua garganta, esmagando sua traqueia. O homem caiu no chão segurando seu pescoço com o seu suprimento de ar lentamente desaparecendo. Cleo ignorou e virou-se para enfrentar os *Pretorianos*.

— Ok, rapazes. Como vocês querem fazer isso? — ela olhou para os dois homens na frente dela.

— Você percebe, inconfessável, que não vamos te matar. — O jeito que o *Pretoriano* disse as palavras fez Cleo endurecer.

— Bem, você seria um tolo por não matar, porque você não pode me fazer procriar. — Ela não escondeu sua amargura.

— Mas pense no prazer que você vai trazer ao *Pretoriano* que tentar.

— Não, seu estúpido idiota, eu não posso ter filhos. — Dizer as palavras em voz alta fez seu corpo se sentir ferido como se tivesse sido cortado novamente. Sem perceber, sua mão alcançou o ponto onde uma lâmina *Pretoriana* havia esfaqueado três anos atrás. O *Pretoriano* mais próximo a ela riu.

— Então eu vou terminar o que um dos meus irmãos não conseguiu fazer na noite em que ele abriu você.

A diversão do homem fez Cleo apertar os dentes com fúria. Ela deixou escorregar o escudo mental, permitindo que o bastardo soubesse o que ela estava pensando. Ela não podia pagar esse tipo de erro ou ela acabaria morta. Revirando os ombros em um esforço para soltar os músculos, de repente apertado, ela enviou ao *Pretoriano* alegre um olhar frio.

— Para alguém que vive me dizendo o que ele vai fazer, eu não vejo você fazer muita coisa — ela falou com mais de uma pitada de sarcasmo.

Com um olhar sombrio de raiva no rosto, o *Pretoriano* desembainhou sua espada em um flash de movimento e pulou em sua direção. Seu amigo seguia de perto.

Cleo visualizou um movimento defensivo para usar no *Pretoriano*, que o fez rir.

— Sua mente é fácil de ler, cadela. — O riso confiante do *Pretoriano* morreu quando Cleo utilizou a palma da mão para empurrar o braço do homem que segurava a espada para cima enquanto dirigia seu punho na virilha do lutador.

— É sempre fácil de ler minha mente quando eu quiser que alguém faça, seu estúpido fodido. — À medida que o *Pretoriano* caía de joelhos, ela puxou o próprio joelho para cima em seu rosto. — Eles realmente precisam treinar vocês idiotas melhor. Isso foi um movimento de novato.

Apesar de sua dor óbvia, a mão grande do *Pretoriano* de repente envolveu seu tornozelo e puxou seus pés. Ela bateu no chão duro, o ar velejando fora de seus pulmões quando suas costas se chocaram com o pavimento de paralelepípedos. *Christus*, esse movimento viera do nada. Quanto mais cedo ela lidasse com este idiota, melhor.



Seu olhar encontrou o do *Pretoriano* que ainda estava de joelhos ao lado dela. A expressão do lutador era calculadamente fria, e ela o viu levantar sua espada para cima em preparação para dirigi-la através dela. Ela não pensou. Ela simplesmente reagiu. Levantando-se, ela bateu seu antebraço no lado do rosto do *Pretoriano*. A bochecha do homem ressoou alto sob o golpe.

As terminações nervosas em seu antebraço ligaram os sensores de dor em sua cabeça pelo golpe que ela desembarcou na face do *Pretoriano*, e quando o controle sobre sua perna aliviou, ela puxou livre de seu aperto. Uma sombra sobrevoou sobre ela, e ela viu o segundo *Pretoriano* com sua espada pronta para despencar o seu caminho para baixo em seu peito.

Ela imediatamente rolou e ouviu o retinir da espada contra a pedra onde ela estivera apenas alguns segundos atrás. Ela estava de pé em um flash, e quando o *Pretoriano* avançou, ela plantou um forte chute no joelho de seu agressor. O pop ecoou no beco enquanto o homem cambaleou para um lado. O primeiro *Pretoriano* estava chegando aos seus pés, e em dois passos rápidos, ela estava atrás dele com a ponta de sua lâmina contra a traseira de seu pescoço.

— Eu peço perdão, *Pretoriano* — ela disse.

Ela não estava realmente certa porque pediu. A Ordem não exigia um *Donavi Rogare* quando matava um *Pretoriano*. O lutador rosnou, mas ela não hesitou antes de enfiar a lâmina no pescoço do homem. O estertor na garganta disse que ele estaria morto em poucos segundos, o que deixou apenas um *Pretoriano*.

Ela puxou a lâmina livre e virou o rosto para seu último oponente.

O lutador ainda estava mancando, mas definitivamente ainda no jogo. O *Pretoriano* fintou para a direita, e ela facilmente combateu quando sua espada veio para ela a partir da esquerda. Quando sua lâmina seguiu através e girou de volta, ela não viu o pé do lutador chutando. O golpe de joelho tirou o equilíbrio, e ela tropeçou. Embora a sua recuperação fosse rápida, a sua hesitação foi o suficiente para o *Pretoriano* atacar. Quando a lâmina cortou na parte traseira de sua panturrilha, ela caiu no chão com um grito agudo.

— Porra. Doce Vesta. Mãe de Juno — ela chiou pela dor da facada através de sua perna.

— Isso, inconfessável, foi pelo o meu irmão.

Fogo atingiu seu caminho até o lado de Cleo enquanto ela lutava para ficar em seus pés. Ela precisava estar de pé para lutar contra esse *bastardo*. O punho raspando contra o beco de pedra bruta, ela gemeu de dor quando ficou em pé com todo o seu peso sobre a perna boa. O movimento só aumentou a quantidade de náuseas passando por ela.

Deus, ela se feriu. Os lábios do *Pretoriano* se enrolaram em volta em um selvagem sorriso de triunfo quando ele se moveu para ela. O filho da puta já estava planejando sua morte. E se ela não fizesse algo rápido, o homem teria sucesso. O problema era, tudo que ela queria fazer era sentar-se e colocar a cabeça entre as pernas, mesmo que apenas para fazer a náusea ir embora. Não era uma boa ideia com um *Pretoriano* pronto para derrubá-la.

A mão de Cleo apertou no punho de sua lâmina. Tudo o que ela precisava fazer era chegar perto. Ela pulou de lado, arrastando a perna machucada com ela em um esforço para se preparar para seu ataque. O *Pretoriano* cobrando dela, sua espada para fora na frente dele com a clara intenção de executá-la. No último segundo, ela torceu o quadril de forma acentuada e arqueou as costas e a parte superior do seu corpo ficou paralela com a espada do *Pretoriano*.

Apesar de seu movimento defensivo, a lâmina ainda conseguiu cortar através de sua camisa e na carne de um seio. Mais uma vez, o fogo queimou sua pele, mas não a impediu de tentar cortar a garganta do homem. Ela errou, e sua lâmina cortou em algum lugar no ombro do *Pretoriano*.

O rosnado de dor do homem não a fez se sentir melhor. Ele ainda estava vivo. Cleo pulou ao redor para enfrentar seu agressor só para ver a lâmina *Pretoriana* piscar em seu caminho. Autopreservação a forçou a lançar-se para trás, para evitar a espada. Ela tropeçou no processo e encontrou-se no chão mais uma vez.

— Eu vou gostar de matar você, puta. — Um sorriso cruel curvou em seus lábios, o *Pretoriano* avançou para violentamente cortar a carne de seu braço.



Cleo gritou de dor. Sua visão turvou por um momento enquanto a náusea que ela mal tinha sob controle renovou seu ataque severo. Ela estava sem opções.

Foco. Se ela queria viver, precisava se concentrar. Forçou-se a bloquear tudo, exceto sua determinação em matar o homem na frente dela. Ele riu quando ela imaginou batendo seu braço e esmagá-lo.

A imagem que ela projetou não o preparou para a lâmina que assobiou no ar e bateu em sua garganta. O *Pretoriano* ficou ali por alguns segundos antes que ele caísse para frente em câmera lenta. Cleo não esperou que ele aterrissasse em cima dela. Ela se forçou a ignorar as náuseas e dor quando se descolou do local onde o *Pretoriano* finalmente aterrou.

Ela ficou imóvel por um longo momento, olhando para o céu. Com todas as luzes da cidade iluminando a noite, era impossível ver qualquer coisa, exceto as estrelas mais brilhantes.

De repente, ela desejava estar em uma cadeira de praia olhando para o mar no Palazzo al Mare, reduto da Ordem ao sul de Gênova. Ela fechou os olhos, se esforçando para reunir forças para ficar em pé.

Violetta. Ela precisava chegar a Violetta. As habilidades da mulher não eram muito fortes, mas Violetta poderia pelo menos curar as suas feridas nas pernas. Os cortes no peito e braço podiam ser costurados. Cleo se atirou para cima em uma posição sentada, com um grunhido agonizante. Pedra de Júpiter, ela não se feria tão mal em um longo tempo.

Isto é o que ela consegue por sair sem um parceiro. Ela descartou a ideia.

O risco valeu a pena. Quando ela acrescentar as informações que Angotti dera com os outros conhecimentos que tinha sobre o convento, isso reforçaria sua crença de que ela poderia resgatar Marta. Havia ainda algumas peças do quebra-cabeça faltando, mas valeu a pena, um ano de trabalho de investigação foi pago em grande forma. Hoje a noite valeu a pena seus ferimentos. Um alarme de repente explodiu em sua cabeça, quebrando seus pensamentos de autocongratulação.

Não era um barulho que colocasse os sentidos em alerta. Era outra coisa. Um frisson poderoso que raspou por todo sue pescoço com uma velocidade inacreditável.

Sem pensar, ela se lançou em direção ao *Pretoriano* morto em um esforço para alcançar a lâmina. Ela não foi rápida o suficiente.

A sombra que passou por ela puxou um grito de surpresa dos seus lábios, e ela observou como a grande figura ajoelhou-se para puxar sua lâmina da garganta do homem morto. Droga. Depois de todo esse esforço, sua vida seria perdida. Não havia lugar para correr, e ela não tinha força para fazê-lo.

Resignada à sua sorte, Cleo cerrou os maxilares. Ela não gostava de admitir, mas estava com medo. Ela particularmente não gostava da maneira como este estranho estava brincando com ela. *Pretorianos* nunca ficavam em silêncio. Eles gostavam de insultar suas presas. Este silêncio estava fazendo-a malditamente desconfortável. Ela viu quando uma mão enluvada usou a camisa do *Pretoriano* para enxugar o sangue fora da lâmina.

— Bem, o que diabos você está esperando? Basta acabar com isso — Cleo retrucou.

— Acredito que isto é seu.

A riqueza profunda de sua voz teve um impacto imediato sobre seus sentidos. Fez seu corpo apertar consciente, o que exacerbou a tensão sobre suas feridas, e ela respirou afiado quando as terminações nervosas bateram uma nova mensagem ao seu cérebro.

A lâmina limpa, a figura sombria virou-a para que o punho apontasse em sua direção e ofereceu a ela. Ela não hesitou em tomar a arma e manteve-a apontada na direção do desconhecido. Ele não se moveu do lado do *Pretoriano* que ela matou momentos atrás. Embora não pudesse ver seu rosto por trás da escuridão do manto com capuz que ele usava, estava certa de que ele estava estudando-a. Ela olhou para ele com cautela.

Ele estava vestido da mesma maneira como o *Senhor Sicari* e o *Dominus Pretoriano* que lutou uns com aos outros no Pantheon, quando Lysander levou-os ao



Tyet de Ísis. A capa longa com capuz fluindo que ele usava era tão remanescente de assassinos da época medieval. O problema era que *Senhores Sicari* e *Dominuses Pretorianos* pareciam o mesmo para ela.

E só porque ele não a matou ainda, não era necessariamente algo para apostar neste momento. O *bastardo* não dissera que era *Sicari*. Embora o retorno de sua lâmina era um bom sinal, mas, novamente, *Pretorianos* gostavam de seu trabalho. Eles acham divertido fazer suas presas acharem que tinham uma chance. Ela esperou aquela sensação estranha de alguém sondando sua mente, mas nada aconteceu.

— Quem é você? — ela soltou, quase que com medo de ouvir a sua resposta.

Ele não respondeu. Em vez disso, moveu-se para examinar todos os homens deitados mortos ao seu redor. Havia uma elegância masculina e letal em seus movimentos que enviou uma vibração de formigamento em sua pele diferente de tudo que já experimentara antes. Ela não queria desfrutar da sensação, mas ela fez. E gostou muito.

Porra, o que em nome de Júpiter estava errado com ela?

Mas quando ele alcançou o corpo de Angotti, o som tranquilo de fúria que ele liberou a fez bastante desconfortável para esquecer as náuseas. Ele não se moveu. Ele ficou olhando para o homem morto, e pela segunda vez naquela noite ela sentiu medo.



Quatro



Dante olhou para o flácido corpo de Angotti com uma raiva que ele não experimentara há muito tempo. O trabalho de quatro meses acompanhando o filho da puta só para ver tudo lavado em um golpe de mão de Cleopatra Vorenius. Ele lançou um palavrão de fúria e imediatamente lamentou sua perda de controle. O que foi feito foi feito. Se havia algo que ele aprendeu em sua progressão através dos nove níveis do *Novem Conformavi*⁴ – era que o verdadeiro poder reside na capacidade de abrir mão daquilo que não podia controlar.

Ele fechou os olhos por um breve segundo. Era um dos valores fundamentais da filosofia antiga e uma lição básica que ele aprendeu desde cedo. Mas havia momentos em que ele ainda tentava dominar o ensino. Este era um desses momentos. Ele passou o segundo e quinto *Tabulat*⁵ do *Novem Conformavi* anos atrás, mas no momento, o controle e a tranquilidade pareciam fora de alcance.

Ele olhou para o homem morto. Se tivesse chegado aqui 15 minutos mais cedo ele teria obtido as informações para o desenvolvimento de um plano razoável para resgatar Beatriz. Ele reprimiu um suspiro. *Inútil deter-me sobre o que poderia ter sido.* Angotti estava morto, e com ele a chave para o Convento da Mãe de Jesus. Não foi culpa de Vorenius, ele chegara aqui tarde demais. Ela acabou fazendo o seu trabalho. E

4 Não achamos o significado, mas é como níveis onde você aprende a controlar os sentimentos.

5 Tb não achamos tradução exata, mas creio que seja níveis.

ela se machucou no processo. Ele apenas precisava encontrar outra fonte de informação, apesar do fato disso significar mais atrasos.

Dante apertou sua mandíbula, depois ficou quieto enquanto seu olhar varria a cena. Onde estava seu parceiro? Pedra de Júpiter. A mulher chegou aqui sozinha. Por quê?

Roma era um dos lugares mais perigosos do mundo para uma *Sicari*. Foi por isso que a Ordem tinha uma regra estrita que *Sicari* viajassem em pares, enquanto estivessem na cidade. Cleópatra deliberadamente quebrara esse decreto. Ao longe, ouviu o som de uma sirene. Pode não estar se dirigindo nesta direção, mas era melhor não esperar e descobrir.

— Cornelia, há uma confusão aqui — ele murmurou ao microfone de vigilância que ele usava. — Nossos hóspedes correram para mais do que apenas os guarda-costas de Angotti. Consiga Vincenzo e Lúcio para limpar antes que chegue companhia.

— Sim, *Tribune*. — Apesar do calmo respeito na voz da mulher, ele ainda podia ouvir a pergunta.

— Nossos hóspedes foram executados antes de eu chegar. — Ele quase podia ver sua expressão perfeita de decepção com suas palavras. Frustração o varreu. — Vamos encontrar uma maneira de tirá-la, Cornelia. Eu te dei minha palavra.

— O que tem que ser, será, *Tribune*. Mas eu aprecio seus esforços.

A resposta calma e serena de Cornelia era típica. A mulher completara o *Novem Conformavi* com a idade de vinte e era capaz de controlar suas emoções ao contrário de qualquer *Senhor Sicari* que ele já conheceu. Nem mesmo Marcus possuía o domínio das emoções. Foi por isso que Dante sempre questionou a decisão de Marcus para fazê-lo *Tribune*.

O controle férreo de Cornelia teria feito dela a melhor escolha para liderar a associação do *Senhor Sicari*. Embora ela seria a primeira líder mulher da *Absconditus*⁶ na história registrada dos *Senhores Sicari*. Suas decisões seriam lógicas por causa de sua capacidade superior para anular o sentimento pessoal.

⁶ Associação dos Senhores Sicari



Ele, por outro lado, lutava em uma base diária para manter suas emoções sob controle. Como a frustração que ele estava experimentando agora.

— Nosso convidado está ferido. Traga o carro ao redor.

— Vincenzo e Lúcio estão em seu caminho. Eu vou encontrá-lo na entrada do beco Via Pomi.

Ele não respondeu, sabendo que Cornelia faria como disse. Em vez disso, ele voltou para a mulher que, sem saber, custou mais tempo e problemas.

Cleópatra não estava mais no chão, e levou um momento para encontrá-la. Ela tentou esconder-se na seção mais escura do edifício, onde estava olhando para ele.

Mesmo de onde estava, ele podia ver que era um esforço para ela permanecer em seus pés. O jeito que ela apertava o corpo na parede do edifício como apoio, dizia que as pernas podiam ceder a qualquer momento. Ela tinha o olhar de um animal encurralado, e tensão saía dela, ela estava pronta para morrer lutando. Um ataque de pensamentos confusos e emoções se chocaram com ele enquanto a estudava.

Ele enrijeceu enquanto lutava para não colocar os pensamentos dela em alguma forma de coerência. Ele fora proibido de ler as mentes dos outros *Sicari* sem permissão, mas no momento, ele achava malditamente difícil fechar-se fora da dela. A maneira poderosa que sua tensão envolveu-se em torno dele para afundar profundamente em seu corpo o surpreendeu.

Ele nunca experimentou nada parecido. Ainda mais surpreendente foi o quão difícil era a sensação de ignorar. Com grande concentração, ele empurrou-o de lado até que era apenas uma pequena vibração contra a sua pele, mas o esforço que custou para enterrar a pressão tátil de suas emoções o abalou.

Se aproximando lentamente de onde ela estava pressionada contra a parede do beco, Dante franziu a testa para sua incapacidade de ver suas feições sombreadas. Seria bom se ele conseguisse pelo menos ler sua expressão. Ele não precisava ler seus pensamentos, porque seus sentimentos eram fortes o suficiente para dar uma ideia do que ela poderia estar pensando. A cada passo que fechava a distância entre eles, seu estado emocional era uma navalha raspando seus sentidos.



Ela estava com medo, e ele não gostou que ela estivesse com medo dele. Ele descartou a ideia. Havia apenas cerca de dois metros entre eles quando a viu deslizar para baixo uma ou duas polegadas. Sem pensar duas vezes, ele estendeu a mão para ajudar a mantê-la de pé contra a parede. No instante seguinte, sua lâmina estava cavando o seu caminho através da parte traseira de sua mão enluvada.

— Droga — ele xingou.

— Não se aproxime ou eu vou estripar você como um peixe.

Sua lâmina cortou reto através da luva de couro e em sua pele. Ele olhou para a abertura do seu manto, onde sua lâmina pressionava em seu estômago. Ele não conseguia se lembrar da última vez que alguém passou sua guarda tão facilmente, não só para cortá-lo, mas para ameaçá-lo também.

Mais uma vez, as emoções e pensamentos dela entraram nele. Ele nunca encontrou um *Sicari* com a capacidade de passar direto através de sua habilidade natural de bloquear pensamentos de outro indivíduo e emoções. Não foi apenas perturbador. Foi condenadamente desconfortável. Ele fez uma careta enquanto meticulosamente reforçou seu escudo mental para manter-se de ordenar os seus pensamentos em uma ordem racional. De qualquer forma não ajudaria simplesmente baixar o escudo, ele sabia exatamente o que ela estava planejando como seu próximo passo.

Apesar de sua irritação, sua admiração por ela subiu mais um grau. Marcus claramente não fazia ideia de quão habilidosa sua filha era em combate mano-a-mano.

Não é à toa que ela conseguiu sobreviver a dois guarda-costas e dois *Pretorianos* sem um parceiro. Ainda assim, ela quebrou as regras, e ele queria saber o porquê.

Sem tocar na arma, ele visualizou a lâmina se torcer na mão dela e desembarcar na sua. Ela não chegou a ofegar, mas a tensão em seu corpo aumentou de uma forma que era quase uma sensação tátil. Ele apoiou a mão boa na parede atrás dela e se inclinou para frente, determinado a intimidá-la para responder suas perguntas, mas congelou. Cada pensamento de interrogá-la saiu pela janela, enquanto olhava para seu

rosto. Até agora, ele não estava perto o suficiente para realmente vê-la, e ar deixou os seus pulmões.

Ela não era apenas bonita. Ela era intempestiva. Ele duvidou que houvesse um artista passado ou mestre presente que poderia fazer-lhe justiça, não importa o meio escolhido. Com o rosto oval e aparência impecável, ela era deslumbrante. Sabendo da paixão de Angotti por mulheres bonitas, o filho da puta deve ter estado completamente desarmado por ela. As narinas de seu nariz fino queimavam um pouco, um sinal de sua agitação, enquanto seus olhos violetas estavam arregalados em seu rosto.

E doce Vesta⁷, sua boca. Era a tentação em sua forma mais poderosa. Cheia e exuberante, uma boca que convidava um homem para o pecado. Como seria beijá-la? Só de pensar nisso foi como tomar um soco no estômago. Pedra de Júpiter, seu juramento. Se ele tivesse perdido a cabeça? Ela tomou uma respiração profunda quando ela olhou para ele.

— Bem, termine isso — ela respondeu asperamente.

— Terminar isso? — ele balançou a cabeça enquanto tentava recolher a sua inteligência e se concentrar no assunto em questão.

— Basta cortar minha garganta porra e acabar logo com isso. Isso é o que um *Pretoriano Dominus* faz, não é?

Apesar das bravatas de suas palavras, o medo vibrando dela encontrou o seu caminho em sua voz. *Christus*, ele não gostou de ser comparado a um *Pretoriano*, mas o que mais ela deveria pensar? Ele deveria ter explicado quem era desde o início. Em vez disso, ele permitiu que sua imaginação corresse solta. Ainda assim, isso não fez seu insulto mais palatável.

Sua única desculpa era que ele não estava acostumado a se intrometer nos assuntos da Ordem. Sua consciência riu alto. Ele estivera tão fascinado com seu rosto que esqueceu tudo sobre o *Absconditus* e a Ordem. Ele soltou uma respiração dura e empurrou o capuz de seu manto de sua cabeça para que ela pudesse ver suas características.

⁷ Vesta é a personificação romana do fogo sagrado, da pira doméstica e da cidade. Corresponde à Héstia dos gregos.

Cada *Tribune* e *Senhor Sicari* dos *Absconditus* usava a capa para honrar Maximus Caecilius Atellus, o primeiro *Senhor Sicari*, e era uma maneira de proteger a sua identidade em casos como este. Mas reconfortar Cleopatra, de que ela estava segura era mais importante do que proteger a sua identidade. Quando o capuz caiu para trás, para expor seu rosto, uma emoção queimou nos olhos dela, mas desapareceu muito rapidamente para identificá-la.

— Eu não sou o inimigo — ele grunhiu. — Embora esteja claro que você pensa que eu sou.

Ele puxou a luva de sua mão ferida e mostrou a ferida. Não era um corte profundo, mas pinicava. Com um pensamento sem esforço, ele mentalmente estendeu a mão para remover a capa de couro da lâmina de entre os seus seios. O som do seu suspiro fez a sua boca secar.

De repente, viu-se desejando que seu toque invisível tivesse sido um físico e seu suspiro foi um de prazer. No momento em que seus olhos se arregalaram, sua garganta apertou ante a possibilidade de que sua reação a ela era física e não um pensamento impulsivo. Alar me ziguezagueava seu caminho através dele. Com um movimento brusco que a fez saltar, ele enfiou a lâmina na bainha e agachou na frente dela. Ele se surpreendeu que ela ainda estivesse de pé, considerando o pouco que pôde ver do corte em sua perna.

— Deixe-me ver seu ferimento — exigiu. Suas costas ainda contra a parede, ela mudou seu corpo ligeiramente para impedi-lo de examinar sua perna.

— Não até você me dizer quem você é.

Ele suspirou e olhou para cima para encontrar o seu olhar desconfiado. — Meu nome é Dante. Sou *Sicari* como você.

— O único *Sicari* que já vi vestido como você era... — ele viu os olhos dela, em seguida ampliar e depois estreitarem, tudo no espaço de dois segundos. — Foda-se, outro *Senhor Sicari*.

Ele não se preocupou em corrigi-la ou explicar a diferença entre um *Senhor Sicari* e um *Tribune*. A existência e a hierarquia da *Absconditus* não eram de



conhecimento comum entre a Ordem, e ele tinha certeza que Cleópatra não sabia quase nada sobre a associação de *Senhores Sicari*. E agora, certamente não era o momento para uma lição. Ele estreitou os olhos enquanto olhava para cima para ver a sua boca antes de apertar com raiva, suas belas feições tornaram-se uma máscara fria. Confuso, ele resistiu ao impulso de alcançar e tocar sua mente para descobrir o que ela estava pensando.

— Estamos perdendo tempo. Mostre-me sua perna — ele disse, mas ela não se moveu.

— *Ela* a enviou, não foi? — as palavras tinham uma qualidade frágil, o que o fez estreitar seu olhar para ela. Por um momento, seu rosto revelou um olhar de angústia que arrastou para ele. Foi embora tão rapidamente como viera, mas foi o suficiente para dizer a ele que ela estava lutando com a revelação recente de quem seu pai era.

— Você quer dizer Marcus? — ele perguntou em voz baixa quando ficou de pé. Era óbvio que ela não iria deixá-lo olhar para a perna dela até que estivesse certa de que ele não era uma ameaça.

— Sim. — A resposta poderia ter perfurado uma lata, era tão afiada.

— Não, Marcus não...

— Não minta para mim.

— Eu não tenho o hábito de mentir — ele disse com firmeza, o seu olhar firme quando ele olhou em seus olhos irritados. — Eu sabia que você era filha de Marcus? Sim. Será que ele me enviou? Não. Eu vim por causa do Angotti.

Deus, desde quando ele teve que torcer a verdade para servir aos seus próprios fins? Embora fosse verdade, Marcus não o instruiu a manter um olho em Cleópatra, foi um pedido silencioso na voz do *Senhor Sicari* quando ele mencionou que sua filha permaneceu em Roma. Dante teria vindo mesmo se seu alvo fosse Angotti ou outro.

— Isso soa muito conveniente — ela retrucou.

— Pedra de Júpiter — ele disse com nojo. — Não era para ser conveniente. Eu cheguei aqui depois da morte de Angotti. Confie em mim, não estou feliz com isso.

— Desculpe por isso. — Sua educada resposta o fez cerrar os dentes, mas ele freou seu temperamento. Seu exterior resistente era uma fachada. Havia um tumulto de emoções selvagens correndo por baixo da superfície e ela estava lutando arduamente para se esconder.

— Você quebrou as regras hoje à noite. Você decidiu levar a cabo a execução de Angotti, sem um parceiro. Por quê? — ele perguntou em voz baixa. Ele franziu a testa para o flash de vulnerabilidade que atravessou seu bonito rosto.

— O que eu faço é problema meu — ela disse com um desafio silencioso.

— Não. É meu problema, porque Angotti era valioso para mim — ele disse com uma voz dura e inflexível. — Agora, eu não vou perguntar de novo. Por que você veio aqui sem um parceiro?

Cleopatra virou a cabeça, claramente discutindo o quanto dizer. Ele rosnou com irritação, e o som fez virar a cabeça para trás em direção a ele.

— O *bastardo* tinha informações que eu queria. Eu sabia que ter alguém comigo podia tornar mais difícil conseguir convencer Angotti.

— Que tipo de informação? — os músculos de Dante endureceram quando a tensão envolveu sua garra em torno dele. Talvez os últimos quatro meses monitorando Angotti pudessem dar frutos apesar de tudo.

— Eu queria saber o que sabia sobre o Convento Mãe de Jesus. — As palavras de Cleópatra o fez chupar uma respiração afiada.

— O que ele te disse?

Dante viu quando sua boca apertou em uma linha tão teimosa igual ao pai. Inclinando-se para ela uma vez mais, ele temperou-se para não deixar seu impacto mental sobre seus sentidos ou seu rosto bonito distraí-lo. Ele conseguiu. Suas curvas chamaram sua atenção em seu lugar. De repente, seus sentidos inflamaram de uma forma diferente, seu corpo em alerta máximo quando seus músculos esticaram. Ele estivera tão ocupado estudando seu rosto que ele não notou o corte em seu braço e peito. Sua camisa estava espalmada aberta para revelar um sutiã de renda. A visão fez

a sua boca secar, enquanto coçava os dedos para puxar a lingerie para baixo para ver os mamilos duros empurrando o material para fora.

Calor riscou sua pele, mexendo algo profundo dentro dele. Ele esteve atraído por mulheres antes, mas a sua formação sempre permitiu deixar de lado seu desejo. Isto era diferente. A força de sua reação a esta mulher foi uma força poderosa de fogo que espalhou o seu caminho através de seu corpo até que ele estava duro *em todos os lugares*.

Sua resposta primal criou um nó na garganta que foi difícil de engolir, e pela primeira vez em sua vida, Dante estava arrependido de ter tomado o seu juramento. O pensamento de trair fez seus músculos torcerem ainda mais apertado. As mãos apoiadas na parede atrás dela só para evitar tocá-la, ele se inclinou para ela. Seu nível de tensão e outra coisa que não quis identificar dispararam para fora, mas tudo o que importava era obter as informações que queria, sem fazer algo estúpido.

— Eu te fiz uma pergunta — ele disse em voz tensa. — O que Angotti disse?

Quando ela não respondeu imediatamente, pegou o queixo dela na mão e forçou-a a olhar para ele. Foi um erro tocá-la. Fogo chamuscou as pontas dos dedos, e ele empurrou para longe dela. O nó na garganta estava de volta, mas desta vez maior. *Deus*, o que estava errado com ele? Os pensamentos de Vincenzo e Lúcio roçaram seus sentidos. Grato pela interrupção, ele se virou para as duas formas escuras emergindo das sombras. Atrás dele, Cleopatra engasgou.

— Oh porra, por favor, me diga que eles estão com você.

— Eles estão comigo — ele disse sem virar a cabeça. Com um gesto em direção a Angotti e seus guarda-costas, ele tocou de leve as mentes dos dois guerreiros.

Deixe os homens de Angotti, onde eles estão. A polícia vai assumir que foi um assalto que os guardas tentaram impedir.

Sim, Tribune.

Certifique-se de procurar por Pretorianos antes de eliminá-los nas catacumbas.

Os dois homens fizeram uma rápida reverência de respeito antes de pegarem os

corpos dos *Pretorianos* mortos e desaparecerem de volta para as sombras.

Convencido de que a limpeza foi boa, ele olhou por cima do ombro em direção ao final do beco. Um carro rolou até parar e os encharcou com suas luzes. Como sempre, Cornelia foi imediata.

O som de couro raspando suavemente contra a pedra chamou sua atenção, e ele se virou para ver Cleópatra afundando em direção à calçada. A cabeça encostada na parede atrás dela, havia um ar de derrota sobre ela. A súbita vontade de pegá-la e confortá-la fez Dante suprimir um gemido.

Ele precisava levá-la a um curandeiro, e então *ele* ficaria tão longe da mulher quanto podia. Ele voltou para o lado dela e se agachou.

— Um amigo meu tem uma irmã no convento — ele disse calmamente. — Se Angotti te disse algo sobre isso, tudo o que ele disse poderia me ajudar a salvá-la.

— Você está planejando um resgate, não é? — seus olhos violetas se arregalaram um pouco antes de se fecharem e ela soltou um suspiro pesado. — Se eu te contar, eu quero fazer parte do plano.

— Fora de questão — ele retrucou. Marcus teria sua cabeça se ele concordasse com seu pedido.

— Então eu não posso te ajudar.

Apesar de sua óbvia exaustão e dor, havia uma determinação nela que ele reconheceu. Ela era mais filha de seu pai do que ela sabia. O lamento estridente de um carro da polícia ecoou, mais perto desta vez, e ele soltou um suspiro duro. Alguém chamou à polícia, e ele não estava com disposição para perguntas. Eles precisavam ir agora.

— Pelos deuses, eu devo estar louco — ele disse severamente. — A primeira coisa que faremos é levá-la a um curandeiro. Então falamos. De acordo?

— Sim. — Foi mais um suspiro do que uma resposta. Ele fez cara feia.

— Você pode andar?

— Si... não.

Era óbvio que ela não gostava de admitir qualquer fraqueza. Ele estudou as feições desenhadas com uma sensação de desgraça. Ele não podia explicar, mas estava certo que recusar suas exigências não ia ser fácil. Era ruim o suficiente que Marcus iria querer esfolar as costas de todos os envolvidos em um assalto ao convento.

Mas, se Dante concordar com a participação de Cleópatra no resgate, não seria surpresa o que o *Senhor Sicari* faria com ele. Ele suspirou quando imaginou as potenciais ramificações de suas ações, em seguida, fechou os olhos. O quinto *Tabulati* ensinou a buscar a tranquilidade em tudo. Ele poderia usar um pouco disso agora. Com um juramento suave, ele cuidadosamente levantou Cleópatra em seus braços e se levantou.

— Oh, *isso* foi um elogio — ela murmurou cansada.

— O quê? — assustado, ele olhou para ela com surpresa.

— Você não tem que fazê-lo soar como se você estivesse pegando um balde de banha.

— Isso *não* é o que eu estava pensando — ele rosnou com embaraço. Ele nem mesmo estava usando sua habilidade telecinética para ajudar a carregá-la. Mais que qualquer coisa, ela parecia certa em seus braços, e o assustou como o inferno.

— Uh-huh. — Sua resposta cética puxou outro rosnado dele, mas não respondeu.

Tudo o que ele se preocupava no momento era colocá-la no carro para que pudesse colocar alguma distância entre eles. A mulher estava causando estragos em seus sentidos. E segurando-a nos braços assim não ajudava. O jeito que ela estava aninhada em seu peito, à cabeça logo abaixo do seu nariz, e o cheiro doce de sabão fluando para cima de seu cabelo escuro.

Ele teve que lutar muito forte para não abaixar a cabeça e respirar mais o cheiro delicioso. E lutar ainda mais forte contra o calor escaldante riscando o seu sangue até que seu corpo estava tenso com algo que só ele poderia descrever como expectativa. Com sua mandíbula travada com a tensão ele apressou o passo para chegar à Via Pomi



onde Cornelia esperava com o carro.

— Obrigada. — Suas palavras suaves envolveram um torno de seu coração. — Se você não tivesse aparecido, eu teria um tempo difícil para sair deste beco, sozinha.

— Quebrar as regras tem consequências, mas você está perdoada — ele disse rispidamente.

— Então, o quê, você não quebra as regras?

— Eu tento não fazer. — Ele fez uma careta. Ele fizera um excelente trabalho quebrando algumas regras esta noite.

— Eu quebro as regras o tempo todo — ela disse. Havia quase uma nota de orgulho na voz dela, e ela o fez sorrir.

— Vale a pena?

— Às vezes, mas em outras...

A maneira como a voz dela morreu em nada o fez franzir a testa. Ele não sabia como sabia disso, mas ele estava certo de que em algum momento ela havia quebrado uma regra e se machucou por causa disso. Ele despertou o instinto de proteção que experimentara alguns minutos atrás. Ele empurrou de lado, tentando tranquilizar a si mesmo de que sentia a mesma coisa por qualquer um que estivesse em apuros. Outra violação nos ensinamentos do primeiro *Tabulati*. Ele estava aprendendo a mentir bem, até para si mesmo.

Cinco

Além do vidro da janela da sala, Dante não podia ver nada, exceto a escura noite. Ela envolvia o *peristylum*⁸ centralizado dentro da fortaleza *Absconditus* como uma mortalha. Durante o dia, o pátio interior era uma agradável combinação de espaços abertos e canteiros de flores, mas neste momento, a escuridão encobria sua beleza.

Dante virou sua cabeça longe da janela para derramar um esguicho de Hennessy⁹ dentro da taça. Ele levantou o cálice para estudar o líquido âmbar dentro e respirar o aroma de licor. O conhaque com o familiar cheiro de baunilha e carvalho agradou seu nariz. Isto limpou para longe a memória do fétido cheiro do beco onde ele encontrara Cleópatra.

Sua imagem brilhou em frente de seu rosto, e seus dedos apertaram em torno do copo em sua mão. A mulher foi um acontecimento inesperado. Inesperado realmente não era uma descrição de Cleópatra. A mulher era mais como uma bomba-relógio. Ela causou um impacto sobre ele que ele ainda estava se recuperando.

Isso levou cada partícula da capacidade mental que ele possuía para manter os pensamentos e emoções da mulher fora da sua cabeça. O resultado foi sua inabilidade para suprimir sua reação física à mulher. Não, não só uma reação física. Ele

8 O peristylum era um pátio aberto dentro da casa, as colunas que cercam o jardim apoiavam um teto para sombra, cujo interior das paredes eram frequentemente embelezadas com pinturas murais elaborados.

9 Marca de conhaque



experimentou uma conexão entre eles que ele não tivera com qualquer pessoa antes. Isso correu fundo, e o conhecimento fez agrupar nós dentro de seu estômago.

Dante tomou um gole do caro licor e virou de volta para a janela. O suave, quase agradável aroma do conhaque na sua língua foi um bom primeiro passo em diminuir a tensão segurando seu corpo refém naquele momento. A placa de vidro em frente dele espelhava o interior do maciço complexo na pequena sala de estar.

Dos três salões na casa, este era o seu favorito. Ele sempre achou este lugar o mais confortável da locação do *Absconditus* em Roma. Há cento e cinquenta e cinco anos, um comerciante rico de Roma construiu a casa usando um projeto de um antigo pavimento romano. A corporação comprara a casa no início do século com a ordem de estabelecer um posto de observação para monitorar atividades *Pretorianas*. Situada no coração do território inimigo, a propriedade cresceu durante os anos e se tornou uma das maiores fortalezas *Absconditus*. A corporação cercou e fortificou o complexo com um alto muro de pedras incluindo limitados pontos de acesso. Embora combinados com contínuas atualizações de novos recursos de segurança, o complexo era uma fortaleza virtual.

O edifício principal era capaz de alojar 20 a 30 membros da corporação, mas o *Absconditus* comprara propriedades adjacentes ao longo dos sessenta últimos anos para expandir o complexo. A instalação agora abrangia três bairros da cidade com alojamentos fortificados. Mais de cem membros da corporação viviam na fortaleza, juntamente com mais de cinquenta descendentes diretos dos primeiros *Senhores Sicari Vigilavi*.

De todas as propriedades da corporação pertencente aos *Senhores Sicari*, Dante achava esta unidade a melhor. Ele não estava certo por quê. Havia outros complexos *Absconditus* que eram muito mais bonitos. Talvez fosse porque este era o lugar onde ele cresceu, e foi o único lar verdadeiro que já realmente conheceu. Havia pouca coisa que se lembrava de sua vida antes do dia que sua mãe o deixou aqui aos cuidados de Marcus. Mesmo essa memória consistia de nada, apenas pedaços e fragmentos.

Seu maxilar se apertou com o pensamento sobre a mãe que ele mal se lembrava, e o pai que nunca conheceu. Se o seu pai tivesse vivo, as coisas teriam sido diferentes?



Será que sua mãe ainda o teria dado tão facilmente para o *Absconditus*? Sem pensar duas vezes, ele bloqueou todos os pensamentos sobre sua mãe e o passado. Ele não poderia mudar isto, e ele não ficaria sabendo das razões de sua mãe para deixá-lo com Marcus.

Dante terminou o conhaque então colocou a garrava de bebida vazia no gabinete. Ele não bebia regularmente, mas depois das últimas três horas, ele precisava de alguma coisa para ajudar relaxar o aperto em seus músculos. Foi um longo tempo desde que ele sentiu este desconforto. Cleópatra Vorenius provavelmente definiu o seu trabalho há vários meses. Ele ignorou o fato de que ela conseguira testar seu conhecimento de todos os níveis do *Novem Conformavi* que ele já terminara.

O minuto em que os *Pretorianos* tomaram a filha de Cornelia há quase um ano, ele começou a trabalhar em uma forma de resgatar Beatrice do *Convento da Mãe Sagrada*. Cleopatra jogara uma grande chave inglesa em tais planos.

Angotti era um elemento chave para o resgate de Beatrice. O senhor do crime deveria conhecer um pouco sobre as operações no convento, considerando-se quantas vezes o filho da puta visitou as instalações de reprodução. Não havia nenhuma dúvida na mente de Dante que o bastardo se divertiu à custa das mulheres *Sicari* mantidas prisioneiras lá.

Dante lançou um som de nojo e esfregou a nuca com a mão. Somente poderia esperar que Cleópatra tivesse conseguido alguma informação útil antes dela ter matado o filho da puta. Mais uma vez, uma vívida imagem do rosto de Cleópatra preencheu sua cabeça. Não somente tinha suas emoções e pensamentos invadindo os portões de suas faculdades mentais, mas ele respondeu a presença dela em um nível básico. Havia alguma coisa sobre a vulnerabilidade dela que despertou seu instinto protetor.

O que realmente o preocupava era o modo que ele questionara seu voto para com a corporação no segundo que ele olhou para ela. *O preocupava?* Ela o assustava profundamente. Ela se dirigiu para perturbar não só seus planos, mas seus sentidos também. Cleópatra foi a primeira mulher que o atraiu para emoções básicas tão

fortemente. Nem mesmo o teste que ele sofreu anos atrás despertou tais primitivas sensações territoriais. Sua reação primária a presença dela o deixou sem equilíbrio.

Mesmo se não tivesse dedicado sua vida ao *Absconditus*, ela estaria fora dos limites simplesmente porque era filha de Marcus. Um som calmo o fez virar sua cabeça, e ele viu Cornelia em pé em uma das duas entradas da sala. Sua *Praefect*¹⁰ cruzou o assoalho de carvalho e se afundou no sofá estofado uma pequena distância de onde ele estava.

A cor neutra dos móveis de couro macio era um contraste com a roupa padrão *Sicari* que usava quando saía em uma missão. A gola alta preta e calças enfatizaram o copo flexível de Cornelia, enquanto a cor do sofá destacava sua pele em tons de oliva. Com curtos cachos escuros emoldurando seu rosto, sua segunda em comando parecia muito mais jovem do que era.

— Como ela está? — ele perguntou. A profundidade de sua preocupação pelo bem-estar de Cleopatra fez sua barriga apertar novamente, mas ele descartou a emoção. Ela era filha de Marcus, e era natural se preocupar sobre o bem-estar da mulher.

— Ela ficará bem. Ela está dormindo agora, mas Noemi foi capaz de curar a sua perna completamente ferida, assim como também seus outros cortes. Mas amanhã de manhã ela estará em pé sem nenhum problema.

— Bom. — Ele acenou com a cabeça fortemente.

Ele não gostou da forte onda de alívio que se acelerou através dele. Isto era uma das coisas para estar agradecido aos deuses que Cleópatra estava salva e bem, mas o que ele estava sentindo era além de simples gratidão. O nível de sua resposta significava que sua consciência dela era ainda mais forte que ele havia temido.

A mulher era linda o bastante para ser um modelo da Armani nas passarelas de Milão. Mas não foi a beleza dela que enviou esta sacudida de energia elétrica através dele. Era algo abaixo da superfície que torcia o seu interior em nós. A memória de como ele queria beijá-la fez todos os músculos de seu corpo ficar tenso.

¹⁰ Praetorian prefect começou como um comandante militar, mas com o passar dos anos se tornaram os administradores das quatro prefeituras Pretorianas. É uma posição de comando na hierarquia tanto militar quanto civil.



E ele certo como inferno não gostava da memória de como a camisa dela foi deslocada aberta, então ele podia ver muito mais que o topo de seus seios. Uma imagem de vermelho escuro nadou em frente de sua visão.

— Está tudo bem com você? — Cornélia piscou seus olhos para ele. — Você parece preocupado.

Preocupado? Ele estava muito além desse ponto. Ele ficou abalado até o âmago. Cleópatra foi a primeira mulher a fazê-lo perder de vista os seus votos com o *Absconditus*. Nem uma única vez desde que assumiu o seu juramento com a idade de quinze anos se arrependeu de dar seu juramento à corporação. Não até esta noite.

— Não. Eu só estou com raiva que não cheguei a Angotti antes de Cleópatra cortar sua garganta. — Ele mentiu.

Deus, hoje a noite desmentia cada coisa que aprendera no primeiro *Tabutati do Novem Conformavi*. Um dos princípios do primeiro nível dos antigos ensinamentos da filosofia antiga era honestidade, e ele estava quebrando esta disciplina e justo esta noite. Ele cerrou seus dentes em frustração com sua inabilidade para permanecer fiel a suas crenças.

Ele olhou para longe do olhar astuto de sua Amiga. Cornelia era 16 anos mais velha que ele, mas em muitos aspectos, ela era como uma mãe para ele. Enquanto ele estava crescendo, sua forte habilidade intuitiva sempre disse a ela quando ele precisava falar. Isso foi algo que seus mentores, Plácido e Marcus, nunca foram capazes de fazer quando ele estava preocupado.

— Não foi sua culpa — ela disse calmamente, mas ele ouviu o desapontamento não falado em sua voz. — Tenho certeza que a Ordem não estará satisfeita ao ouvir que ela realizou o assassinato sozinha. Ela disse por que não tinha um parceiro com ela?

— Ela disse que Angotti tinha alguma informação que ela queria.

— Ela o interrogou? — a surpresa de Cornélia o fez olhar para trás enquanto ela balançava a cabeça em perplexidade. — Para quê?

— Ela perguntou a ele sobre o convento. Eu penso que ela está planejando um ataque sobre a instalação.

— Por si mesma? — o espanto na voz de sua amiga o fez fazer careta. — Por que ela faria isto?

— Não sei. — Ela estava muito acessível sobre os motivos. — Tudo o que ela disse foi que Angotti tinha informação sobre o convento que ela queria.

— E ela não te contou o que ele disse?

— Ela não quis me dizer — ele disse através dos dentes cerrados, se lembrando da recusa teimosa para falar. — Ela tentou chantagear-me para deixá-la integrar a equipe de resgate antes de me dizer qualquer coisa.

— Você não concordou com isso, não é? — a pálida nota na voz de Cornelia o fez enviar um olhar irritado.

— Você me conhece melhor que isso — ele disse com desgosto. Pensar passou através das feições de sua *Praefect* quando o olhar dela encontrou o seu.

— Sinto muito. É que mesmo ela sendo uma *Sicari*, ela continua uma estranha. O fato de que está mesmo aqui no complexo faz isto perigoso para ela e para nós. Deveríamos tê-la levado de volta para a casa segura da Ordem.

— Ela não é inteiramente a estranha que você pensa que ela é — Dante disse calmamente e Cornelia o olhou com um olhar questionador.

— Claro que ela é. Não sabemos nada sobre ela.

— Ela é filha de Marcus e da *Prima Cônsul*.

— Filha? — Cornélia engasgou e balançou sua cabeça em descrença. — Eu sabia que Marcus tinha um laço de sangue com a *Prima Cônsul* e seu filho foi levado pelos *Pretorianos* anos atrás, mas eu não sabia que ele tinha uma filha.

— Nem ele até a algumas semanas atrás. Ele não me encheu com todos os detalhes, mas não penso que Cleópatra tenha se ajustado a notícia tão bem como tem Marcus.



— O que você quer dizer?

— Ela pensa que Marcus me enviou para manter os olhos sobre ela, e não estava feliz sobre isto.

— Marcus? Eu pensei que você havia encontrado sobre Angotti nos registros do tribunal. Não percebi que foi Marcus quem disse... — os olhos de Cornelia se arregalaram com horror. — Doce Vesta. Ele descobriu o que estávamos planejando.

— Não. Ele monitorava os tribunais da Ordem por anos. — Dante balançou sua cabeça em uma maneira tranquilizadora. — Mas a condenação de Angotti foi à primeira vez que ele citou um caso específico para mim.

— Então ele não está sabendo o que estamos planejando? — a expressão de pânico da *Praefect* dissolveu-se para uma de alívio.

— Se ele faz, não é porque contei a ele qualquer coisa. Eu tive um tempo bastante difícil te convencendo que meu plano para resgatar Beatrice tinha mérito — ele disse em uma voz seca. — Você realmente pensa que Marcus seria mais fácil de convencer?

— Dúvido. — Cornélia fez uma cara de reconhecimento que Dante estava certo. — Então como nós explicaremos a presença dela aqui?

— Além de Plácido e eu, você é a única outra pessoa no *Absconditus* que sabe sobre o parentesco dela com Marcus. Então, por enquanto simplesmente ficamos com o que é de conhecimento comum. Ela é a filha da *Prima Cônsul*. Nós iremos deixar Marcus decidir quando, ou se ele dirá ao resto do *Absconditus* sobre o seu parentesco com Cleópatra.

— E o que você propõe fazer para conseguir que ela diga para você o que sabe sobre o convento?

— Não sei. — Ele resmungou com frustração. — No espaço de poucos minutos, eu aprendi que ela é tão teimosa quanto Marcus.

— Bem, é melhor você descobrir alguma coisa, porque ele não vai estar muito feliz se você levá-la conosco.



Sua mandíbula apertou com determinação. Ele precisava conseguir falar com Cleopatra. Ele não tinha muita chance. Ele aumentava às esperanças de Cornelia quando sua filha estava em questão, e ela não podia admitir isto para ele ou para si mesma. Ela contava que ele tivesse sucesso. Ele estudou o olhar sóbrio de sua amiga enquanto ela virou sua cabeça para uma das pinturas na parede. Lá estava um ar de esperança sobre ela que ilustrava quanto aborrecida estava sua *Praefect*.

Cornélia sempre escondeu bem seus sentimentos, mas quando Beatrice foi levada, ela escondeu ainda mais. Sua amiga perdeu seu marido para um ataque cardíaco dois anos atrás, e sua filha era tudo que restou para Cornelia. Dante não gostava de vê-la deste modo. Ela nunca admitiu isto, mas ela estava aterrorizada por Beatrice. Ela obviamente sentia sua preocupação, e voltou sua cabeça para ele.

— Você está fazendo o melhor que pode Dante. Mesmo se nós conseguirmos tirar Beatrice para fora, você sabe tão bem quanto eu que a maioria das mulheres solicita a *Nex Cassiopeia* ou encontram algum outro modo de acabar com suas vidas. — Cornelia olhou com escuridão e dor enquanto balançava sua cabeça. — Viver no completo inferno desafiaria mesmo a mais forte mulher *Sicari*.

Seu amigo evitou o olhar dela mais uma vez, e Dante experimentou um sentimento de desamparo. Isso era uma sensação que ele não gostava. Ele fez uma promessa para si mesmo que conseguiria Beatrice fora daquele buraco do inferno *Pretoriano*, mas Cornelia estava certa. Sua filha poderia realmente pedir a seu salvador para acabar com sua vida sob o rito da Ordem de *Nex Cassiopeia*.

O pensamento de assistir um suicídio não era uma ideia que ele apreciasse, mas Beatrice tinha o direito de escolher seu próprio destino. A lei da Ordem sobre esta questão era clara. Uma rápida e honorável morte era o direito de cada *Sicari*. Mas os deuses seriam cruéis em fazer Cornelia a carrasca de sua filha. O estômago dele cerrou com o pensamento.

Embora, o *Absconditus* faz o melhor para proteger seus membros, há vezes que isto não é possível. Esse seria o caso de Beatrice. Ninguém poderia ter antecipado que uma inocente visita a uma pequena galeria resultaria no seu sequestro. A presença

Pretoriana era quase inexistente na lendária cidade, e a conexão com seus inimigos jurados passara despercebida até Beatrice ser tomada.

Mesmo então levava preciosas horas de trabalho para ligar a galeria ao sequestro de Beatrice. Essa foi à única vez que Dante viu sua *Praefect* perder o controle.

Cornelia esteve perto de torturar o dono da galeria durante o interrogatório, e ela o assassinou sem a aprovação de Marcus. Felizmente, o *Senhor Sicari* reinante entendeu melhor a maioria da dor que Cornelia estava experimentando.

A segunda em comando de Dante tossiu, e ele apontou seu olhar para cima do piso de madeira que estava examinando.

— Eu perguntei se você contatou Marcus para dizer a ele que sua filha está aqui.

— Sim — ele disse com um pequeno aceno.

— Eu enviei uma mensagem de texto a ele enquanto você e Noemi estavam com ela.

— Você disse a ele que ela estava ferida?

— Não havia nenhum ponto. Ela está segura, e eu sei que Noemi veria seus ferimentos.

— O nome Cleópatra cai bem a ela. Ela é muito bonita.

A declaração de Cornelia trouxe a sua mente a primeira vez que ele viu o rosto de Cleópatra com todos os detalhes. Seu cérebro fechou até o ponto onde ele não conseguia pensar diretamente. Ela afetou cada um dos seus sentidos e um raio o atingindo não poderia ter derrubado-o de seus pés mais duramente. Nem mesmo sua homônima poderia ter sido tão bonita. Ele de repente sentiu empatia com Júlio César e Marco Antônio.

— E Pedras de Júpiter, ela tem uma boca como a de Plácido. — Cornélia disse com divertimento, mas ele não respondeu. Um longo momento passou antes que sua *Praefect* lançasse um suave resfôlego da risada. — Você não ouviu uma palavra do que eu disse.

— O que? — ele balançou um pouco sua cabeça na tentativa de limpar as imagens do adorável rosto de Cleópatra de sua cabeça. — Não, eu ouvi você. Cleópatra tinha a maneira colorida de Plácido com as palavras.

Agora que sua *Praefect* mencionou isto, a linguagem de Cleópatra era definitivamente mais salgada até mesmo do que de alguns dos seus lutadores mais endurecidos. Isso estava totalmente em desacordo com seu lindo rosto, mas ele podia ver onde ela queria chegar, isto a faria se ajustar melhor com outros lutadores em sua corporação. Isso poderia não ser fácil sendo a filha da *Prima Cônsul*. E agora que ela descobriu seu parentesco com Marcus, não seria mais fácil.

— Se você continuar franzindo a testa assim, suas sobrancelhas vão cair. — A voz de Cornélia transpassou seus pensamentos, e ele estremeceu seu olhar em direção a ela. Ela muitas vezes utilizou esta expressão quando ele era mais novo para fazê-lo sorrir.

— Eu percebi que estava franzindo a testa. — Ele disse com um leve sorriso.

— Bastante ferozmente, eu poderia acrescentar. — Cornélia levantou sua cabeça para um lado como se ela o estudasse com um olhar de afeição. — Quando você era um garoto, eu sempre soube que alguma coisa estava profundamente te preocupando quando você franzia a testa assim.

A observação imediatamente o colocou no limite, foi um longo tempo desde que sua *Praefect* foi capaz de lê-lo tão facilmente. Ele deu de ombros e sorriu com diversão forçada.

— Eu estou me concentrando em como fazer Cleópatra dividir qualquer informação que ela possui.

— Eu conheço você melhor que isto. — Cornélia disse tranquilamente. — Você sempre foi uma criança séria, nunca deixando ou outros verem quão mal você estava ferido.

— Ferido? — de repente desconfortável com a direção que a conversa estava dirigida, ele retornou para o licor no gabinete e ele mesmo derramou outra bebida. —

Você faz isto soar como eu fosse como uma criança miserável. Eu tive uma infância feliz aqui no *Absconditus*.

— Será que você teve? Eu algumas vezes me surpreendo. — Cornélia suspirou. — Marcus sempre pressionou você, e Plácido... você o adorou ao ponto que poderia ter cortado fora seu braço direito se ele pedisse.

— Eu não era tão ruim como isso. — Dante zombou com uma pequena risada diante da dramática declaração de Cornélia, e quando ela franziu a testa com ceticismo, ele deu de ombros novamente e sorriu. — Talvez um dedo, no entanto.

Sua *Praefect* rolou os olhos para ele, e ele sorriu. Suas memórias mais antigas eram de Plácido ensinando como afiar suas habilidades telecinéticas. Eram memórias felizes. O amor de Plácido pela vida sempre fez as lições divertidas, e enquanto Marcus era exigente com os mentores, o *Senhor Sicari* nunca escondeu seu elogio.

Ainda como uma criança, ele sabia que seu grande respeito por ambos os homens se limitou à beira da adoração de um herói. Talvez ainda fizesse. Ele levantou seu copo para ela, silenciosamente perguntando se ela queria uma bebida. Quando ela balançou a cabeça negativamente, ele tomou um gole do conhaque que ele derramara.

— Tudo bem, talvez você estivesse disposto a desistir de apenas um dedo. Mais eu sempre pensei que cada coisa que você fazia era com o objetivo de agradar Marcus e Plácido, ao invés do que você realmente queria.

— Eu não penso que é uma coisa ruim admirar um dos professores ou mesmo aspirar ser como eles — ele repreendeu gentilmente.

— É claro que não é — ela retrucou de uma forma que era o contrário dela. — Mas não é saudável desistir de tudo por uma causa.

— O que você realmente está tentando dizer, Cornélia? — ele estreitou seu olhar para ela.

— O que estou dizendo é que eu vi o modo que olhou para Cleópatra esta noite. E alguma coisa me diz que você se arrependeu da decisão que fez quando era muito jovem para conhecer algo melhor.

As palavras suaves de Cornélia o fizeram endurecer, e ele rapidamente assumiu uma expressão indecifrável no rosto. *Christus*, ele havia se encantado com Cleópatra? É claro que ele fez. Caso contrário, sua *Praefect*, não estaria sutilmente lembrando-o que ela nunca aprovou seu voto.

Embora Cornélia tivesse finalmente chegado a respeitar a sua escolha, ela fizera tudo possível para convencê-lo a não tomar o juramento. Ela avisou que ele viria a se arrepender. O fato de que a previsão de Cornélia se realizara no início da noite era ruim o suficiente, mas sua amiga ter testemunhado isto foi humilhante.

— Você está enganada — ele disse em um tom de voz frio. Mais uma mentira e ele poderia desfazer seu inteiro primeiro nível de treinamento no *Novem Conformavi*.

— Minta para si mesmo se você gosta — sua *Praefect* disse estoicamente. — Mas o que eu vi hoje a noite foi um homem pronto para reivindicar seu posto depois de apenas alguns minutos na presença da mulher.

— Se está sugerindo que esqueci meu dever...

— Eu não estou sugerindo nada do tipo. Estou dizendo que esta noite eu vi um homem satisfazer uma força inabalável. Você pode negar o quanto quiser, mas eu sei o que vi.

— Então verifique seus olhos — ele rosnou. — Meu dever sempre foi e sempre será com o *Absconditus*. Eu não esqueci o que significou quando Marcus fez de mim *Tribune*.

— Marcus fez você *Tribune* porque ninguém jamais viu um garoto com tal poderosa habilidade antes. Mesmo criança exibia sinais de ser um grande líder.

— E ainda você continua com a opinião que eu fiz um erro dedicando minha vida ao *Absconditus*.

— Sim. Você estava com 15 anos quando fez seu voto. Um voto, eu poderia acrescentar, que você sabe não é vinculativo porque você fez antes de chegar a idade. E, apesar de sua maturidade, mesmo assim, acho que você fez aquele voto porque é o que você pensou que Plácido e Marcus queriam — disse Cornélia em uma calma e firme voz.

— Não — ele rosnou, sua paciência curta. — Eu sabia que só poderia ter uma amante, e que era o *Absconditus*.

— Pedra de Júpiter. — A compostura de Cornélia deslizou dramaticamente quando ela olhou com horror e boquiaberta. — Você está me dizendo que pensa que ser o *Senhor Sicari* reinante significa que o *Absconditus* sempre tem que vir primeiro, mesmo à custa da sua própria felicidade?

— Eu estou dizendo para você que eu escolhi colocar o *Absconditus* em primeiro, porque isto é o que eu quero.

Dante se afastou dela e andou para a janela para olhar em seu reflexo. No vidro, ele viu Cornélia inclinada para frente com uma mão apoiada em seu quadril e uma carranca escura de preocupação em seu rosto. Como no inferno permitiu a conversa chegar tão longe? Nem uma única vez em todos os anos desde que ele tomou seu juramento, nunca compartilhou com ninguém seus verdadeiros motivos para se comprometer com o *Absconditus*.

Marcus e Plácido o interrogaram sobre a sua decisão. Eles cuidadosamente mantinham suas próprias opiniões fora das discussões, mas mesmo que tivessem dito a ele para fazer o juramento, ele não tinha certeza se teria obedecido. Ele viu quão intenso os laços emocionais poderiam dificultar a liderança do *Senhor Sicari*. Marcus foi um excelente exemplo do que ter duas amantes poderia fazer para um homem. Como o *Senhor Sicari* reinante, Marcus foi separado de sua esposa por anos.

Mas Dante estava certo de que era o dever de Marcus ao *Absconditus* que forçou o *Senhor Sicari* a ficar longe de Atia.

Ao longo dos anos, Dante viu a luta do seu mentor para esconder seus sentimentos sempre que alguém mencionava a *Prima Cônsul*. Mas não foi só o amor por Atia que o homem perdeu. Marcus perdeu um filho e a alegria de ver sua filha crescer. Na liderança do *Absconditus*, Marcos pagou um preço caro por seus serviços a corporação.

Mesmo Plácido, apesar de seu amor robusto pela vida, perdeu muito quando foi *Senhor Sicari* reinante. A determinação de Plácido em manter-se imparcial durante sua liderança custou ao antigo guerreiro a sua esposa, quando ele sem saber enviou-

lhe em uma missão que terminou na morte dela. Foi apenas mais uma razão pela qual Dante acreditava que se comprometer ao *Absconditus* era a escolha certa para ele. Ele nunca teria que fazer o tipo de escolha que Plácido teve ou perder tanto quanto Marcus perdeu.

— Estou preocupada com você, Dante. — Ele encontrou o olhar perturbado de sua *Praefect* no reflexo do vidro.

— Por quê? — ele perguntou quando se virou para encará-la. — Por que eu escolhi levar uma vida solitária? Isso não significa que eu sou infeliz.

— Pergunto-me se você sabe o que é a verdadeira felicidade — Cornélia disse como se estivesse refletindo em voz alta ao invés de falar diretamente a ele.

— A verdadeira felicidade? — ele riu com diversão e uma parte equitativa de alívio que ela não estava sondando as razões por trás de seu escolhido estado de celibato. — O que é a verdadeira felicidade?

— É quando você chega em casa e alguém está lá para recebê-lo com um abraço. É aquela sensação de calor que sente quando você vai dormir e sabe que é amada.

Agora ele estava certo que Cornélia apenas refletia em voz alta. Suas palavras soavam roucas, como se ela estivesse à beira das lágrimas, e ele limpou a garganta. Sua segunda em comando, obviamente, perdeu o seu marido, e ela vivera uma existência infernal desde o sequestro de Beatrice. Era compreensível que depois de todos esses meses ela estivesse perto de alcançar seu ponto de quebrar. O tipo de pressão sob a qual estava eventualmente desgastava uma pessoa. .

— Eu acho que nós dois precisamos dormir um pouco — ele disse usando um tom prosaico.

Como se de repente ciente que ela estava pensando em voz alta, virou a cabeça para cima, e encontrou seu olhar com um flash de constrangimento cintilando em seus olhos.

Ele deliberadamente se afastou para dar a ela tempo para se recompor e jogou o resto de sua bebida para dentro.

— Eu penso que você está certo — Cornélia disse um curto momento depois. Ele virou para vê-la desenrolar o seu corpo esguio para fora do sofá em um movimento com fluidez graciosa. — Tem sido um longo dia, e eu darei aula de manhã.

— Qual nível do *Novem Conformavi*? — ele perguntou, como se lembrando das várias aulas que ela conduziu quando ele era um estudante. Seu olhar encontrou o dele, e ela arqueou a sobrancelha.

— O quarto *Tabulati* — ela disse.

— Temperança e conscientização — ele murmurou, e começaram a andar em direção ao pátio de entrada que conectava todos os quartos de frente para o pátio interior.

— Por que você não faz uma parada? Eu não acho que nenhum dos meus alunos estão prontos para o posto de *Tribune*, mas você pode encontrar um patrício digno da linha de sucessão. — Cornelia parou, forçando-o a fazer o mesmo. Ela inclinou a cabeça para um lado enquanto o estudava. — Ou seja, a menos que você já tem alguém em mente.

— Eu não pensei sobre isso.

— Pode ser uma boa ideia para você começar, porque eu acho que você vai precisar tomar uma decisão em algum momento no futuro muito próximo.

Dante não a respondeu por um minuto. Cornélia estava certa. Marcus estava claramente pensando sobre aposentadoria, o que significava que Dante, como o futuro *Senhor Sicari* reinante, precisava selecionar dois lutadores para sucedê-lo. A lei *Absconditus* claramente determina que se o *Senhor Sicari* escolhe abdicar a posição, um *Tribune* e um Patrício precisava ser selecionado antes que as rédeas da liderança fossem passadas.

As casas reais da Europa sempre se referem a sua sucessão de liderança com um herdeiro e um sobressalente. A função do *Tribune* e do Patrício servia a um propósito semelhante dentro do *Absconditus*, mas a liderança da corporação não era arraigada em sangue e nome. A seleção era baseada na força dos membros da corporação, nas habilidades telepáticas e telecinéticas, assim como o temperamento.

Os candidatos ideais eram os guerreiros *Absconditus* cujas habilidades e personalidades eram mais próximos a corresponder às mesmas qualidades que Maximus, o primeiro *Senhor Sicari*, possuía. Geralmente, o *Tribune* escolhido era um guerreiro que havia passado o sexto *Tabulati*. No caso de Dante, não tivera nenhum outro membro na corporação com poderes tão fortes como os seus, o que foi o porquê dele se tornar *Tribune* em uma idade tão jovem.

— Eu nunca entendi porque Marcus não escolheu você para ser *Tribune*, ou no mínimo, Patrícia — ele disse.

— Porque quando se trata de tomar decisões, eu sou uma melhor seguidora que uma líder. Eu só vejo preto e branco. Você vê todas as gradações intermediárias.

— Isso não me faz um líder.

— Mas faz. Se eu fosse um verdadeiro líder, eu não teria simplesmente aceitado o destino de Beatrice. Como o *Senhor Sicari*, eu nunca teria tentado encontrar uma maneira de resgatá-la — ela sussurrou. Seu olhar passou longe do seu para ficar na janela que ficava entre eles e a noite. — Eu teria aceitado complacentemente o inevitável. Você é o único que viu as possibilidades onde eu acreditava que não existia. É isso que um líder faz. Eles forjam trilhas onde os outros vêem só o deserto.

Quase como se ela se arrependesse de deixá-lo ver sua vulnerabilidade, Cornélia balançou a cabeça em direção a ele e forçou um sorriso em seus lábios.

— Você se fará um maravilhoso *Senhor Sicari*, e serei orgulhosa de servir sob a sua liderança como tenho servindo sob a de Marcus — ela disse em uma voz tranquila. — Agora, se eu não dormir um pouco, vou ter dificuldade para controlar minha turma da manhã.

— Deixe-me adivinhar, Giuseppe e Santino?

— Sim — sua *Praefect* disse com um suspiro. — Estes dois poderiam morrer um pelo outro, mas Santino sabe precisamente qual botão de Giuseppe empurrar.

— Eles iriam eventualmente se assentar. Lembre-se de Tony e Alfredo? Eles costumavam lutar como cães loucos quando eu crescia.



— Eu esqueci a rivalidade entre eles — Cornélia disse com um aceno. — Vamos esperar que aconteça com Santino e Giuseppe, porque ambos estão demonstrando habilidades notáveis. Não tão poderosos quanto você nessa idade, mas perto. Na verdade, qualquer um deles seria uma excelente escolha para Patrício.

Sem dar a ele uma chance para réplica, ela saiu da sala, deixando Dante ponderando as últimas declarações dela. Ele adiara até mesmo contemplar a seleção do *Tribune* ou de um Patrício. Uma parte dele esteve esperando que Marcus não estivesse realmente pronto para se aposentar. Mas no fundo ele sabia que seu tempo para assumir o papel de *Senhor Sicari* viria mais cedo do que ele estivesse preparado. Ambos, Marcus e Plácido, poderiam oferecer conselho, mas a decisão final era sua. Quem ele escolhesse poderia liderar o *Absconditus* depois que ele se aposentasse ou em caso de sua eventual morte. Ele respirou fundo e liberou rapidamente. Isso era algo que treinara desde que completou quinze anos. Não era inesperado e, ainda assim ele estava pela primeira vez começando a entender quão completamente sozinho estava.



Seis



— O que você quer dizer com *ele está morto*? — Nicostratus rosnou. Morto. Uma de suas fontes mais lucrativas foi descartada tão bem quanto baralho de cartas.

— O corpo de Angotti foi encontrado logo cedo esta manhã, juntamente com seus guarda-costas e dois homens designados por Dominus Russo para monitorar as atividades de Angotti. — A voz do *Prior* Draco Verdi era baixa, quase sem emoção, enquanto ele passava seu relatório.

— A amante do homem descreveu uma única fêmea como assassina. A executora foi treinada com técnicas *Sicari*.

— Você identificou esta puta *Sicari*? — ele perguntou duramente enquanto ele absorvia o conhecimento de que seu filho adotado colocou Angotti sob vigilância antes de sua morte através das mãos de Marcus Vorenius. Teria Gabriel tramado contra ele? O que importava, o garoto estava morto e qualquer plano estava morto com ele. Mesmo assim, o pensamento só aumentava a sua raiva.

— O nome dela é Cleopatra Vorenius.

A afirmação do *Prior* lançou uma explosão de fúria através de Nicostratus, e ele a expressou com as costas de sua mão contra a bochecha de Verdi. O estalo do golpe ecoou fortemente na biblioteca do Patriarca, apesar de seu teto alto e enorme tamanho. Por um segundo, ele reconheceu o fato de que o *Prior* mal recuou sob o tapa maldoso, apesar do anel de Nicostratus ter cortado a bochecha do homem.

— Você quer dizer que aquela maldita puta ainda está na *minha* cidade? — ele falou baixo enquanto lançava ao *Prior* um olhar gelado.

— Nós não sabíamos até esta manhã que ela não foi embora com a *Prima Cônsul*. Nós ainda não saberíamos se a amante do Angotti não tivesse identificado-a — o *Prior* respondeu.

— Eu a quero encontrada e executada.

Nicostratus olhou para seu anel e viu sangue no símbolo Chi-Rho¹¹ encravado no brasão de ouro. Com um grunhido de nojo, ele rapidamente circulou sua mesa e pegou um lenço no qual ele esfregou o anel até ficar limpo.

Roma era dele. Apesar de que os *Absconditus* possuírem uma forte presença aqui, Marcus Vorenius sabia que os *Pretorianos* eram em maior número que eles em pelo menos cinco para um, e possivelmente mais. Mas Vorenius cruzou a linha quando guiou aquele grupo variado de *Sicari* para dentro do Pantheon e tirou a única coisa que Nicostratus queria mais do que qualquer coisa. O *Tyet de Ísis*.

Era um sinal de que Deus estava fazendo-o pagar uma penalidade pelos seus pecados passados. Quais eram esses pecados, ele não sabia. Tudo o que fez em toda a sua vida era pelo bem do *Collegium* e da Igreja. E então houve a morte de Gabriel. Uma pequena parte dele iria sentir falta do garoto. O pobre *bastardo Sicari* foi sempre tão ansioso em agradá-lo.

Este tipo de devoção era difícil de aparecer e requeria uma grande quantidade de energia para cultivar. Ele apertou suas palmas contra a madeira escura de mogno de sua mesa e se inclinou para frente para prender o *Prior* Verdi sob seu escrutínio. Nicostratus não gostava da expressão calma do homem. Dizia que ele não estava intimidado pela presença do Patriarca.

Qualquer outro guerreiro do *Collegium* teria mostrado medo agora em face da raiva do Patriarca. E mesmo assim, uma pequena parte dele não podia deixar de admirar o *Prior* por isso. Certamente por debaixo dessa calma, e relaxada aparência, o

¹¹ O Rho Chi é uma das primeiras formas de Christogram, e é usado por cristãos. É formado pela superposição dos dois primeiros (capital) letras chi e rho (XP). Apesar de não ser tecnicamente uma cruz cristã, o Chi-Rho invoca a crucificação de Jesus, bem como simbolizando seu status como o Cristo.

homem estava sentindo alguma trepidação. Até mesmo Gabriel, que poderia ter matado facilmente Nicostratus, tivera medo do Patriarca.

— O que mais aconteceu? — ele perguntou, seu tom aconselhando o homem a tomar cuidado.

— Nosso informante na polícia local nos permitiu questionar a amante do Angotti. Ela viu toda a coisa da janela de seu quarto. A amante disse que Vorenius derrubou os quatro homens em questão de minutos.

— Certamente ela tinha um parceiro — Nicostratus disse enojado com o pensamento de uma única mulher matando cinco homens. Ele lentamente sentou-se na cadeira atrás de sua mesa.

— Não, senhor, ela estava sozinha.

— Então talvez você esteja enganado. As minhas fontes me dizem que os *Sicari* estão sob ordens restritas de sempre viajar em pares enquanto estão em Roma — ele estourou. — Nem mesmo a filha de Marcus Vorenius iria ser tão burra para desafiar o mandado da Ordem e se aventurar dentro da cidade sozinha.

— Não faz sentido para mim também, Excelência. Mas *era* Cleópatra Vorenius. Um dos meus homens tirou fotos de possíveis assassinos *Sicari* em seu telefone, e a amante do Angotti identificou Vorenius no meio deles.

Diante de tal verdade irrefutável, sua raiva cresceu em força. Primeiro Marcus Vorenius roubara o *Tyef de Ísis* dele, e agora o bastardo deixou sua filha aqui para assassinar Angotti. O senhor do crime era uma comodidade valiosa para ele. A reputação de Angotti por desentocar informações o tornou excepcionalmente bom em manter Nicostratus atualizado para com todos os movimentos *Sicari*.

Os relatórios informativos do gordo italiano também contornaram diversas ameaças que teriam exposto a presença *Pretoriana* dentro da Igreja – algo que não aconteceu em quase dois mil anos de história da Igreja. E por cima de tudo isso, Angotti ofereceu a Nicostratus oportunidades múltiplas para expandir e esconder suas finanças pessoais como também às do *Collegium*.

Nicostratus mexeu seus dedos e descansou-os contra a sua boca enquanto contemplava o que a morte de Angotti significaria para ele e o *Collegium*. Desde a época de Octavian, o primeiro Monsenhor, durante o reinado de Constantino I, o *Collegium* operara secretamente dentro da Igreja. Recursos financeiros nunca foram um problema até recentemente. Trinta anos atrás ele poderia ter facilmente movido os fundos de uma das contas para outras sem ninguém saber.

Nestes dias estava se tornando mais e mais difícil desviar dinheiro dos cofres da Igreja para financiar a causa *Pretoriana*. A tecnologia que tornava mais fácil para ele investir o dinheiro que adquirira para o *Collegium* e seu uso pessoal era uma faca de dois gumes. Ultimamente a auditoria interna da contabilidade da Igreja estava se tornando mais frequente e ainda mais irritante.

Era quase como se alguém estivesse tentando expor a presença do *Collegium* na Igreja. Ele pressionou sua mandíbula com o pensamento. E se Gabriel tivesse tentado fazer isso? Não. Gabriel podia ter sido difícil às vezes, mas o garoto era fanaticamente fiel ao *Collegium*. Ele nunca teria feito algo para ferir sua família. Sua razão de viver. O olhar de Nicostratus se focou no *Prior* Verdi novamente.

— O que mais a mulher do Angotti sabe?

— Sobre o assassinato ou sobre a conexão de Angotti com o *Collegium*... ou você, Excelência?

A maneira imperturbável de agir de Verdi foi percebida pelo Patriarca novamente, e ele estreitou os olhos para o *Prior*. Inteligente e astuto. O homem descobriu que Angotti possuía uma importância enorme, não somente para o *Collegium*, mas para Nicostratus também. Pela primeira vez desde que o homem contou para ele sobre a morte de Angotti, a raiva do Patriarca se abateu de alguma forma, e ele permitiu que a sua boca se curvasse de leve em aprovação.

— Você é bem astuto, *Prior*. — Ele arqueou suas sobrancelhas para o homem. — Exatamente como você sabia que Angotti era importante para mim?

— O homem tinha informação sua nos contatos em seu Blackberry.

— Facilmente explicado pela conexão dele com o *Collegium*. — Nicostratus deu de ombros. Ele se perguntou se o *Prior* jogava xadrez. Não, o homem claramente era um jogador de pôquer, porque ele estava blefando.

— Sim, excelência, mas Angotti também tinha o seu aniversário, o nome da sua marca favorita de vinho, uma anotação com os seus gostos musicais e de artes, e ainda uma nota recente para informar a você sobre duas transações para um banco da Suíça. Informação que indica uma conexão próxima ao invés de uma superficial.

— Quem mais tem a informação? — ele perguntou enquanto segurava o seu corpo rígido para evitar que ele pulasse da cadeira.

— Somente eu. — Verdi alcançou o bolso de sua calça, retirando um pequeno telefone, e o entregou para Nicostratus. — Um dos meus homens é um especialista em computador. Ele foi capaz de invadir o código de segurança no telefone sem muita dificuldade. Ele me entregou logo que foi desbloqueado.

Nicostratus aceitou o telefone e o encarou por um momento antes de colocá-lo na mesa na frente dele. Ele se recusou a deixar o *Prior* ver quão perturbado ele estava pela falta de cuidado de Angotti. O seu queixo estava duro de tensão, ele estudou Verdi cuidadosamente. O homem o intrigava. Havia poucos *Pretorianos* no *Collegium* que eram tão habilidosos em esconder seus pensamentos.

— Obviamente isso não era um simples assassinato. O que a amante de Angotti acha que aconteceu? Ela falou algo que poderia colocar o *Collegium* em perigo?

— A mulher acredita que o seu amante foi assassinado em algum ritual de culto bizarro. Ela não deu indicação que tinha qualquer conhecimento a respeito do *Collegium* ou de qualquer outra coisa sobre a nossa irmandade.

— Eu vejo. Mas você não tem certeza que ela saiba de alguma coisa. — Ele assistiu o *Prior* hesitar antes de balançar a cabeça.

— Ela admitiu saber que Angotti estava envolvido em atividades ilegais, mas disse que ele não falou nada para ela a respeito dos nossos negócios. — Verdi deu de ombros. — Não há garantias, mas o meu instinto diz que ela sabe algo.

— Já que o seu *instinto* diz que ela é uma ameaça, o que você sugere que nós façamos com ela? — ele estudou o homem de perto enquanto ele esperava por uma resposta. Nicostratus estreitou seus olhos enquanto ele viu um breve lampejo de hesitação passar pela expressão estóica do homem. — Vamos lá, *Prior*. O que você acha que nós deveríamos fazer com a mulher?

— Ela precisa desaparecer. Silenciosamente. — Verdi respondeu.

Apesar do tom do homem ser incisivo, Nicostratus pensou ter ouvido arrependimento na voz do *Prior*. O Patriarca o olhou de perto, mas a expressão de Verdi não revelou nada fora indiferença no que se referia ao destino da mulher. O olhar de Nicostratus tomou nota do corte recente no rosto de Verdi. Não havia muitos *Pretorianos* no *Collegium* que não agia como covardes chorões na frente dele quando ele perdia a paciência.

Este homem claramente era diferente. Nicostratus se inclinou de volta em sua cadeira, dobrando um braço em frente a seu peito para apoiar seu cotovelo enquanto acariciava seu queixo com seus dedos, e estudava o *Prior* atentamente. Com Gabriel morto, ele precisava de alguém para agir em seu nome nas questões da rotina administrativa. O fato de que Verdi ser friamente calculado era evidente em sua decisão rápida a respeito da amante do Angotti. Ele gostava disso no homem.

— Você parece bem certo de sua decisão, *Prior* Verdi.

— Nunca se deve ser muito cuidadoso em proteger o *Collegium* de nosso inimigo, Excelência. — Ele falou como o mais robusto dos *Pretorianos*.

— Verdade — Nicostratus disse com um discreto aceno de concordância. — Mas neste caso, eu acho que nós podemos desviar para o lado da generosidade e permitir que a mulher viva. Há outra mulher que não deverá ter tanta sorte.

— Como você deseja, Excelência. — O olhar do homem piscou com perplexidade e Nicostratus sorriu para ele. — Sim, o homem era a escolha perfeita para substituir Gabriel.

— Apesar da minha reação inicial sobre as suas notícias sobre o Angotti, você me impressionou, *Prior*.

— Você me honra, Excelência — Verdi disse e acenou de leve.

— Eu acho que os seus talentos podem ser desperdiçados em seu papel como *Prior*. O que você acharia sobre trabalhar aqui no escritório principal da irmandade?

— Aqui, Excelência? — havia uma pontada de surpresa na voz do homem, revelando uma fissura na compostura estoica.

— Sim — Nicostratus disse com um sorriso. — Com o *Dominus* Russo morto, eu requeiro alguém para tomar o lugar dele para me ajudar a comandar as diárias necessidades administrativas do *Collegium*. O Monsenhor não pode ser importunado com tais trivialidades. E como Patriarca, este é o meu papel, e eu gostaria de sua ajuda. — Nicostratus riu para a expressão aturdida no rosto do Verdi. Pela primeira vez desde que o homem entrou na biblioteca, o *Prior* realmente mostrou alguma emoção.

— Eu não sei o que dizer, Excelência. — O homem parecia completamente surpreendido, o que agradou Nicostratus imensamente.

— Um simples sim já serve. — Ele gesticulou na direção de uma das cadeiras que estavam de frente para a sua mesa. — Sente-se.

Verdi hesitou por vários segundos antes de se sentar na cadeira. O que Nicostratus acabara de oferecer era uma grande honra – algo que muitos *Pretorianos* dariam sua mão direita para ter – e mesmo assim este homem parecia quase relutante a respeito de assumir esta posição.

— Há algo errado, *Prior*? — a sua pergunta fez o homem balançar a cabeça enquanto encontrava o olhar de Nicostratus.

— Não, Excelência. Eu estou simplesmente surpreso... e humilde pela oferta.

— Honestidade. Eu gosto disso. — O Patriarca assentiu sua aprovação. — Posso te chamar de Draco?

— Certamente, Excelência.

— Conte-me Draco, você está ciente do que acontecera há vários dias atrás no Pantheon?

— Sim, Excelência. O *Sicari* roubou o *Tyet de Ísis* e matou a Sua Graça.

— Precisamente, e agora você me traz a notícia infeliz de que Angotti, um parceiro de negócios confiável do *Collegium*, foi assassinado pela filha de nosso maior inimigo, Marcus Vorenius.

Só o som do nome de seu arqui-inimigo fazia o corpo do Patriarca ficar em nós pela tensão nascida da fúria. Marcus Vorenius era uma pedra no sapato por anos, e agora o seu inimigo jurado deixou sua filha para trás enquanto o *Senhor Sicari* seguiu a sua puta *Prima Cônsul* de volta para Chicago como o cachorro que ele era. A imagem repentina de Cleópatra Vorenius atacando-o no Pantheon passou por sua cabeça.

Foi fácil frustrar o ataque dela, mas o que não foi tão fácil era lidar que isso machucara seu filho. O momento que a espada dele perfurou o corpo de Lysander, ele experimentou de verdade um remorso doloroso. Lysander poderia ter sido o que Gabriel nunca foi. Um filho verdadeiro. Ele não gostava de admitir isso, mas ele estava grato que o menino ainda estava vivo.

Nicostratus se focou em Draco Verdi novamente. O rosto do homem era uma máscara sem emoção. Isso poderia ser tanto uma coisa ruim quanto uma coisa boa. O fato de que era difícil descobrir o que o homem estava pensando era irritante. Ele imediatamente esticou seus pensamentos para sondar a mente do assistente recém-promovido. Ele encontrou uma forte resistência, enquanto Draco enviava para ele um olhar frio.

— Se você deseja saber algo, Excelência, você tem apenas que pedir. — Havia um pequeno traço de censura desafiadora na voz do homem, e Nicostratus notou isso com um respeito invejoso.

Não somente Draco Verdi possuía a habilidade de proteger seus pensamentos, mas tinha a coragem de desafiar o Patriarca do *Collegium*. Nicostratus se encontrou gostando do homem ainda mais. E para ele, isso dizia muita coisa, porque havia poucas pessoas das quais ele gostava ou até mesmo respeitava.

— Concordo. — Nicostratus assentiu. — Então, me conte o quanto você sabe sobre o *Tyet de Ísis*, Draco.

— Não muito, a não ser que o artefato tem o potencial de tornar qualquer *Sicari* e *Pretoriano* mais forte.

— Precisamente, então a balança de poder vai estar com quem estiver com o segredo do artefato.

Enquanto considerava a afirmação, Nicostratus fez uma careta. Até a alguns dias atrás, ele estava certo de que o balanço entre os *Pretorianos* e os *Sicari* iria logo pender para o *Collegium*. Tudo isso mudou quando o porco *Sicari* levou o *Tyet de Ísis* bem debaixo dele no Pantheon.

Para piorar as coisas estava o fato de que ele tinha garantias de seus espões de dentro da Ordem de que o *Tyet de Ísis* era para ter sido dele no momento em que fosse encontrado. O espião dele pagaria o preço por ter quebrado esta promessa. Todo esse tempo ele foi propriedade da Igreja. A ironia do esconderijo do artefato não passou despercebida por ele. Ele encontrou o olhar indecifrável de Verdi.

— Você não parece nem um pouco curioso a respeito do que seja o segredo do artefato, Draco.

— Eu imaginaria que a caixa contenha um recibo ou um mapa.

A resposta do homem fez Nicostratus ficar rígido. Verdi estava chutando, ou ele sabia mais do que devia? Somente o Monsenhor e o Patriarca sabiam do conteúdo do *Tyet de Ísis*. Desde o primeiro Monsenhor, os líderes do *Collegium* contavam que o artefato carregava um mapa que iria fortalecer a irmandade dos *Pretorianos*.

— Como você sabe disso? — ele observou Verdi de perto.

— Nós estivemos procurando pelo *Tyet de Ísis* há tanto tempo quanto os *Sicari*, e é conhecido que ao artefato pode tornar o seu portador mais poderoso. — Verdi o observou com um olhar que dizia que o homem era ainda mais astuto do que Nicostratus havia pensado. — Eu não acredito em mágica, então parece lógico presumir que o artefato contém ou a receita para algo a ser ingerido que tornará o portador mais poderoso ou pelo menos um mapa mostrando onde a receita poderia ser encontrada.

— Eu entendo. — Nicostratus tamborilou seus dedos novamente para estudar Verdi na ponta deles. — Então você acha que há uma receita para um elixir mágico no *Tyet de Ísis*?

— Uma poção mágica? – Verdi balançou a cabeça. — Não, Excelência. Se for uma receita para algo, é uma questão de biologia.

— *Biologia*? O que a biologia tem a ver com o artefato? — ele fungou.

— É uma hipótese estritamente minha, Excelência, mas eu acredito que o artefato contenha uma receita, um modelo se você desejar, para mudar o DNA de um indivíduo para dar a esta pessoa habilidades telepáticas e telecinéticas.

Nicostratus absorveu lentamente as palavras do homem. Ele sempre acreditou que o *Tyet de Ísis* continha um mapa que levava para algum tesouro importante. Ele foi um tolo em nunca ter considerado a possibilidade de que poderia ser algo que pudesse transformar fisicamente uma pessoa. Se o artefato *contivesse* uma receita para uma poção que mudasse o DNA de uma pessoa, isso tornaria a situação muito mais terrível. A Ordem do *Sicari* possuía um centro de pesquisa que poderia facilmente testar qualquer poção feita a partir de uma receita, tal como Verdi havia sugerido.

— Interessante, Draco. Eu suponho que você tem alguma pesquisa para apoiar a sua teoria?

— Eu dei a um dos irmãos que praticam medicina algumas amostras de DNA para estudar. A conclusão dele é que o DNA dos *Pretorianos* e dos *Sicari* possui marcadores que apontam para habilidades diferentes. É uma mutação que poderia possivelmente ser duplicada.

Um frio gelado percorreu Nicostratus, enquanto ele encarava o homem a sua frente. Era fundamental que eles recuperassem o *Tyet de Ísis* dos *Sicari*. Ele se levantou da cadeira e começou a caminhar. Não havia como saber quanto tempo levaria para o Vorenius e o seu povo resolver o mistério do artefato.

— Nós devemos voltar. E rapidamente — Nicostratus disse.

Ele parou em sua cadeira e enfiou seus dedos na almofada macia de couro do descanso da cadeira. Se o seu espião na Ordem falhasse em recuperar o *Tyet de Ísis*, ele não estava certo do que mais...

Ele lentamente levantou o seu aperto da cadeira. Oh, não poderia ser tão fácil. Poderia? A ideia quicando em sua cabeça o fez sorrir. Com as mãos entrelaçadas em suas costas, ele continuou a andar. Ele viu o olhar confuso de Draco e riu.

— Nós devemos matar dois pássaros em uma só tacada, meu querido Draco.

— Excelência?

— Eu quero todos os recursos que nós temos em Roma em busca de Cleópatra Vorenius. No momento em que a encontrarmos, eu quero que ela seja trazida até mim — ele acenou com os dedos de uma forma arrogante. — Viva, claro. *E* sem marcas. O privilégio de estragar aquele bonito rosto é meu. Uma vez que a tivermos, eu a oferecerei para Vorenius em troca do artefato.

— O *Senhor Sicari concordará* com tal troca? — Draco perguntou em um tom cético, e Nicostratus sorriu.

— Eu tenho certeza que ele irá. Mesmo se ele não concordar, a *Prima Cônsul* irá trocar o artefato por sua filha.

— Como você pode ter tanta certeza, Excelência? — Draco observou o Patriarca com mais do que uma pontada de agouro.

— Como eu posso ter tanta certeza? — Nicostratus riu suavemente. Era um som sinistro, ameaçador. — Porque eu roubei o filho deles anos atrás e dei a ele o meu nome.

— Gabriel Russo? — o *Prior* disse com uma surpresa óbvia.

— Exatamente. Gabriel fora a minha criação e o tormento do meu inimigo. Então você pode ver por que tanto Vorenius e aquela biscate da *Prima Cônsul* dele estarão mais do que dispostos a desistir e entregar o *Tyet de Ísis* para mim. Embora, se o meu espião na Ordem fizer o seu trabalho direito, eu deverei ter o artefato e a *signorina* Vorenius sem qualquer tipo de barganha.

— Eu sabia que nós tínhamos espiões dentro da Ordem, mas um próximo o bastante para se aproximar do artefato, Excelência?

— Você soa surpreso, Draco.

— Eu confesso que estou.

— Eu sou o Patriarca há quase trinta anos, e nesse meio tempo eu cultivei muitos... relacionamentos. Eu até mesmo tenho dois recursos nos altos escalões da Ordem — Nicostratus disse. — A *Prima Cônsul* poderia ser assassinada se eu decretasse.

— Eu estou honrado que você confiou este conhecimento a mim, Excelência. — Draco inclinou sua cabeça em uma aceno leve de deferência.

— E agora você sabe algo que pode te matar — Nicostratus disse com uma alegria maliciosa enquanto o homem absorvia a ameaça sutil. — Como minha mão direita, você estará a par de muitas coisas. Mas se você trair a minha confiança, sua vida estará perdida.

— Sim, Excelência. — Com a resposta de Draco, Nicostratus assentiu sua aprovação.

— Agora, há algumas coisas que nós precisamos conseguir logo se vamos recuperar o *Tyet de Ísis*. — Nicostratus sentou-se em sua cadeira e pegou seu bloco de anotação de sua mesa juntamente com um bastão de cera e uma pequena caixa. — Esta é uma autorização para que você tenha acesso limitado a conta bancária do *Collegium*. Entregue este bilhete para o *Signor* Maida. Ele verá para que você possa ser capaz de retirar e depositar fundos. Todos os investimentos e transferências dependem do meu discernimento e o do Monsenhor.

Ele rapidamente dobrou o manuscrito e a selou em um envelope e então acendeu o pavio curto no bastão de cera. A cera derretida salpicou a aba do envelope e começou a tomar forma. Enquanto a cera secava, Nicostratus retirou um selo da gaveta da mesa e removeu seu anel para deslizá-lo em um nó no selo. No momento que ele encaixou no lugar, ele o usou para fazer uma marca na cera. Ele ofereceu o envelope selado para Draco. A expressão no rosto do homem o divertiu.



— O selo é um remanescente dos anos que se passaram quando os documentos selados significavam que eles eram genuínos. Um pouco dramático, mas ele apela para o romântico em mim — ele murmurou com um sorriso, sabendo bem que não havia um osso romântico em seu corpo. O selo representava a sua completa autoridade. — Quando você entregar isso para o *Signor* Maida, ele saberá que é uma autorização oficial minha.

Com um aceno de sua mão, ele dispensou Draco e então imediatamente virou sua atenção para a papelada na frente dele. O *Prior* rapidamente ficou de pé e se curvou de leve antes de seguir em direção à porta. O homem havia acabado de alcançar a porta quando Nicostratus tomou uma decisão.

— Pensando bem — ele disse sem desviar a atenção de seus papéis. — Eu acho que as suas presunções iniciais a respeito da amante de Angotti estavam corretas. Faça-a desaparecer. Silenciosamente.

Mal ele falou quando algo malévolo raspou através de sua mente, e ele levantou a cabeça para olhar para as costas do *Prior*. Quase ao mesmo tempo, Draco se virou, sua expressão ainda estóica, mas a sua postura era aquela de um guerreiro preparado para o inesperado.

— Está tudo bem, Excelência?

— Claro, por que não estaria? — Nicostratus mentiu enquanto ele estudava o *Prior* de perto.

— Por um momento, eu pensei... perdoe-me. Estou enganado.

Nicostratus fez uma careta enquanto o homem se curvava novamente e então deixava o escritório. Claramente o *Prior* sentiu algo também. Se não fosse pela reação do homem, ele estaria inclinado a pensar que a sensação que ele experimentou viera do próprio Draco.

Seus dedos tamborilaram um ritmo suave na mesa enquanto ele se perguntava se ele cometera um erro no que se dizia respeito ao *Prior*. Normalmente ele teria procurado um sucessor em potencial para Gabriel bem extensivamente, e, no entanto, ele escolhera Draco sem qualquer premeditação. Nicostratus grunhiu.



Ele ergueu a tampa de seu notebook e clicou no ícone de e-mail. Ele faria James executar um perfil completo a respeito de Draco a partir de manhã. Se algo fora do comum aparecesse, então Draco Verdi e ele teriam uma discussão que terminaria bem e limpa.



Sete



Cleo estava no salão olhando para o retrato pendurado na parede sobre uma mesa meia-lua. Por sua maneira de vestir, ela se perguntou se o homem na pintura foi um *Senhor Sicari*. Ele usava o mesmo tipo de roupa que ela viu seu pa... – ela viu Marcus e Dante usar. Ela ignorou o ato falho.

Enquanto ela estudava o retrato mais de perto, ela tomou uma respiração rápida de surpresa. Ela não era boa conhecedora na arte italiana, mas havia um artista que ela conhecia bem. Sofonisba Anguissola. Até onde ela podia dizer, o retrato na parede era um original. Seu olhar focou no rosto do homem.

Ela se perguntou se ele poderia ter sido o líder dos *Senhores Sicari* em seu tempo. Assim como seu pai – Marcus era hoje. Outro ato falho.

Ela franziu a testa e soltou um forte suspiro. Eventualmente, ela teria que enfrentar o homem. Não era algo que ela realmente queria em sua lista, mas com toda a justiça para Marcus, não era como se ele fosse um pai caloteiro.

Sua mãe mentiu sobre a sua existência para Cleo e manteve Marcus no escuro também. O pensamento a fez apertar a sua boca com raiva. Se havia algo que sua mãe nunca deveria ter mentido para ela, era quem seu pai era. Ela entendeu as razões para as ações de sua mãe, mas era os últimos três anos de silêncio que ela estava tendo dificuldade em aceitar.



Atia deveria ter dito a ela a verdade após Cleo perder o bebê e os médicos confirmarem que ela nunca seria capaz de ter filhos. Sua mão automaticamente foi para o seu estômago. Ela sempre quis filhos, e agora... ela fechou os olhos por um breve momento. Isso estava acabado e finalizado. Gastar tempo pensando nisso não mudaria nada. Mas deve ter alterado a decisão de sua mãe sobre como manter o seu pai em segredo.

Cleo voltou o olhar para o retrato na parede. Foi ruim o suficiente saber que seu verdadeiro pai estava vivo, mas o fato de que ele era um *Senhor Sicari* apenas empurrou-a para a borda. Os *Senhores Sicari* sempre foram uma elusiva parte da longa história da Ordem. Até aquela noite no Pantheon, ela realmente não acreditou que existiam. Agora, ela estava afundada até aos joelhos com *Senhores Sicari*.

Sua falta de habilidades sempre a fez sentir como se estivesse de pé olhando do lado de fora, quando isso se tratava da Ordem. Era por isso que ela se empurrava tão forte em ser um dos lutadores mais bem treinados da Ordem. Mas o *absconditus*... isso era algo completamente diferente. Ela nunca se sentiu tão completamente fora de sua profundidade em toda a sua vida. Até agora, esta manhã, ela já vira mais de uma dezena de pessoas durante a sua calma exploração, e ela não fazia ideia quem era *Senhor Sicari* e quem era *Vigilavi*. E ela com certeza não queria perguntar.

Só de estar aqui a deixava nervosa, e não gostava da sensação, especialmente quando seu anfitrião a abandonou na noite passada. O homem desapareceu momentos após a sua chegada, deixando a estóica Cornelia para organizar o *Curavi* em Cleo e um quarto para a noite. Em algum nível inexplicável, o modo como Dante a abandonou a irritou.

Por outro lado, ela não tinha certeza se estava pronta para enfrentar o homem ainda. Particularmente quando havia algo sobre ele que fazia seu corpo apertar com uma tensão prazerosa. Quando ele empurrou para trás o capuz na noite passada, seu coração pulou uma batida. Ela sempre apreciara a beleza do rosto humano, e Dante não era exceção.

Apesar da escuridão, ele estava perto o suficiente para ela ver suas características afiadas e angulares. Foi impossível dizer a cor de seus olhos, mas seu escuro cabelo

tinha uma dica sobre isso, e *Deus*, aquela boca. Ele poderia facilmente agradar a uma mulher de muitas maneiras com aquela boca bonita. Seu estômago fez um ligeiro salto com aquele último pensamento. Como ele seria na cama?

Ela franziu o cenho. De alguma forma, Dante não parece ser o tipo que facilmente caía na cama com qualquer mulher que cruzava seu caminho. De qualquer forma, ele parecia um pouco tenso. Embora ela desse a ele pontos principais por ter o tipo de voz que poderia dar a uma mulher um orgasmo, mesmo sem tocá-la.

Ela atraiu uma respiração rápida, em seguida, soltou tão rapidamente. *Christus*, o homem não era apenas um *Sicari* – ele era um *Senhor Sicari*. E desde Michael, ela fez questão de só se envolver com *Vigilavi*. Eles entendiam a Ordem, e como ela, eles não tinham quaisquer poderes especiais. Eles não iriam rejeitá-la porque era uma aberração.

— *Signorina*.

Ela saltou quando alguém bateu em seu ombro, e ela virou para assumir uma postura defensiva. O jovem olhou-a com diversão, até que ela fez uma careta para ele. Em um instante, sua expressão tornou-se um educado respeito. Ele não poderia ter mais de quatorze ou quinze anos, mas ele tinha o ar de alguém muito mais velho.

— *Signorina*, estou aqui para levá-la ao *Tribune* Condellaire.

— *Tribune*? — ela estreitou seu olhar para ele com perplexidade enquanto um pequeno pensamento indefinível flutuava em torno de sua mente como uma louca borboleta. — Você quer dizer Dante?

— Sim, *signorina*. O *Tribune* gostaria que você se juntasse a ele no jardim.

Agora o homem queria vê-la. Ele deixou pairando toda manhã o sentimento perdido e fora do lugar, e ele finalmente decidiu que estava pronto para vê-la. Em vez de vir para ela, Dante enviara alguém para buscá-la. E *foi* uma intimação, que era como adicionar insulto à injúria. *Ele* precisava *dela*, não o contrário.

Ela tinha a informação de Angotti, e ela não ia deixar Dante fora do perigo quando se tratava de seu envolvimento. Ela estava indo para esse convento, ele gostasse ou não. Ela sacudiu a cabeça para ele.



— Mostre o caminho — ela disse.

O garoto mudou imediatamente ante ao seu tom de voz autoritário. Era como se ele de repente percebesse que ela não era apenas mais um rostinho bonito e ele a subestimou. Não foi surpresa para ela. Um monte de pessoas, a maioria *Pretorianos*, fazia isso. Era a desvantagem de ser bonita. Muitas vezes, a primeira impressão resultava em outros pensando que ela era uma fêmea impotente e sem cérebro. A verdade era que ela facilmente desistiria de sua aparência se pudesse ter uma capacidade *Sicari*. O jovem homem curvou-se ligeiramente em sua direção, em seguida, fez um gesto para que ela o seguisse.

Ele abriu o caminho para fora da sala e por um corredor que não explorara ainda. Trouxe-os em outro salão como o que eles acabaram de sair. Este quarto era semelhante a todos os outros que ela visitou esta manhã. Era elegantemente mobilado, obras de arte enchiam as paredes, mesas, e em qualquer lugar, não havia espaço disponível.

Apesar de sua pouca experiência, ela estava certa, a maioria, senão todas as obras de arte eram peças de valor inestimável. A casa era um potencial museu vivo.

Não. A palavra *casa* era um equívoco. Era realmente um palácio. No entanto, pequeno, mas um palácio. Cercado por um alto muro de pedra, despretensioso, a instalação do *Senhor Sicari* não pareceria muito lá da rua. Mas uma vez que se passava das portas e no interior, era de tirar o fôlego. Ela passou toda a manhã andando por pelo menos seis salas diferentes e estudando a decoração opulenta e obras de arte de cada quarto.

Eles se moveram de uma sala para a próxima através do corredor que os ligava, até que chegou a uma porta de vitrais. O jovem abriu a porta sem tocar a maçaneta. Ele se afastou e acenou com a mão em direção à porta aberta.

O ar no final da manhã era agradavelmente quente, apesar do fato de que não era bem abril ainda. Um corredor de treliças coberto com videiras provinha sombra do brilhante sol em um grande jardim ornamental situado no meio da casa. Ela pegou uns vislumbres do grande pátio de um das janelas mais cedo, mas quando ela saiu de debaixo da treliça, ela deu seu primeiro bom olhar no jardim.



Enquanto estudava ao seu redor, percebeu que a casa foi projetada como uma antiga residência romana, centrada em torno de um *peristylum*. As colunas de pedras que viu no caminho deveriam ser os restos de uma passarela *peristylum*. A brisa tinha, desde então parado, tornando-se um longo corredor que envolvia o seu caminho em torno do jardim.

Ela saiu de debaixo da passarela coberta e congratulou-se com o calor do sol em seu rosto antes que um movimento visto com o canto de seu olho desviou sua atenção. Em toda a extensão do pátio de pedra ela viu Dante passando movimentos lentos de um exercício de artes marciais.

Imediatamente, ela experimentou uma tranquilidade silenciosa que a deixava relaxada. Foi uma sensação estranha, quase como se ela estivesse experimentando seu calmo estado de espírito.

Porra, o que ela estava pensando? Ela não podia sentir emoções. Mas química física? Aquele homem tinha de sobra, e ela adorava olhar para ele.

A única coisa que ele usava era um par de calças pretas e folgadas. Em transe, ela assistiu a perna subir em um alto chute lento, flexionando o pé para dentro com os braços estendidos em perfeita posição. Os músculos de suas costas ondulavam enquanto ele lentamente descia o alto chute e caía em direção ao chão.

Em um movimento controlado, a perna deslizou para um lado, enquanto todo o seu corpo ficava agachado até que ela não conseguia ver nenhum espaço entre a sua perna estendida e o chão. Quando ele se moveu, a mão seguiu a linha de sua parte interna da coxa, deslizando em direção ao seu pé, em seguida, para o ar. O lento e definido movimentos de seu exercício mostrou o poder de seus musculosos braços e enfatizou a força das suas pernas.

Ela não se moveu um centímetro enquanto observava-o se mover fluidamente de uma posição para a próxima. Era como assistir a um grande tigre em uma área restrita. Poder primitivo letal oculto sob a pele, e a promessa de uma velocidade incrível. Mesmo que ela quisesse, não poderia ter se afastado, porque ele era bonito de assistir.



Seu olhar seguiu o caminho que seus braços fizeram através do ar, e ela não podia deixar de lembrar como ele levou-a para o carro na noite passada. Ela gostara disso. Talvez um pouco demais. E agora, vendo-o assim... Sua mente mudou o compasso quando ela imaginou passando as mãos sobre o delicioso peito, ombros e costas. A partir daí, seus pensamentos ficaram um pouco selvagem quando imaginou o que mais ela gostaria de fazer ao homem.

A maneira como ele de repente enrijeceu, então parou seu exercício e girou ao redor e seu rosto fez uma careta enquanto ela caminhava em direção a ele. *Christus*, o cara estava corado? Não, ele não poderia estar. Esforço. Isso é o que deveria ser. Claro, se ele leu sua mente – ok, esse pensamento não a fez feliz.

Telepatia era uma intimidade que requeria permissão entre os *Sicari*, e ela não dera a ele. Ela não se importava *quão* glorioso o seu corpo era. Um segundo pensamento, ela poderia ser capaz de dar a ele um pouco por esse motivo. E *Deus*, ele tinha um corpo.

A cor em seu rosto parecia se aprofundar, e ela olhou para ele desconfiada quando parou na sua frente. Inferno, ele parecia como se ela o tivesse pegado com a mão num pote de biscoitos. Então, novamente, talvez tenha sido porque ela ainda estava babando em cima dele como uma mulher que não fazia sexo há algum tempo.

Ela ignorou a voz que enfatizava exatamente quanto tempo havia sido. Em vez disso, ela lembrou a si mesma que ele a abandonou na noite passada e levou um tempo para chamá-la esta manhã. Para não mencionar como ele enviara o júnior em vez de vir ele próprio.

— Você queria me ver? — sua irritação com a maneira como ele a deixou esperando a manhã inteira veio alta e clara em sua voz.

— Sim, nós precisamos conversar sobre o que Angotti te disse. — Dante afastou-se dela e pegou uma jaqueta preta de artes marciais fora da área gramada onde estava se exercitando.

— Não até eu ter algumas garantias de você sobre me incluir na missão de resgate — ela disse enquanto olhava-o encolher os ombros sobre o casaco, em seguida fechá-la.



Quando a faixa se amarrou em sua cintura, ela observou suas mãos fortes e dedos longos. No momento seguinte ela imaginou as mãos acariciando seus peitos, esfregando seus polegares em seus mamilos até que doessem por ele os chupar. A imagem a deixou molhada, e ela puxou uma respiração profunda, em seguida, lançou em exasperação. *Merda*, ela precisava parar de pensar sobre o corpo do homem e focar no tema em questão. Mas porra, o homem realmente era um doce delicioso para os olhos. Ele era um algo quente esperando para dissolver em sua língua. Uma expressão estranha atravessou seu rosto quando ele encontrou seu olhar. Pela segunda vez, ela tinha a impressão de que ele estava envergonhado.

— Tenho algumas preocupações sobre deixar você ir para o convento.

— Como o quê? — Cleo estreitou seu olhar para ele. Se ele sequer mencionar sua falta de habilidades especiais, ela o acertaria.

— Você realizou uma execução sem um parceiro, apesar de saber a regra vigente em Roma. — Houve um tom afiado em sua voz que dizia que ele não ia ceder facilmente.

— Eu disse o porquê de estar sem um parceiro — ela retrucou. — Eu teria de explicar as minhas razões para grelhar Angotti, para não mencionar os meus métodos.

— Foi imprudente.

— Imprudência implica que corri para um assassinato sem um plano, o que não é verdade. Eu planejei o assassinato de Angotti, cuidadosamente, e enquanto os *Pretorianos* foram uma pequena surpresa, eu sabia que era possível eles aparecerem — ela disse em uma voz prática. — Eu pesei todas as opções, e meu plano era um risco que eu estava disposta a tomar. Angotti tinha a informação que eu queria. Se houvesse outra maneira de conseguir o que eu queria, eu teria tomado à rota. Mas não havia.

Ela trabalhou duro para evitar parecer defensiva enquanto ele estudou-a com um olhar cuidadoso que ela já estava começando a reconhecer, apesar de ter conhecido-o a menos de um dia. Sua expressão de avaliação e cálculo lembrava a de Lysander, quando ia avaliar uma decisão que ele precisava tomar. Ele até inclinou a cabeça da mesma maneira que Lysander fazia quando considerava alguma coisa.

Agora que ela podia ver Dante em plena luz do dia, a semelhança entre os dois homens era muito notável. Ela zombou da ideia. Ela estava com a memória de como Lysander costumava parecer. Foi mais de um ano desde aquela noite no armazém de Chicago quando encontrara Lysander com metade de seu rosto arrancado.

Ainda assim, havia algo semelhante sobre o homem que era como um irmão mais velho dela e o *Tribune* em pé na frente dela. Os dois homens pareciam o suficiente para ser irmãos. Ela rebateu a ideia de como sua imaginação estava à solta esta manhã. Quando ela estudou seu rosto, poderia dizer que ele estava pensando muito sobre como responder a ela. Ele sabia que não tinha habilidades especiais *Sicari*? Era do conhecimento geral na Ordem que ela era diferente. Ela se encolheu com o pensamento.

Dante cruzou os braços sobre o peito e olhou-a com cuidado. Ele sabia. Cleo estava certa disso. Era por isso que ele estava olhando-a assim. Lysander sempre teve esse olhar, quando estava prestes a dizer algo que ela não queria ouvir. Agora Dante ia dizer que ela não poderia ir com ele na missão, porque ela não era verdadeiramente *Sicari*.

— Um ataque ao convento é muito perigoso...

— *Não*. Nem *pense* em ir por aí — ela retrucou com veemência. — Só porque eu não tenho nenhuma habilidade *Sicari* não significa que eu não posso lutar. Como *isto*.

Com um movimento rápido, ela chutou o pé para se ligar ao redor da parte de trás da perna de Dante e puxou forte. Ele facilmente frustrou sua tentativa de deixá-lo ao chão, retorcendo o seu corpo no ar quando ele caiu para trás. Em menos de um segundo ele aterrissou em uma posição agachada, e seu pé atacou sua perna. Ela atraiu uma respiração afiada quando rapidamente pulou para um lado. Ela era louca. Ela acabou de atacar um *Senhor Sicari*.

Instintivamente, ela dançou para trás quando ele ficou na posição vertical. A expressão no rosto disse que não estava feliz. Sem grande surpresa lá. Dedos invisíveis acondicionaram em torno de ambos os braços quando ele lentamente usou sua habilidade telecinética para atraí-la na direção dele. Ela sabia que não devia resistir, e em vez disso, ela deliberadamente se jogou para frente.



O movimento o surpreendeu, e como ela se chocou contra ele, seu impulso atirou-o fora do equilíbrio. Um instante depois, ele estava de costas e ela estava em cima dele. Polegadas entre seu rosto e o dele, ela foi capaz de ver a cor dos seus olhos pela primeira vez. Eles eram à sombra de um mar bravo à noite. Azul escuro e misterioso. *Christus*, sua voz não era a única coisa sobre ele que seria fácil fazer uma mulher esquecer-se com quem ela chegou à festa.

Com seus olhares trancados, ela respirou o aroma picante de especiarias. O potente perfume masculino despertando uma imagem de uma noite quente, pele quente, e desarrumados lençóis de seda. Abaixo da palma da mão, ela podia sentir a batida do seu coração. O som da respiração irregular chamou sua atenção. Aquele som vinha dela?

Não, não só ela. Sua respiração era tão forte e superficial. A tensão era palpável nele, e seu batimento cardíaco acelerou enquanto a súbita pressão de sua ereção crescia contra a sua coxa. Seu olhar foi para baixo, derivando em sua boca, e um travesso desejo de romper a forma restrita dele a varreu.

Ela não pensou. Ela simplesmente agiu no impulso do momento e inclinou a cabeça para escovar os lábios em uma tentativa de beijo. Ela só quis que isso fosse um toque rápido, mas o fresco gosto de hortelã fez sua boca demorar contra ele. Seu corpo ficou rígido embaixo dela.

Desejo enrolou pelo seu ventre para espalhar o calor através de seus membros. Sua excitação endureceu ainda mais, e ela deslocou seu quadril até que seu comprimento rígido foi pressionando no ápice de suas coxas. Sua boca se movia contra o dela, e ela mordiscava o lábio inferior com os dentes. *Deus*, mesmo sem tentar o homem a tinha tão excitada que estava disposta a esquecer que ele era um *Senhor Sicari*.

Ela endureceu contra ele. Ele estava certo. Ela *foi* imprudente. Primeiro ela bateu em um *Senhor Sicari*, e agora tentava seduzir um. Constrangimento deslizou sua rede dolorosa em torno dela quando ela quebrou o beijo e levantou a cabeça. O mundo de repente mudou, e Dante revirou mais até que ele era o único em cima.



Sua expressão era dura quando ele olhou para ela. Se ela não estivesse tão humilhada por sua tentativa de sedução, ela poderia ter pensado que ele estava envergonhado também. Ela engoliu em seco com a maneira como ele rapidamente se levantou e se afastou dela. A maneira dura mudou e deu a impressão de que ele se sentia sujo estando tão perto dela.

Não que isso iria surpreendê-la. Havia um monte de homens *Sicari* que encontrava sua falta de habilidades pouco atraente. Exceto Michael. Ele não ligou até o dia que ela perdeu o bebê e sua capacidade de ter filhos. Mas isso fez sua rejeição ainda mais dolorosa. Sem qualquer ordem de Dante, ela se esforçou para seus pés. Cabeça baixa, ela respirou uma respiração afiada.

— Sinto muito, *il mio signore*, você estava certo. Eu sou imprudente e mereço qualquer sentença que você aplique.

Humilhação segurou-a rígida na frente dele, e ela pulou quando ele pronunciou um violento juramento sob sua respiração. O olhar dela se empurrou para cima com o som. Desejo, raiva, confusão, endureceram sua expressão em uma fachada de gelo quando ele se virou para longe dela.

— Não é sua habilidade de luta que me preocupa — ele rosnou.

— Eu não entendo. — Intrigada, ela balançou a cabeça em perplexidade.

— É *quem* você é que é o problema.

— Quem eu...

Cleo enrijeceu quando o impacto de sua declaração se chocou contra ela. Marcus Vorenius. De repente, agora que as pessoas sabiam que ela era filha de um *Senhor Sicari*, ela precisava ser manuseadas com cuidado. Bem, ela se recusava a deixar alguém tratá-la como um objeto precioso.

— Eu quero falar com ele — ela disse com um silencioso silvo passado pelos lábios. — *Agora*.



Suas feições inexpressivas, Dante virou a cabeça na direção dela. Aqueles olhos escuros, tempestuosos estudaram-a por um breve momento, antes que ele acenasse com a cabeça acentuadamente.

— Vem.

Sem esperar por sua resposta, ele se virou e foi em direção ao canto do jardim. Cleo o seguiu com uma passada rígida que combinava com a dele. Ela estaria nesta missão queira Dante Condellaire ou Marcus Vorenius gostar ou não. Em todos os cantos do seu cérebro um gatilho disparou, mas ela não prestou qualquer atenção. Tudo o que ela se preocupava no momento era ter certeza que seria incluída na missão de resgate.

Ela colocou muito esforço em pesquisar, analisar e planejar o ataque ao convento para não ser incluída na equipe da missão. Não havia como saber o que sua informação poderia trazer para a mesa em termos de um plano de resgate, mas era claro que Dante não tinha informação suficiente para mover seu próprio plano para frente.

Se ele tinha, não teria tentado pressioná-la a contar o que revelara Angotti. Isso explicaria por que ele estava com tanta raiva na noite passada. Ele estivera furioso por não ter chegado antes da execução de Angotti.

Enquanto seguia para a casa de Dante, ela lutou para ganhar o controle de sua raiva. Se ela quisesse convencer Marcus a deixá-la participar do resgate de Marta, ela precisava parecer lógica e racional quando falasse com ele. Eles passaram por várias salas através do corredor que cercaram a pátio, até que se transformou em um pequeno corredor que levava a uma sala de monitoramento.

Levou um momento para se ajustar à iluminação baixa, e quando ela fez, viu quase vinte diferentes telas de vídeo que vigiava o perímetro da mansão. O jovem e a mulher assistindo o vídeo imediatamente ficaram de pé quando Dante entrou na sala. Acenou para ficarem sentados e se virou para a mulher.

— Mary, entre em contato com White Cloud e obtenha Sua Eminência na tela.

— *Si, il mio signore* — a mulher disse enquanto ela girava em torno de sua cadeira para enfrentar o console.

Cleo fez uma careta. Eminência. A palavra fez Marcus ainda mais *importante*. Enquanto a mulher no console trabalhou rapidamente para conectá-los, Dante estava ao seu lado com os braços cruzados sobre o peito como um guardião silencioso à espera de ser chamado de volta ao dever. Ela estava certa de que ele esperava que Marcus anulasse seus protestos. Ironicamente, ela também. O silêncio na sala era quase sufocante, enquanto esperavam, mas ela se recusou mostrar ansiedade.

Ela estava prestes a ir cabeça-a-cabeça com um poderoso *Senhor Sicari*, e mesmo se ele fosse seu pai biológico, ainda era um pensamento assustador. Um dos monitores piscou com o movimento, e sua garganta fechou com o medo. Inferno, enfrentar esses dois *Pretorianos* na noite passada não dera tanto medo assim. A realização a fez ficar com raiva.

Ela não tinha nada a temer. Esta era sua vida, e tinha o direito de vivê-la como quisesse. Quando a face de Marcus apareceu na tela, Dante apontou para o fone de ouvido que a jovem no console oferecia. Cleo hesitou por apenas um segundo antes que ela se adiantasse para tirar a microfone e sentar-se em frente da tela de vídeo. Ela não tinha certeza de como começar, e Marcus limpou a garganta.

— Fico feliz em ver que você está segura e bem, Cleópatra — o *Senhor Sicari* disse calmamente. — Eu entendo que você se meteu em um bocado de problemas.

Cleo olhou por cima do ombro, para Dante, cuja expressão não havia mudado. Ela olhou para o monitor e balançou a cabeça. — Nada que eu não poderia lidar, mas a assistência do *Tribune* tornou mais fácil para eu chegar a um curador.

— Curador?

Ela viu Marcus franzir a testa, e Dante rosnou com desagrado diretamente atrás dela. Assim, o *Tribune* não contou tudo para Marcus sobre a noite passada. Era possível que Dante não mencionara o seu plano para resgatar as mulheres no Convento da *Mãe Sagrada*? Ela subitamente tinha certeza de que ele não fez.

Ela gostava disso. Ele deu uma oportunidade a ela. Ela balançou a cabeça.

— Só um corte na perna. Eu estou bem.

— Ótimo. — Apesar de uma dica de suspeita ainda permanecer em suas feições, Marcus parecia razoavelmente satisfeitos com a resposta dela.

— Nós temos um pequeno problema, no entanto — ela disse com voz firme. — Tenho alguns assuntos pessoais aqui em Roma que eu gostaria de encerrar antes de voltar aos EUA.

— Negócios pessoais? — a nota de questionamento em sua voz combinava com a desconfiança de sua expressão.

— Um amigo com quem quero passar um tempo — ela disse suavemente. O que era verdade. Ela queria ver Marta de novo. — Enquanto eu estava aqui, eu pensei que eu poderia oferecer minhas habilidades para a associação de Roma, mas o *Tribune* aqui parece pensar que a minha linhagem deve limitar-me aos deveres que envolvam menos... risco.

— Eu entendo — Marcus murmurou.

Cleo apertou seu maxilar enquanto ela olhava a tela do monitor de perto. Pela primeira vez, ela podia ver uma semelhança entre ela e o homem que era seu pai. Ele estava claramente calculando uma resposta projetada para mantê-la sob controle sem parecer que foi manipulada. Ela não estava prestes a dar a ele tempo para encostá-la em um canto.

— Estou feliz que você entende, porque eu tenho certeza que minha mãe deve ter informado-o até agora que eu não gosto de ser tratada de forma diferente dos outros.

— Eu não estava sugerindo que deveria ser, Cleópatra.

O *Senhor Sicari* usou seu nome formal, o que irritava seus nervos. Ela realmente não gostava quando as pessoas a chamavam por seu nome completo. Isso sempre fez sentir-se como se ela fosse uma criança de novo, prestes a ser repreendida pela mãe. Embora, pensando nisso, ela realmente não se incomodou quando Dante usou seu nome completo. Soou suave e encantador quando ele disse isso. Ela focou sua atenção de volta para a conversa.

— Bom. O *Tribune* aqui me preocupou com a ideia que de repente eu estaria presa só porque acontece... de *conhecermos um ao outro*. — Ela olhou fixamente para a tela na frente dela e viu um flash de frustração escurecer o rosto de seu pai.

— Não. Você é livre para realizar seus deveres — Marcus respondeu com um rosnado. — Tudo que eu peço é que você tenha em mente que a *Prima Cônsul* vai me culpar se algo acontecer com você.

À menção de sua mãe, fez Cleo fazer uma careta. O homem não estava sendo justo. Só porque Cleo ainda estava irritada por ser enganada não significava que não amava sua mãe. E ela sabia que sua mãe a amava. Mas ela ainda não estava pronta para lidar com a questão ainda. Mantinha uma ferida crua que precisava de um pouco mais de tempo para curar. Ela inclinou o queixo ligeiramente em desafio antes de concordar fortemente.

— Entendido — ela colocou para fora. — Embora, nós dois sabemos que a *Prima Cônsul* não tem ninguém para culpar, exceto ela mesma.

— Você também a julga duramente, Cleópatra — Marcus disse calmamente.

A observação foi exatamente o mesmo que Ignacio fizera quando ela soube a verdade sobre seu pai. *Merda*, Marcus ainda estava apaixonado por sua mãe? Ela tomou uma respiração profunda. Ela com certeza não queria enfrentar essa questão no momento. Foi difícil o suficiente se confrontar com o fato de que tinha um *Senhor Sicari* como pai, muito menos a possibilidade de que ele poderia se tornar uma presença permanente em sua vida.

— Eu julgo-a nada menos do que julgo a mim mesma. Eu só preciso de tempo.
— Sua resposta calma tirou um aceno relutante de Marcus.

— Como quiser. Quando estiver pronta, venha para casa, para White Cloud. Eu sei que sua mãe sente falta de você.

Cleo acenou com a cabeça, em seguida, puxou o fone de ouvido fora e jogou-a para a mulher se movendo para o console, antes que se apressasse para fora da sala de controle para o pátio. *Deus*, porque pela Pedra de Júpiter, de repente e se sentia

péssima com toda esta situação com sua mãe? Não era como se *ela tivesse* feito nada errado.

O momento em que ela saiu para a luz do sol, fechou os olhos e ergueu a face para cima ao sol, algo úmido atingiu seu rosto, e ela piscou tentando ver o céu azul que não passava de um borrão. Porra, ela estava chorando. Cruelmente enxugando as lágrimas do rosto, ela arrastou uma respiração profunda e soluçou passeando pelas pedras que levavam até o centro do *peristylum*.

Ela odiava quando chorava. Já era ruim o suficiente que assistira a filmes tristes, mas mais de seus próprios problemas? Com as mãos nos quadris, ela fechou os olhos e desejou que as lágrimas desaparecessem. Ela não queria que alguém sentisse pena dela, muito menos Dante. Ela não precisa ou queria a pena de ninguém, não importa o motivo.

A parte de trás do pescoço de repente começou a formigar antes da disseminação da sensação. Dante. O que esse cara tinha que fazia todo o seu corpo apitar como um detector de metal? Ela rapidamente afastou os restos de lágrimas e se virou para ele. Ele parou na frente dela e estudou-a por um longo momento.

— Você está bem?

— Sim — ela disse, enquanto balançava a cabeça afirmativamente.

— Bom.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que sentia essa coisa estranha. Não só o deixou cair ao chão, mas ela também o beijou. *Deus*, ela reagiu como uma aluna da terceira série no recreio, enquanto Sir Galahad¹² aqui fizera a coisa cavalheiresca e apenas a rejeitou. Ela devia a ele um pedido de desculpas. Hesitou, mordiscou seu lábio inferior. Será que ela realmente quer abrir essa caixa de Pandora de novo? Ela apertou sua mandíbula. Sim, ela realmente queria.

— Sinto muito sobre o que aconteceu antes.

— Eu não preciso de um pedido de desculpas.

12 Galahad era filho natural de Lancelote. Um dos cavaleiros de Artur.



— Talvez não, mas você tem um de qualquer maneira — ela disse com uma voz firme e com embaraço. — Eu não deveria ter derrubado você no chão dessa maneira... e eu... bem, o beijo só parecia ser a coisa a fazer no momento.

— Você acabou? — sua pergunta a fez virar sua cabeça para cima para ver um olhar estranho no rosto. Então, Deus a ajude, se ele estivesse rindo dela, ela o deixaria no chão novamente. *Senhor Sicari* ou não.

— Sim, eu acabei.

— Então, vamos seguir em frente — ele disse calmamente. — Eu não quero levá-la comigo para o convento, mas algo me diz que eu não tenho muita escolha.

— Você quer dizer o fato de que você não mencionou seu pequeno projeto para Marcus?

— Correto. — Sua boca apertou quando ele fez uma careta para ela. — No minuto que você contornou essa questão com Marcus, eu sabia que você iria manter os meus pés no fogo.

— E você estava certo. — Ela ofereceu um pequeno sorriso de triunfo. — Então, como vamos proceder?



Oito

A pergunta de Cleópatra o fez fazer uma careta. Ela tinha os mesmos instintos que seu pai. Ela não perdeu o fato de que ele evitara dizer a Marcus seus planos. Assim como ela sabia na noite passada que um parceiro teria impedido sua capacidade de obter informações de Angotti, ela sabia que Marcus não iria tolerar o resgate de Beatrice do convento. Cleópatra não hesitaria em usar esse conhecimento para seu benefício. Resignada a participar, ele olhou a expressão de satisfação com mais de um toque de irritação.

— Depois de comparar as informações sobre o que nós dois sabemos, vamos formular um plano de ataque — ele disse, enquanto olhava para suas roupas. — Agora, eu preciso trocar de roupa e dar a Cornelia uma mensagem de Marcus.

Dante respirou afiado quando o seu olhar deslizou sobre ele, e seu peito se apertou com a maneira como seu corpo respondeu imediatamente a ela. Ele esteve lutando para manter-se fora de seus pensamentos desde que ela entrou pela primeira vez no jardim esta manhã. Mas seu controle deslizou drasticamente no minuto que as imagens de sua cabeça encontraram seu caminho para a sua.

Agora, a partir desse olhar sugestivo em seu rosto, ele fazia uma boa ideia do que ela estava imaginando. Ele imediatamente fortaleceu seu escudo mental, mas foi impossível permanecer insensível a ela. Ela tinha uma sensualidade inata que dava a aqueles lindos olhos violetas um sonolento olhar sensual. Uma parte dele se

perguntou se isso era o que parecia quando ela acordou de manhã – pronta e disposta a ser beijada.

Sua mente vacilava na imagem que criava raízes em sua cabeça, e sua boca ficou seca enquanto ele lutava para manter seus sentidos de substituir o seu autocontrole. A expressão de seu rosto se tornou uma confiante diversão quando ela sorriu para ele. De repente ele percebeu que ela havia dito algo a ele, embora ele estivesse perplexo com o que isso era.

— O quê?

— Eu perguntei se você precisava de ajuda — ela disse com um sorriso travesso.

— Ajuda? — a imagem erótica dela despindo-o, acertou-o com a força de um pontapé *Pretoriano* em plena força.

— Sim, eu perguntei se você quer que eu encontre Cornelia enquanto você se troca. Mas se precisar de ajuda com outra coisa...

Sua voz foi sumindo no nada e deixou pouco à imaginação. *Christus*, a mulher estava tentando seduzi-lo. E fazia-o bem, dada à força da sua ereção. Um nó se desenvolveu em sua garganta com a súbita vontade de ler os pensamentos dela. Ele violentamente reprimiu o desejo.

Era ruim o suficiente que ele entrou acidentalmente em seus pensamentos antes. Que era o suficiente de uma educação para um dia. Um calor ardente encheu o rosto, e ele sabia que estava corando como um adolescente. Irritado com a sua incapacidade de praticar o controle que aprendera no segundo *Tabulati* do *Novem Conformavi*, o fez fazer uma careta para ela.

— Não, eu vou encontrar Cornelia após terminar de me trocar. — Ele podia ouvir o rugido de irritação em sua voz, e, aparentemente Cleópatra também, porque um pequeno sorriso escapou de seus cheios lábios. Ele suprimiu um juramento de frustração, e não tinha certeza se sua irritação era o resultado de seu riso ou o fato de que ele havia focado em sua boca. — Vou encontrá-la na biblioteca depois do almoço, para que possamos discutir nossos próximos passos.

— Ok — ela disse com um ligeiro encolher de ombros quando ela deslizou seu olhar sobre ele mais uma vez. — Mas, se você precisar de mim para...

— Não — ele arrebentou. — Com licença.

Ele afastou-se dela, muito ciente de que não era o tipo de saída que ele gostaria de ter feito. Pelos deuses, ele estava em apuros. Cleópatra era diferente de qualquer mulher que já conheceu. Havia algo sobre ela que deixava cada um dos seus sentidos fora de controle quando ele chegava perto para ela.

Levou apenas um par de minutos para chegar aos seus aposentos, e a forma como a porta se fechou atrás de si apenas enfatizou o impacto que a mulher causava nele. A serenidade e o autocontrole que ele recuperara a partir da interação de ontem à noite com Cleópatra desapareceu no instante em que ela entrou no pátio.

Sua habilidade sempre foi forte quando se tratava de sentir a presença de outros, mesmo quando não podia vê-los. Mas sua percepção sensorial falhara no segundo que Cleopatra chegara perto do *peristylum*. Com um ruído de frustração, ele entrou no banheiro. Um chuveiro sempre teve uma maneira de ajudá-lo a pensar em seus problemas. E Cleópatra era um dos maiores problemas que ele vinha enfrentando há algum tempo.

Pelo tempo que ele estava nu, a água estava quente, e ele rapidamente entrou sob o chuveiro. Mãos apoiadas contra o azulejo, ele saudou a pulsante pulverização batendo em seu pescoço. O ritmo constante era geralmente um calmante para ele, mas não hoje. *Christus*, quando ele perdeu sua capacidade de controlar suas emoções? Todos os níveis do *Novem Conformavi* construídos sobre a fundação anterior, e na idade de onze anos ele se destacou por controlar suas reações à tudo o que encontrava. Agora, depois de todos os seus anos de treinamento, ele de repente descobriu que seu controle tinha limites.

Quando sentiu a presença de Cleópatra no jardim, ele estava determinado a terminar o seu exercício e ficar indiferente aos sentimentos que ela despertava nele. Sua determinação de controlar suas emoções e terminar o seu treino interferiu com sua capacidade de evitar penetrar na borda periférica de seus pensamentos. Doce Juno, que pensamentos.



Quando a mulher o viu fazendo exercícios, ela esteve imaginando os dois entrelaçados em atos de prazer que ele nem sequer sonhava. Quentes e incríveis imagens o empurraram para fora de sua rotina de exercícios. E ele não foi capaz de eliminar aquelas imagens de sua cabeça desde então. Seu pau endureceu quando as visões que ele viu em sua mente continuavam tocando uma e outra vez em seus próprios pensamentos.

Como ele poderia trabalhar com ela quando o seu corpo tinha ideias próprias onde ela estava presente? A água do chuveiro batendo em suas costas e olhou para baixo em sua ereção crescente. Era um teste. Os deuses o estavam testando a sua lealdade ao *Absconditus*. Eles a mandaram para tentá-lo. E Juno sabia que ela era uma tentação diferente de qualquer outra que ele enfrentou.

Fechando os olhos, ele tentou fechar a memória de sua atração exibida abertamente a ele. Ele pode ser inexperiente, mas o sorriso dela foi um claro convite ao pecado. Ele tinha certeza que era por causa do que viu em sua cabeça. Desesperado, ele tentou ignorar as imagens em seus pensamentos, mas não conseguiu.

Ainda mais condenatório era a maneira que seu corpo latejava por algo que ele entendia, mas nunca experimentara. Ele engoliu em seco. Apesar de seu desejo de manter seu controle, ele sabia que havia apenas uma maneira de aliviar a necessidade pulsante através dele.

Com um aperto brutal, ele agarrou sua ereção em uma mão e acariciou a si mesmo. O efeito imediato foi de um prazer intenso, apesar de sua intenção de torná-lo de outra forma. Uma imagem de Cleópatra em uma posição erótica flutuou através de sua cabeça e seu pau pulou duro em sua mão. Outra imagem dela encheu sua mente, e ele lançou um gemido, baixo e forte quando seu corpo exigia satisfação.

A água correu em cima dele, engoliu em profundas respirações enquanto bombeava forte e rapidamente sobre sua ereção. Mais imagens eróticas de Cleópatra voaram através de sua cabeça, cada uma mais potente do que a outra. Com toda a visão excitante, a fricção ficou mais intensa enquanto ele trabalhou a sua mão mais e mais rápido.



Calor subiu por suas veias, espalhando o seu caminho em todos os músculos do seu corpo até que ele apertou seu saco fortemente. Com um grito, ele jogou sua cabeça para trás e bombeou seu pau até que acabou os últimos de seu fluido branco. Respirações profundas e fortes rolaram para fora dele quando se encostou ao frio azulejo, o banho espirrava sobre a metade inferior de seu corpo. Deus, ele se masturbava antes, mas nunca como isto.

No passado, as imagens em sua cabeça eram de rosto, mulheres desconhecidas para ajudá-lo a satisfazer a dor física do seu corpo, mais nada. Mas agora – isso foi algo completamente diferente. Quando ele bombeou a mão sobre seu pênis, ele imaginou mais do que apenas o rosto de Cleópatra e o corpo.

Ele imaginou como seria experimentá-la pela primeira vez. Sua primeira vez com uma mulher. Ele abaixou a cabeça e permitiu que a água descesse sobre o dorso de seu pescoço. De alguma forma ele estava certo de que sua mão em seu pau estava longe de ser tão satisfatório como estar dentro de Cleópatra seria.

Masturbar era apenas a sua tentativa desesperada para satisfazer seu desejo gritante para uma mulher que seu voto de abstinência disse que não poderia ter. Ele falhou. Um tremor lançou-se através dele. Ele estava na beira de um precipício, e se não pisasse levemente, ele cairia em um abismo. O pensamento o assustou como o inferno. Com um grunhido de frustração, ele bateu as palmas contra a parede de azulejos atrás dele e se empurrou para trás sob o spray de água.

Pouco depois, ele acabou de rolar as mangas de sua camisa sobre seus braços, quando sentiu uma presença antiga que ele conhecia bem. Plácido. Centrando seus pensamentos, ele se concentrou em encher sua consciência com a tranquilidade que aprendeu no quinto nível do *Novem Conformavi*.

Quando uma sensação de calma tomou conta dele, ele ofereceu uma breve oração a Júpiter para que ele reconquistasse a parte da paz que perdera nas últimas 24 horas. Isso iria ajudá-lo a corresponder a perspicácia do velho *Senhor Sicari*, cujo intelecto era só rivalizado por suas habilidades lendárias como intuição e vidência.

Com um toque invisível, Dante fechou as portas dobráveis de seu armário e a gaveta de roupas. Quando entrou em sua sala de estar, ele mentalmente abriu as



portas para o mais velho vivente *Senhor Sicari*, antes que o homem pudesse bater. Mais de 80 anos de idade, o antigo guerreiro ficou parado na porta do apartamento de Dante, com um sorriso de satisfação no rosto.

— A força de suas habilidades continua a crescer, meu filho. Um dia você vai ser ainda mais poderoso do que Marcus ou a mim mesmo.

— Você me honra com sua presença e suas palavras — Dante disse enquanto convidava o homem à sua casa com um laço de respeito.

Plácido foi o líder reinante da *Absconditus*, mas ele se rendeu aos deveres para com Marcus anos atrás. Embora ainda mantesse o título honorário de *Senhor Sicari*, seu papel era o de consultor e professor dos alunos mais jovens inscritos no *Novem Conformavi*.

O idoso *Senhor Sicari* ainda possuía um porte altivo e forte passos, mas ele parecia mover-se mais lento a cada ano que passava. Eventualmente o tempo viria para juntar o velho homem com os outros *Senhores Sicari* nos Campos Elísios. Seria então quando o *Absconditus* perderia um mentor e sábios conselhos, ao mesmo tempo Dante perderia um bom amigo. Quando o seu olhar encontrou o de Plácido, o homem idoso enviou um olhar de desgosto.

— A partir da expressão em seu rosto, você não pensa mais em mim para o *Rogalis* — o velho guerreiro estalou. Quando Dante fez uma careta, o velho suspirou pesadamente.

— Você não está errado de pensar assim.

— Estou certo que há muitos anos ainda antes de planejar o seu funeral.

— Muitos? — Plácido bufou com diversão cínica quando ele arqueou uma sobrancelha para Dante. — Eu não vim aqui para discutir o meu futuro. Gostaria de discutir o seu.

— Meu?

Dante franziu a testa em perplexidade. O que havia para discutir? Ele era *Tribune*, aparentemente herdeiro do *Senhor Sicari* reinante. Quando Marcus saísse de sua posição, Dante tomaria seu lugar. Foi decidido há muito tempo.

— Eu entendo que temos um convidado. — Foi uma declaração, mas Dante ouviu a pergunta na voz de seu amigo.

— Sim, filha de Marcus — ele disse com um aceno. — Quando ele comunicou ontem, mencionou que Cleópatra ainda estava em Roma. Decidi manter um olho nela para ele.

— Eu entendo. — Plácido se moveu em direção as portas da varanda que dava para o *peristylum*. Abriu-as e tomou uma respiração profunda de ar fresco. — Eu vi a *Signorina* Vorenius da janela da biblioteca. Ela é muito bonita.

A declaração pegou Dante desprevenido, mas ele conseguiu manejar a calma que encontrara no seu centro, apesar das observações do seu amigo. Ele não estava certo porque Cleópatra teria interessado Plácido.

— Ela é. — Ele manteve sua simples resposta. Ele aprendeu há muito tempo que o velho guerreiro desfrutava de testes.

— Eu sinto uma perturbação em você. — Plácido se afastou da porta aberta e estreitou seu olhar para ele. — Você está com problemas.

— Estou desconcertado.

Tecnicamente, não era mentira. O primeiro nível do *Novem Conformavi* foi ensinado anteriormente, e ele estava com cinco anos quando aprendeu os princípios do primeiro *Tabulati*. Honestidade, lealdade e generosidade foram às bases para os outros oito níveis de formação. Não que ele havia praticado-os na noite passada. Sua mandíbula trancou com a tensão. Sua resposta simplesmente evitou falar o óbvio, porque ele estava completamente em apuros.

— Desconcertado — Plácido murmurou com um aceno sábio de cabeça.

Era evidente que a escolha de palavras de Dante não enganara o velho. O *Senhor Sicari* o estudou por um longo momento antes de se voltar para a vista do jardim. O



silêncio na sala fez seu caminho através de sua pele como uma lâmina afiada. Por um breve momento, seus pensamentos correram de volta para as imagens que viu na cabeça de Cleópatra e como a sua libertação no chuveiro foi um alívio temporário do desejo que ela despertou nele.

Ele estava começando a perceber que era muito mais profundo do que ele pensava inicialmente. Isso explicou por que a natureza intuitiva de Plácido o trouxe aqui. Dante estava em uma luta desesperada com sua atração por Cleópatra, e o velho *Senhor Sicari* sabia disso. Mas Dante não estava pronto ou disposto a discutir o assunto com o seu amigo. Isso era algo que ele precisava resolver por conta própria. Ele limpou a garganta.

— Marcus me pediu para vigiá-la até que ela voltasse para Chicago, então ela vai ficar aqui por um tempo. — Ele ficou satisfeito que sua voz não exibía nenhuma das emoções caóticas de mais cedo.

— Eu sinto que *Signorina* Vorenius é o motivo pelo qual você está... desconcertado — Plácido disse com uma dica que soou como satisfação divertida quando se virou para olhar para ele.

— Sua presença tem sido um pouco perturbadora, mas é temporária.

— O que é? Sua presença ou seu estado desconcertado? — desta vez o leve sorriso do velho guerreiro fez óbvio que ele estava entretido pela condição de Dante.

— Ambos. — Ele se forçou a permanecer em silêncio diante da zombaria suave do outro homem.

— Bom. Pelo menos você admite que ela o afeta.

— Como eu disse. É temporário — Dante disse com firmeza. — Ela é simplesmente um teste.

— Ah sim, o seu juramento. — Plácido inclinou a cabeça para esfregar a mão retorcida sobre o seu queixo. — Você se lembra quando terminou o terceiro *Tabulat*? Seu aniversário de quinze anos, eu acho.

— Sim. Se bem me lembro, meu teste final envolveu a fome e um bolo de chocolate.

— Um teste para ver se você entendia o conceito de temperança — o velho guerreiro murmurou com uma voz cheia de algo que Dante não conseguia identificar.

— Eu me lembro que eu não passei no teste pela primeira vez. Eu pensei que era um teste de autocontrole.

— Você sabia que Marcus e eu apostamos quanto tempo que você passaria fome antes de comer, que sucumbiria a sobremesa?

— Não — Dante disse com surpresa, grato por seu amigo ter parado de falar sobre Cleópatra.

— Marcus disse que não iria durar mais de 48 horas. Eu disse que você iria pelo menos 72 horas. — Plácido olhou para ele, com um sorriso de orgulho.

— Você passou quase cinco dias sem comida. Foi uma incrível façanha de autocontrole.

— Estou surpreso que durou tanto tempo — murmurou, enquanto Dante lembrou o quão difícil foi sentar-se naquela pequena cela.

Foi dado a ele toda a água que queria, mas nenhum alimento, exceto a sua sobremesa favorita - uma única fatia de bolo de chocolate na mesa em frente dele. A sobremesa foi substituída quase de hora em hora para garantir que estivesse fresca e úmida. Ficou presente durante todo o tempo em que ele esteve naquela sala - silenciosamente tentando-o para comer enquanto sua fome crescia.

— A história de sua capacidade de abster-se ainda sussurrava entre os alunos, mas sua resistência crescia a cada releitura — Plácido disse com uma profunda risada.

— Mas eu ainda não passei no teste — Dante murmurou. Foi o único teste que ele falhou ao longo de sua formação na *Novem Conformavi*. — Levei outra tentativa para perceber que não era o tempo que eu passei fome que importava, mas a minha capacidade de comer apenas uma parte do bolo, não importa o quanto eu estava com fome.

— Você nunca teve nenhum problema em negar a si mesmo o prazer. — A expressão no rosto sóbrio de Plácido fez Dante fazer uma carranca. Seu mentor estava decepcionado com ele? O velho fez uma careta. — Você se lembra o que aconteceu depois que você tomou o seu voto e subiu para o quarto *Tabulati* algumas semanas mais tarde?

— Eu fui feito *Tribune*.

— *Tribune*. — O velho guerreiro assentiu. — Marcus pensou que eu era tolo por sugerir alguém tão jovem para ser o herdeiro aparente ao seu título. Mas a morte de Giovanni deixou-nos sem um herdeiro, e, apesar de sua dificuldade com o conceito de temperança em todas as coisas prazerosas que o terceiro *Tabulati* mencionava, sua façanha equivocada de abstinência exibiu uma força de controle que impressionou Marcus, então ele concordou.

— Eu não sabia que Marcus havia se oposto a me tornar *Tribune*. — Dante franziu o cenho. Mais uma vez o velho *Senhor Sicari* mencionara a palavra temperança. Será que seu mentor pensava que estava inapto para assumir a liderança do *Absconditus*?

— Ele não fez objeção a você se tornar *Tribune*, apenas ao fato de que você era muito jovem quando te deu o título. — Plácido cruzou os braços sobre o peito.

— Acho que ele poderia estar certo. Devíamos ter dado mais tempo para você amadurecer. Para um menino de quinze anos, a carga que colocamos sobre seus ombros era muito pesada.

— Eu não entendo. Tenho decepcionado de alguma forma?

— Nem um pouco. Estou tão orgulhoso de você, como estaria de qualquer filho que eu poderia ter tido se minha mulher tivesse vivido. Mas eu estou preocupado que você empurrou muito forte, muito rápido.

— Eu não acho que você fez alguma coisa do tipo. Eu não tenho arrependimentos sobre a minha vida na *Absconditus*. — Dante suprimiu a memória de como ele desejava na última noite que não tivesse feito um juramento de permanecer celibatário.

— E o seu voto? — Plácido olhou-o cuidadosamente com uma expectativa de silêncio.

— O meu voto?

Ele esforçou-se para ignorar as emoções caóticas que a questão levantou dentro dele. A última coisa que queria era decepcionar o *Senhor Sicari*. Se Plácido alguma vez achar que Dante experimentara um lapso leve em aliviá-lo, isso poderia causar uma preocupação no velho guerreiro. Ele não queria deixar nem Plácido ou Marcus preocupados. Além de Cornelia, eles eram a única família que ele possuía. Desapontá-los era inaceitável.

— Você tomou seu juramento de celibato *antes* de você ter idade, Dante. Você sabe muito bem que tem o direito de libertar-se dessa obrigação.

— Eu não posso fazer isso.

— Não, você não vai fazer isso — Plácido suspirou pesadamente. — O que torna muito mais difícil para mim, porque eu não posso ajudar, mas acho que sua escolha foi baseada em parte nas expectativas que Marcus e eu colocamos em você, meu menino.

— Você foi falar com Cornelia.

— Sim, e eu acho que ela estava certa o tempo todo. Vejo agora que você tomou o seu voto muito cedo.

— Quinze não é tão jovem — ele disse com um toque de desprezo em seus lábios.

— Você tinha a metade da idade dos poucos que optam por expressar suas crenças com juramentos. E ainda menos fazer um voto, como você fez — Plácido rosnou. — Eu queria chicotear Tito até mesmo por colocar a ideia em sua cabeça.

— Eu não sei o motivo — Dante disse rigidamente. — Tito simplesmente respondeu à minha pergunta. Eu queria saber se ele se arrependeu de não tomar uma esposa.

— Ele tinha uma esposa, mas como muitos patrícios antes e depois dele, sua esposa morreu jovem. O juramento de Tito foi mais sobre sua dor e os medos do que uma declaração de sua dedicação à corporação.

Plácido cruzou o tapete para se sentar em uma cadeira de costas reta pressionada contra a parede. Seus movimentos estavam cansados, e Dante se adiantou para oferecer sua assistência. O velho olhou para ele e mandou-o embora. Confuso, Dante encolheu ligeiramente quando encontrou o olhar do velho *Senhor Sicari*.

— A razão de Tito para seu voto poderia ter sido diferente do meu, mas eu não consigo ver como sua escolha me afeta.

— Pelos deuses, era para supostamente ser um voto de temperança, não de abstinência — Plácido rebateu enquanto descansava a mão sobre sua coxa e balançava a cabeça com veemência. — Temperança significa evitar o excesso, não a ausência completa de todo o prazer.

Dante franziu a testa para a frustração que o velho estava mostrando. A exibição de emoção não era comum no *Senhor Sicari*. E não ajudava que eles estavam discutindo um assunto resolvido há muito tempo, apesar de seu desejo fugaz na noite passada e esta manhã. Ele estremeceu interiormente, ele admitiu o desejo que sentira nas últimas horas. Era uma situação temporária. Um lapso de curto prazo no controle. Uma pequena voz na parte traseira de sua cabeça riu ironicamente.

— Se você acredita tanto a respeito disso, por que não disse alguma coisa? — Dante perguntou baixinho, incerto do que fazer com as observações do seu amigo.

— *Fotte*. Você acha que eu não considerarei? Mas eu sabia que se Marcus ou eu mesmo sugerisse nossas dúvidas, você teria encontrado algo mais para jurar na esperança de agradar a nós. — Ante as palavras duras do *Senhor Sicari*, Dante começou a protestar, mas Plácido ergueu sua mão em um gesto imperioso. — Não negue, rapaz. Nós dois sabemos que você teria ido para Hades e voltado se Marcus ou eu tivéssemos pedido isso de você. Às vezes acho que você ainda iria. Mas nós queríamos que você suprisse a sua própria mente. É uma das razões pelas quais convidamos os jovens a visitar o complexo alguns dias antes de você tomar seu juramento.

Havia uma nota tímida na voz do homem quando sua boca torceu em uma careta de arrependimento, envergonhado. Dante estudou seu amigo em confusão e viu como Plácido se mexeu na cadeira, parecendo extremamente desconfortável. Ele balançou a cabeça para o *Senhor Sicari*.

— Você está dizendo que não era um teste? — Dante disse asperamente.

— Vesta nos preserve, é claro que não era! — Plácido exclamou com desgosto. — Marcus e eu pensamos que quando você tivesse um gostinho do que uma mulher era, você mudaria de ideia sobre o voto. Nós não fazíamos ideia que você pensaria que estávamos testando você. Se tivéssemos, teríamos dito que era um ritual secreto que todos os *Tribunes* passavam antes do título ser transmitido a eles.

Dante encolheu-se interiormente com a lembrança daquele dia. Ele foi estudar na biblioteca, quando Plácido chamara Dante aos seus aposentos. O velho *Senhor Sicari* estava no início dos seus sessenta anos e era conhecido por seu indecente apetite quando se tratava de mulheres. Dante sempre acreditou que era uma resposta de Plácido a necessidade de preencher o buraco em sua vida deixado pela perda de sua esposa.

As mulheres no apartamento do *Senhor Sicari* eram belas e voluptuosas. Olhando para trás, ele percebeu que não eram nem próximas de ser tão atraentes quanto Cleópatra. Mas para um garoto de quinze anos, elas eram deusas. Ele tivera uma ereção no minuto que entrou pela porta. Isso só piorara quando Plácido sugeriu a Dante para tomar uma mulher particularmente bonita para o quarto. Certo de que era um teste, ele fez como o *Senhor Sicari* instruíra.

Ele seguiu-a com o coração na boca. *Christus*, as coisas que ele imaginou que a mulher faria com ele. Como ele conseguiu manter-se de gozar quando ela despiu-se na frente dele, estava além de sua compreensão, mesmo agora. Tudo o que ele se lembrou daquela agonizante meia hora era que o teste de Plácido era o mais difícil que ele enfrentou desde então.

Foi muito mais difícil resistir a essa mulher do que a fatia espessa de bolo de chocolate que ele encarou por mais de quatro dias. Se ele soubesse que não era um teste, ele teria cedido à tentação com essa jovem mulher em vez de andar longe dela?

Era uma pergunta que ele achava que sabia a resposta, e ainda como ele poderia ter certeza quando tantos anos o separava do evento. Seu olhar encontrou o de Plácido, e raiva subiu em suas veias.

— Por que vir a mim com a sua confissão, agora? Com que finalidade serve a não ser para oferecer a oportunidade de limpar a sua consciência depois de todos esses anos? — seu tom picante fez Plácido empalidecer, e Dante imediatamente lamentou sua explosão brutal. Mas o velho guerreiro se recuperou rapidamente e encolheu os ombros.

— Eu acho que nós dois sabemos que nas últimas 24 horas, você esteve questionando a decisão que fez há muito tempo.

— Você está errado.

— Você se atreve a mentir para mim, garoto? — era o velho Plácido olhando para ele. — Eu conheço seu coração melhor do que ninguém, Dante. Eu sei que você está questionando tudo em que esta mulher está presente. Eu senti isso desde que você voltou ao *Absconditus* com ela.

A mandíbula de Dante se contraiu com as palavras de Plácido. O homem estava certo. Ele estivera suprimindo sua atração por Cleópatra desde aquela primeira conexão emocional que sentira na noite passada. Quando Plácido trouxe o passado, Dante imediatamente se perguntou se poderia ter resistido a Cleópatra se ela tivesse sido aquela mulher há quase vinte anos. Ela era tão sensual como era aquela mulher. Não, Cleópatra era muito mais potente para os sentidos do que a mulher que Plácido lhe apresentou naquele dia, há muito tempo. Seus músculos endureceram quando sua cabeça foi inundada com as imagens eróticas de Cleópatra.

Se ela tivesse sido a única a testá-lo todos esses anos atrás, ele teria falhado miseravelmente no teste de sua virtude. Mas ele era mais forte agora, mais do que capaz de resistir à tentação que ela apresentava. Um riso fraco ecoou profundamente em sua mente. Ele encontrou o olhar de Plácido quando seu mentor olhou para ele com profundo pesar.

— Marcus e eu pensamos que se mostrássemos como as mulheres bonitas são, faria você perceber que estava escolhendo a desistir de algo que você nada sabia a

respeito. — Plácido sacudiu a cabeça pesarosamente. — Nós esperávamos que você visse que uma mulher tem muito a oferecer um homem. A mulher certa pode ser uma amante, parceira, e amiga. Mulheres suavizam nossas margens.

— Era uma meta admirável, mas é passado, Plácido. Eu fiz a minha escolha, e era o caminho certo. Eu fiz o que era melhor para a associação — Dante disse em uma firme voz.

— Você sempre fez o que é melhor para o *Absconditus*. E sobre o que é melhor para você? — o *Senhor Sicari* murmurou com um grunhido feroz de exasperação.

— Você está começando a soar como Cornelia. Essa conversa não está vindo um pouco tarde?

— Nunca é tarde demais para mudar os erros do passado. E eu tenho cometido muitos. Mas permitir que você fizesse esse voto foi o pior. Eu deixei você colocar os outros na frente de suas próprias necessidades – eu, Marcus, todos, e até mesmo o próprio *Absconditus*.

— Isso é um exagero.

— É? — a expressão de Plácido foi feroz quando ele desafiou Dante.

Ele estudou as características do homem mais velho com uma carranca. Seria possível o velho guerreiro estar certo? Dante sempre se esforçou para fazer seus mentores orgulhosos dele, mas não podia acreditar que sempre colocou as necessidades dos outros na frente de suas próprias. Isso simplesmente pareceu assim porque suas necessidades eram as mesmas que as do *Absconditus*. Ele balançou a cabeça em desacordo.

— É meu dever cuidar daqueles da associação. É o que o *Senhor Sicari* reinante faz, e como *Tribune* é o que eu tenho treinado na maior parte da minha vida. Eu sabia disso quando eu fiz o meu voto.

— Pedra de Júpiter. Tornar-se *Senhor Sicari* é um compromisso, não um sacrifício sangrento. — Plácido explodiu com raiva e olhou para ele com um olhar selvagem em seu rosto. A reação de seu mentor surpreendeu Dante mais uma vez.

— E Marcus? — ele arqueou as sobrancelhas para o homem idoso. — E os sacrifícios que ele fez?

— Sua situação é diferente.

— Eu não vejo como. Ele sacrificou tudo por causa da associação.

— Não. — O velho guerreiro cuspiu a palavra em um protesto violento. — Marcus não se sacrificou de bom grado. Mas você, você deu seu coração e alma ao *Absconditus* antes de ter uma chance de descobrir o que mais a vida tinha para oferecer. E agora... agora...

— E agora? — ele perguntou gentilmente.

Dante se aproximou e se agachou na frente do velho. Apesar de sua idade, o olhar de Plácido, com aqueles olhos azuis eram vividamente brilhantes. O olhar penetrante do *Senhor Sicari* fez Dante se sentir como se o homem o prendesse como uma borboleta em uma placa de apresentação.

— Você terá que fazer uma escolha.

— Uma escolha? — Dante balançou a cabeça com preocupação. Como um dos poucos *Senhores Sicari* abençoados com o dom da visão, as previsões de Plácido foram lendárias por sua precisão. — Que tipo de escolha?

— Uma escolha que envolve a nossa convidada — Plácido disse com um suspiro cansado de frustração.

— Isso é muito malditamente vago. Primeiro você vem dizendo que você sente como a presença de Cleópatra aqui me incomoda, então você começar a questionar-me sobre o meu....

Dante ficou de pés e deu um passo atrás de seu amigo quando ele lutou contra a raiva ameaçando engoli-lo inteiro. Ele levou pelo menos um minuto para aproveitar a fúria apertando seus membros quando ele olhou para o velho guerreiro. Plácido não evitou seu olhar. Em vez disso, os olhos do homem idoso foram estreitando com a avaliação. Era quase como se o *Senhor Sicari* estivesse procurando alguma coisa. Dante educou em suas feições uma expressão desapaixorada.

— Se você está sugerindo que eu escolha uma mulher ao invés do meu compromisso com *Absconditus*, você está errado.

— A única coisa que eu estou sugerindo é que ninguém iria julgá-lo se você tivesse que quebrar seu juramento — Plácido disse calmamente. — Eu estou dizendo que você terá que fazer uma escolha, e que irá envolver a *Signorina* Vorenius.

— Esta escolha, a quem mais afeta?

— Cada escolha é uma onda em uma lagoa. Ela afeta a todos em seu caminho, direta ou indiretamente.

— *Isso* é realmente útil — Dante soltou com uma ferocidade que declarava que seu temperamento estava recebendo o melhor dele, mas de repente parou de se importar. — Se você não pode me dizer quem, então me diga qual é a escolha e o que tenho que fazer.

— Não confunda uma escolha comum com uma do destino, Dante.

— Deus, eu odeio quando você faz isso. — Dante fez uma careta para o homem. — O mínimo que você poderia fazer é me dar alguma orientação aqui. Ela está em perigo?

— Você já sabe a resposta. O futuro permanece não-escrito até que aconteça.

— Essa é a resposta que você sempre dá quando você quer que eu descubra alguma coisa por conta própria — ele rosnou quando começou a rondar a sala. — E aqui está você apenas alguns minutos atrás, lamentando o fato de que você e Marcus não me impediram de tomar o meu juramento.

— E eu já lamento dizer que o disse — Plácido disse com um suspiro cansado. — Mas foi uma escolha que eu fiz, e como eu disse, a escolha é uma onda que pode ter consequências de longo alcance.

— Lembre-me de agradecer a você mais tarde pela instigante sabedoria — Dante disse, com mais de uma pitada de sarcasmo. A paz interior e controle que ele mal conseguiu recuperar durante o banho desapareceram novamente. Essa coisa seria uma escolha comum?



O nono *Tabulati* do *Novem Conformavi* ensinou que tudo no universo era interligado. Que o ensino por si só significa que a cada escolha que um faz é amarrado com o seu próprio destino. Ele conteve um gemido. Cleópatra Vorenius estava se tornando um grande problema. Ele queria colocá-la no primeiro avião de volta para Chicago, onde ela pertencia. Ele rejeitou a ideia. Ele a queria onde poderia ficar de olho nela. Mantê-la longe de problemas. A percepção fez seu estômago guinar.

Era isso a escolha? Ele devia mandá-la de volta? Era isso o destino dele? Mandá-la embora antes que perdesse o controle? Mesmo que ele tentasse isso, ela não iria de bom grado e, provavelmente, encontraria uma maneira de voltar. Em seguida, ele estaria de volta onde começou. Desta vez, ele não pôde se conter de gemer.

As coisas estavam ruins o bastante já, mas agora Plácido conseguiu enlamear o Rio Tibre¹³ ainda mais.

¹³ O Tibre é um rio no território italiano, com nascente na Emília-Romanha. Atravessa a Toscana, a Úmbria, depois o Lácio e deságua no mar Tirreno. É o terceiro rio mais longo da Itália, depois do Pô e do Ádige. Nas margens do Tibre, em Roma, encontra-se o Castelo de Santo Ângelo.



Nove



Marcus apertou o botão FIM ao terminar a chamada, e o semblante de Dante se dissolveu no fundo da tela do monitor. Pedra de Júpiter. Como ele deveria explicar para Atia que ele deixara sua filha permanecer no coração do território *Pretoriano*? A mulher iria arrancar seu coração fora quando soubesse que ele não ordenou que Cleo voltasse para os Estados Unidos.

O fato que Cleo estava relutante em deixar Roma mostrou o quanto da fenda que existia entre mãe e filha. Pior, ela estava convencendo Ignacio Firmani a dar para ela a designação de Angotti. Se ele soubesse antes, poderia ter tentado pará-la. Tentou ser a palavra de ordem. Cleo ficou tanto com a teimosia dele, assim como, a de Atia.

Mas mesmo se ele soubesse antes da hora, duvidava que pudesse ter sido capaz de convencê-la a não fazer nada, resumidamente de ordenar a ela não assassinar Angotti. E isto poderia somente ter posto mais distância entre eles, alguma coisa que ele estava tentando evitar. Por mais que pudesse querer usar sua autoridade para mantê-la salva, ele estava certo que seus esforços nesta direção somente iriam aliená-la. Isso era o que ele não queria. Ele perdeu muitos anos a respeito de como era ela.

Ele queria conhecer sua filha. Embora como, em nome de Juno, poderia fazer isto se ela permanecesse em Roma, ele não sabia. Não o agradava que Firmani tivesse permitido que ela fosse atrás de Angotti. A decisão o fez questionar o julgamento do homem. Atia colocava grande fé em seu *Celeris*, mas havia algo sobre ele que Marcus

não confiava, mesmo que Firmino tenha estado protegendo Atia por anos. Marcus bufou suavemente.

Ele estava com ciúmes. Claro e simples. Ele estava com ciúmes de Firmani. O homem era apaixonado por Atia, mesmo que ela não percebesse isto. Marcus empurrou a cadeira da mesa e olhou para o relógio sobre a cornija¹⁴ sobre a lareira. Quase seis e quinze. Atia já poderia estar no laboratório de pesquisa.

A mulher continuava gostando de subir ao romper da aurora, enquanto ele preferia uma hora mais razoável. Ele se levantou da cadeira e atravessou o quarto onde um pequeno fogo ardia na lareira. White Cloud tinha todas as conveniências modernas, mas ele sempre preferiu dormir e acordar com um fogo de madeira. Provavelmente, um hábito remanescente de sua vida passada como o soldado romano Tevy.

Ele pressionou os calcanhares e suas palmas das mãos contra a lareira e olhou para o fogo. Imagens de um passado distante dançando nas chamas. Uma dessas visões era da Ponte Mílvia e as bolas de fogo caindo do céu para matar seus amigos e muitos de seus homens. Octavian era o culpado por esses dias de carnificina. Mesmo em sua atual encarnação como Nicostratus, Patriarca do Colégio, o homem não mudou em quase dois mil anos. Se ele era Octavian ou Nicostratus, ele ainda era um bastardo assassino.

Marcus violentamente empurrou a si próprio da cornija com um som escuro de fúria. Seja o que for que isto custasse, ele iria ver o homem morto. Enquanto Octavian, o homem traiu seus irmãos e guardas. Mas como Nicostratus, o bastardo fez algo muito pior. O homem tomou seu inocente menino e o transformou em um monstro. Marcus fechou os olhos enquanto a dor daquele terrível momento no Pantheon passava através dele novamente.

Marcus matou Gabriel – seu próprio filho.

A memória cortou dentro dele tão violentamente como a espada de Gabriel perfurou seu flanco. Marcus repartiu as suas vestes e inclinou a cabeça para ver o

¹⁴ O elemento arquitetônico cornija é uma faixa horizontal que se destaca da parede, a fim de acentuar as nervuras nela empregadas. Conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior às obras de arquitetura.

local em sua coxa onde a arma de seu filho cortara uma artéria importante. Havia ainda uma pequena cicatriz. Ele não permitiu que ninguém o tocasse após o ritual de cura de Phaedra. Teria morrido se não fosse por ela. E agora ela estava inconsciente na instalação médica *Sicari* em Gênova. Ela deu tudo para salvar Lysander. Era o mesmo tipo de sacrifício que ele estaria disposto a fazer por Atia.

Com uma careta, moveu-se rapidamente de volta para a mesa e abriu o software da webcam para contatar o hospital de Gênova. Levou alguns minutos para o médico chegar ao computador, e quando finalmente uma mulher apareceu em frente da câmera, Marcus sabia pela expressão da médica que a condição de Phaedra não havia mudado.

Depois de uma breve atualização, ele encerrou a conversa e endureceu olhando para a tela preta do monitor por vários minutos. Certamente, Vesta não seria tão cruel mantendo Lysander e Phaedra separados pela segunda vez. Gritos de pânico e raiva no corredor interromperam abruptamente sua sucessão de pensamentos, e ele imediatamente convocou suas roupas com um mero sussurro de pensamento.

Em menos de 16 segundos estava completamente vestido. Quando ele avançou em direção da porta de sua suíte, convocou sua espada, e a arma voou através do ar para suas mãos quase no mesmo momento que se arremessou pela porta aberta. O som do caos era mais alto no saguão. Um jovem garoto correu, e Marcus estendeu as mãos e com seu pensamento arrastou o jovem até pará-lo. O terror enchia a rosto do garoto enquanto ele chorava com medo.

— Tudo certo, garoto, não vou machucá-lo. — Marcus disse em uma voz calma e tranquila enquanto deslizava a espada na bainha pendurada ao seu lado. — Diga-me o que está acontecendo.

— É um dos pesquisadores, *Il mio signore*. Eles foram assassinados.

Assassinato. O garoto deveria estar enganado. Os *Sicari* resolvem suas diferenças em combate aberto diante de membros da Ordem. Assassinato era virtualmente desconhecido entre os *Sicari*. A face de Atia piscou diante de seus olhos, e seu coração afundou no abismo de seu estômago.

— Você via a *Prima Cònsul*, garoto?

— Não, *Il mio singnore*.

Medo agitou em seu estômago, ele liberou o aperto mental sobre o garoto e então correu pelo salão em direção ao laboratório de pesquisa. Juno o socorra se alguma coisa tivesse acontecido com ela. Deus, ele não esteve assustado assim desde o dia que os *Pretorianos* tomaram Gabriel. Quanto mais perto chegava do laboratório, mais lotado tornou-se o salão.

Desesperado para encontrar Atia. Ele comandou as pessoas para ficarem de lado. Algumas pessoas se moveram no minuto que ele ordenou a fazerem isto, enquanto ele teve que empurrar os outros do seu caminho. Fora do laboratório de pesquisa, um homem baixo, empolado, com uma cabeça careca estava discutindo com um guerreiro que reconheceu da corporação temporária de Lysander em Roma.

Ele franziu a testa enquanto tentava lembrar o nome do guerreiro. Esse era seu nome. Luciano Pasquale. Ele não conhecia o outro homem. O minuto que o guerreiro olhou para cima, Marcus ganhou sua atenção.

— A *Prima Cônsul*, ela está...

— Ela está bem, *Il mio senhore* — Pasquale com um aceno de reafirmação de sua cabeça. — Ela está no laboratório com o *Celeris*.

O alívio bateu e o atravessou antes da irritação tomar seu lugar. Firmani de novo. É claro que ele estava com Atia. Esse é o trabalho do homem. Ele cerrou a mandíbula. O mais cedo que colocasse o *Celeris* fora do trabalho, melhor. Mas o único modo disso acontecer seria se convencesse Atia que eles foram feitos para estarem juntos.

Quando ele passou empurrando o homem com quem Pasquale esteve discutindo, dedos rechonchudos bateram em seus braços. Ele endureceu com um toque e virou a cabeça diretamente com um olhar frio para o homem baixo e atarracado o atrasando. O homem imediatamente puxou sua mão para longe, porém murchou apenas ligeiramente sobre o reflexo de Marcus.

— Quem em nome de Juno é você? Se Pasquale não queria me deixar entrar no laboratório, o que faz você pensar que você vai entrar? — o homem soltou com raiva.



De repente, Marcus estava arrependido de haver dado ordens para que ninguém divulgasse quem ele realmente era. Embora Paquale estivesse em Roma, o guerreiro não sabia nada mais sobre Marcus que qualquer um aqui em White Cloud... Somente um seleto grupo sabia que ele era um *Senhor Sicari*. Para qualquer outro declarava que ele era um *Legatus* da corporação de Roma, que era uma autoridade especialista no *Tyet de Ísis*.

A parte do especialista era verdade, mas o resto era meramente para manter a Ordem de detonar com mais tensão do que já estava na organização. A revelação que Lysander era meio *Pretoriano* com as habilidades de um *Senhor Sicari* já criara bastante agitação na Ordem. A única coisa que fazia levantar as sobrancelhas das pessoas quando eles o encontravam era seu sobrenome. Ele sabia que eles estavam questionando sobre a conexão entre ele e Atia, mas ninguém ousou mencionar o óbvio.

— Marcus Vorenius. Quem é você?

— Cato, membro do conselho *Sicari*. — O olhar do homem estreitou enquanto ele olhava para Marcus. — De onde eu conheço você?

— Você não conhece. Ele disse com uma voz fria antes de passar correndo pelos dois homens e entrar no laboratório.

A temperatura do laboratório era intencionalmente fria para preservar os delicados documentos guardados no lugar. A Biblioteca de White Cloud era cheia de livros de pesquisa, e este laboratório era o melhor nos Estados Unidos. Atia se encontrava curvada sobre uma cadeira, enquanto o corpo de um homem estava espalhado no chão atrás dela.

Inclinado sobre Atia, o *Celeris* massageava suas costas em um gesto de conforto.

A visão enviou estrias de fúria através de Marcus. Firmani poderia ser guarda-costas de Atia, mas o homem estava tomando liberdades e Marcus não gostou. Comida, leite sobre uma bandeja derrubada no chão onde alguém os largara. Conforme ele se moveu para frente, Atia ergueu a cabeça. O momento que o olhar dela encontrou o seu, ela ficou em pé correndo em direção a ele.

Esse foi um momento de intenso júbilo e alívio. Ele era aquele que ela precisava e queria, não Firmani.

Ele a puxou em um abraço apertado enquanto ela enterrou seu rosto em seu ombro. Acima da cabeça dela, ele encontrou o olhar do *Celeris*. A devastação no rosto do homem fez Marcus sentir pesar por ele. Era óbvio que ele amava Atia, e Marcus entendeu o que sentiria se a perdesse.

A dor no rosto de Firmani rapidamente desapareceu, e Marcus não teve que ler a mente do homem para saber que o guarda-costas o odiava. Enterrada fundo em seu peito, Atia estava tremendo forte, e ele estava certo que não era por causa da fria temperatura.

— Está tudo bem, *mea cara*. Estou aqui agora — ele murmurou enquanto acariciava seus cabelos. Apesar da cor prata esbranquiçada, era como seda, como no dia em que se conheceram. — Você está bem?

— Sim. — Sua resposta foi abafada em sua camisa.

— Diga-me o que aconteceu.

Embora os tremores dela tenham aliviado de alguma forma, ela continuou pressionada em seu peito, e ele esperou pacientemente. Quando ela não respondeu seu comando, uma sensação de desconforto deslizou através dele. Não era como ela agia quando estava assustada.

Mesmo quando os *Pretorianos* levaram Gabriel, ela exibiu uma força de aço em sua determinação de encontrar seu filho. Se a morte de seu filho despojara de tal modo à resistência dela, Nicostratus tinha mais um crime para pagar. Depois de um longo momento, ela levantou sua cabeça, e a expressão de medo em sua fisionomia fez as vísceras dele se comprimirem.

— Não pude dormir, então eu vim para o laboratório para estudar o documento que encontramos no *Tyet de Ísis*. Quando cheguei, as luzes estavam apagadas. Sandro sempre vem para o laboratório cedo, e eu senti que alguma coisa estava errada. — Ela estremeceu e fechou os olhos por um breve momento. — Quase chamei por ajuda

então, mas disse a mim mesma que Sandro simplesmente tirara a manhã de folga. Quando liguei as luzes, assim foi quando eu o vi.

— Você viu alguém? Ouviu alguma coisa? — o pensamento que o assassino poderia ter estado em qualquer lugar perto dela fez suas vísceras se torcerem violentamente por medo.

— Não. Primeiro pensei que Sandro apenas entrara em colapso, mas então vi o sangue no chão. — Ela empalideceu junto à afirmação, e ele soube que ela estava revivendo aquele instante. — Eu sabia que havia apenas uma razão porque alguém poderia matá-lo, então imediatamente chequei o cofre para ter certeza que o documento do *Tyet de Ísis* não estava perdido. Ainda estava onde eu deixara ontem.

— E quanto a Pasquale? De onde ele veio?

— Luciano estava de plantão na sala de controle de segurança. Foi a garota *Vigilavi* que sempre traz o café da manhã de Sandro que soou o alarme. Eu não sabia que ela havia entrado na sala até ela derrubar a bandeja e gritar. — Atia se afastou dele e pressionou as pontas dos dedos em sua têmpora. Isso pareceu natural para Marcus, que automaticamente alcançou com seus pensamentos para acariciar o local. A mão dela caiu para baixo até que ela veio descansar em seus braços. — Antes que pudesse pará-la, a garota entrou em pânico e ficou gritando por ajuda. Pasquale chegou uns minutos depois. Foi quando eu fui para Sandro e...

Quando a voz dela sumiu para o nada, ela respirou profundamente, estremecendo com a respiração. Foi um som que fez seu coração doer para as emoções angustiantes que ele sentia por ela. Não era apenas por ela estar em estado de choque ou chateada com a morte de um homem que ele sabia que era seu amigo. Havia algo mais subjacente ao frágil controle que ela agarrava.

— Há algo que você não está me dizendo — ele disse calmamente.

— Isso... Não posso dizer... Eu tenho que mostrar para você.

Ela afastou-se dele, então o conduziu em direção ao corpo de Sandro. O instante que ele viu o pesquisador, ele estava rígido com a visão familiar das versões anteriores do C sobre uma linha diagonal esculpida na face do homem. A incompleta marca Chi-

Rho que Gabriel utilizara em todas as suas vítimas de assassinato era uma que ele nunca esperou ver de novo.

— *Fotte* — ele respondeu asperamente.

Por um breve segundo ele se perguntou se talvez tivesse sonhado o assassinato de seu próprio filho enquanto encarava a marca. Ele sabia mais que isso. Ele e Atia discretamente realizaram um *Rogalis* para Gabriel no Pallazzo al Mare no dia seguinte a batalha no Pantheon. Isso era o trabalho de outra pessoa. Alguém que ou não sabia que Gabriel estava morto ou estava mandando uma mensagem. De qualquer forma, Sandro disse a ele que o alcance de Nicostratus era maior que ele temia.

— Não entendo... O assassino não tentou pegar o documento. — A voz de Atia vacilou quando ela olhou para ele.

— Você ou alguém mais assustou o intruso. Os *Pretorianos* sabem que o documento poderia mudar o equilíbrio de poder se nós o decifrássemos — ele disse sombriamente enquanto olhava em torno do laboratório. — Existe outro modo de sair daqui?

— Sim, através do laboratório escuro. — Ela balançou a cabeça. — Mas não havia ninguém aqui quando eu cheguei. Eu tenho certeza disso.

— Você pode pensar sobre qualquer outra razão do por que alguém poderia querer matar o homem?

— Não, ela disse com um balanço de cabeça. — Ele era querido por todo mundo.

— Então nós podemos apenas assumir que quem quer que matou Sandro está trabalhando para os *Pretorianos*, o que significa que temos um traidor entre nós. — Suas palavras obscuras fizeram Atia aspirar fortemente por ar.

— Isto não é possível.

— Então de que outra forma você explica a morte do homem, *caríssima*?

— Não posso — Atia disse sussurrando.

Ele a olhou enquanto ela lutou com o conhecimento que havia uma víbora em sua casa e eles não sabiam onde. Ela esfregou a têmpora de novo, e ele ansiava por ajudar a diminuir a dor dela, mas o instinto disse que ela somente se ressentiria ao toque no momento. Ele olhou para o homem morto novamente.

— Quem mais viu a mutilação?

— Somente Ignacio, Pasquale, eu, e agora você — Atia respondeu.

— A *Vigilavt*? — sua abrupta questão a fez balançar a cabeça.

— Ela não chegou mais longe da onde derrubou a bandeja do café da manhã de Sandro. — O olhar de Atia se voltou em direção a bagunça no chão apenas na entrada do laboratório de pesquisa. Marcus olhou para o guarda-costas de Atia.

— Nós precisamos ter o homem preparado para o *Rogalis* com menos pessoas vendo seu corpo quanto possível. Assassinato é uma coisa, mas essa marca iria criar pânico generalizado — ele disse sombriamente. — Nós não temos escolha a não ser confiar a Pasquale, desde que ele já viu o corpo. Você tem um ou dois homens que você pode realmente confiar para manter a boca fechada?

— Sim. — Firmani acenou com a cabeça então olhou para Atia. — Benedict? Fabrício está conosco um pouco mais que um ano, apenas.

— Sim, Benedict é completamente leal a mim. — Atia acenou com a cabeça enquanto ela olhava para Marcus. A cor retornara para sua face, e ela se via muito mais composta agora. Com seus pensamentos, ele levemente tocou os dedos sobre a bochecha dela. Ela franziu a testa um pouco, mas não disse nada quando ele se virou de volta para Firmani.

— Você precisa mover o corpo do homem rapidamente. Nesse meio tempo, Atia irá falar com os residentes e convocar uma reunião extraordinária do Conselho. — Marcus virou a cabeça, Atia soltou um pequeno suspiro.

— Uma reunião especial...? Mas eu não...

— Você não tem muita escolha — ele rosnou. — Há um pequeno verme beligerante lá fora que eu não tenho nenhuma dúvida que irá causar problemas de outra forma.

— Cato. — Atia e seu *Celeris* disseram o nome simultaneamente e com igual desgosto.

— Este é um — disse ele em um tom como se lembrasse do presunçoso membro do Conselho. Se o homem tivesse ideia de com quem estava falando, Marcus estava certo que o sapo odioso teria sido completamente diferente.

— Marcus está certo, Ignacio. Eu preciso me reunir com Conselho e tranquilizar o resto dos residentes da propriedade. Se você for ver Sandro e seu *Rogalis*, eu irei lidar com Cato. — Sua voz era forte e de comando, ela se virou para Marcus. — Você acha que devemos encontrar um lugar mais seguro de armazenamento para o documento?

Isso era uma boa questão, e ele franziu a testa. Se o documento fosse menos frágil, ele estaria inclinado a dizer sim, mas o laboratório de pesquisa foi desenhado para proteger artefatos antigos. E ainda continuava sendo o melhor lugar para manter o documento. Ele balançou a cabeça.

— Esta é a opção mais segura disponível para nós. Uma vez que Firmani tenha cuidado do corpo, eu vou trabalhar em fazer melhorias no sistema de segurança do lugar.

— Seu nome era Sandro — ela mordeu em voz firme. Ele se encolheu quando percebeu que seu pragmatismo o fez parecer indiferente. Marcus inclinou ligeiramente em direção a ela.

— Desculpe-me, *mea cara*. Eu não queria ser desrespeitoso para Sandro. — Sua mandíbula apertou enquanto ela acenou bruscamente para ele antes de virar novamente para seu *Celeris*.

— Ignacio, tome cuidado com ele.

A voz dela suavizou quando olhou para o homem morto então virou e deixou o lugar. Enquanto ela se afastava, seus sentidos pegaram a satisfação maliciosa em

Firmani. Lentamente, ele virou a cabeça em direção do homem. O pequeno sorriso no rosto do *Celeris* desapareceu enquanto Marcus olhou para ele com uma fria avaliação.

— Você ouviu a *Prima Cônsul*. Cuide do corpo do homem. — Seu comando fez Firmani endurecer, mas o *Celeris* assentiu bruscamente, em seguida, puxou um telefone celular do bolso da calça e bateu na tela. Marcus não se incomodou em esperar para garantir que o homem seguia as instruções de Atia. Ele estava certo que Firmani faria como foi dito, e não apenas porque a *Prima Cônsul* ordenou também.

Firmani estava muito apaixonado por Atia para recusá-la. E se ela se importasse com o *Celeris*, também? O pensamento fez o corpo inteiro de Marcus ficar rígido com a tensão do ciúme. Um pouco mais que duas semanas atrás quando encontrou Atia em La Terrazza del Ninfeo em Roma, ela defendera Firmani. Ela suplicou pela vida do homem. Era porque ela estava apaixonada por seu *Celeris*?

Ela mencionou romper o laço de sangue deles naquela manhã, antes mesmo de Firmani aparecer.

Suas entranhas comprimiram por meio da possibilidade. Não. Ele não podia acreditar nisto. Apenas alguns minutos atrás, quando Marcus entrou no laboratório, ele foi aquele para quem ela correu, e não Firmani. Ele foi aquele em que ela se agarrou. Ele foi os seus braços, Atia procurou consolo nele, não no seu *Celeris*.

Um sorriso triste torceu em seus lábios quando atravessou a sala em direção ao armário trancado que segurava o documento do *Tyet of Ísis*. Ele iria reconquistá-la. Ele não falhará nessa tarefa. Ele passou muitos anos com ela e iria recuperar seu amor após Dante torna-se o novo *Senhor Sicari*. Ele não iria perdê-la agora.

Por agora, ele iria fazer como ela pedira e justamente como Firmani iria. Ele não tinha dúvida que o *Celeris* faria o que ele pudesse para roubar Atia dele, mas ele não deixaria isto acontecer. Seus pensamentos ainda continuavam em Atia enquanto ele examinava a segurança de alta tecnologia que bloqueava o cofre de aço que mantinha o pergaminho que ele sabia que os *Pretorianos* queriam desesperadamente. Quando ele olhou ao redor da sala, ele começou a relacionar as precauções extras que poderiam ser tomadas para proteger o valioso documento.

Algumas horas depois, todas as ideias de Marcus estavam em fase de conclusão; no momento em que o especialista em segurança *Vigilavi* na equipe dirigiria a colocação da câmera de segurança que daria a sala de controle uma visão contínua do laboratório de pesquisa. Em algum momento da semana que vem, novas portas de aço seriam instaladas, estas poderiam ser travadas remotamente para evitar que alguém que tentasse roubar o documento do *Tyet de Ísis* escapasse.

Satisfeito que o artefato estava muito mais seguro que estivera antes do assassinato, ele saiu do laboratório e se dirigiu para a suíte de Atia. Pasquale havia retornado para o laboratório há pouco tempo e informou-o que a *Prima Cônsul* passou mais de três horas respondendo a perguntas, ou mais especificamente, Cato.

Esse membro do Conselho nomeou Marcus como um dos possíveis suspeitos, o que não o surpreendeu. Ele era um recém-chegado e não estava acima de qualquer suspeita. E enquanto a sugestão audaciosa do verme que Atia também poderia ser a assassina não foi uma surpresa, isto o enfureceu.

O relato de Pasquale simplesmente o fez ansioso pela chance de reduzir o membro do Conselho em uma massa trêmula de medo.

No entanto, seria um erro fazer qualquer coisa. Atia não iria tolerar qualquer interferência em seus assuntos, mesmo que fosse para seu benefício. Visto que, ele chegou e parou em frente ao quarto, ele começou a bater, em seguida, mudou de ideia. Ela era sua esposa, e ele tinha o direito de entrar. A porta se abriu silenciosamente, e quando ele entrou na sala principal, isto foi como tivesse dado um passo atrás no tempo.

O quarto era quase uma réplica da sala de visitas que eles tinham em Rennes-le-Château quando estavam ligados pelo sangue. Ele moveu-se mais profundamente no espaço, distraidamente usando sua habilidade para fechar a porta atrás dele.

Fotografias em sua mesa apanharam seus olhos, e uma das fotografias emolduradas flutuaram da mesa para sua mão. Era uma foto de Gabriel tirada pouco antes do sequestro. Sua garganta inchou fechando enquanto a dor brotou dentro dele.



Se ao mesmo ele tivesse levado Atia e Gabriel com ele para o *Absconditus* naquela semana.

— O que você está fazendo aqui, Marcus? — a voz de Atia era como uma brisa leve por trás de seu pescoço.

O seu tom disse que a presença dele a pegou de surpresa e ela não estava feliz com isso. Ele lentamente se virou para ela. Sua roupa amarrotada e o cabelo despenteado o fizeram pensar que ela acabara de tirar um cochilo. Ela parecia como se o peso do mundo repousasse sobre os seus ombros. Porém, foi à tristeza sombria em seus olhos cinzentos que se arrastou até ele.

A força da sua dor martelava na mente dele, a intensidade disto penetrava como uma lâmina finamente afiada. Isto o fez querer puxá-la em seus braços pela segunda vez hoje.

— Eu vim para verificá-la — ele disse calmamente. — Pasquale disse que a reunião do Conselho foi bastante controversa esta tarde.

— Talvez um pouco mais que o usual, mas nada que eu não pudesse lidar. — Ela beliscou a ponta do nariz. — Cato é um bastardo. Ele gosta de fazer as coisas difíceis.

— Quando foi a última vez que você comeu? — a questão a fez olhar severamente.

— Eu não lembro — ela disse com um encolher de ombros ligeiro. — Noite passada, eu suponho.

— *Christus* — ele murmurou. — Você nunca soube como tomar conta de si mesma.

Sem pedir permissão, ele avançou por um curto corredor para a pequena cozinha que estava em cada uma das maiores suítes na propriedade. Para ele ter sucesso conquistando ela de volta, ele precisava cortejá-la. Ele começaria com um pouco de vinho e alguma comida caseira. Ela sempre gostou das refeições que costumava arranjar para eles.



A geladeira não estava vazia, mas o conteúdo deixava muito a desejar. Ele tirou um tijolo de queijo Fontina, juntamente com frescos ingredientes de saladas. Enquanto procurava no gabinete por alguma massa, Atia entrou na cozinha.

— O que você está fazendo?

— Arranjando alguma coisa para você comer. — Ele puxou a caixa de fettuccine do gabinete e colocou no balcão ao lado do fogão.

— Isso não é necessário, eu posso facilmente pedir alguma coisa da cozinha.

— E deixar passar a oportunidade de zombar da minha culinária? — sua tentativa de concisão foi recompensada com um leve sorriso dela.

— Eu nunca zombei de sua culinária. — Ela disse com um aceno de cabeça.

— Sim, você fez. — Ele rapidamente encheu uma panela com água e a colocou sobre o fogão para ferver.

— Não, eu tirava sarro do seu canto.

— Cantar e cozinhar fazem parte de ser *Sicari* — ele resmungou.

— Sim, mas somente quando você pode realmente cantar — ela disse com uma risada.

Sua risada era um lindo som, e ele sorriu para ela enquanto desembrulhava o bloco de queijo Fontina. Com uma faca encontrada em uma das gavetas, ele começou a cortar pedaços fora do sólido bloco branco. Com as lascas de queijo empilhadas na mesa de corte, ele começou a cantarolar *La Donna è Mobile*.

— Se você insistir em cantar, eu vou tomar um drinque.

— Então, agora estou levando você a beber? — ele disse com a sobrancelha levantada.

— Não, seu canto está.

— Eu estava cantarolando. — Ele a olhou com diversão pela maneira como ela balançou a cabeça.

— O problema é que você nunca apenas cantarola — ela disse em uma retorcida voz, conforme puxava a garrafa de vinho Galuccio no lugar reservado da prateleira na extremidade do balcão.

Ela nitidamente puxou a rolha da garrafa com saca-rolhas enquanto Marcus continuava a raspar o queijo. A água começou a ferver, e ela se moveu ao redor dele para largar o fettuccine na água quente.

Seu corpo aumentou o aperto com a proximidade dela, e seu pênis estava duro em um instante. Enquanto o pouco de concentração restante que ele tinha desapareceu conforme o suave cheiro de seu perfume empurrou o caminho para o seu nariz, quando ela acidentalmente esbarrou nele. Um segundo depois, a faca escorregou e cortou seu dedo.

— *Fotte.*

— Deus, Marcus, sinto muito — ela arfou em consternação.

Movendo-se rapidamente, ela pegou uma toalha próxima e correu-a sob a água fria antes de voltar para o seu lado. Delicadamente, ela tomou sua mão na dela e limpou o corte.

Todo o pensamento irritante da lesão do seu dedo fugiu enquanto ele bebia a doce essência dela. Pedra de Júpiter. Ele sempre se lembrou do perfume dela, mas a memória nunca foi tão nítida e atraente. Isso era como estar bêbado com um vinho inebriante. Mesmo após todos esses anos, ela tinha a capacidade de deixá-lo pronto como um touro no cio. Ele mordeu o interior de sua bochecha conforme arrastava uma respiração irregular.

— Isto é um arranhão. Apenas deixe isso, Atia — ele rosnou enquanto puxou sua mão da dela. Ela olhou para ele e agarrou sua mão com mais firmeza.

— Deixe-me olhar isto. Você pode precisar de uma curadora.

— Isso é um corte pequeno. Eu não preciso de uma curadora. — Ele precisava dela. Cada parte dele estava em chamas, e se ela não o deixasse colocar alguma distância entre eles, ele não iria se responsabilizar pelo que acontecesse.

— Droga, Marcus. Por que você tem que ser tão cabeça dura? — ela retrucou e puxou a mão dele em sua direção.

— E por que você nunca escuta?

Sua voz estava firme com a necessidade, enquanto ele varreu o balcão deixando-o limpo com um simples pensamento, em seguida, levantou-a na superfície plana com outro comando mental. A curva encantadora de sua boca formou um pequeno “O” enquanto ela ofegou com espanto.

— O que você está fazendo?

— O que você pensa que estou fazendo? — ele respondeu asperamente e se inclinou para ela. — Eu estou mostrando a minha esposa que hoje a achei tão bela e sexy com na primeira vez que a encontrei.

— Isto é ridículo — ela disse com os dedos dela espalmados sobre o seu peito. — Nós somos muito velhos para estarmos agindo como adolescentes.

— Velho? — ele rosnou. — Isto parece como um homem velho?

Suas mãos moveram suas pernas separadas e a empurrou para frente até que ela estava pressionada na sua dura ereção. Os olhos dela ampliaram com a surpresa, e ele estava certo que ali havia uma insinuação de desejo brilhando também.

— Marcus, por favor. — Ela sugou uma forte respiração enquanto ele puxou-a mais perto, então ela estava apertada contra o seu pênis.

— Estou mais que pronto para satisfazer você, *caríssima*. — Seu sugestivo comentário a fez corar, e ela sacudiu a cabeça com uma insinuação de surpresa chocada.

— Nós não somos mais jovens. Marcus. E aqui no balcão... isto é... isto é hedonista e não é como você é.

A nota scandalizada na voz dela desvaneceu em óbvia confusão. Ele gostou de vê-la fora do equilíbrio, mas ele não gostou da observação implícita que ele era incapaz de fazer algo espontâneo.

— Eu estou com 56 anos, Atia. Eu dificilmente chamo isto de pronto para a pira funerária — ele rosnou. — Quanto pelo não convencional, do que você tem medo?

— Eu não tenho medo de nenhuma coisa. Isto é apenas...

— Então esqueça que você é a *Prima Cônsul* e deixe-me satisfazê-la, porque agora, tudo que eu consigo pensar é deslizar dentro e fora de você até ambos estarmos satisfeitos.

Ela ofegou suavemente, a cor rosa em suas bochechas se aprofundou. Ele olhou para ela por um longo momento, esperando ela dizer alguma coisa, mas ela parecia muito desconcertada. *Christus*, ela era linda. Quando eles se encontraram pela primeira vez, ela estivera adorável, mas então as curvas bem definidas do seu rosto refletiam uma inocência que ambos perderam ao longo dos anos. Agora, havia uma suave redondeza macia em seu rosto que não estivera lá há mais de trinta anos.

Isto só aumentou a sua beleza, fazendo-o desejar que ele não tivesse perdido todos esses anos que a mudaram. O mudaram. Ele estendeu a mão com um dedo para levemente traçar a linha do pescoço baixando para o v da blusa. A maneira como sua respiração acelerou o fez sorrir. Se havia uma coisa que não mudou entre eles, era o sexo.

Eles sempre foram bons juntos na cama, e se ele pudesse usar isto para fazê-la ver o quanto ele a amava e sempre a amou, então ele iria. Ele faria qualquer coisa para tê-la de volta. Sua garganta balançava nervosamente sob os dedos dele. Seu olhar encontrou o dela e desta vez ele podia ver claramente o desejo nos olhos dela.

Neste instante ele mentalmente desabotoou os botões de cima da camisa dela, ela inalou uma forte respiração. O som fez seu corpo apertar com o excitamento. Seu olhar nunca deixou o rosto dela enquanto ele lentamente usou sua habilidade para desabotoar um botão depois do outro todo o caminho para baixo, na frente da blusa dela. Quando a blusa dela abriu, ele olhou para o sutiã que esculpia e abraçava seus seios.

Ele sempre amou seus seios. Ele doía para remover a barreira entre sua boca e o mamilo duro, ele podia ver através do material a cobrindo.

Não, não ainda. Isto poderia esperar. Ele precisava deixá-la saber que não era só o corpo dela que ele queria. Ele queria muito mais que isso.

Lentamente, ele se inclinou para frente e aspirou seu perfume. Era diferente do que ele se lembrava da sua juventude. Este perfume era mais sutil. Mais rico. Ele reconheceu-o como a fragrância de uma mulher, não a garota que ele se uniu pelo sangue. Misturado com o suave aroma tinha alguma coisa mais. Desejo. A ligeira insinuação de almíscar que dizia que ela o queria.

— Eu senti sua falta, *mea cara*. Por anos, noite após noite, sonhei sobre estar deitado ao seu lado. Segurando você. Amando você — ele disse suavemente. — E cada manhã eu acordava sozinho.

Pôs a mão em forma de concha no rosto e esfregou o dedo sobre a boca dela. Um suspiro sem fôlego passou por seus lábios enquanto seus olhos cinza escureceram.

— Eu senti sua falta também — ela sussurrou. Foi uma pequena concessão, mas naquele momento, ele pegaria o que ela daria. Suas mãos deslizaram para dentro da sua blusa aberta acariciando a pele lisa de sua cintura quando ele se inclinou para frente e moveu a boca por ela.

Como se uma represa rompesse dentro dela, de repente ela embalou o rosto dele nas mãos e beijou-o com uma intensidade que foi suficiente para deixá-lo maluco. O gosto dela lembrou-o dos pêssegos que ela amava comer. Seus lábios abertos sob o dele, e sua língua invadiu o calor interior de sua boca com gosto do doce fogo dela. Um tremor o sacudiu enquanto sua língua dançava com a sua.

Pedra de Júpiter. Ele esquecera o poder que o beijo dela sempre manteve sobre ele. A ânsia insensata por ela o fez cegamente puxá-la mais fundo em seu peito. O resultado foi ela se mexendo contra ele em uma maneira que fez seu sangue queimar através de suas veias. O calor riscou sobre sua pele e encontrou o caminho para sua virilha, onde sua ereção se endureceu dolorosa.

Christus, ele não estava sendo capaz de manter isto lento como ele pretendeu. A mulher sempre o empurrou acima do limite, e agora não era de algum modo diferente. Outro tremor se perdeu em seu corpo conforme a mão dela esfregou sobre seu pênis através da calça.

Por causa do toque, ele perdeu seu autocontrole. Suas mãos deixaram a cintura para irem para o cós da calça dela. Com uma velocidade incrível, ele levantou-a do balcão e suas calças caíram passando pelos pés descalços para atingir o chão. Ela murmurou um leve protesto, mas ele facilmente a silenciou enquanto ele retornou a posição sentada e procurou a seda de sua boca.

A resposta dela foi apaixonada e intensa. O que despertou nele um estado frenético enquanto seus dedos libertaram a ereção de suas calças. Prazer explodiu por meio dele quando ela o agarrou, então deslizou o polegar sobre a ponta dele, lambuzando a primeira gota pré-seminal sobre sua pele. Ele rosnou com a necessidade conforme ansiava por algo mais em torno de seu pênis do que a mão dela.

Grosseiramente, ele rasgou a calcinha pelos lados. O material frágil facilmente cedeu sob a força, e sua boca engoliu o pequeno grito de prazer dela enquanto ele deslizou dois dedos dentro dela. O creme quente revestiu seus dedos, e ele quase derramou a sua semente pela forma como ela estava apertada. *Christus*, o minuto que ele encaixasse a si mesmo dentro dela, ele poderia não ser capaz de refrear-se de gozar naquele lugar.

Ele levantou a cabeça para olhar para ela, e triunfo surgiu através dele com o desejo no rosto dela. Ela murmurou um protesto e empurrou seus quadris para frente em uma demanda silenciosa para ele continuar a acariciá-la. Ele não tinha dúvida que ela o queria, mas ele queria ouvi-la dizer isso. Ele queria saber que mesmo depois de todos esses anos, ela ainda continuava querendo ele.

— Diga-me o que eu quero ouvir, *caríssima* — disse asperamente. Um pequeno choramingar de necessidade quebrou passando por seus lábios, e ela balançou a cabeça.

— Marcus, por favor — ela pediu enquanto ele se retirava dela levemente, as mãos dela agarraram sua camisa.

— Diga-me que você me ama, Atia. Diga isto. — Ele encontrou o olhar dela, e o segundo que ele a viu hesitar, algo encobriu dolorosamente ao redor de seu peito. Doce mãe Juno. E se ele estivesse errado sobre ela? Pior, o que ele faria se ela já não o amasse?



Dex

Atia congelou quando Marcus comandou que ela confessasse sua alma. Demorou um longo tempo desde que ele exigisse tal sacrifício. Ela tinha a força para arriscar seu coração uma segunda vez com ele?

— Diga-me, Atia. Eu quero ouvir você dizer — ele grunhiu.

Ele aumentou o espaço entre eles um pouco mais, e o corpo dela, bem como o seu coração, gritou em protesto. Mesmo sabendo que lá no fundo havia uma pequena esperança para eles, era inútil mentir a respeito de seus sentimentos. Se ela os negasse, ele saberia que ela estava mentindo.

— Eu amo você — ela sussurrou. — Eu sempre te amei.

A ingestão aguda de ar traiu a incerteza na qual ele estava a respeito de sua resposta. Foi uma revelação surpreendente, mas ela se esqueceu no momento em que ele fechou o espaço entre eles e a beijou. Enquanto sua língua se enroscava com a dela em uma paixão frenética, o coração dela parou por uma batida e então outra.

Ela se esquecera de quão maravilhosa era a sensação de seu toque. Ele tinha um gosto picante e deliciosamente todo masculino. O calor intenso e masculino de sua boca deslizou de seus lábios e abriu caminho até a base de seu pescoço. O forte cheiro de sabonete masculino escovou seus sentidos.

Apesar do impetuoso momento, havia algumas coisas sobre ele que permaneciam inalteradas com o passar dos anos. Ela experimentou uma repentina



saudade de sentir os músculos duros de seu peito entre seus dedos, e ela puxou a camisa dele para tirá-la das calças dele e puxá-la para cima.

Ele quebrou o beijo deles brevemente para puxar a camisa de mangas longas e gola alta por cima de sua cabeça. Enquanto ele a jogava de lado, ela se esticou para tocá-lo. Contra seus dedos, os músculos dele estavam tão duros agora como estiveram na primeira vez que ela o tocou. A única diferença era a fina camada de cabelos prateados indo em direção à sua calça.

A boca dela ficou seca pela maneira com a qual ela queria ver cada parte dele exposta para ela. Lentamente, explorou o peito dele, seu olhar bebendo a vista majestosa. O seu toque extraiu um rosnado obscuro dele enquanto ele abaixava sua cabeça para beijar o lado de seu pescoço.

Enquanto seus dedos se cravavam pela aspereza sedosa do cabelo dele e se acomodava na parte de trás de seu pescoço, o toque invisível dele acariciou a sua pele e desprendeu seu sutiã. Uma fração de segundo depois a boca dele circulou a ponta de seu seio. Doce Juno, como era possível que o toque dele pudesse afetá-la tão facilmente depois de todos estes anos? Ela gemeu enquanto a língua dele circulava o mamilo dela antes que os dentes dele raspassem no pico rígido. Cada centímetro dela estava pegando fogo, e o tempo que eles estiveram separados desapareceu.

A intensidade das carícias dele mexeu em algo profundo. Não desde aquela noite agri-doce no La Terraza del Ninfeo na qual ela se sentiu tão viva. Não foi até este momento que ela percebeu que estava apenas fazendo um pouco mais do que existir. Ela nunca parou de sentir a falta dele. Nunca parou de estar faminta pelo toque dele.

O calor das mãos dele deslizou sob a parte inferior de seu traseiro e a puxou para mais perto da borda do balcão. No momento seguinte, ele se impulsionou profundamente dentro dela, e sua cabeça caiu para trás quando ela soltou um grito de prazer. O calor da boca dele acariciou o pescoço dela, deixando-a sem ar enquanto uma onda de prazer rolava sobre ela. Deus, era tão bom agora entre eles quanto foi naquela primeira vez.

Seu corpo se apertou em torno dele com cada movimento, e ela adorava a maneira como o forte braço dele a aninhava enquanto ele balançava os quadris contra



os dela. Cada centímetro dela estava vivo com a sensação. Ela não era mais uma menina, mas o seu corpo respondia ao toque dele como se ela fosse trinta anos mais nova.

De olhos fechados, ela se deliciava com a sensação de seu corpo musculoso enquanto o atrito de seu duro comprimento enviava o primeiro e depois outro tremor fazendo o seu caminho por dentro dela. O corpo dele se endureceu contra o dela enquanto ele levantava sua cabeça para encará-la.

— Você é minha, Atia — ele falou rouco. — Você pertence a mim e a mais ninguém.

A natureza crua e possessiva de suas palavras enviou uma emoção por ela enquanto encarava os olhos azuis queimando de desejo. A paixão em seu olhar era para ela e somente ela, e o seu olhar fez seu coração bater mais rápido. Ela mal teve tempo de respirar antes que o corpo dele estivesse bombeando furiosamente dentro dela. Duro e rápido, ele a puxou com ele juntamente com uma onda de prazer.

Cega a qualquer coisa a não ser a maneira como o seu corpo respondia ao dele, ela gritou o nome dele enquanto a onda atingia o pico. Um rugido obscuro ecoou de dentro dele, e ele latejou violentamente dentro dela, enquanto o corpo dela se prendia ao dele com uma força igual. O tempo pareceu parar até que o mundo lentamente se firmou enquanto Marcus descansava sua testa contra a dela. A respiração dele estava entrecortada, ele tremeu enquanto ela se esticou para tocar a bochecha dele.

— Obrigado, *mea amor* — ele sussurrou.

— Eu gostei, também — ela disse, enquanto procurava a boca dele para beijá-lo gentilmente. — Apesar de que eu ainda digo que nós estamos muito velhos para agirmos dessa maneira.

— Doce Juno, *caríssima*. — Ele se engasgou com uma risada. — Eu acho que nós acabamos de provar a menos de um minuto atrás que nós estamos longe de estarmos velhos — ele provocou, enquanto seu olhar verificava a cozinha antes de cair para onde eles ainda estavam reunidos. O calor preencheu suas bochechas.

— Você não me deu muita escolha, não é? — apesar da tentativa dela de repreendê-lo, o tom sem fôlego de sua voz destruía o efeito.

— No que diz respeito a nós, eu não pretendo dar a você muita escolha.

O tom implacável de sua afirmação enviou um arrepio em sua coluna. Enquanto ele se afastava dela, a sensação de perda só aumentou o desânimo que fazia seu caminho sinuoso através dela. O tempo e os eventos colocaram uma barreira entre eles, e ela não estava certa de que poderiam superá-la. Preocupada de que ele sentiria a sua tensão repentina, ela pulou para fora do balcão para pegar sua calça. Fortes mãos acariciaram seu traseiro enquanto ela se abaixava.

— Eu esqueci quão lindo o seu traseiro é, *mea amor*.

Espantada com o seu toque, ela pulou para longe dele com um pequeno grito de surpresa. Ela se virou para encará-lo, segurando sua calça na frente dela enquanto agarrava sua camiseta para fechá-la. No instante que ela o viu fazer uma careta, ela sabia quão ridícula era a sua tentativa em ser modesta, e que havia alertado-o de que algo estava errado. Ela engoliu com dificuldade enquanto se concentrava em cada pedacinho de sua habilidade de manter seus pensamentos escondidos. Forçando um sorriso aos seus lábios, ela conseguiu encontrar o olhar dele sem vacilar.

— Eu vou me trocar — ela disse sem fôlego. — Você ainda vai me preparar algo para comer?

— Sim. — Ele a olhou com cautela por um longo momento antes de sorrir. — E quando tivermos terminado de comer, eu pretendo te deixar com fome novamente.

Não havia como confundir o significado das suas palavras sugestivas, e ela lutou com as emoções misturadas rastejando-se por dentro dela. Quando ela não o respondeu, sua careta retornou. Ela imediatamente chamou para si cada pedacinho de experiência para disfarçar seus sentimentos verdadeiros atrás de uma expressão divertida.

— Arrogância, como orgulho, vem antes da queda, *caro*.



— Vá se trocar, ou eu vou ter que te mostrar quão arrogante eu posso ser — ele rosnou com um sorriso brincalhão, mas ela ainda podia ver o brilho de suspeita em seus olhos.

Sem querer discutir com ele, ela manteve o sorriso nos lábios enquanto deixava a cozinha. Quando ela estava certa de que ele não podia vê-la, ela se apressou pelo andar da sala até o seu quarto. Atrás dela, ela escutou o canto fora de tom de Marcus. O som a fez soltar uma meia risada, meio soluço enquanto corria para o seu quarto e fechava a porta. Com as suas costas pressionadas contra a madeira, ela fechou os olhos e começou a tremer violentamente.

Deus, no que ela estava pensando? Como ela pôde ser tão estúpida? Fazer amor com o Marcus era a pior coisa que poderia ter feito. E Juno a ajude, ela confessara que ainda o amava. Enquanto ele não havia dito que a amava, o comportamento dele a deixou com poucas dúvidas. Ele não teria sido tão certo sobre continuar o relacionamento deles se ele não a amasse. Se havia uma coisa sobre o Marcus que ela podia confiar, era a sua lealdade e fidelidade.

Mas a incomodava que ele exigira que ela dividisse os sentimentos dela sem verbalmente expressar o seu amor por ela também. A confiança dele era uma das coisas que ela amava mais e odiava a respeito dele. Enfatizava a sua natureza decisiva como também a sua determinação de proteger aqueles a quem ele amava, mas era frustrante da mesma forma.

A presunção silenciosa dele que eles continuariam como se os trinta anos que se passaram não tivessem acontecido era ainda mais irritante. Era perturbador. O estômago dela se revirou. Não importava como um deles se sentia. Não fazia sentido eles sequer considerarem continuar o relacionamento deles. Era impossível recapturar o passado, e era isso que eles tentaram fazer momentos atrás.

E não importa quão maravilhoso tenha sido, era uma ilusão. Eles nunca poderiam voltar. Ela engoliu as lágrimas que tão desesperadamente queria derramar. Fazer amor com o Marcus há poucos instantes deixou-a sentindo bem mais vulnerável do que se sentira em um longo tempo. A sensação era familiar.



Marcus sempre teve um efeito desconcertante nela, e ele sabia disso. Não havia dúvida em sua mente que ele iria usar esse conhecimento para mantê-la fora de seu equilíbrio até que ele conseguisse as coisas do jeito dele. Ele iria usar todas as armas emocionais necessárias que ele possuísse para oprimir suas objeções das razões para as quais eles não deveriam continuar o relacionamento deles. A confissão dela que ainda o amava seria a primeira coisa que ele iria usar.

Ainda tremendo, ela rapidamente descartou suas roupas e se moveu em direção ao banheiro. Ela precisava de um banho. Para ela ter sucesso em convencer Marcus que o que acabara de acontecer nunca poderia acontecer novamente, ela precisava tirar o cheiro dele da pele dela. De outra forma ele permaneceria como um lembrete sutil de quão maravilhoso foi ter feito amor.

Um lampejo de movimento no canto de seu olho a fez virar a cabeça na direção do espelho. A mulher a encarando de volta recuou. Quando ela se tornou tão velha? Parecia ontem quando ela e Marcus realizaram o laço de sangue. Ela se inclinou para frente para examinar seu rosto cuidadosamente. Havia umas poucas linhas ao redor de seus olhos, mas o resto de sua pele era suave e com aparência jovem.

Com um olho crítico, ela encarou o seu corpo nu. Ela não era mais uma garota de vinte anos, e a sua imagem começou a cair em alguns lugares diferentes, a pele menos flexível do que anos atrás. Ela se virou para longe do espelho. Não era somente o tempo que ficava entre ela e o Marcus.

Ela nunca poderia esquecer o que aconteceu com o Gabriel. Em Roma, quando Marcus a convocou para o Santa Maria, ela disse que havia culpado-o pelo sequestro do Gabriel. Apesar de ela ter negado rapidamente, ela entendeu o porquê de ter tentado jogar a culpa nele. Era mais fácil culpar Marcus pelo passado do que admitir a verdade.

Se ele alguma vez descobrisse que ela não tirara a vida do filho deles logo que ela soube que não poderia mais mantê-lo a salvo... ela engoliu a bile subindo em sua garganta. Ela não tivera a coragem para salvar Gabriel de seu destino, e ela se odiava por isso. Depois de tudo, sua culpa somente aumentou quando Marcus a deixou sozinha para caçar o filho deles.



Ela queria ter ido com ele, mas ele foi duro em sua recusa. Por muito tempo ela o odiou por isso. A fez acreditar que Marcus a culpava pelo sequestro de Gabriel, apesar de ele ter negado isso. Mas ele tinha todo o direito de culpá-la. Um soluço escapou dela enquanto ela girava as torneiras de quente e frio do chuveiro.

Até mesmo agora as memórias daqueles momentos finais antes de perder Gabriel estavam tão vívidas de quando elas aconteceram. Desde o sangue dela manchando o pequeno rosto dele e a dor aguda que rasgaram o corpo dela no momento que os *Pretorianos* a atingiram por trás.

Ela entrou no jato de água que ainda estava aquecendo e logo estremeceu. Era impossível saber se era da temperatura fria da água ou por causa das memórias. Por anos ela se perguntou se ela podia ter lutado com mais força naquele dia ou ter feito algo diferente para manter o Gabriel seguro.

O vapor preencheu o chuveiro enquanto o jato ficava mais quente e esquentava seu corpo frio. Por quatro anos, ela e o Marcus viveram, amaram e celebraram o aniversário do Gabriel na propriedade Renne-le-Château. Eles foram tão felizes. Atia sabia que Marcus eventualmente levaria a ela e Gabriel para Roma para viver no *Absconditus*, mas ela não queria deixar o santuário feliz deles. Ao invés disso, ela implorou para ele para ficar no château até que ele assumisse o papel de *Senhor Sicari* no comando.

Isso foi um erro. Gabriel ainda estaria com eles se ela não tivesse convencido Marcus a ficar no Rennes-le-Château. Mais uma razão para ser culpa dela que eles perderam Gabriel. Outro soluço escapou dela enquanto ela colocava os braços ao redor da cintura e permitia que a água quente lavasse as suas lágrimas.

Ela não estava certa de quanto tempo ela ficou no calor do chuveiro, mas o som do Marcus chamando o seu nome a fez levantar a cabeça. Através do vapor que cobria o vidro embaçado da porta do chuveiro, ela conseguia ver a figura dele, alta e escura, enquanto ele entrava no banheiro.

— O jantar está pronto, *caríssima*.

— Eu sairei em um momento — ela falou com mais do que uma pontada de pânico com a possibilidade de ele entrar no chuveiro.

— Eu posso manter quente se você quiser. — O tom de provocação na voz dele fez o coração dela bater forte em seu peito. Deus, até mesmo quando as coisas entre eles eram incorrigíveis, o homem ainda a balançava.

— Não, eu estou quase pronta.

— Apresse-se então.

Ela assistiu a sombra escura dele desaparecer do banheiro e soltou uma respiração profunda. Esta noite. Ela precisava terminar isso esta noite. As coisas já foram longe demais, e ela não podia deixá-las irem mais ainda. Isso iria levar somente ao desastre.

Se movendo tão rapidamente quanto possível, ela terminou de se banhar e então deixou o banheiro para se vestir. O tempo inteiro que esteve colocando as roupas ela esperava que Marcus fosse surpreendê-la. Quando estava finalmente vestida, seus nervos estavam tão tensos quanto uma corda de piano, e seu peito comprimido pela tensão. Ela rapidamente passou uma escova em seu cabelo curto e enrolado e ignorou a sensação de pânico invadindo-a.

No momento que ela deixou o quarto, sabia que estava com problemas. Todas as luzes foram diminuídas no apartamento, e ela escutou a voz melódica de um popular cantor italiano de fundo. Luzes suaves de vela tremulavam na pequena área de jantar que era parte da sala. A mesa foi posta para dois com um vaso no meio segurando um único botão de rosa.

Onde ele arrumou uma rosa nessa hora do dia? Ela estremeceu enquanto se lembrava do dia em que eles se conheceram. Ele dera um banho nela de pétalas de rosa. Bem lá no fundo ela tinha um desejo de recapturar aqueles maravilhosos momentos, mas era uma realista. Ela sabia que não era possível. Marcus emergiu da cozinha e colocou uma travessa de salada na mesa. Quando ele se virou para ela, ele esticou sua mão.

— Venha comer, *mea cara* — ele disse.

Não havia nada de sedutor, provocante, ou perverso em sua voz, somente uma ternura que fazia sua garganta fechar contra a emoção se acumulando dentro dela.



Doce Juno, mandá-lo embora seria bem mais difícil do que ela imaginou. Seu coração estava acelerando enquanto ela se movia para frente.

Ela habilmente evitou aceitar a mão dele e sentou-se sozinha na mesa. Uma rápida olhada no rosto dele mostrou que ele não estava contente por ela ter evitado o seu toque. Desviando seus olhos, ela desfez seu guardanapo e o abriu em seu colo, enquanto Marcus sentava-se do lado oposto ao dela. Tensão permeava dentro dela, fazendo todos os seus músculos ficarem rígidos e tensos.

Enquanto ela se servia de um pouco de salada, podia sentir o olhar de Marcus nela, e se endureceu para olhar para ele. A expressão calculadora em seu rosto era enervante, e ela lentamente colocou as pinças da salada de volta na vasilha. Ele entregou a ela o prato de fettuccine Alfredo antes de se servir com a salada.

— Você se lembra da primeira vez que nos conhecemos? — ele perguntou baixinho. A pergunta a pegou de surpresa, e um pouco da sua tensão diminuiu. Pelo menos ele não a sondou a respeito da sua postura menos relaxada.

— Sim, eu me lembro.

— Você não estava nem um pouco feliz comigo.

— Você pode me culpar? — ela murmurou, com uma pequena quantidade de irritação. — Você era tão malditamente arrogante. Um minuto o Seneca estava me apresentando a você, e no próximo, você estava literalmente me arrastando para longe das festividades de casamento da minha melhor amiga e do meu encontro da noite, Carlo Giaccone.

— Ele não era para você, e eu não tinha muito tempo. Eu precisava supostamente voltar para Roma no próximo dia. Eu queria ter certeza de que você sabia que eu voltaria por sua causa. — Um dedo invisível acariciou a sua bochecha por um breve instante antes de sumir.

— Um ponto que você deixou bem claro ao longo dos primeiros momentos da nossa conversa.

— E o que fez você mudar de ideia sobre mim?

Havia uma nota de curiosidade em sua voz, e ela encontrou o seu olhar de maneira firme. Era a primeira vez que ele havia feito essa pergunta para ela. Ele raramente questionava qualquer coisa daqueles anos iniciais. Ele simplesmente os aceitou como se fosse sua obrigação. Essa era à maneira do *Tribune* prestes a se tornar o *Senhor Sicari* no comando.

— As pétalas de rosa no meu quarto inteiro.

— As rosas — ele repetiu com um pequeno aceno. — Elas não foram tão fáceis de adquirir naquela época do ano.

— Você deve ter limpado meia dúzia de floristas em Cuiza, Esperaza, e Montazels.

— Sem mencionar a apropriação indevida do helicóptero da Ordem.

— Então foi assim que você chegou tão rápido em Rennes-le-Château — ela exclamou com uma pequena risada. — Eu sempre me perguntei como você havia conseguido. E isso explica porque o Seneca estava tão furioso com você no outro dia antes de você partir.

— Ele não ficou bravo por muito tempo quando eu disse para ele que eu pretendia fazer um laço de sangue com você. — As palavras dele fizeram o queixo dela cair enquanto ela olhava para ele com espanto.

— Eu não sabia que você havia dito isso para ele. Ele nunca disse nada.

— Eu disse para ele que eu não havia falado com você a respeito ainda.

— Mas nós mal nos conhecíamos. — Ela podia sentir o rubor subindo às suas bochechas enquanto ele enviava para ela um olhar divertido de descrença.

— Eu conhecia cada lindo centímetro de você pela manhã.

— Você sabe o que eu quero dizer. Uma noite na cama juntos não constitui a fundação mais forte para uma cerimônia de laço de sangue.

— Não foi o sexo que me fez querer fazer o laço de sangue com você, Atia. Apesar de que o que aconteceu na cozinha a um tempinho atrás foi um excelente



lembrete do quanto sempre foi bom entre nós. — Ele a observou atentamente enquanto ele falava, e era um olhar que ela conhecia bem. Ele estava prestes a estabelecer um limite. — Eu me liguei com você porque eu te amei desde o primeiro momento que eu te vi, e eu não iria deixar ninguém ou nada ficar no meu caminho até que você fosse minha, naquela época ou agora.

Era um limite firme e inflexível. Uma declaração enfática que dizia que ele pretendia ter as coisas do seu jeito no presente, da mesma forma que ele tivera no passado. Ela se encolheu. Como ela deveria lutar contra tal determinação, especialmente quando ele deixou claro que ainda a amava? Isso acima de tudo era razão suficiente para se render. Ela abaixou seu olhar e cutucou sua salada com o garfo.

— Você não perdeu o toque para fazer comida com o mínimo de ingredientes. Parece delicioso — ela disse baixinho.

Quando ele não respondeu, ela forçou um sorriso nos lábios e olhou para ele. A carranca em seu rosto a deixou perplexa. Ela esperava despertar a ira dele deliberadamente mudando de assunto, mas ele parecia mais preocupado do que irritado. Ainda mais preocupante foi o lampejo de medo que ela viu em seus olhos azuis celestes. Ele pegou o garfo e deu uma mordida na salada.

— E você melhorou na arte de mudar de assunto.

Seus olhos encontraram os dela do outro lado da luz tremeluzente das velas. Ele trouxe de volta memórias de outros tempos, quando ele a surpreendeu com uma refeição romântica á luz de velas. Ela desviou o olhar e girou diversos fios de fettuccine ao redor de seu garfo.

— Luciano terminou de fazer todos os arranjos para o Sandro?

— Sim, e com as melhoras que foram feitas à segurança do laboratório de pesquisa, eu acredito que o documento do *Tyet de Ísis* está tão seguro quanto é possível.

— O Conselho está assustado — ela murmurou. — E eu não posso culpá-los. Sempre houve espiões na Ordem, mas isso foi um assassinato *Sicari* em nosso próprio quintal. A última vez que algo assim aconteceu...

Ela encarou seu prato enquanto as memórias ameaçavam tomá-la. Uma forte mão agarrou a dela, e ela agarrou-se a ele como se fosse um colete salva-vidas. Ela levantou seu olhar para encontrar o dele. Não havia necessidade de se falar, porque os olhos dele diziam para ela que tudo o que ela estava sentindo, ele estava sentindo também. Eles sentaram-se dessa forma por um longo momento, antes de Marcus soltar a mão dela e se inclinar de volta em sua cadeira.

— Eu acredito que o Conselho te instruiu para encontrar o assassino.

— Sim, apesar de que eles sabem que é improvável eu ser capaz de encontrá-lo.

— Fora aqueles de nós que estão em Roma, houve novas chegadas para a propriedade?

— Não que eu sabia. Não há muitos membros externos do conselho de férias. — Ela balançou a cabeça. — E nós não tivemos ninguém novo transferido para cá em mais do que um ano.

— Então significa que quem quer que seja que matou o Sandro está na propriedade há algum tempo. — Marcus fez uma careta, e ela viu o seu queixo ficar tenso. — Nós precisamos encontrar uma maneira de expor o traidor.

— Nós podemos usar o documento para fazer isso. — Ela viu resistência cruzar a expressão dele, e se inclinou para frente. — Ambos sabemos que é disso que eles estão atrás, então vamos provocá-los com ele. Nós continuamos trabalhando em decifrá-lo. E estando perto de desvendar o que a maldita coisa diz ou não, nós vamos deixar todo mundo, incluindo o bastardo que matou o Sandro, pensar que nós estamos à beira de resolver o quebra-cabeça.

— Não. Fazer isso te coloca em perigo — ele afirmou com uma voz apertada.

— E quanto a você? Você não é invencível.

— Eu nunca disse que era, mas as suas habilidades são limitadas, apesar de nosso laço de sangue. Eu me recuso a te colocar em risco dessa maneira.

— Parafraseando a minha... a nossa filha, cada *Sicari* está em risco o tempo todo. Eu não sou diferente. A *Prima Cônsul* pode ser substituída.

— Mas eu não posso substituir você. — As palavras dele ecoaram duramente no cômodo. — Se você acha que eu vou apenas deixar você se oferecer como isca, você pode pensar de novo.

— Você realmente não tem nada a ver com o assunto, não é? — ela disse calmamente enquanto dava outra mordida no fettuccine.

Quando ele não respondeu, ela olhou para o outro lado da mesa para ele. Estupefato. Era a única palavra que veio a mente enquanto ela encarava a expressão no rosto dele. Ela rapidamente abaixou a cabeça para esconder seu sorriso. Ela não conseguia se lembrar de ter visto ele alguma vez sem fala antes.

— O que em nome da Pedra de Júpiter significa isso? — ele estourou.

— Este é o meu mundo, Eminência. E a menos que você vá anunciar a si mesmo para o Conselho como o *Senhor Sicari* no comando, eu receio que você precisará controlar a sua tendência de ficar mandando nos outros. Especialmente em mim.

Ela ergueu a cabeça e o encontrou a encarando e ela encarou de volta. Este era o seu grupo. Ela era a líder da Ordem, e a menos que ele estivesse disposto a dar um passo a frente e reconhecer que o *Absconditus* existia, ele não tinha poder real aqui. Pela primeira vez ela estava no comando. E ele sabia disso. Seus olhos se estreitaram enquanto ele fixava seu olhar rígido nela.

— Pelos deuses, você é uma mulher teimosa, Atia Vorenius.

Seus talheres sacudiram alto contra o seu prato enquanto ele empurrava sua cadeira para longe da mesa e se levantou. Com as mãos apoiadas na mesa, seu rosto estava escuro de frustração quando ele olhou para ela. Sem poder permitir que ele a intimidasse, ela continuou comendo sua refeição. Depois de um longo momento, ele soltou um som violento e foi embora.

Ele era cada centímetro de *Senhor Sicari* enquanto ele andava pelo tapete. Alto, régio e orgulhoso. E ele estaria ainda menos feliz com ela quando ela contasse para ele que não queria que as coisas voltassem a ser como eram todos aqueles anos atrás. Ela calmamente colocou seu garfo no prato e se virou na cadeira.

— Marcus, eu acho que nós precisamos chegar a um entendimento. Eu fiz uma nova vida para mim desde que nós fizemos o laço de sangue. — Ela o assistiu parar de repente, sua boca aberta em protesto. Deus, se somente ela tivesse a coragem para deixá-lo dominá-la, mas ela não tinha. — Amar você foi fácil. Sempre foi. Mas nenhum de nós pode apagar o passado... não importa o quanto nós tentemos.

— Eu não estou tentando apagar a porra do passado — ele rosnou.

— Eu não falei que você estava. Eu estou dizendo que nós não podemos voltar para aquele tempo antes do Gabriel ser tirado de nós — ela segurou um grito de frustração enquanto ficava de pé.

— Eu não estou tentando reviver o passado, Atia. Eu só estou tentando aproveitar o que resta da minha vida com a mulher que eu amo. Eu quero envelhecer com você.

— Não é possível. — As palavras eram duras e inflexíveis até mesmo para os seus ouvidos.

— Eu não acredito nisso.

— Não importa no que você acredita, Marcus. O que importa é que eu estou dizendo não.

— Então explique isso para mim. Diga-me porque não é possível.

— Porque nós culpamos um ao outro pelo que aconteceu, e isso nunca vai desaparecer — ela gritou em uma voz amarga.

O sangue foi drenado do rosto dele enquanto seus olhos se escureciam com uma emoção que ela não conseguia identificar. Ela pensou que pudesse ser fúria, mas poderia ser tão facilmente dor. Era impossível dizer. O silêncio no cômodo se esticou como um pergaminho antigo prestes a despedaçar por causa da pressão.

— Eu nunca disse que te culpava — ele disse com uma voz endurecida.



— Você não precisava dizer — ela disse com resignação enquanto esfregava suas têmporas. O começo de uma dor de cabeça havia se instalado, e ela queria ir para a cama. Foi um dia longo e emocional.

— Não coloque palavras na minha boca, Atia. — A expressão dele era dura e gelada. — Eu nunca te culpei, mas essa é a segunda vez em menos de um mês que você me culpa pelo sequestro do Gabriel.

— Eu não culpo você.

— Então do que exatamente você acha que eu sou culpado?

— Deus, eu me recuso a fazer isso agora — ela estourou. — Eu estou muito cansada e muito aconteceu hoje.

Ele deu um passo na direção dela, e a raiva violenta que radiava dele era como uma fogueira raivosa. A maneira como ele se inclinava nela a fez engolir com dificuldade, e o ressoar repentino da campainha do apartamento a fez fechar os olhos de alívio. Quando a campainha soou novamente, ela começou a ir em direção da porta da frente da suíte. Enquanto ela passava por Marcus, ele pegou o braço dela.

— Não.

Era mais um apelo do que um comando, mas ela não tinha a coragem de fazer o que ele pedia. Ao invés disso, ela se puxou livre de suas mãos e caminhou em direção à porta. Ela o entendia bem o bastante para saber que até mesmo essa breve interrupção não o impediria de tentar gastar a sua resistência.



Onze



Atia abriu a porta para ver Ignacio em pé no corredor, sua expressão sombria. Um tremor correu por ela quando seu primeiro pensamento foi sobre Cleo.

— O que é isso? O que está errado?

— Cleo ainda está em Roma — ele estalou, enquanto escovava seu caminho passando por ela para o quarto.

— O que você quer dizer com ela ainda está em Roma? — ela engasgou em horror.

Cleo deveria estar de volta em Chicago agora. A corporação temporária que ela estabeleceu para encontrar o *Tyet de Ísis* foi desativada há mais de uma semana, e todos os seus membros retornaram para suas respectivas corporações. Seu *Celeris* se moveu mais profundamente para dentro da suíte então parou abruptamente com a visão de Marcus em pé no meio da sala de estar. Ela viu Ignacio dar uma olhada em direção aos restos da refeição à luz de velas na área de jantar antes de se virar para ela.

— Que porra ele está fazendo aqui? — Ignacio perguntou. A fúria em sua voz não deveria tê-la chocado, mas a chocou. Ela sabia que Ignacio se preocupava com ela, mas ela estava lentamente começando a perceber que os sentimentos dele eram ainda mais fortes do que ela suspeitou.

— Você não tem o direito de fazer essa pergunta — ela disse em uma voz empolada.

— Você está certa. Eu não tenho — Ignacio disse amargamente. — Mas como alguém que se preocupa com Cleo como se ela fosse minha própria filha, eu quero saber por que você permitiu que ele aprovasse a permanência dela em Roma quando ela terminou sua tarefa.

O *Celeris* sacudiu a cabeça em direção a Marcus enquanto sua acusação soava como uma bomba explodindo na sala. Atordoada, Atia ficou congelada no lugar.

Seu olhar voou para expressão impassível de Marcus, e ela viu um lampejo de emoção em seus olhos azuis. Era verdade. Ele dera a permissão para Cleo permanecer em Roma.

— Porque você faria uma coisa dessas? — ela disse ferozmente. — Porque você permitiria que ela ficasse naquele ninho de víboras?

— Ela não me deixou muita escolha. — A resposta de Marcus fez com que Ignacio desse um ronco, mas Marcus ainda não tinha sequer reconhecido a presença do homem.

— Escolha? — ela perguntou incrédula. — Uma palavra sua e ela teria feito o que você ordenasse. Nós já não perdemos o suficiente? Você precisava colocar a única filha que nos restou em perigo?

— E se eu tivesse ordenado que ela voltasse para casa? — Marcus rosnou com uma ferocidade que a surpreendeu. — Eu teria perdido toda a esperança de ser parte da vida dela, e você teria achado dificuldades para convencê-la que você não tem uma parte em sua convocação para casa.

A realidade de suas palavras afundou enquanto ela se esforçava para entender porque sua filha teria escolhido permanecer em Roma. O que possuiu Cleo para ficar para trás? Sua identidade não seria um segredo para os *Pretorianos*, o que significava que ela estava brincando com o perigo onde quer que esteja na cidade. Atia fechou os olhos às possibilidades horríveis tomando forma em sua cabeça. De repente, ela prendeu a respiração. Cleo tivera uma tarefa. Ela sentiu um desconforto agudo de Ignacio, e ela virou a cabeça na direção dele.

— Você deu a ela uma tarefa? — Atia engasgou em indignação.

— Sim — ele disse com uma careta. — Eu concordei com isso meses atrás quando ela passou algumas informações importantes para o tribunal. Eu nunca teria dado a ela uma tarefa se eu soubesse que ela planejava ficar na cidade depois disso.

— Quem em nome de Júpiter poderia ser um alvo tão importante que ela pediu por uma tarefa tão longe de casa?

— O nome dele é Angotti. Ele é um chefe do crime no sindicato de Roma que trabalha para os *Pretorianos*.

— Se ele é tão importante, porque Cleo sentiria a necessidade de executar a tarefa ela mesma?

— Porque nos últimos três anos ela tem estado manipulando todas as suas tarefas. Com a exceção de duas ou três pessoas, todos os alvos dela cometeram crimes envolvendo crianças.

— O que? — Atia engasgou em horror.

— Você tem certeza disso? — Marcus estalou quando deu um passo em direção ao *Celeris*.

— Sim. — Ignacio lançou um olhar primeiro para Marcus e depois para Atia, enquanto assentia com uma expressão grave. — Eu perguntei para ela sobre isso antes dela ir atrás de Angotti. Ela disse que não era uma vingança, e eu acreditei nela. Agora eu não estou tão certo.

— O que você quer dizer com eu não estou tão certo? — Atia olhou para o seu guarda-costas. Se qualquer um suspeitasse de Cleo realizando suas tarefas fora do Código *Sicari*, eles teriam trazidos as acusações a ela perante o Conselho. E ela não tinha nenhuma intenção de sentenciar sua própria filha para executar o desafio se ela pudesse ajudar com isso.

— Ela não tinha um parceiro com ela quando assassinou Angotti. Ela foi sozinha — Ignacio disse com um franzir de testa escuro.

Ela foi sozinha? Seu estômago embrulhou desagradavelmente com a ideia do comportamento irresponsável da filha. Ela balançou em seus pés, e ambos os homens

deram um passo em direção a ela. Com um silvo de raiva e medo, ela acenou para ele de lado enquanto olhava para Marcus. — Você sabia sobre isso?

— Que ela foi sozinha? Não — Marcus disse quando atirava a Ignacio um olhar duro, então passou a mão pelos cabelos pratas. — Mas estou feliz por dizer a Dante que ela ainda está na cidade. Eu sabia que ele teria cuidado dela sem que eu pedisse a ele. E eu não teria concordado com sua permanência em Roma se ela não estivesse com Dante.

— Doce Juno, eu nunca deveria ter deixado que Lysander me convencesse a enviá-la para Roma com ele. Nada disso teria acontecido se ela tivesse ficado aqui.

Ela esfregou as têmporas enquanto o latejar em sua cabeça aumentou. Dedos invisíveis empurraram os dela de lado quando Marcus assumiu a tarefa de massagear sua testa. Era maravilhoso. Ela fechou os olhos por um breve momento e deu boas vindas ao alívio rápido trazido por seu toque invisível.

— Eu a quero de volta para casa, Marcus. Eu a quero em segurança — ela sussurrou.

— Dante a manterá segura, e ela é uma lutadora qualificada. Ela não se intimidou no Pantheon apesar da sua falta de habilidades. — A voz de Marcus indicava que ele não iria mudar de opinião. — Se nós ordenarmos agora, *caríssima*, você só vai ampliar o abismo entre vocês duas, e eu perderei todas as esperanças de conhecer minha filha.

Ele estava certo. Ela sabia disso. Mas a lógica guerreava com seu instinto materno de proteger sua filha. Ela falhara com Gabriel, e ela não poderia suportar fazer o mesmo com Cleo. Uma imagem de Marcus com Gabriel no Pantheon flutuou através de sua cabeça. Levou seu fôlego enquanto ela se lembrava daqueles momentos terríveis.

Gabriel e Marcus lutaram entre si de forma tão selvagem. Então Gabriel derrubou seu pai. Seu próprio apelo pela vida de Marcus apenas para ver Gabriel afundar no chão de pedra pelo golpe fatal da espada de Marcus. A dor daquele momento pressionou seu caminho em cada centímetro dela até que sentiu como se alguém estivesse rasgando seu coração para fora novamente.



Ela já perdeu seu filho. Ela não poderia perder sua filha, também. Primeiro um tremor e então outro ondulou através dela. Instantaneamente, Marcus envolveu-a em seu calor, e ela pressionou seu rosto no ombro dele.

Vai dar tudo certo, mea kara. Eu tenho fé em Dante e em nossa filha. Ela ficará bem.

A carícia suave de seus pensamentos se misturando com os dela diminuiu os tremores de Atia. Lentamente, ela se empurrou livre do abraço de Marcus. Quando seu olhar encontrou o dele, ela reconheceu a tristeza em seus olhos azuis. Ela tinha certeza que ele estava lembrando o sequestro de Gabriel. A perda de seu filho custou muito para ambos.

Perder Cleo não seria menos doloroso, e tão agonizante quanto era admitir, Marcus estava certo. Se ela tinha alguma esperança de consertar sua briga com Cleo, ela não poderia exigir o retorno de sua filha sem uma causa justa. Deus, Ignacio nunca deveria ter deixado Cleo ir em sua missão mais recente. Ela virou para seu guarda-costas.

— Como você pôde ter sido tão míope quando deu a Cleo aquela tarefa logo depois que lutamos com Nicostratus no Pantheon? — ela perguntou com um senso de ultraje crescente.

— Eu não sou um leitor de mentes, Madame Cônsul. Como eu disse, eu não tive nenhuma razão para acreditar que ela não deixaria a cidade uma vez que a missão estivesse completa. Eu cometi um erro.

— Um erro que eu poderia esperar de alguém com menos experiência, mas você, Ignacio? Você sabe melhor.

— Você está insinuando que eu deliberadamente coloquei Cleo em perigo? — a raiva fria na voz de Ignacio enfatizou o quanto seu comentário o insultou. Ela franziu o cenho. Não a surpreendeu que ele estivesse ofendido, mas tampouco ele demonstrava remorso. Não era como ele. Ela balançou a cabeça enquanto tentava tranquilizá-lo de que ela estava meramente desapontada com suas ações.

— Claro que não — ela respondeu com pesar. — Eu sei que você não faria nada desse tipo. O assassinato de Sandro me deixou na borda. Sinto muito.

— Eu sinto muito também, porque isso me diz que você não confia mais no meu julgamento — Ignacio disse. — Portanto você terá a minha demissão em sua mesa amanhã de manhã.

Atordoadada por sua declaração, Atia balançou a cabeça em protesto enquanto seu *Celeris* inclinou bruscamente então se virou e andou em direção à porta. Ela deu um passo rápido para frente.

— Ignacio, por favor. Eu não quero que você se demita. Você sabe o quanto eu confio em você. Eu preciso de você.

Sua mão segurando a porta aberta, Ignacio se virou ligeiramente em sua direção. Amargura endureceu suas feições em uma máscara fria quando ele olhou para Atia em seguida ao homem atrás dela e de volta a ela novamente.

— Não, Madame Cônsul — ele disse em uma voz gelada quando piscou um olhar na direção de Marcus. — Você já tem a minha substituição. Eu posso apenas esperar que ele sirva a você tão fielmente quanto eu tenho feito e que ele não coloque suas próprias necessidades à frente das suas.

No momento que a porta se fechou atrás do homem, Atia se moveu para ir atrás dele. Uma mão invisível agarrou seu braço para segurá-la de volta.

— Deixe-o ir, Atia. Seu orgulho está ferido, e ele está apaixonado por você.

— Eu sei — ela disse suavemente enquanto encarava Marcus. — Eu sempre soube que ele se preocupava comigo, eu apenas não percebi o quão profundamente.

— Aquela manhã em La Terrazza Del Ninfeo. — Seus lábios se torceram em um sorriso sombrio. — Eu pensei que havia perdido você para ele.

Havia uma expressão em seu rosto que dizia que ele esperava que ela reafirmasse seus sentimentos por ele, mas ela permaneceu em silêncio. Ela já confessara sua alma para ele uma vez essa noite. Fazer isso uma segunda vez apenas

daria a ele mais poder sobre ela. Poder que ela não estava disposta a dar. Quando ela não falou, Marcus suspirou pesadamente.

— Eu acho que nunca conheci uma mulher tão teimosa quanto você, Atia — ele disse com uma exasperação tranquila. Sua frustração foi de repente divertida, porque ele parecia Cleo quando estava chateada com alguma coisa. Ela sorriu um pouco, o que fez com que ele desse uma carranca sombria.

— Cleo se parece exatamente com você quando ela está irritada. — Suas palavras fizeram a expressão de Marcus clarear.

— Então você deve irritá-la tanto quanto você faz comigo. — Embora sua voz ainda tivesse uma nota de exasperação, havia humor lá também. O sorriso dela arregalou.

— Nós tivemos mais do que nossa parte justa de batalhas. Cleo pode ser incrivelmente teimosa.

— Como sua mãe. — Os olhos azuis de Marcus a estudaram com uma intensidade que de repente a deixou desconfortável. — Eu sei que está preocupada com ela, Atia. Eu estou também. Mas você não pode mantê-la trancada por causa do que aconteceu com Gabriel.

Ela fechou os olhos contra a verdade nas palavras dele. Era verdade. Não importa o quanto ela queria manter Cleo trancada para deixá-la fora de perigo, ela não poderia. Perder Gabriel deixou uma ferida que nunca curaria, mesmo que ela só o conheceu por pouco tempo. Ela nunca soube o homem que ele poderia ter se tornado. Ela apenas conheceu o monstro que Nicostratus criou.

Mas perder Cleo seria como perder não apenas outro pedaço de seu coração, mas uma parte de si mesma também. Ela realmente não viu Marcus se mover. Ela apenas percebeu que o espaço entre eles havia desaparecido. Quando ele pegou o rosto dela em suas mãos, o toque dele provocou um incêndio familiar dentro dela. Ela estremeceu e abriu os olhos para olhá-lo, lutando para não deixá-lo ver o quanto era perturbador o toque dele para ela.

— Porque você acha que eu culpo você pelo Gabriel, *caríssima*? — a pergunta dele encharcou sua pele com um arrepio gélido. Ela engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Não agora, Marcus. Eu não quero fazer isso agora.

— Então quando? — ele disse com os dentes cerrados. — Amanhã? Semana que vem? Se eu deixar você, você vai evitar discutir isso completamente.

— Deus, e você me chama de teimosa — ela disse enquanto se afastou de seu toque. Frustrada, ela soltou um forte suspiro. — Você pressiona muito. Você sempre pressionou.

— Eu pressiono porque me recuso a deixar o passado ficar entre nós.

— Você não pode simplesmente eliminá-lo com um aceno de sua mão, Marcus. — Ela fez um gesto no ar como se fosse uma varinha. — Não é assim que funciona.

— Então me fala o que funcionará, Atia. Diga-me como eu devo conseguir que minha linda esposa teimosa aceite o fato que nós pertencemos um ao outro?

— Você não pode — ela retrucou, com raiva por ele ter recusado a abandonar o assunto. Um nó inchou em sua garganta quando ela colocou mais espaço entre eles. — Eu não sou a garota com quem você se casou, Marcus. Perder Gabriel me mudou. Nos mudou.

— Diga-me como isso mudou? Quando eu voltei de Roma naquela última vez, você nem sequer conversou comigo.

— Porque você me deixou — ela gritou. — Você saiu à procura dos sequestradores de Gabriel e me deixou sozinha. Eu precisava de você.

— Você está dizendo que queria que eu ficasse no castelo e não fizesse nada? — a ferocidade em sua pergunta a fez estremecer.

— Não. Mas você não ia me levar com você. Você me deixou de fora. Você assumiu um fardo que não era – que não era seu para carregar.

— Eu não te deixei de fora. Você não estava em condições de ir comigo.

— Você me deixou de fora sim. Você saiu correndo por Roma procurando Gabriel, e você não me ligou por quase duas semanas, Marcus. Duas semanas — ela sussurrou com raiva enquanto lembrava aqueles dias sombrios terríveis. — É de se admirar que eu não quisesse falar com você quando você voltou? Eu senti como se você tivesse me abandonado. Você me deixou sozinha para lidar com o fato de que era minha culpa que Gabriel havia ido.

— Cristo, não foi sua culpa, *caríssima* — Marcus exclamou quando deu um passo na direção dela, mas ela evitou seu aperto. — Isso é o que você acreditou todos esses anos? Aqueles *Pretorianos bastardi* quase mataram você. Não foi sua culpa, Atia.

— Foi minha culpa — ela gritou. — Eu menti para você. Para todo mundo. Eu fui uma covarde. Eu poderia ter tirado a vida de Gabriel antes daqueles *bastardi* o tirassem dos meus braços e eu não fiz.

No minuto que as palavras saíram de sua boca ela se arrependeu, enquanto a cor era drenada do rosto de Marcus. Atordoado, ele olhou para ela como se ela tivesse tomado uma espada e mergulhado nele. Todo o seu corpo estava tão apertado como um pedaço de elástico esticado até o seu ponto de ruptura. Lentamente a descrença de Marcus desvaneceu e sua fúria rolou pelos sentidos dela como uma onda. Se ela se sentisse menos drenada, ela poderia ter sido capaz de se manter longe de afogar em suas duras emoções. Ela não poderia. Sua dor de cabeça enfraqueceu sua capacidade de se proteger, e foi impossível não sentir o impacto de sua fúria.

— Doce mãe de Juno — ele rosnou. — Que tipo de homem você acha que eu sou, Atia? Você realmente pensa que eu teria julgado você por não seguir as maneiras antigas?

— Sim — ela sussurrou. — Você praticou as maneiras dos primeiros *Senhores Sicari*. Você ainda faz. O que eu deveria pensar?

— Que eu teria entendido — ele disse ferozmente. — Que eu teria dito a você que estava tudo bem.

— Você teria? — ela balançou a cabeça. — Eu não acho.

— Todo esse tempo você acreditou que eu seria igual a um bastardo. — O desgosto em sua voz cortou profundo como uma navalha.

— Não. Eu acreditei que a sua lealdade com o *Absconditus* era, e ainda é, absoluta. No minuto que os *Pretorianos* pegaram Gabriel, ele se tornou uma ameaça séria para a Ordem assim como o *Absconditus*. Eu tinha certeza que você me desprezaria por escolher a vida de nosso filho sobre à Ordem. Então eu menti.

Ela baixou a cabeça, incapaz de suportar olhar para seu rosto irado. O confronto era tão doloroso como ela imaginou que seria. Exausta, a dor dentro dela era uma ferida crua. A dor a fez se sentir como se tivesse envelhecido vinte anos na última meia hora. O latejar em sua cabeça só aumentava à angústia mental, rasgando-a por dentro. Ela queria terminar isso. Concluir com isso. A tensão entre eles engrossou quando ela abriu os olhos para olhar para ele. A fúria queimando em seus olhos a fez hesitar por um instante antes de tomar uma respiração profunda.

— Eu acho que você deveria ir, Marcus.

— Porra.

A resposta violenta fez suas terminações nervosas gritar com tensão, e o medo a levou para trás quando ele deu um passo rápido em sua direção. Ela não tinha certeza se era raiva ou angústia que deixou suas características tão escuras, quando ele chegou a um impasse. Eles olharam um para o outro por um longo momento antes de Atia virar sua cabeça para longe, incapaz de suportar a censura no olhar dele por mais tempo.

— Por favor, vá, Marcus.

O comando tranquilo arrancou um barulho escuro dele, e ela virou a cabeça em direção a ele para olhá-lo de novo. Seu rosto era uma máscara bem definida que escondia tudo o que ele estava sentindo. Ele até mesmo recuperara o controle de suas emoções, enquanto ela percebeu que elas não estavam mais bombardeando seus sentidos. Com um rosnado baixo de frustração, ele começou a se mover em direção à porta, em seguida, hesitou.



Ele não disse nada, e o afago invisível da mão dele contra a bochecha dela a assustou. Emoção brilhou em seus olhos azuis, os fazendo mais escuros, e ela poderia ter jurado que ele estava em algum grande tormento. Quando eles se encararam, em algum lugar nas profundezas de sua mente, ela ouviu o sussurro dos pensamentos dele tocando-a. No instante que a mente dela recuou do toque mental, ele tinha ido embora.

Marcus respirou em uma respiração afiada, e com outro som gutural deixou a suíte. Quando a porta fechou atrás dele, Atia tropeçou para frente para desabar nas almofadas macias do sofá. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela encolhia contra o braço do sofá e chorava até que não pudesse chorar mais.



Dore

O som da porta da biblioteca sendo aberta fez Cleo olhar para cima a partir das plantas de construção que espalhara sobre a mesa na frente dela. Instantaneamente, seus sentidos estavam em fogo quando Dante entrou na sala. Seu corpo inteiro poderia muito bem ter sido um ímã, o jeito que ela era atraída para ele. Enquanto ele atravessou a sala em sua direção, ela gostou de assistir a maneira como ele se movia.

Ele estava vestido de preto novamente, mas desta vez era uma camisa bem passada de algodão preto, com a manga enrolada para revelar seus braços enquanto a camisa se abria no pescoço. A calça preta que ele usava era tão maravilhosa de olhar como a camisa, com um vinco acentuado correndo na frente de sua calça para escovar seu sapato italiano. E eles deveriam ser italianos. Ela não sabia que sabia disso. Ela só sabia. Talvez isso fosse aquele descuidado, ainda impecável look de um homem que acabara de sair da melhor loja para homens em Roma.

Ao se aproximar, sua batida de coração acelerou para duas vezes o seu ritmo normal. Deus, ele era sem dúvida o homem mais sexy, mais confiante, que ela viu em um tempo muito longo. Seu olhar flutuou sobre seus braços bronzeados com um toque de cabelo preto. Ela sempre amou os braços de um homem. Eles enfatizavam a força do sexo masculino e a beleza em um só golpe. Bem, assim do resto do corpo de um homem. E ela estava disposta a apostar que Dante Condellaire...

Cleo enrijeceu quando seus pensamentos pararam abruptamente. Condellaire. Isso é o que realmente esteve incomodando cada vez que ela ouvia seu nome. Não



registrara esta manhã, e ela esquecera até agora. Era um velho nome *Sicari*, mas era raro ouvi-lo.

Lysander era o único no topo de sua cabeça que ela podia pensar com o mesmo sobrenome. Talvez tivessem uma conexão em algum lugar do passado. Isso não era impossível, já que a população *Sicari* numerava menos de três mil em todo o mundo. Então, novamente, Dante era um *Senhor Sicari* e Lysander não era. Bem, seu amigo tinha alguns talentos de *Senhor Sicari*, considerando que ele tinha um pai *Pretoriano*. Dante parou na frente da mesa, e ela esqueceu tudo sobre sua possível relação com Lysander.

Ficou claro que os deuses tomaram seu tempo na criação de Dante, até aqueles olhos azuis escuro dele a fazia lembrar do mar durante uma tempestade. Olhos que estavam estudando-a cuidadosamente no momento. Um arrepio fez seu caminho através de sua pele quando ela encontrou seu olhar. Algo mudou. No jardim, quando ela brincou com ele, ela tinha a vantagem. Agora não.

Ele estava em total controle, e ela era a pessoa que de repente estava sentindo confusa. Ela não tinha certeza se gostou da sensação. Seu olhar voou para sua sensual boca, e ela viu isso curvar ligeiramente para cima. Seu coração pulou uma batida. Agora ela tinha certeza que ela não gostava do jeito que estava se sentindo. De repente, ela estava feliz por haver uma mesa entre eles.

Cruzando os braços sobre o peito, ela estreitou seu olhar para ele e esperou que ele dissesse alguma coisa. Com as mãos cruzadas atrás das costas, Dante estudou-a. A avaliação em seus olhos escuros a deixou irritada, e se esforçou para não se contorcer debaixo de sua observação.

— Por que está tão ansiosa para entrar no convento? — sua pergunta tranquila deixou claro que esperava uma resposta honesta.

— Eu tenho uma amiga lá, e quero tirá-la.

— Como você sabe que ela está no convento? — mais uma vez, seu tom indicava que ele queria uma resposta simples.

— Marta foi tomada há mais de um ano, quando uma das missões da associação de Chicago foi para o sul. Eu a segui de volta para o convento alguns meses depois.

Ela não se preocupou em entrar em detalhes sobre a tortura de Lysander ou o seu desejo de ajudar não só a Marta, mas seu melhor amigo também. Lysander era como um irmão para ela, e ela sabia que ele ainda sentia a picada daquela fracassada missão.

— E você está certa de que ela está aí? — ele perguntou em voz baixa.

— Será que importa se ela não está? É um local de reprodução, e isso significa que existem mulheres *Sicari...* e crianças lá — Cleo disse severamente. O olhar de Dante estreitou por um momento antes que ele assentisse.

— Tudo bem — ele disse com uma expressão sombria. — Por que não fazemos um acordo? Você me diz tudo que você sabe sobre o convento, e eu vou te dar minha palavra você fará parte da equipe.

— Você quer dizer a equipe de ataque que entrará no convento quando você autorizar o resgate.

Ele franziu a testa, e ela instintivamente sabia que ele estava tentando manter sua vaga promessa. Agora que ela estreitou a definição, ele não estava tão interessado nos termos. Com um sorriso alegre, ela esperou por sua resposta. Irritação queimava nos olhos azuis. Ela o encurralou em um canto, e ele não estava feliz com isso.

— Feito — ele colou para fora em um tom feroz. — Mas você estará fazendo o que eu disser. Sem fazer perguntas. *Capisci?*

— Entendido.

— Tudo bem então. Mostre-me o que você tem.

— Dê uma olhada — ela disse com um sorriso quando apontou para os planos que ela estava estudando quando ele entrou na sala.

Com um movimento fluido que a lembrou do poder que ela o viu mostrar em seu exercício de artes marciais, o toque invisível de Dante achatou as plantas na mesa. Uma mão pressionada na mesa, ele examinou os desenhos arquitetônicos do convento por um momento antes que levantasse a cabeça para olhar dela.

— Onde você conseguiu isso? — ele perguntou com espanto.

— Eu os enviei da casa segura junto com o resto das minhas coisas. — Ela sublinhou as últimas palavras em sua resposta. Melhor deixá-lo saber que ela não tinha intenção de ir a qualquer lugar. — Eu tenho uma fonte que faz trabalhos estranhos para mim quando eu preciso de alguma coisa.

Ela não se preocupou em mencionar que Antônio foi seu amante mais de um ano atrás e, apesar de se separarem, ele estava sempre disposto a ajudá-la, sempre que ela pedisse. Algo lhe dizia que o homem ainda estava apaixonado por ela. Foi a razão pela qual ela o deixou. O amor não estava nas cartas para ela. Nem mesmo com um homem fora da Ordem.

— Eu tenho tentado há quase um ano colocar minhas mãos nessas plantas.

— Talvez você só não pedisse amável o suficiente — ela disse com uma voz rouca.

Suas mãos acariciaram a mesa enquanto estendia os braços para o lado e se inclinava em direção a ele até que seu rosto estava a centímetros do dele. Ela sabia que estava sendo deliberadamente provocativa, mas não gostou da forma como o equilíbrio de poder havia mudado entre eles. Isso a fez se sentir vulnerável, e ela não desfrutava da sensação. Sendo provocativa era uma maneira de equilibrar as coisas.

Embora ele não se mexesse, ela podia ver a forma como seu corpo inteiro se contraiu enquanto ele olhava para cima, para encontrar o seu olhar. Algo brilhou nos olhos azuis, e de repente ela desejava que estivesse usando algo um pouco mais feminino ao invés de sua camisa de malha preta e calças. As palavras sugestivas e linguagem corporal apenas a levariam até o momento em que esse cara estava envolvido. E o pensamento de quebrar esse exterior de aço a encheu de mais emoção do que ela sabia que estava sentindo.

Aquele beijo impetuoso que ela deu nele esta manhã foi mais quente do que qualquer coisa que ela experimentou em muito tempo. Ela sabia que o afetou também.

Seu pau duro anunciou esse fato alto e claro. Um tremor sacudiu através dela enquanto se lembrava do modo como seu corpo reagiu quando ela pressionou contra

sua ereção. De repente, como se a memória agredisse seu corpo, ela recuou a partir do pensamento.

Que diabos ela estava pensando? Ele era um *Senhor Sicari*. Ela sabia que não devia se envolver com um de sua própria espécie. Não, não sua espécie. Este homem era um caminho para fora de sua liga. Ainda assim, como seria tentá-lo? E ela estava certa que tentação era algo que ele tentava evitar quando o assunto era ela. Ela sacudiu para fora da mesa, de repente, desconfortável na sua presença.

Distância. Ela precisava colocar alguma distância mental entre os dois. Essa era a melhor maneira de lidar com as coisas. Mais importante, ela precisava parar de deixar sua atração pelo homem interferir em seu objetivo de libertar Marta daquele inferno *Pretoriano*. Uma expressão estranha atravessou o rosto de Dante, e mais uma vez, ela se perguntou se ele estava lendo seus pensamentos. A noção disso a fez irritada.

— Ler meus pensamentos é proibido, *Il mio signore*.

— Eu não estava lendo a sua mente, Cleópatra — ele murmurou. — Seu rosto é expressivo o suficiente, o que é desnecessário.

— Sêrio? — ela retrucou. — O que estou pensando agora?

— Você está se sentindo vulnerável, e está preocupada que eu vou encontrar uma maneira de impedi-la de ir comigo para o convento.

— Bem, você está certo sobre eu pensando que você vai encontrar uma maneira de bloquear-me para fora do resgate — ela disse com um sorriso triste. — Mas estar vulnerável? Isso é um pouco fora de alcance.

Deus, ela era uma mentirosa. O homem tinha cada um de seus sentidos em alerta máximo. Ele não fazia ideia do quanto ela queria vê-lo completamente nu e desperto. Seu estômago fez uma cambalhota com a imagem enchendo sua cabeça. Ela havia perdido sua mente. Seu olhar encontrou o dele, e embora ele desse a impressão de estar em controle, ela estava certa de que era uma fachada. Ele se ajeitou na posição vertical, como se ciente de que revelou mais do que ele quisesse.

— Diga-me o que mais sabe. — Suas palavras foram uma ordem, e ela rapidamente apontou para o desenho sobre a mesa.

— O convento é fortemente vigiado. Angotti disse que há sempre dez guardas em serviço para fora do convento e pelo menos mais cinco ou seis no interior. Isso não conta os *Pretorianos* que estão lá para... outras razões. — Suas palavras fizeram Dante soltar um silvo agudo de ar.

— Isso é, pelo menos, vinte ou mais *Pretorianos* no local, com mais a caminho se tiver alarmes fora — ele disse sombriamente enquanto passava a mão sobre o dorso de seu pescoço. — Não só temos de lutar com os *Pretorianos*, mas precisaremos de tempo para tirar as mulheres para fora, e alguma delas podem não estar em boa forma.

— Angotti me disse onde é a sala de controle. Se nós tirarmos os seus links de comunicação, isso vai nos comprar tempo suficiente para entrar e sair antes que eles soubessem o que os atingiu.

— E exatamente como você acha que pode chegar à sala de controle antes que eles percebam que estão sob ataque? — o tom cético de sua voz a fez sorrir. Dante Condellaire, como a maioria das pessoas, subestimava-a.

— Porque nós vamos entrar sem que eles saibam disso. — Suas palavras confiantes o fez bufar com desgosto. O sorriso dela se arregalou enquanto ela apontou para o lado oeste do convento exterior da parede. — Nós vamos aqui. Eles não estarão esperando por nós se entrarmos por este caminho.

— Isso é porque esse lado do edifício está situado sobre uma falésia que cai em linha reta até o Mar Tirreno — Dante disse em um tom irritado de voz. Um longo e afinalado dedo traçou da borda do convento até parede oeste. — Você está realmente propondo escalar o penhasco?

— Na verdade, não temos muito para subir — ela disse quando alcançou uma pilha de fotos e espalhou-os na frente dele. — Eu tirei essas no ano passado. Observe as cavernas aqui e aqui? Estes são os restos de um sistema de antigos túneis que costumavam levar até o convento várias centenas de anos atrás.

— Como você sabe disso? — Dante arqueou as sobrancelhas para ela com uma dose saudável de ceticismo.

— Quando eu soube que Marta fora levada para o convento, eu fiz algumas pesquisas detalhadas sobre o lugar na esperança de encontrar um caminho para dentro. Levei um tempo para encontrar nada de útil, mas eu finalmente localizei um diário escrito a mais de cem anos atrás por um *Vigilavi* que trabalhou no convento fazendo trabalhos ocasionais. Ele falou sobre um sistema de túneis que as irmãs usavam para chegar até o mar para pescar. A face do penhasco desabou no topo enquanto o cara estava trabalhando para as freiras, e eles pararam de usar o túnel. Em seu diário, o *Vigilavi* escreveu sobre a construção de um parapeito na varanda que se liga com o túnel.

— E você acha que essas duas cavernas são parte desse sistema de túneis?

— Eu sei que eles são. Eu os explorei logo depois que tirei essas fotos.

— Doces virgens de Vesta, você está louca? Como, em nome de Juno você sequer chegou lá? Um barco não poderia chegar tão perto da superfície da rocha sem o risco de ser danificado.

Ele pegou uma das fotos e olhou para ele antes que erguesse o olhar furioso para olhá-la. Ela enviou um olhar de desgosto. Não era como se ela tivesse acabado de explorar em um piscar de olhos. Ela tinha um pescador *Vigilavi* observando o penhasco há mais de cinco meses, para não mencionar as duas semanas que passou sob o sol observando a face da rocha antes que se aventurasse em túneis.

— Eu costumava levar equipamento de mergulho e uma scooter subaquática para ir do barco para a parede do penhasco. A caverna na base do penhasco foi fácil de chegar. Ela leva para cima para essa abertura, que é onde o túnel termina. — Ela circulou a mesa para olhar por cima do ombro e apontou para a caverna no alto do penhasco. — A varanda logo acima é na verdade parte da rocha, e a porção do túnel que levava da caverna para a varanda caiu no mar há muito tempo.

— E o que faz você pensar que os *Pretorianos* não sabem sobre o sistema de túnel?

— Os *Pretorianos* tomaram posse do convento cerca de vinte anos atrás, quando a ordem de freiras se tornou pequena demais para manter o lugar. — Ela respirou o perfume almiscarado que ele usava e perguntou se ele usava com frequência ou se



hoje era diferente. — Tenho certeza pela quantidade de teias de aranha e detritos que eu tive que passar, que ninguém anda por aquele túnel em mais de um século. Partes dele cederam em alguns lugares, mas há espaço suficiente para passar nessas áreas. Mesmo que os *Pretorianos* soubessem sobre o túnel, não acham que é uma ameaça. E o meu palpite é que eles não têm um indício de que ela está lá ou eles teriam bloqueado a varanda com muito mais segurança. Não existem câmeras ou sensores de movimento ou, caso contrário, eles teriam me pego.

— Eu pensei que você disse que não foi imprudente.

— Eu não fui, mas eu estava disposta a assumir um risco. Duas coisas diferentes.

Ele lançou um som gutural de desgosto enquanto estudava as fotografias e as plantas da construção. Estar de pé tão perto dele fez seus sentidos alarmarem novamente quando ela respirou em sua essência. Porra, o homem cheirava incrivelmente delicioso. Ele era calor picante e sexo masculino. Seu olhar pairava sobre seu perfil, e ela suprimiu a necessidade de escovar os dedos ao longo de sua forte mandíbula.

— Vai levar algum tempo para colocar todos os detalhes em seu lugar — ele murmurou enquanto colocava suas mãos sobre a mesa para apontar as plantas.

— Podemos estar prontos em três semanas.

Ante sua declaração confiante, ele virou a cabeça para olhar para ela antes que ele endireitasse em sua altura máxima. Ela engoliu em seco com a maneira como ele se erguia sobre dela. Ele arqueou as sobrancelhas em uma demanda silenciosa por uma explicação.

— Eu já tenho a maioria dos equipamentos na ordem ou no lugar. Mas o mais importante, eu tenho uma distração para nos ajudar a romper para dentro um pouco mais fácil.

— Uma distração?

— Sonny Mesiti — ela disse com uma voz forte enquanto o choramingo de Angotti ecoou em sua cabeça. — Ele fornece alimentos semanalmente para o convento. Nós roubamos uma das vans de entregas de Sonny e fazemos uma entrega especial na

noite que vamos entrar. Atacamo-os pela frente uma vez que tenhamos tomado a sala de controle, vai fazer as coisas mais fáceis e teremos transporte para os reféns.

— Tudo bem. — Ele olhou para as fotos novamente e peneirou através delas com seus longos dedos. — Eu quero fazer um pouco mais de reconhecimento, mas na superfície, acho que seu plano é muito bom.

— Estou feliz que você aprove — ela disse em tom irônico.

— Por que eu não aprovaria? — Dante se afastou da mesa, uma expressão de perplexidade no rosto.

— Eu não sei. — Ela encolheu os ombros com uma pequena quantidade de ressentimento. — Eu acho que foi a parte na superfície que levou para o caminho errado.

— Eu estava apenas reservando o direito de abandonar o seu plano se o reconhecimento não batesse com seus dados.

Cleo balançou a cabeça ante sua explicação, de repente, se sentindo como uma idiota por levar sua avaliação da situação para o lado pessoalmente. O homem estava fazendo a mesma coisa que Lysander, Ares, ou Ignacio faria se fosse a eles com um plano. Ainda assim, ardia um pouco.

— É um bom plano, Cleópatra. Eu só quero ter certeza de que não tenhamos nenhuma surpresa. — Deus, ela adorava a maneira como ele dizia o nome dela. Era um baixo e rouco afagar de sílabas rolando de seus lábios.

— Eu entendo — ela disse calmamente enquanto tentava se concentrar em algo diferente de sua boca. — Então, quem está no convento que pretende resgatar?

— A filha de Cornelia. Eu dei minha palavra a ela que eu iria encontrar uma maneira de resgatar Beatriz. — Havia um calor em sua voz quando ele disse o nome de Cornelia que disse a ela que seu relacionamento com a mulher era especial.

— Eu entendo — ela murmurou. — Tenho certeza que você vai manter sua palavra para ela.

Maravilhoso, não admira que ela tivesse vergenhado o cara antes. Ele já estava envolvido com alguém. *Christus*, que importava que ele estivesse vendo alguém? Se ele estava ou não, ele era o último homem com quem precisava ter um caso. Ela quase gemeu com a ideia. Ela era uma idiota.

— Não, Cornelia e eu... — sua resposta apressada sumiu quando uma expressão tímida varreu o seu rosto para ser substituída somente com um olhar estóico. — O que eu quero dizer é que ela é minha amiga. Minha mãe me deixou sob os cuidados do *absconditus* quando eu tinha quatro anos, e Cornelia tomou-me sob sua asa. Ela se tornou meu *Praefect* quando fui nomeado *Tribune*.

Cleo tentou ignorar o alívio aparecendo através dela com a maneira como ele rapidamente corrigiu sua impressão inicial. Para ocultar sua reação, ela se moveu rapidamente da mesa para sentar próxima a cadeira. Ele virou a cabeça, enquanto se afastava, mas ela evitou olhar para ele. Com uma rápida virada de seus quadris, ela virou seu corpo para suas pernas penderem sobre um braço da cadeira e com as costas pressionadas no canto da lisa almofada de couro do assento.

— *Praefect*? — ela deliberadamente manteve a voz desprovida de outra coisa, exceto curiosidade quando Dante se virou para ela.

— É uma posição equivalente a um *Primus Pilus* em uma das associações da Ordem. Embora o *absconditus* seja uma associação como as outras da Ordem, atua um pouco diferente do que você está acostumada.

— Diferente como?

— Por uma coisa, não somos todos *Senhores Sicari*. Marcus e Plácido são os únicos *Senhores Sicari* restante no momento. — A força em sua voz enfatizou que ele estava mais uma vez no controle, e isso a fez querer se contorcer na cadeira.

— Eu não entendo. — Ela balançou a cabeça e pôde sentir sua testa franzir quando ela olhou para ele. — Existem apenas dois *Senhores Sicari*?

— Marcus é *Senhor Sicari* reinante. Suas decisões são a lei suprema do *Sicari* — Dante explicou calmamente. — Mesmo a Ordem está sujeita aos decretos dos *Senhores*

Sicari, embora seja raro que qualquer *Senhor Sicari* use essa autoridade de tal maneira.

Dante encostou-se à mesa atrás dele. Longas pernas esticadas na frente dele, ele parecia relaxado, mas havia um ar de poder sobre ele que dizia que estava sempre em guarda. Primitivo, letal, e de uma forma estranha, quase intocável. Ele representava um desafio para ela, apesar do fato de que ela não necessitava de seu tipo de estimulação. Uma expressão de divertimento cruzou suas feições.

— O quê? — ela fez uma careta para ele.

— Eu posso ver as engrenagens em sua cabeça rodando como um louco. A ideia de receber uma ordem do *Senhor Sicari* não cai bem em você. Mas então você não gosta de receber ordens de qualquer um, não é? — sua observação intuitiva a deixou brava.

— Eu tenho conhecimento de desobedecer a uma ordem ou duas — ela admitiu em um tom de voz relutante.

— E quando você não está sob ordens? — mais uma vez, diversão. O homem poderia ser um pouco incômodo quando queria. Está bem. Ela ia acabar esta dança agora mesmo.

— Nos bastidores? Eu acho que depende — ela disse num tom suave e sedoso de voz.

Era difícil não sorrir com satisfação, quando uma cor vermelho escuro tomou conta de seu rosto, enquanto seu corpo ficava rígido. Ele não se moveu, e por um breve instante, ela poderia ter jurado que ele tinha a aparência de um homem pronto para fugir da sala, igual a um garanhão em pânico. Ela viu sua garganta se mover quando ele engoliu em seco, o que a fez ter certeza que seu sugestivo comentário o acertou com uma pirueta.

Mesmo que ela não pudesse dizer o que ele estava pensando, ela sabia o que queria que ele pensasse. Droga, essa fixação dela estava começando a levá-la para um caminho errado. Pior ainda era como se ela estivesse, de repente desejando que não

tivesse o deixado desconfortável. E ele estava muito desconfortável. Ela podia sentir isso.

A compreensão a surpreendeu, o que tornou o momento embaraçoso ainda mais tenso porque ela era a culpada por isso.

— Eu disse sob as ordens — ele disse rigidamente.

— Certo. Desculpe — ela disse em tom contrito e desviou o olhar dele. — Então, esse outro *Senhor Sicari* que você mencionou, o que ele faz?

— Plácido mantinha a posição de Marcus na *absconditus*. Mas ele ainda mantém o título como uma questão de honra. — Sua voz ainda estava dura, e sua consciência bateu de novo, puxando um suspiro macio dela enquanto ela continuava a evitar seu olhar.

— Então o que é que fazem você e todos os outros no – como você o chama, o *absconditus*? Você está dizendo que ninguém aqui é um *Senhor Sicari*?

Ela franziu o cenho. Se Marcus e um velho eram os *Senhores Sicari* que restaram, então eles eram os últimos, a menos que tivesse herdeiros. E, mesmo que Marcus fosse seu pai biológico, ela não era uma candidata para continuar a linhagem. O pensamento doloroso atingiu-a na barriga quando ela teve um vislumbre de movimento no canto do olho. Mais uma vez a beleza dos movimentos de Dante fascinava-a quando ele abriu os braços e envolveu seus dedos ao redor da borda da mesa em que estava encostado.

— Assim como com as associações da Ordem, o *absconditus* tem uma hierarquia para evitar o caos completo.

— E você não gosta de caos. — Foi uma observação, não uma pergunta, e ela virou a cabeça para atirar a ele um olhar hesitante. Alívio correu através dela, quando ela viu que seu constrangimento desapareceu. Ele encolheu os ombros.

— Equilíbrio exige forças opostas. Sem caos, não haveria ordem.

Ela balançou a cabeça. — Caos — ela entendia um pouco bem demais no momento. Seu mundo inteiro foi virado de cabeça para baixo no último par de

semanas, e se a palavra caos não era isso, então ela não sabia mais do que chamá-lo. Ela olhou para longe dele. — Há quanto tempo você conhece o meu... Marcus?

— Eu tinha quatro anos quando minha mãe me deixou em sua porta e foi embora sem olhar para trás. Marcus assumiu a responsabilidade por mim. — A monótona declaração a fez virar a cabeça para trás em sua direção.

Apesar do olhar impassível no rosto, ela sentiu a primitiva dor que estava sentindo. Isso a surpreendeu, quão poderosa era a sensação, porque ela raramente experimentou um saber com tal força ou precisão. E ela estava certa que seus sentidos não estavam jogando truques sobre ela. O pensamento dele crescendo sem uma mãe para amá-lo a deixou triste. Era provavelmente por isso que ele parecia tão distante e intocável.

— E o seu pai? — ela sondou com cuidado. Ele hesitou antes de olhar longe dela.

— Eu nunca conheci meu pai. Marcus me disse que ele morreu lutando com os *Pretorianos*. — Dante se endireitou e, com as mãos atrás das costas, atravessou o chão para olhar para fora da janela.

— Eu sinto muito. — Ela quis dizer isso.

— Foi há muito tempo — ele disse calmamente sem se virar para olhá-la.

— Talvez, mas não poderia ter sido fácil. Eu sei como é crescer sem um pai. Você não tem ninguém.

— Eu tinha Marcus, Plácido, e Cornelia.

Foi uma declaração, abrupta e enfática ao dizer que ele não se importava que houvesse crescido órfão. Ela teria acreditado nele, se não fosse pela nota suave de tristeza arrastada através de suas palavras. Isso e a pontada estranha que atingiu seu coração enquanto ele estava na frente da janela. Embora ela quisesse sondar mais profundo, o instinto disse para não fazer mais perguntas. Havia algo sobre sua postura rígida que disse que já compartilharam mais do que ele pretendia. O silêncio expandiu entre eles antes de Dante limpar a garganta e virar o rosto para ela.

— Você vai gostar de Marcus se você der a ele uma chance.

— Não, se ele insiste em brincar de pai superprotetor, não vou — ela disse enquanto desenrolou-se da cadeira e se afastou dele, indo para a parede oposta forrada com estantes.

— Eu acho que vocês dois provavelmente precisarão de um tempo para se adaptar um ao outro. — Apesar de seu silencioso andar, seus sentidos estavam em chamadas quando ele atravessou a sala. — Eu sei que eu precisaria de tempo se eu estivesse no seu lugar.

— Mas você não está — ela murmurou.

— Você está certa. Eu não estou.

O tom suave de compreensão em sua voz a fez virar o rosto para ele. Havia ainda vários metros entre eles, e a empatia em sua expressão fez seu coração saltar uma batida. O homem era muito bom de se olhar. Irritada por ele poder distraí-la tão facilmente, ela se voltou para os livros na prateleira. Seus dedos correram os textos que revestiam a estante quando ela rapidamente mudou de assunto.

— Então, você era próximo de... Marcus? — ela não tinha certeza por que ela fez a pergunta, quando ela queria parar de falar sobre o homem.

— Ele e Plácido são como pais para mim. Ambos conduziram minhas aulas na *Novem Conformavi*.

— O quê?

— É um programa de treinamento de nove níveis, que todos os membros da *absconditus* devem completar. — Suas palavras fizeram seus pensamentos saltarem automaticamente para o medieval poema épico, A Divina Comédia.

— Estamos falando do Inferno de Dante? — ela brincou enquanto olhou para ele por cima do ombro.

— Longe disso — ele respondeu com um sorriso de lobo.

Era um sorriso que fez seu coração saltar antes que derrapasse fora de controle. Calor encheu o seu rosto, e ela rapidamente voltou sua atenção para as prateleiras de livros na frente dela. Quando foi a última vez que esteve desconcertada pelo sorriso de



um homem? Ela não conseguia se lembrar, o que era quase tão inquietante como a maneira que Dante a fez sentir. Ela inclinou a cabeça para um lado enquanto lia um título familiar, e puxou uma cópia de Henry V de Shakespeare da prateleira. Ela automaticamente folheou as páginas até chegar ao discurso do rei Harry no dia de São Crispin. Era uma de suas partes favoritas da peça.

— Você gosta de Shakespeare? — a curiosidade em sua voz a fez sorrir, e ela rapidamente olhou para ele como exibiu o título do livro para ele.

— Nem todas as suas peças, mas Henry V tem tudo que eu gosto.

— Como o que? — sua pergunta a fez encará-lo.

— Intriga, luta, heróis superando probabilidades impossíveis, romance, grito de choro das armas, uma grande batalha.

— Romance? — pela diversão em sua voz, ela olhou para ele.

— Sim, romance. Tem algum problema com isso?

— Mostre-me.

Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu para ela novamente. Não foi apenas um comando, foi um desafio. Ela imediatamente virou as páginas até o fim da peça e dos esforços de Harry para cortejar Katherine, a filha do rei francês. Seu dedo rapidamente traçou o seu caminho para baixo em uma página e depois outra até ela bater na seção que estava procurando.

— A segunda cena do último ato é muito romântica — ela disse ferozmente enquanto estudava o texto para encontrar uma de suas frases favoritas. — Aqui, esta é um das minhas linhas de favoritos.

Cleo sabia as palavras de cor, e com os olhos fechados, ela visualizou os atores do DVD que possuía. — Você tem bruxaria em seus lábios, Kate. Há mais eloquência em um toque de açúcar deles do que as línguas do conselho francês, e eles deveriam persuadir Harry da Inglaterra do que uma petição geral dos monarcas.

Ela soltou um suspiro suave após as últimas palavras e abriu os olhos, com a intenção de desafiar Dante para discordar dela. Mas no momento em que ela olhou



para a tempestade do seu olhar azul escuro, ela esqueceu o que ia dizer. Em vez disso, ela encontrou-se medindo a distância entre eles com seus sentidos.

O homem estava tão perto que era impossível não respirar o aroma deliciosamente áspero e picante dele. Ele se aproximara enquanto ela recitava a Poesia do bardo? Não que isso importasse, porque ela com certeza não protestaria. Nervosa, disparou sua língua para fora para lambe os lábios secos.

Um som primal ecoou para fora do peito, e a tensão na sala disparou, até que foi uma carícia palpável de calor em sua pele. Os lábios inchados estavam a centímetros de distância, e ela esperou ansiosamente para ele abaixar a cabeça e beijá-la.

No instante seguinte, a porta da biblioteca se abriu, e Dante colocou mais de um metro entre eles num piscar de olhos. Assustada, ela virou-se para ver um menino ofegante com o esforço de entrar na sala.

— *Tribune* — ele suspirou. — É Giuseppe e Santino. Eles estão brigando de novo.

Dante murmurou algo em voz baixa, e por algum motivo ela não achava que era devido à interrupção. Na verdade, ele parecia quase aliviado.

— Onde eles estão, Pietro?

— Na grande sala de treinamento.

— Eu preciso cuidar disso — Dante disse quando ele olhou para ela com um brilho estranho nos olhos. — Eu vou conseguir alguém para fazer o reconhecimento para comprovar os seus dados, e vamos partir daí.

Com isso, ele saiu da biblioteca seguido pelo menino. Cleo ficou olhando-os com frustração.

— Porra.

A palavra ecoou fortemente no grande cômodo. O homem estava prestes a beijá-la. Ela sabia disso. Ela soltou uma baforada de ar. Em menos de 24 horas, Dante conseguiu transformar a sua vida de cabeça para baixo quase tão facilmente como sua mãe fizera há mais de uma semana. Ela não tinha certeza se estava pronta para outra



reviravolta. Não, não uma revolução. Seria um inferno, Dante Condellaire a consumiria. Mas, então, um pouco de fogo poderia ser uma coisa boa.

A imagem erótica que o pensamento trouxe à mente a fez sorrir, e ela correu atrás dele. O homem não ia andar longe dela tão facilmente.



Treze



Dante se apressou pelo corredor com Pietro correndo para acompanhar. Quando eles chegaram às escadas que iam para o segundo andar, ele escutou passos batendo atrás dele. Cleópatra. Ele murmurou uma maldição feroz. *Christus*, ele quase a beijou um momento atrás. Ele era louco? O fato de que seu corpo estava em alerta máximo no minuto em que ele chega a cinco metros dela, fazia-o apertar a boca em irritação.

O que, em nome de Juno, estava errado com ele? Porque a mulher o afetava dessa maneira? Ela era como um vento quente explodindo seus sentidos toda vez que chegava perto dela. Com um grunhido de frustração com o pensamento, ele subiu as escadas dois degraus por vez.

No topo da escadaria, ele podia ouvir o som de aço contra aço ecoando próximo dali. Droga, ele iria ensinar a Giuseppe e Santino uma lição hoje que eles não esqueceriam. Ele trotou pelo corredor fechado por vidro que dava uma visão para o pátio interno na direção da sala de treinamento mais próxima no complexo *Absconditus*.

Estofado do chão ao teto, a sala era desprovida de qualquer tipo de equipamento a não ser as espadas que os seus dois encenqueiros empunhavam. Ele mal teve tempo de se perguntar onde o instrutor estava quando uma força invisível enviou Santino voando para trás até ele atingir a parede estofada atrás dele e deslizar para o chão. Enquanto Giuseppe pulava para frente com a sua espada por cima da cabeça, Dante se



imaginou empurrando a arma da mão do garoto e deixando-a cair ao chão. — Isso é o suficiente — ele disse em um tom autoritário.

Em segundos, os dois garotos estavam se atrapalhando para descer em um joelho para uma reverência de respeito. As crianças que assistiam a luta imediatamente ficaram atentas. Pietro se juntara as outras crianças, e Dante pegou o olhar de medo no rosto da criança. Mentalmente, ele apertou o ombro do menino. Quando seus olhares se encontraram, um olhar de alívio inundou o rosto do garoto de seis anos.

Mal ele tranquilizara silenciosamente Pietro, seus sentidos entraram em sobrecarga quando Cleópatra entrou na sala. Ele não precisava vê-la para saber exatamente onde ela estava. Era como se tivesse um farol dentro dele sintonizado na frequência dela. Ele puxou um rápido e nervoso assobio de ar como se ele tivesse percebido que não estava se concentrando no assunto em questão.

Virando sua atenção novamente para os encenqueiros, ele se moveu para ficar na frente deles. Ele não falou por um longo momento, deliberadamente deixando o silêncio na sala aumentar a tensão que se irradiava dos garotos.

— Por que vocês estão aqui sem um instrutor? — a pergunta baixa fez os dois garotos se olharem por um momento antes de abaixarem a cabeça.

— Bem? — desta vez ele não se incomodou em esconder o seu descontentamento.

— Nós queríamos acertar o nosso desentendimento entre nós mesmos. — Giuseppe soava como se ele tentasse dar ao Dante a resposta que ele queria ouvir ao invés do verdadeiro motivo.

— E daí vocês convidaram os outros para assistir? — Dante grunhiu enquanto ele olhava para as crianças mais novas na sala. — Vocês percebem que um deles poderia ter se machucado enquanto assistiam esta manobra de vocês?

Os dois adolescentes empalideceram significativamente com as palavras dele. Eles olharam um para o outro antes de abaixar suas cabeças novamente. O fato de reconhecer que colocaram as outras crianças em perigo agradou Dante, mas não o

deixou nem um pouco menos zangado. Eles desobedeceram a ordens de lutar sem supervisão.

— Quem começou isso? — ele perguntou.

— Eu, *Tribune*. — Santino ergueu sua cabeça para encontrar o olhar de Dante com um olhar de arrependimento. De alguma forma Dante não achou que o arrependimento do garoto era por ter começado a briga e sim por terem sido pegos.

— Explique-se.

— Giuseppe disse que eu nunca iria passar o terceiro *Tabulati*. — Havia uma nota beligerante na voz do adolescente apesar do olhar de trepidação em seu rosto. Dante arqueou sua sobrancelha.

— Já que a terceira lição no *Novem Conformavi* é aquela de temperança e moderação, você acha que o Giuseppe está certo em sua afirmação, Santino?

A expressão facial do garoto não mudou, mas Dante poderia ver a tensão rígida nele. De repente um sorriso iluminou o rosto de Santino. — Não, *Tribune*. Eu acredito que Giuseppe está errado. Ele estava prestes a me bater, e eu demonstrei uma grande restrição ao deixá-lo fazer isso.

Era uma resposta inteligente, e Dante imediatamente mordeu a parte interna de sua bochecha para não rir com vontade da resposta de Santino. Atrás dele, Cleópatra fez um som abafado. Como ele, ela estava obviamente tentando não rir. Em algum lugar nos profundos recessos de seu cérebro ele reconheceu que gostava que ela tivesse um bom senso de humor. Parado ao lado de seu irmão, Giuseppe proferiu uma discordância verbal. Dante enviou ao garoto uma advertência silenciosa antes de virar sua cabeça de volta para Santino.

— Humor é uma boa coisa, Santino. Nós só podemos esperar que você fique igualmente entretido pela sua punição — Dante disse baixinho. — Eu espero que durante o seu *Castigatio* vocês dois mostrem a mesma restrição comigo.

Os dois irmãos ficaram pálidos com as palavras dele, e o som da respiração afiada de Cleópatra de consternação fez a boca dele se apertar com irritação. A mulher realmente achou que ele bateria em Santino e em Giuseppe? Ele pretendia ensinar aos



garotos uma lição, não machucá-los. Ele nunca gostou de ver o *Castigatio* ser usado em homens. Enquanto disciplina significava a diferença entre a vida e a morte, ele achava a punição antiga bem menos efetiva.

Um oficial veterano usando um bastão para punir aqueles que desobedeciam era bem mais capaz de criar raiva e rebelião, não respeito. Como a Ordem, o *Absconditus* raramente usava a punição, já que existiam outros métodos de disciplina a disposição para um lutador amadurecido. No que dizia respeito aos membros mais jovens do *Absconditus*, o *Indictio* era geralmente duro o bastante para enfatizar a necessidade de disciplina em todas as coisas.

O trabalho duro de esfregar um banheiro com uma escova de dente, pintar uma parede várias vezes, ou alguma outra tarefa repetitiva braçal parecia funcionar maravilhas para a maioria das crianças. Para Santino e Giuseppe, o *Indictio* não funcionou, então ele tinha pouca escolha, a não ser assustar até o último fio de cabelo dos dois. Os irmãos estavam bem cientes de que a versão de Dante de *Castigatio* significava que eles deveriam lutar com ele, e suas chances de ganhar eram inexistentes.

Os dois adolescentes lentamente ficaram de pé. O olhar em seus rostos indicava que eles temiam o que estava por vir. Os dois garotos endireitaram suas espadas, mas com um pequeno mexer dos dedos, ele imaginou as armas deles tiradas violentamente de suas mãos. Com outro pensamento, ele mandou as espadas assobiando para cima pelo ar até que as lâminas bateram no teto.

Ele não teve que olhar para a Cleópatra ou para as outras crianças para sentir a surpresa deles. A atenção dele estava focada em Giuseppe e Santino, ele estreitou seus olhos para os dois irmãos encarando para cima onde as espadas estavam embutidas no teto. O medo deles era quase uma força tangível, e ele cruzou seus braços no peito com uma sensação de satisfação severa.

— Já que vocês acham que lutar é a melhor maneira de resolver os seus problemas, vocês não deverão ter nenhum problema em gastar a raiva de vocês em mim. — Seus pensamentos roçaram contra as mentes dos dois garotos que estavam de pé, imobilizados na frente dele. — Comecem.



Por um momento, ele não tinha certeza se um deles iria obedecer ao seu comando silencioso. De repente, Giuseppe fez uma virada rápida e rolou, em um esforço para passar Dante. Sem esforço, ele desviou do menino e visualizou sua mão batendo contra o traseiro do menino. Giuseppe gritou com o golpe invisível, esfregando seu traseiro enquanto ele se levantava. Dante se virou para encarar o garoto. Uma risadinha de uma das crianças menores assistindo a luta fez Giuseppe encarar o ofensor, e Dante mentalmente imaginou sua perna passando pelos pés de Giuseppe e derrubando-o.

— Preste atenção, Giuseppe. Distração pode te matar. — Seus pensamentos eram duros dentro da cabeça do garoto.

Os pensamentos de Santino filtraram o seu caminho para dentro da mente de Dante, e sem se virar, ele viu o garoto se lançar no ar um segundo antes de Santino se mover de verdade. O golpe que o adolescente planejou aplicar em Dante nunca se materializou. Sem se mover, Dante se visualizou pegando os pés do garoto no minuto que Santino se jogou no ar. Um momento depois o garoto estava pendurado de cabeça para baixo onde Dante o deixou por vários segundos. Lentamente, ele andou ao redor do garoto pendurado na frente dele. Quando ele soltou o seu aperto mental no adolescente, Santino caiu no tapete de treinamento com um grito de surpresa.

— *Pretorianos* podem ler a sua mente tão facilmente se você os permitir. Você me contou o que você planejava fazer, Santino, apesar de eu não poder ver você.

Enquanto Santino se colocava de pé, Giuseppe se lançou para frente em uma tentativa de surpreender Dante, que imediatamente ergueu uma parede invisível na qual Giuseppe deu de cara. O garoto resmungou e então cambaleou para trás, caindo sobre o tapete e encarando o teto com uma expressão de surpresa que fez Dante fazer uma careta.

— Não fique apenas deitado aí, Giuseppe. Um *Pretoriano* teria enfiado uma espada em seu peito a essa hora.

Atrás dele, ele sentiu Santino fechar seus pensamentos. O garoto era um rápido aprendiz. Um bom traço para um Patrício. Santino se apressou para frente, seu plano de ataque quase completamente obscurecido. Mas com uma leve exploração na mente



do garoto, ele viu o que o adolescente havia planejado. Ordenadamente, ele evitou o rápido soco de Santino destinado a sua mandíbula e o pé destinado ao seu lado. Era fácil imaginar as mãos dele nos ombros do garoto antes de virar Santino para encarar a direção oposta e dar ao garoto um chute rápido no traseiro com uma bota invisível.

— Se eu posso ler a sua mente, um *Pretoriano* também pode. Nunca se esqueça disso.

Por mais do que quinze minutos, ele forçou os garotos a atacá-lo até que eles estavam claramente exaustos. Com cada derrota sucessiva, os adolescentes ficavam de pé mais lentamente, e suas expressões mostravam quão desmoralizados estavam. No entanto, apesar de sua punição, os dois se recusavam a se render. Era uma característica que poderia salvá-los no futuro, mas ele ainda não tinha certeza que eles aprenderam a lição deles.

O tempo diria. Com um juramento de irritação, ele mexeu sua cabeça em um movimento rápido e agudo. Um segundo depois, seus pensamentos ergueram os dois adolescentes e os deixou em pé, fazendo com que eles gritassem de surpresa e medo. A sua habilidade mental carregou os irmãos pelo tapete onde ele os derrubou na frente dele.

— Levantem-se. — Seu comando foi um rosnado maldoso, e os rapazes se apressaram para ficar de pé para se situar em atenção. Dante se inclinou para que o seu rosto estivesse no mesmo nível que os rostos deles. — Lutar entre nós deixa-nos fracos. Algo que os *Pretorianos* querem que nós sejamos. Nenhum de vocês está pronto para seguir para o próximo *Tabulati* do *Novem Conformavi*. Se eu fosse um *Pretoriano*, vocês dois estariam mortos em menos de um minuto. Da próxima vez que eu pegar vocês dois lutando, eu me certificarei que Plácido administre a vocês dois o *Castigatio*. Ele não será tão clemente quanto eu. *Capisci?*

Branco como fantasmas, os garotos assentiram vigorosamente com a cabeça em um reconhecimento silencioso de aviso. Sempre que Dante fazia algo errado quando criança, Plácido sempre conseguia colocar o medo de Júpiter nele. Do olhar no rosto de Giuseppe e Santino, estava claro que o nome do velho *Senhor Sicari* ainda inspirava medo e admiração.

— Vocês dois vão permanecer aqui até que as duas espadas sejam recuperadas sem usar nenhuma de suas habilidades. — Dante se endireitou para a posição vertical para ver as outras crianças na sala. — Quanto ao resto de vocês, o show acabou.

As palavras dele fizeram com que as crianças corressem na direção da porta. Ele viu Cleópatra rapidamente sair do caminho da debandada, e sem outro olhar para os irmãos, ele cruzou o piso do ginásio na direção dela. O calor agrediu o seu corpo no minuto que ele chegou ao lado dela, e ele suprimiu um gemido. Disciplinar Giuseppe e Santino sugara as habilidades mentais dele substancialmente, o que tornaria difícil bloquear as sensações que Cleópatra levantava nele. Para evitar tocá-la, ele gesticulou para que ela fosse à frente dele para a porta. Do outro lado da porta, Pietro estava de pé esperando por ele.

— Eu não quis colocá-los em problemas, *Tribune*. — Havia uma nota de hesitação na voz da criança, e ele viu Cleópatra vacilar. O desconforto que ele notou na expressão dela se enraizou até a consciência dele antes de se acalmar. Dante se agachou para que estivesse no mesmo nível dos olhos da criança e balançou sua cabeça.

— Você não os colocou em problemas, Pietro. Tudo o que você fez foi me contar o que estava acontecendo — Dante disse baixinho. — Você fez a coisa certa. Alguém poderia ter se machucado se você não viesse me achar.

— Você não acha que o Giuseppe e o Santino ficarão bravos comigo, não é?

— Não depois que eu falar com eles — Dante disse com um sorriso. Ele esfregou divertidamente a cabeça da criança. — Vá agora. Você vai se meter em problemas no minuto que a Cornelia ouvir o que aconteceu.

— Você é realmente bom com crianças — Cleópatra disse com uma voz cálida, e ele virou a cabeça para olhá-la com surpresa. O seu elogio era tão inesperado quanto o prazer que as suas palavras deram a ele. — Brigas assim acontecem sempre?

— Santino e Giuseppe são irmãos. Eles sempre estão brigando sobre algo. — Dante disse com um leve sorriso enquanto ele encontrava seu olhar curioso. — Mas sabem muito bem que não devem brigar sem supervisão. Uma das crianças mais jovens pode se machucar.



Quando eles começaram a andar de volta na direção das escadas. A mão de Dante roçou contra a de Cleópatra acidentalmente. A garganta dele imediatamente se fechou pelas sensações serpenteando por ele, e o seu andar se tornou rígido enquanto eles procediam a descida pelo corredor.

— Diversas crianças na sala eram bem jovens — Cleópatra murmurou. — Com que idade as crianças começam o *Novem Conformavi*?

— Entre as idades de cinco e seis. — Com a afirmação dele, ela parou abruptamente e o encarou horrorizada.

— Você não pode estar falando sério.

— Eu tinha cinco quando eu comecei o *Novem Conformavi*. Para completar todos os nove níveis normalmente leva entre vinte e vinte e cinco anos. — Com as palavras dele, ela engasgou.

— Cinco. É tão jovem. Nem mesmo a Ordem treina alguém antes dos nove anos.

— O *Novem Conformavi* é mais do que um programa de treinamento. Ele ensina a arte da autodefesa e como usar as nossas habilidades. É um modo de viver. Um compromisso — ele disse em um tom duro enquanto ele se lembrava de seu juramento.

— Mas cinco? — ela balançou a cabeça consternada. — É muito jovem. Os pais deles não protestam?

— Com a exceção de dois, todas as crianças naquela sala hoje são órfãos.

— Todos eles? — ela sussurrou enquanto olhava para ele.

A cor foi drenada do lindo rosto de Cleópatra, e uma expressão assombrada inundou seu rosto. A dor em seus olhos violetas era intensa, e cutucava o seu coração. Uma dor aguda perfurou seus pensamentos, e no próximo instante, suas emoções alagaram os seus sentidos de uma maneira que ele nunca experimentou com ninguém antes.

Era como se os pensamentos deles tivessem se tornado um só. A conexão que ele experimentou com ela antes não era nada se comparado a isso. Isso era tangível e uma



força real penetrando nele. Ele não estava simplesmente ciente da dor dela... ele a sentiu. A imagem de uma espada *Pretoriana* entrando no estômago dela, matando o seu feto, fez o corpo dele queimar com uma dor excruciante. *Christus*, por quanto tempo ela estava vivendo nessa agonia? Ele a arrastou para os seus braços em uma tentativa fútil de absorver toda a dor dela para dentro de seu corpo e diminuir o sofrimento dela. O tormento dela era dele, e era um ferimento sensível que perfurava tão profundamente a alma dele quanto à dela.

— O *bastardi* — ele falou suavemente, enquanto as imagens de seu passado continuavam a lampejar pela cabeça dele.

Gentilmente acariciando o cabelo dela, ele a segurou firme enquanto ela tremia em seus braços. A violência de seus tremores fez o coração dele doer por ela. Já era ruim o bastante que ela perdera o bebê, mas perder sua habilidade de ter outro filho tornava tudo mais trágico e de partir o coração. Imagens flutuavam rapidamente entre eles, e a imagem de um homem a abandonando o fez apertar o seu abraço. Alguém a desertou. Sua mandíbula endureceu com raiva com o pensamento enquanto ele esperava que os tremores dela passassem.

Depois de diversos minutos, a tremedeira dela diminuiu, e como uma maré vazante, suas emoções recuaram dele também. Quando ela se retirou de seus braços, era como se os pulmões dele fossem privados do precioso ar. A reação dele disparou um alarme nas profundezas de sua mente, mas ele ignorou. Tudo o que ele se importava no momento era aliviar o sofrimento dela, se ele pudesse. Ele enquadrrou seu lindo rosto com suas mãos e olhou para ela.

Esta não era a mesma mulher que ele conhecera em um beco escuro, que derrotara dois *Pretorianos* sozinha. Olhos violetas ampliados com angústia revelavam uma mulher frágil e vulnerável. Isso despertou algo a vida dentro dele. A feroz emoção protetora se inchou dentro dele e disparou mais alarmes, para os quais ele não prestou atenção. Ele poderia lidar com as consequências mais tarde. No momento, tudo o que ele podia pensar era fazer tudo ao seu alcance para mantê-la a salvo de qualquer coisa e qualquer um que pudesse machucá-la.



Ela se libertou de seu abraço, e desviou sua cabeça dele. Ele a viu engolir com dificuldade enquanto ela lutava para se recompor. O fato dela não chorar o incomodou. Não era saudável manter tanta dor e sofrimento trancado dentro dela. Quando ela olhou para ele, uma expressão trêmula cruzou seu rosto em sua tentativa de esconder a dor dele. Era muito tarde para isso.

— Como...? Você sabe o que aconteceu.

Havia uma nota autoconsciente de resignação em sua voz que o fez apertar a mandíbula. Que tipo de explicação ele poderia dar a ela pelo que acabara de acontecer? Ele não invadiu os pensamentos dela, mas a força da conexão entre eles o fez saber não apenas os seus pensamentos, mas a dor física do passado dela.

— Sim. Eu vi tudo — ele disse com um aceno. Ele engoliu com dificuldade, incerto sobre o que mais dizer para ela. Dizer que ele sentia muito parecia completamente inadequado pelo que ela perdeu.

— Mas você não... você não invadiu os meus pensamentos — ela disse com uma confusão óbvia.

— Não. — Ele balançou a cabeça, sabendo que ele não tinha uma explicação sólida para o que aconteceu. — Eu acho que a sua mente está conectada com a minha.

— Isso é impossível — ela falou roucamente. — Eu não tenho nenhuma habilidade *Sicari*.

— Qualquer coisa é possível, Cleópatra, e é a única explicação que eu posso imaginar. Poderia ser que as suas habilidades estivessem latentes até agora. — Ele não mencionou que não era a primeira vez que ele foi capaz de ler os pensamentos dela.

Ela desviou seu rosto dele, claramente lutando para fazer sentido o que havia acontecido entre eles. Ele se esticou para tocar o ombro dela, e ela recuou a cabeça para encontrar o olhar dele. Dor obscureceu a sua expressão amável mais uma vez, e ele lutou contra a vontade de puxá-la novamente para os seus braços. Como se de repente ela tivesse percebido que estava revelando mais do que queria, sua expressão ficou em branco.



— Pietro? E quanto aos pais dele? — ela engasgou em um claro esforço de virar a conversa para longe dela. De novo ele foi consumido pela vontade de abraçá-la até a sua dor sumir. As águas perigosas que ele trilhava mandaram uma onda para bater nele até que estava certo que ele estava próximo de se afogar. Em uma tentativa desesperada de manter seu autocontrole, ele imediatamente fechou a si mesmo para tudo, exceto responder sua pergunta.

— Eu resgatei Pietro de uma instalação de reprodução a mais de seis anos atrás, no berçário. Ele tinha apenas algumas horas de vida, e a mãe e irmã estavam mortas na próxima sala.

— O *bastardi* — ela falou ferozmente.

Seus olhos brilhavam de fúria, mas mesmo se ele não tivesse visto o ultraje em sua expressão, ele podia senti-la... experimentá-la. Era claro como eles ainda estavam conectados de alguma forma. Preocupado que ele pudesse mostrar algo horrível a ela, ele suprimiu as imagens da última instalação *Pretoriana* de reprodução em que ele entrou. O massacre de bebês inocentes, simplesmente porque eram mulheres, não era algo que ele queria que ela sentisse se a conexão deles ainda fosse forte o bastante para ela ver o que estava em seus pensamentos.

Cleópatra encontrou o olhar dele por um momento antes de se virar e seguir pelo corredor. Dante a alcançou em duas passadas. Seus instintos diziam que ela não queria conversar, então ele simplesmente andou ao lado dela em silêncio. Lentamente, a tensão em Cleópatra diminuiu.

Enquanto eles faziam o caminho silenciosamente pelos corredores do complexo na direção do apartamento dela, a caminhada sem pressa permitiu que os dois ganhassem a calma de suas mentes novamente. A conexão que ele sentiu entre eles ainda estava presente, mas era um pouco mais do que um sussurro roçando contra os seus sentidos.

Que eles ainda estavam conectados não o surpreendeu. Iria explicar por que ele era capaz de ler os pensamentos dela tão facilmente, mesmo quando ele tentou bloqueá-los. Não foi até que eles estavam fora do apartamento dela que ele percebeu que deveria ter ido para a direção oposta cinco minutos atrás. Quando eles pararam



na frente da porta dela, ele limpou a garganta enquanto a incerteza serpenteava seu caminho pelo corpo dele.

Ela parecia no controle completo, mas embaixo da superfície ele sentiu uma emoção forte que o incomodou. Isso o deixou relutante em deixá-la sozinha, e ele não gostou de como se sentiu estranho. O desejo dele de protegê-la não havia sumido. Se ele fosse pensar nisso, era mais forte quando sentiu toda a sua dor. Ele limpou a garganta enquanto tentava pensar em uma maneira de ir embora graciosamente. Felizmente, ela resolveu o problema para ele.

— Cornelia disse que há uma sala de treino onde eu poderia me exercitar.

A voz dela estava vazia de emoção, mas uma imagem de uma sala de treinamento passou por sua cabeça. Ele recuou com a visão de seu treino exaustivo. Ela se punia por algo que não era culpa dela. O instinto o guiou para se esticar e tocar o queixo dela. No momento que ele percebeu o que ele estava fazendo, abaixou a mão e apertou o punho ao lado dele. Ela o estudou em silêncio, esperando pela resposta dele, e o corpo dele estava de repente pegando fogo com uma emoção que ele não entendia.

— É na parte nordeste do complexo — ele falou roucamente. — A maneira como os prédios estão conectados é igual das quadras da cidade e isso pode ser confuso se você não esteve lá antes. Eu falarei para alguém te mostrar o caminho.

— Tudo bem — ela disse com um aceno. A boca dela se abriu como se fosse dizer mais alguma coisa, mas então ela apenas mexeu levemente a cabeça. — Eu te vejo no jantar, então.

Quando ela começou a fechar a porta, ele se lembrou que deveria ter contado para ela que a refeição da noite era sempre formal. Plácido começara a tradição. O antigo *Senhor Sicari* dissera que a apreciação de alguém pela civilidade e as artes era a diferença entre uma cultura civilizada e uma bárbara. A palma dele bateu contra a porta para mantê-la aberta, e ele pegou o cotovelo dela. Foi um erro tocá-la.

No instante que ele fez isso, um choque de eletricidade serpenteou até o peito dele. Tão poderoso como um relâmpago, a sensação o congelou. A mão dele ainda estava em volta do braço de Cleópatra, ele a encarou. O olhar assustado em seu rosto deu lugar a uma expressão que fez o sangue dele ficar quente de desejo. Era uma

emoção que ele sabia que deveria suprimir, mas ele não estava certo de como controlá-la.

Necessidade chamuscou nos olhos violetas dela, segurando-o cativo e incapaz de recuar enquanto ela se inclinava nele. Impulsivamente, ele abaixou sua cabeça de leve para respirar o aroma do cabelo dela. Ontem à noite ela tinha o cheiro doce de sabonete, mas hoje era um aroma cítrico. Não que isso importasse. Tudo sobre ela era delicioso.

Pior, o doce aroma dela estava fazendo o corpo dele responder em um nível básico, e ele já estava duro dentro de suas calças. Meros centímetros separavam-nos enquanto ela inclinava a cabeça para cima para olhar para ele. *Christus*, ele precisava colocar uma distância entre eles. Agora. Mas algo estranho, irreconhecível, estava rapidamente tomando controle de seu corpo. Ela roçou as pontas de seus dedos sobre a boca dele. O toque inflamou uma nova barragem de emoções dentro dele até que uma sensação básica tirou qualquer pensamento claro de sua cabeça.

— Alguma mulher já falou que linda boca você tem? — ela murmurou em uma suave voz, com o que soava ser um sentimento de admiração.

O tom rouco da voz dela ecoou com uma doce sedução enquanto as palavras dela acariciavam seus sentidos até que o fogo serpenteou pelas suas veias, aquecendo cada parte dele. Uma fome gritante guerreou com a sua consciência enquanto ele a encarava. Ele não estava sendo honesto com ela. Ele já tinha uma amante. Enquanto os dedos dela tracejavam o contorno de seus lábios, seus olhos violetas o estudavam atentamente. Era quase como se ela pudesse ver diretamente no coração dele e a batalha que ele travava lá dentro.

— Cleópatra...

— Doce Vesta, você não sabe quando uma mulher quer que você a beije? — ela sussurrou.

As mãos dela aninharam o rosto dele para gentilmente puxar a cabeça dele para baixo. Pânico e confusão aumentaram nele enquanto tentava manter sua sanidade, mas no próximo instante a boca dela estava contra a dele. Ela tinha gosto de água fresca de nascente contra a sua boca seca. Fresca e tão, tão doce.



Um tremor percorreu-o enquanto as mãos dele seguravam delicadamente a cintura dela. Em algum lugar bem distante ele escutou o som da porta se fechando antes de ser capturado pelo gosto, aroma, e a sensação dela. Do gosto doce de seus lábios ao modo como o pulso dela tremulava debaixo de sua mão quando ele acariciava a suave maciez de sua garganta, ela preenchia cada um de seus sentidos como uma droga potente.

Um choramingo suave foi sussurrado por ela, e seu pênis pulou com o som. Pelos deuses, nem mesmo Júpiter seria capaz de resistir a ela. O medo o apunhalou com o pensamento. Se o mais poderoso dos deuses não teria força para resisti-la, como ele poderia? Não era uma questão de como.

Era uma questão de se ele queria resistir. A sanidade parecia na beira de retornar quando ela gentilmente mordiscou o lábio inferior dele. Ele imediatamente puxou uma respiração aguda e então endureceu quando a língua dela mirou para dentro de sua boca. A intimidade aquecida do beijo o surpreendeu por apenas um instante antes que os sentidos explodissem de prazer.

Tentativamente, a língua dele dançou com a dela em uma exploração gentil da boca dela, deixando-o faminto por mais. A língua dela se entrelaçou com a dele enquanto ela provocava e tentava-o a responder até que ela estava empurrando para uma piscina de sensações que ameaçavam desfazê-lo completamente.

Enquanto ela pressionava o corpo dele com o dela, ela se acomodou contra a espessura rígida de seu pênis. Ele sacudiu com as sensações atingindo cada um de seus músculos quando ela esfregou o seu corpo contra a ereção dele. As emoções vibrando dela eram quentes e ardentes. A necessidade o puxou, e ele estremeceu enquanto as imagens começavam a fluir através de sua cabeça.

Ele não tinha certeza de quando os pensamentos dela terminavam e os dele começavam, mas todos o deixavam desequilibrado. Imagens da boca dele explorando cada centímetro dela, as mãos dele acariciando uma coxa firme e flexível. Algo desconhecido o puxou, e ele estremeceu com uma fome que ele não entendia enquanto a boca dela deixava a dele e deslizava pela sua bochecha e então para o lado de seu pescoço.



Ao longo do caminho, ela mordicou-o com seus dentes, o que puxou um novo gemido para fora dele. Seu coração trovejava em seus ouvidos enquanto seus dedos encontravam a pele sedosa embaixo de sua blusa. No momento em que ele a tocou, ela se inclinou para trás e rapidamente tirou sua blusa. A visão de seus seios fartos presos em renda o fez puxar uma respiração aguda. Um segundo depois, a renda desapareceu, e ele parou de respirar de uma vez.

Ele engoliu com dificuldade e se esticou para tracejar com os seus dedos ao longo do topo de seus seios antes de segurar um para encarar maravilhado a curva linda e luxuriosa dela descansando em sua palma. A superfície granulada de sua aréola cor de malva cercada por um pico duro, silenciosamente o seduzia para tocá-la.

Fascinado, ele roçou seu polegar sobre o mamilo dela. O gemido baixo que ecoou de seu pescoço fez o seu pênis crescer e ficar tão tenso e duro que doía. Mas era uma sensação prazerosa. A superfície de seu polegar esfregou sobre ela novamente, fazendo com que ela choramingasse. Ela arqueou suas costas para que seus seios ficassem mais para cima. Se ele inclinasse a cabeça, ele poderia tomá-la em sua boca.

Gritos de aviso soaram no fundo de sua mente, mas ele mal os ouviu enquanto abaixava sua cabeça e beijava o topo de seu seio. Ela gemeu novamente. O som o fez relaxar um pouco. Mesmo se ele não soubesse o que estava fazendo, ele obviamente fazia algo certo. Essa ideia era como uma pedra caindo, e ele enrijeceu. Ele não deveria estar aqui. Seus protestos internos foram para o vento quando a ponta do seio dela roçou em seus lábios.

— Deus, me chupe — ela implorou em um sussurro rouco.

Operando estritamente a base do instinto, ele tentativamente a tomou em sua boca e a chupou. Suave e perfumada, seu aroma enchia suas narinas. De alguma forma a fazia ter um gosto ainda melhor. Saboreando a sua doçura, ele circulou os mamilos dela com um roçar hesitante de sua língua.

O suspiro gentil que passou pelos lábios dela o deixou mais ousado, e ele sugou com um pouco mais de força. Ela o encorajou ao colocar a mão livre dele em seu outro seio. Enquanto seus dedos exploravam um seio, a boca dele acariciava o outro. Quando

os dentes dele acidentalmente roçaram seu bico duro, ele endureceu com medo de que ele havia machucado-a.

Ao invés disso, ela engasgou acentuadamente com um grito baixinho que ele tinha certeza que era de deleite. Calor, confusão, prazer, e insanidade se fechavam em torno dele como *Pretorianos* prontos para destruí-lo. Ele pairava na beira quando uma imagem intoxicante inundou sua cabeça. Ele não sabia se a visão erótica era dele ou dela, mas era crua e visceral.

A imagem mental do corpo dele prendendo-a na parede, suas pernas longas em volta de sua cintura enquanto ele penetrava seu corpo no dela, flutuou sua mente. Era como atingir uma parede de tijolos. Ele se soltou dela com um movimento brusco e cruel. A perplexidade no rosto dela o fez puxar uma respiração profunda e então a soltar.

Pela pedra de Júpiter. Que merda ele estava fazendo? O momento de pânico que ele experimentou segundos antes de se tornar um ataque completo enquanto ele lutava para respirar. Como ele podia ter perdido controle de seus sentidos tão facilmente? Ele correu uma mão trêmula pelo seu cabelo e lutou para recuperar sua voz. Com as mãos nos quadris, Cleópatra o observou com confusão. Nua da cintura para cima, sua postura sintetizava a essência de seu ser. Confiante e ousada. Tudo isso a tornava ainda mais linda, e o corpo de Dante protestou viciosamente enquanto ele dava um passo para trás.

— O que foi? — ela disse com uma voz baixa e cheia de confusão.

— Perdoe-me, eu não deveria ter... eu perdi minha cabeça. — Dante tropeçou nas palavras enquanto desviava o olhar dela e dava outro passo trêmulo para trás. Que infernos ele deveria dizer para ela? Que ele a queria, mas não podia tê-la?

Que ele a queria tanto que estava disposto a quebrar o seu voto?

O pensamento fez a sua barriga doer como se tivesse levado um chute no estômago. Na parte de trás de sua mente, ele ouviu a voz de Plácido dizendo que ele teria que fazer uma escolha, no que dizia respeito à Cleópatra. Esta era a escolha dele? No segundo que o seu olhar se prendeu com o dela, outra onda de pânico subiu por

ele. Ele não poderia tomar uma decisão. Ele não queria escolher. Ele queria o seu bolo e ele queria comê-lo também. A descoberta assustou os infernos nele.

— Perdeu sua cabeça? — ela estourou. — O que infernos isso quer dizer?

— Quer dizer... eu só queria te dizer... que nós nos vestimos formalmente para a refeição da noite — ele engasgou com uma tosse. — Eu... me perdoe. Há assuntos que eu preciso tratar.

A expressão de queixo caído dela fez o seu estômago se torcer com pesar e constrangimento enquanto ele se virava e saía tão rápido quanto fosse possível do quarto. O que no nome de Júpiter deu nele? Ele colocara o seu juramento para com o *Absconditus* em risco. Ele nunca fizera isso antes em sua vida. Na verdade, o juramento dele estivera em risco desde o momento que ele a carregou para o carro ontem à noite.

O erro que ele acabara de cometer estava apenas escondendo a verdade dela, simplesmente porque ele a queria. Ele era um bastardo. Ele sabia que ficar com ela era impossível, mas isso não parou a vontade que se acendia dentro dele. Isso não o preveniu de se perguntar como seria a sensação de experimentar em primeira mão as imagens que ele viu em sua cabeça momentos atrás.

Imagens tão eróticas que ele desejou a Júpiter que nunca tivesse feito seu maldito juramento. Envergonhado pelos seus pensamentos, ele soltou uma respiração dura. Ele havia feito sua cama, e tinha pouca escolha a não ser deitar sem ela. Mais uma vez se lembrou das palavras de Plácido sobre a escolha que ele teria que fazer. Ele tomou a sua decisão há muito tempo, e a única maneira de garantir que ele não quebrasse o seu juramento para o *Absconditus* era contar a verdade para a Cleópatra. No pouco tempo que ele a conhecia, ele veio a perceber que ela valorizava a verdade, honra e lealdade acima de todo o resto.

A determinação dela em resgatar a sua amiga do Convento da *Mãe Sagrada* mostra que ela estava disposta a colocar sua própria vida em risco pelo bem da amizade. Era somente mais uma razão para gostar dela. E ele gostava dela bem mais do que deveria. Se ele não tivesse feito seu juramento, poderiam ter... ele grunhiu. Esta estrada, ele não tinha direito nenhum de atravessar. O problema era, uma parte muito



forte dele queria segui-la por esta estrada. Isso mais do que tudo, o fazia perceber o quão perto ele estava de cair em um abismo que prometia tanto o céu como o inferno.



Catorze



Dante sentiu Cleópatra antes mesmo de ela chegar ao arco que conduz ao salão. A presença dela era como um tsunami dirigido diretamente para ele. Ele não estava ansioso para esta noite de qualquer modo. A maneira que ele deixara Cleópatra mais cedo não foi um dos seus melhores momentos. Deliberadamente, ele manteve seu olhar focado na edição do *II Menssagero*. Não que ele pudesse sequer se concentrar no artigo do jornal que estava lendo, mas isto ao menos daria a ele tempo para se acostumar a estar no mesmo lugar que Cleópatra. Em frente a ele, ouviu Plácido inalar uma forte respiração.

— Pedra de Júpiter — o velho *Sicari* disse com uma voz irregular.

Assustado, Dante baixou o jornal para olhar na direção de seu amigo, esperando ver o a o idoso *Senhor Sicari* curvando-se de dor. Em vez disso, o velho ficara de pé para a entrada da sala de estar com uma expressão confusa no rosto. Dante seguiu o olhar de Plácido, e puxou ar de seus pulmões enquanto lentamente levantou de sua cadeira.

— Doce mãe de Juno. — Dante disse asperamente enquanto lutava para respirar.

Cleópatra não apenas se vestiu para o jantar. Ela se vestiu para ser a sobremesa. Seu escuro e ondulado cabelo era a moldura perfeita para suas feições perfeitas, e fluía para baixo acariciando a linda curva de seu ombro. O vestido preto sem alças que ela vestia empurrava para cima os seios cheios, fazendo-os parecer categoricamente



melões maduros prontos para a colheita. O pensamento fez sua cabeça girar, enquanto observava afetado, ela caminhou em um par de sapatos stiletto que a fazia parecer – *Christus*, ele não sabia o que eles a faziam parecer. Isto não era verdade. Eles a fizeram parecer boa o bastante para comer, e ele não precisava do seu tipo de tentação.

Incapaz de ajudar a si mesmo, ele ficou encantado enquanto ela se movia em direção a ele e Plácido. Seu olhar encontrou o dele, e sua garganta apertou com o lampejo de raiva que viu em seus olhos violetas. Ele não a culpava por estar com raiva. Ele a humilhou. Ele merecia qualquer punição infligida por ela sobre ele. E ele tinha certeza que ela pretendia extrair seu quilo de carne hoje à noite. Ela tomou as palavras dele em seu coração e se vestiu para jantar de tal forma que o fizesse saber com certeza exatamente o que ele havia passado antes.

Cada passo que ela dava em sua direção destacava a forma como se encaixava o vestido plissado de um material confortável contra cada uma de suas curvas. Ele nunca viu um corpo de mulher delineado tão deliciosamente antes em sua vida. Ainda mais perturbador era como o vestido terminava cerca de dois centímetros abaixo de seu traseiro, onde ele se agarrou em suas coxas como a seda contra o vidro molhado.

O salto alto preto que ela usava fez suas pernas nuas parecerem ainda mais longas do que elas já eram. De repente ele imaginou sua mão deslizando sobre a lisa panturrilha até sua coxa exuberante. Surpresa varreu o rosto dela antes dela arquear as sobrancelhas para ele com um olhar sarcástico que o fez perceber que ele involuntariamente a tocou com seus pensamentos.

Calor ruborizou seu rosto enquanto ele lutava para aceitar o fato de que ele perdera o controle. Doce Juno, o que estava acontecendo com ele? Sempre que mulher vinha perto dele, era quase impossível ficar de fora dos pensamentos dela, e agora ele a toucou com suas habilidades telecinéticas. Louvado Júpiter que ele não perdera completo controle de suas faculdades esta tarde quando eles se beijaram.

Especialmente, quando ele se lembrou de quão facilmente os pensamentos dela inundaram o seu. Se ele não recuasse quando descobriu, as imagens que viu poderiam muito bem ter se tornado realidade.

Agora, enquanto ele a olhava atravessar o piso em sua direção, a memória destas visões enviou uma poderosa onda de luxúria batendo através de suas veias. *Christus*, como seria se descascasse para fora deste vestido aqueles lindos quadris, aquele deslumbrante corpo. O pensamento atirou um arrepio através dele. Ele precisava encontrar uma maneira de controlar essa atração que sentia por ela. Se ele não o fizesse, tudo o que prezava estaria em perigo. Ele não podia deixar isso acontecer.

— *Belíssima*. — A voz de Plácido estava impaciente e cheia de apreciação quando Cleópatra parou em frente a ele. — Dante, apresente-me a esta extraordinária criatura.

— Cleópatra, este é *Il mio signore*, Plácido Castilho — ele disse calmamente, evitando o olhar de Cleópatra.

— Cleópatra. — O ancião *Senhor Sicari* disse o nome dela como se isso fosse uma prece. O afeto óbvio disparou uma estranha emoção se movendo através de Dante, enquanto observava seu mentor tomar seu tempo para beijar a mão de Cleópatra. — Sua beleza rivaliza com a da sua xará, *caríssima*. Você vai sentar ao meu lado no jantar.

— Eu estarei honrada. — O som rouco da voz dela fez Plácido sorrir para ela, e Dante morder por dentro sua bochecha. O velho homem estava agindo como se tivesse metade de sua idade neste momento.

— Excelente — o antigo guerreiro exclamou com deleite. — Eu entendo que você irá ficar conosco por um tempo. Nós teremos Dante encontrando uma ocupação para você.

— Eu penso que o *Tribune* não sabe bem o que fazer comigo, *il mio signore*.

Divertimento preencheu a voz de Cleópatra, mas seus olhos violeta ainda brilhavam com raiva quando ela olhou para ele. Não importava se ela se referia a esta tarde ou seu toque invisível de um momento atrás. Ela estava absolutamente certa. Ele não tinha a menor ideia de como lidar com a mulher.

O colarinho se apertou em volta do seu pescoço e, ele lutava para não puxar a camisa. Plácido arqueou uma sobrancelha para ele e sorriu.

— Bem, Eu não sou tão velho para ter esquecido o que fazer com uma linda mulher, *caríssima* — Plácido disse com um sorriso afetado.

A insinuação sexual nas palavras do *Senhor Sicari* fez Dante endurecer enquanto ele olhava para o velho guerreiro. O homem sempre amou as mulheres, mas ele estava velho demais para Cleópatra. Divertindo-se com o comentário de Plácido, Cleópatra riu. Era um som baixo, abafado que enviou outra onda quente de luxúria até Dante.

— Talvez o *Tribune* simplesmente precise aprender como relaxar — Cleópatra disse em um sussurro teatral conforme sorria altivamente na direção de Dante. — Ele parece um pouco duro, não é?

Por um instante fugaz, ela olhou para baixo em sua virilha, e seu pênis despertou em suas calças. Enquanto o seu olhar travava com o dele de novo, ele apertou a mandíbula com a risada que dançava nos olhos violetas dela. A mulher sabia que o jogou fora do equilíbrio, e ela estava curtindo o fato. Plácido olhou para ele com cintilante divertimento perverso em seus olhos, também.

— Não subestime o *Tribune* Condellaire, *caríssima*. Uma vez que chegue a conhecê-lo melhor, penso que você o ache bastante charmoso.

— Sem mencionar meticuloso, direto e uma aberração organizacional. — A voz de Cornélia estava calma e neutra, mas enquanto Dante virava em direção a ela, havia uma faísca nos olhos dela. Ele estava prestes a responder, mas sua *Praefect* mudou sua atenção para Cleópatra e acenou. — *Molto bene*, o vestido serviu perfeitamente em você.

— Eu apreciei você me deixar pegá-lo emprestado para a noite — Cleópatra disse com um sorriso deslumbrante. — Quando o *Tribune* disse que todos se vestem formalmente para jantar, eu estava perdida a respeito do que vestir. Eu só possuo um par de vestidos e eles não são realmente formais.

Dante sentiu o vento saindo de nariz. Então ela não deliberadamente se vestiu assim para lembrá-lo o que ele perdeu esta tarde. Seu olhar mudou de volta para Cornélia, que usava um vestido preto de aspecto tranquilo. Era um look lisonjeiro, mas este não tinha nada do sex appeal do vestido de Cleópatra. Desapontamento bateu duro

no âmago dele. *Fotte*, ele estava louco em pensar que ela poderia ter se vestido para seduzi-lo. Puni-lo.

— Por que nós não vimos você vesti-lo antes, Cornélia? — ele perguntou.

Arrependimento borbulhou através dele enquanto ouviu Plácido esconder um bufo de riso atrás de uma tosse. O som disse que o *Senhor Sicari* ouviu o incômodo em sua voz e sabia exatamente por que ele estava irritado. O velho estava se tornando um espinho em seu lado. Cornélia olhou-o com cuidado, sua expressão estava fechada. — Eu comprei-o por um capricho. Ainda bem que a senhorita Vorenius e eu somos do mesmo tamanho. — Cornélia olhou Cleópatra com um sorriso genuíno de satisfação. Foi um longo tempo desde que ele viu sua *Praefect* sorrir e ele só poderia assumir que era porque Cleópatra trouxera informações que ajudariam a libertar Beatrice.

Ele assistiu com fascinação quando Cleópatra balançou a cabeça, seus cabelos roçaram seus ombros nus. Foi a primeira vez que ele viu seu cabelo livre da trança que ela usara desde a noite passada, e seus dedos coçaram para deslizar através da escuridão sedosa. Ela sorriu para Cornélia.

— Por favor, me chame de Cleo. Eu nunca fui de ficar nas formalidades. — Ela olhou para o seu vestido e correu uma mão sobre o quadril em uma forma que o fez puxar uma respiração rápida. Um segundo depois ela ofereceu a Cornélia um sorriso travesso. — Além disso, bons amigos sempre emprestam roupas uns aos outros.

Cornélia sorriu tranquilamente e isto o surpreendeu. Cleópatra havia encantado sua *Praefect* e mesmo Plácido estava encantado com ela. O som excitado das vozes flutuava em suas direções e ele olhou adiante de Cleópatra, na direção de um pequeno grupo de guerreiros entrando no lugar.

No minuto em que ouviu o assobio longo e baixo, ele sabia que era para Cleópatra e uma emoção forte e territorial cortou através dele. Ela imediatamente virou sua cabeça e riu. Mesmo que ela aceitasse o assobio como um elogio, ele dirigiu um olhar duro de descontentamento aos recém-chegados. Um dos jovens guerreiros ficou vermelho sob o olhar de Dante, enquanto o casal de seus companheiros riu e cutucou-o na lateral.

Antes de Dante poder dizer qualquer coisa, Cornélia pegou Cleópatra pelo braço e guiou-a até a pequena multidão. Enquanto sua *Praefect* apresentou-a aos combatentes, ele observou como os homens se acotovelavam uns aos outros para chegar perto dela. Plácido se inclinou em direção a ele com um ar confiante.

— A mulher é suficiente para despertar até mesmo este homem velho. — Travessura encheu a voz do *Senhor Sicari* e Dante lançou um olhar penetrante a ele.

— Ela é? — ele estava satisfeito com sua reserva e destacou na resposta.

— Minta para você mesmo, *Tribune*, mas não minta para mim — Plácido disse com um grunhido de riso. — Eu posso ser velho, mas minha visão ainda é boa. Você não pode manter seus olhos fora da mulher.

— Eu sou mais que capaz de apreciar uma linda mulher sem desejo a respeito dela — ele rosnou enquanto ele via Cleópatra flertando com dois dos seus melhores guerreiros. — Cleópatra é simplesmente um teste a minha dedicação.

— Bah — Plácido bufou com desgosto. — Se você espera que eu acredite nisto, então você realmente pensa que sou um tolo.

— Você não é um tolo — ele disse com tranquila sinceridade. — Mas você é um velho e intrometido homem.

— Não — o *Senhor Sicari* disse em um tom de afeto enquanto ele agarrou o ombro de Dante com seus dedos magros. — Eu sou alguém que se preocupa com você e seu futuro.

Ele olhou na direção de Plácido para ver uma expressão paternal no rosto do *Senhor Sicari*. Com um brusco aceno, ele silenciosamente reconheceu as palavras do velho homem. O guerreiro ancião apertou seu ombro antes de enviar a Dante um grande sorriso.

— Agora penso que eu deveria ir resgatar nossa jovem dama das atenções de todos esses machos de sangue quente. A menos que você se interesse em fazer as honras?



Ele balançou sua cabeça a despeito de seu desejo de apenas fazer como Plácido sugeriu. Com um encolher de ombros o velho homem andou para longe. Enquanto ele olhava seu amigo chegar à pequena multidão de homens *Sicari* em torno de Cleópatra, Dante lutou com a violenta necessidade de arrastá-la do lugar para longe deles. Um gemido baixo retumbou em seu peito. Deus, ele estava em águas profundas.

A concretização continuou a atormentá-lo durante todo o jantar, enquanto observava Cleópatra flertando com Plácido e outros de seus guerreiros.

Desgostoso pela sua inabilidade de ignorar o modo como o *Senhor Sicari* e Tony estavam fazendo a si mesmos de tolos sobre ela, o humor de Dante se deteriorou durante a refeição.

Quando a maioria das pessoas saiu da mesa, ele quase cantou de alívio. Ele não podia lembrar a última vez que esteve tão agradecido por uma refeição ter acabado. Levantando de sua cadeira, ele ouvia Tony oferecendo-se para mostrar o jardim a Cleópatra. Antes de perceber o que estava fazendo, ele se moveu para ficar ao lado do guerreiro.

— Você não tem uma missão esta noite, Tony? Se Cleópatra quiser ver o jardim, então estou certo de que *il mio signore* Plácido estaria feliz em servir como o guia dela, — ele disse calmamente conforme acenava em direção ao ancião *Senhor Sicari*.

O guerreiro começou a protestar e Dante o encarou. Tony enviou a ele um estranho olhar antes de dar de ombros e virar-se de volta para Cleópatra. Capturando a mão dela, Tony beijou os dedos dela como oferta de boa noite. Dante observou em silêncio e lutou com a súbita urgência de atirar o outro homem no chão.

Plácido ergueu-se lentamente em seus pés e piscou para Cleópatra.

— Você gostaria de ver o jardim sob algumas poucas estrelas que a luzes da cidade permitem, *caríssima*?

— Em sua companhia, *Il mio signore*, eu iria achar isto muito agradável.

— Talvez Cleópatra pudesse esperar até outra vez...

— Tolice, meu filho — Plácido zombou. — O ar da noite está quente o bastante para um passeio agradável, e você sempre pode falar sobre negócios. Embora, eu pensarei que você é louco se fizer isto.

— Eu sou perfeitamente capaz de andar no jardim por minha conta — Cleópatra disse com uma gargalhada. — Não há nenhuma necessidade de Dante se juntar a mim.

Havia uma pitada de amargura em sua voz, mas lá havia um desafio também. Ela estava essencialmente dizendo que ele estava com medo de estar sozinho com ela. Ela estava certa, mas ele malditamente não ia admitir isto para ela ou qualquer um mais.

— Não haverá necessidade, mas as ordens do *mio signore* nunca são questionadas — Dante respondeu.

A nota afiada em sua voz foi reservada para Plácido, mas ele viu a forma como Cleópatra endureceu antes que ela enviasse a ele um olhar frio. O velho *Senhor Sicari* sacudiu a cabeça com desaprovação enquanto levava a mão de Cleópatra a sua boca.

— Perdoe-o, *caríssima*. Já passou a hora dele dormir, o que explica porque ele é tão mal-humorado.

— Por que isto não me surpreende?

Embora ela respondesse a Plácido com um sorriso, a nota sarcástica que passou por um fio através dela não escapou dele. Tensão bloqueava sua mandíbula enquanto ele percebeu que conseguiu insultar Cleópatra um pouco ao deixar Plácido saber que ele não gostava de ser empurrado ao extremo. Ele olhou para o velho antes de gesticular para Cleópatra, precedendo-o para fora da sala de jantar.

Ele iria ter que oferecer a ela o braço, mas o pensamento dela estando tão perto não era uma coisa para que ele estivesse pronto. Não mencionando que ele estava certo que ela recusaria.

Enquanto ele se movia através do corredor para uma das portas que levava para o jardim. Ele tentou compreender o que estava fazendo.

Por que em nome de Júpiter ele não tinha apenas deixado Tony mostrar a ela o jardim? Ele não gostou da resposta. Ele queria cuidar para que Tony não estivesse sozinho com ela.

Fotte, ele teria feito a mesma coisa mesmo se ela fosse ser acompanhada por Plácido. Enquanto ele se moveu saindo para o ar da noite, ele estava perdido pelo o que dizer.

Não ajudou muito ela parecer bastante satisfeita com o silêncio constrangedor que se estendia entre eles. Ao menos era estranho para ele. Ela para parecia estar completamente indiferente a sua companhia. Isso foi uma mudança a partir desta tarde, quando ele chegou perto de perder o controle de sua sanidade. Com a graça de um bem treinado lutador, ela se moveu em direção ao pequeno templo de pedra situado em um canto do jardim.

O lugar isolado fez seu intestino se comprimir conforme ele a seguia. Ele ficou na entrada da estrutura em forma de gazebo. Dois bancos de pedra de frente para o outro, enquanto um pequeno altar estava em frente à entrada do templo. Incapaz de ajudar a si mesmo, ele observou com fascinação enquanto ela cruzava o chão de mármore para um dos bancos.

Com ela de costas para ele, ela apoiou a mão contra o braço do banco então inclinou para remover primeiro um sapato e então o outro. O movimento expôs a suave curva do traseiro, e seu pênis estava duro em segundos. Continuava ignorando-o, ela sentou, seus dedos em volta das bordas do assento do banco quando ela olhou para a abertura no teto do templo. O luar dançava em seu rosto, e ele não conseguia se lembrar da última vez que ele viu algo mais bonito.

— Eu gosto de Plácido — ela disse com um sorriso. — Ele deve ter sido um verdadeiro sedutor em seu auge.

— No seu auge? Se ele ouvir você dizer isto, ele ficará insultado — Dante disse com uma imensa sensação de alívio. Louvada Juno. Ela não iria mencionar esta tarde.

— Tony é apenas charmoso. — Ela olhou para ele com uma expressão que o fez imediatamente desconfortável. — Foi por isto que você o impediu de mostra o jardim a mim? Protegendo minha virtude como você fez hoje mais cedo?



Havia um forte frio em sua voz que ilustrava mais uma vez a humilhação pela maneira que ele a rejeitou. *Christus*. Ele deveria ter pensado melhor. Ela não tinha intenção de deixá-lo fora de perigo sobre esta tarde. Não que ele merecesse ser deixado de lado tão facilmente. Dante limpou sua garganta enquanto desesperadamente tentava alcançar uma explicação para o seu comportamento. Ele não tinha uma. Somente a verdade. Algo que uma parte dele queira ignorar.

— Ele tinha um trabalho a fazer. Eu simplesmente lembrei-o do fato. — Dante sabia que contornava a verdade, mas não estava perto de admitir que algo mais o fizesse interferir. Ele se moveu mais para dentro do templo antes que percebesse que poderia ser um equívoco.

— Eu entendo. — O óbvio ceticismo dela o fez fazer careta.

— Ele está levando um dos seus estudantes mais velhos para sair em sua primeira excursão. — Ele a viu ficar rígida por um momento antes de ela acenar com a cabeça.

— A primeira vez sempre é a mais difícil.

A declaração quase inaudível fez Dante franzir as sobrancelhas. Ele fizera algumas verificações nas recentes missões de Cleópatra ao longo dos três últimos anos, e havia um padrão em suas missões. Praticamente, cada um dos criminosos que ela executou feriu ou matou crianças.

Ela esteve envolvida em suficientes execuções de outros crimes para fazer isto parecer uma coincidência, mas alguma coisa disse a ele que os eventos não eram absolutamente casualidades.

Mesmo Angotti indiretamente era responsável pelas mortes de cinco crianças quando ele mandou Luigi Romano queimar um de seus prédios de apartamento até o chão.

— Lembro-me da minha primeira execução — ele disse calmamente. — Era um homem jovem que assassinara uma família inteira em suas camas como parte de uma iniciação da máfia.

— Você soa como se arrependesse de realizar seu julgamento. — Havia uma dura nota em sua voz que o angustiou.

— Não. Sua sentença era justa. Eu simplesmente penso o que ele poderia ter feito com sua vida se ele tivesse escolhido um caminho diferente. — Ele encontrou o olhar dela insistente até ela desviar seus olhos. — E você?

Na luz do luar, ela empalideceu ligeiramente e sua garganta se moveu quando engoliu em seco. De repente, parecia frágil e vulnerável de novo, muito distante. O desejo de pegá-la e abraçá-la enquanto ela lutava contra os demônios invisíveis o fez endurecer.

— Sim, eu me lembro — ela sussurrou. — Ele era um homem de 43 anos que estuprara um garoto de 13 anos. Eu lembro quão duro foi realizar o *Rogare Donavi* com o bastardo. Eu não queria pedir seu perdão. Eu queria cortá-lo em pequenos pedaços enquanto ele continuava vivo.

Fúria e raiva pulsavam para fora dela, e ele manteve-se em silêncio. Para alguns *Sicari*, a primeira execução de sentença era uma carga que nunca desapareceria totalmente. Isto estaria sempre lá, sob a superfície. O evento era uma mudança na vida e o impacto que isto causara em Cleópatra era evidente. Mas a perda de seu bebê e o resultado final somente poderia ter ampliado sua raiva por aqueles que prejudicavam crianças.

Embora não houvesse nenhuma razão para acreditar que ela tivesse quebrado o Código *Sicari* quando executou seus alvos, alguém guardando rancor contra ela poderia criar problemas para ela se continuasse a manipular suas missões. Ele franziu a testa enquanto considerava como responder a ela.

— Seus sentimentos são justificáveis, Cleópatra. Eu não conheço muitos *Sicari* que não teriam se sentido do mesmo modo que você. — Suas palavras pareceram ter pouco efeito, enquanto ela acenou com a cabeça fortemente, então olhou para a lua através do teto aberto do gazebo.

— Está uma linda noite. Um pouco mais quente que o usual para esta época do ano. — A abrupta mudança de tópico disse que ela havia fechado a si própria de mais retrospectão.

— Então você não está com frio? — seu olhar varreu os ombros nus dela.

— De modo nenhum — ela disse, enquanto olhava para cima para ele com um retorcido divertimento que sugeria que ela também o perdoara ou estava preste a fazê-lo então. — Eu suponho que você teria galantemente oferecido sua jaqueta se eu estivesse.

— Sim.

— Você é um desafio, Dante Condellaire. — A vulnerável mulher que ele viu segundos atrás se foi, mas a mudança não estava menos potente. Ela se inclinou novamente contra o banco e cruzou os braços, o que empurrou seu seio mais alto. Sua boca ficou seca enquanto ele se lembrava de tocar e sugá-la. Ele obrigou-se a encontrar o olhar divertido dela.

— Eu sou? — ele queria gemer com a resposta enigmática. Era quase um convite descarado para ela ir mais fundo.

— Oh, o mais definitivamente — ela disse em um tom de voz que de repente se tornou uma suave e abafada carícia. Sua confiança era alarmante. — E eu amo um desafio.

— Então eu penso que você está a ponto de ser desapontada, por que eu sou tudo menos isso.

— Realmente? — ela arqueou a sobrancelha para ele no luar. — Então explique para mim por que você se mantém dançando em torno do elefante no salão?

A questão fez seus músculos ficarem retesados com a tensão. *Fotte*. A maneira tão direta, sempre ao ponto, tinha um modo de fazê-lo contorcer-se por baixo do microscópio – não era uma sensação satisfatória. Irritado pela expressão de divertimento no rosto dela, ele olhou-a. Ele era um *Tribune*, herdeiro do título de *Senhor Sicari*. Ele enfrentou mais *Pretorianos* que poderia contar, e ele era amaldiçoado se deixasse esta mulher intimidá-lo. Ele encolheu os ombros com uma indiferença que ele não sentia.

— Você está se referindo ao que aconteceu em seu quarto? — ele respirou mais fácil com o olhar desconcertado no rosto dela. Bom. Ele a tirou do equilíbrio. Ela



hesitou, mas a partir da carranca de irritação, ele estava longe de sair do perigo em termos de explicar a si mesmo.

— Sim, eu estou me referindo ao que aconteceu — ela disse ferozmente. O que ele pensava que estava perdoado pode ter simplesmente sido o olho da tempestade. — Um minuto isto estava... foi incrível e no seguinte você estava correndo para se esconder.

Ele não sabia como respondê-la. O que ela experimentou foi um inferno de muito mais que incrível. Isto foi alucinante e assustador como o inferno.

Ela esteve quente e doce em sua língua, e mesmo agora ele poderia continuar respirando no suave frescor da sua pele.

E doce mãe de Juno, a memória de sugá-la era o bastante pra fazer seu pênis agitar em suas calças. O olhar direto que ela enviou a ele não o surpreendeu. Mas ele ficou tenso com a determinação do olhar dela. De alguma forma, ele não iria gostar do que estava vindo.

— Você leu minha mente mais cedo? Quando as coisas estavam ficando quentes?

Como em nome de Júpiter ele supostamente deveria responder isto? Ele recuou. A conexão que tinha com ela desde o momento que eles se encontraram era algo que ele não tinha nenhum modo de explicar.

Como hoje mais cedo, ele não estava certo se ele lera a mente dela ou se as imagens que ele viu eram dele. Não importava, ela obviamente estava pensando sobre isto ao mesmo tempo em que ele estava. Ele recuou enquanto considerava contar a ela a verdade. Por que era tão difícil para ele contar para ela? A imediata resposta que chegou a ele não era uma que ele queria admitir também.

— Você sabe, é proibido para um *Sicari* ler as mente de outro *Sicari* sem permissão.

— Proibido. Certo — ela pensou enquanto estudou-o com um olhar de perplexidade. — O que eu não entendo é somente o motivo de que quando estávamos prestes a algum sexo incrível, você correu para se esconder.



Ele tossiu com sua brusca honestidade. Que não foi apenas direta – isto foi um golpe no intestino. Sua garganta apertou, o que tornou difícil obter ar em seus pulmões. Havia uma sugestão de triunfo na forma como ela se inclinou e colocou os dedos em torno da borda do banco mais uma vez. Júpiter ajude os *Pretorianos* que surgirem contra ela em uma luta. A mulher era implacável.

— Você está equivocada. — A mandíbula apertada com tensão, ele a encarou por um longo momento antes de virar as costas para ela e mover-se em direção ao altar, colocando muitos passos entre eles. — Eu não estava correndo de...

— Você sabe, eu realmente odeio quando as pessoas mentem para mim, e você está mentindo para mim agora mesmo — ela reprimiu esgotada, com uma voz forte atrás dele. — Se eu fiz você se sentir desconfortável, porque eu fiz o primeiro movimento em vez de esperar para que você pudesse fazê-lo, tudo bem. É só dizer. Não minta sobre isso.

— Não — ele rosnou enquanto girava para ficar de frente para ela. — Eu...

Sua voz morreu em sua garganta conforme ela deixava o banco e fechou a distância entre eles até que meros centímetros os separavam. O ar deixou seus pulmões no momento que o cheiro de seu suave e exótico perfume enchia suas narinas. Doce mãe de Juno. A mulher era a personificação da tentação. Desesperadamente, ele lutava para segurar firmemente sua presença de espírito.

— Você está tremendo — ela sussurrou, um intrigado olhar carregado franziu sua adorável sobrancelha. Incapaz de falar, ele não se moveu enquanto ela corria seus dedos ao longo de sua bochecha. Ele sabia que deveria ter agarrado a mão dela e se afastado, mas ele estava sem forças para se mover. No momento em que ela subiu na ponta dos pés e o beijou suavemente, ele soube que havia perdido sua resolução. Outro tremor arruinou suas estruturas com a doçura do toque dela.

Foi como uma brisa quente do oceano e, sua mente vacilava com o desejo crescente dentro dele, como uma onda que não podia controlar ou fugir. Com um gemido, suas mãos agarraram a cintura dela e a puxaram contra ele. Enquanto sua boca capturava a dela, ele a ouviu suspirar com surpresa antes que ela colocasse os braços em volta do seu pescoço.



O calor dela forçou o caminho através de suas roupas até ele estar quente de necessidade. Isto era como se alguém o tivesse largado no deserto e ela fosse a única água num raio de quilômetros. Timidamente, sua língua sondou contra os lábios dela e ela abriu a boca para dar a ele acesso para seu doce fogo. Um segundo depois, a boca dela dançou com a sua.

Em algum lugar no fundo de sua mente a batalha se endurecia entre a escuridão e a luz de sua alma enquanto ele puxava Cleópatra para se aconchegar no seu corpo. Era como se os deuses tivessem feito ela exatamente para ele. Ela recuou levemente para longe dele, a boca dela abriu um abrasador caminho de prazer descendo para o lado de seu pescoço. Os braços dela não estavam mais em torno de seu pescoço, e ele ouviu um farfalhar suave pouco antes da mão dela guiar a dele em direção de sua bunda nua.

Ele respirou forte e estremeceu enquanto seus dedos tocavam a curva suave de pura carne. Seus sentidos cambalearam. Ela estava nua por baixo do vestido? Ele deslizou a mão para cima até a cintura dela, mas não encontrou nem mesmo um fio de seda ou cetim. *Fotte*. Ela não estava usando nada. Um segundo depois, ele ouviu o som suave de um zíper antes da boca dela estar deslizando sobre a dele novamente.

Christus, ela tinha um gosto bom o suficiente para comer. Ainda mais doce do que o bolo de chocolate servido no jantar. Suas mãos deslizavam para baixo da curva suave de sua bunda enquanto a língua dela girava em torno dele. A imagem da boca dela explorando cada centímetro da sua o fez gemer conforme ela apertou seu corpo perto do seu, até que eles eram como um só.

No momento seguinte, ele ficou rígido com o choque, conforme os dedos dela deslizaram dentro de suas calças e encontram seu pênis. Atordoadado pelo prazer intenso dado a ele pelo toque dela, ele não se moveu enquanto seu cérebro tentava compreender as sensações batendo seu caminho através do seu corpo. Deus, ele amou o que ela estava fazendo nele.

Ele resmungou baixinho e empurrou seus quadris para frente conforme o polegar dela circulou em torno da ponta dele, então esfregou sobre o ponto sensível,

logo abaixo do topo da de sua ereção. A boca roçou seu rosto no momento que os lábios dela puxaram para sua orelha.

— Eu quero você, Dante — ela sussurrou.

Anestesiado e se recuperando das carícias dela, Dante ouviu as palavras, mas não a compreendeu a princípio. Seu corpo era um escravo de cada toque dela. Ela pegou sua outra mão com seus dedos e então guiou para o centro quente dela. O sinal de alarme disparou em sua cabeça enquanto seus dedos foram por vontade própria e escorregaram entre as dobras molhadas dela.

O grito doce que ela proferiu com o movimento, garantiu que era uma carícia desajeitada e isso enviou uma onda de choque através dele. Ela gostou do que ele estava fazendo. O pensamento o fez ainda mais quente do que já estava. Um momento depois, a mão dela apertou ao redor dele e acariciou seu pênis duro. Ele puxou contra o seu toque, *Fotte*, se ela mantivesse isto assim, ele ia fazer amor com ela aqui e agora.

Ele congelou quando um frio glacial o engolfou. A sensação não foi diferente do que se ele saísse para o ártico sem vestir nenhuma roupa. Pedra de Júpiter, o que ele estava fazendo? Como em nome dos deuses ele esquecera o juramento tão facilmente? Vergonha explodiu o seu caminho através dele. Ele rapidamente se afastou dela, seu corpo protestava violentamente quando ele colocou vários metros entre eles. O olhar de surpresa e humilhação no rosto dela o fez vacilar. Ele virou-se para longe dela e desajeitadamente ajustou sua ereção dentro das calças e puxou desajeitado o zíper.

Ele a rejeitou novamente, e não havia nenhuma desculpa para isto. Ele poderia tê-la empurrado longe no momento que a boca dela passou levemente através da dele, mas ele não fez. Desta vez foi ele incrementando o beijo deles. Ele era um bastardo, e o fato de que ele era a causa de seu desânimo atacava sua consciência com uma fúria implacável. O que ele deveria dizer a ela?

A verdade.

— Você se importa de me dizer o que diabos aconteceu? — ela disse com uma fúria contida que não o surpreendeu. Ele engoliu em seco quando ficou de frente para ela. Ela já havia ajustado o vestido e a decepção que agitou nele o fez estremecer.



— Eu cometi um erro.

— Pode apostar sua bunda que fez. Esta é a segunda vez agora que você correu de mim, e quero saber o motivo. Se isto é sobre eu fazendo o primeiro movimento então diga, droga — ela disse em tom feroz quando fechou a distância entre eles em um instante e apontou em seu peito. — É atraído por mim, e não diga que não é, porque você estava tão dentro destas incríveis preliminares agora. Então, qual é o problema? Você está preocupado por eu ser a filha do chefe?

— Seu parentesco com Marcus não tem nada a ver conosco — ele retrucou com um aceno de cabeça.

— Então qual é o problema? É algo que eu disse? Será? — ela olhou para ele com frustração antes de sua expressão se tornar uma máscara de frio mármore. — Oh, eu peguei isto. Não é algo que eu fiz, é o que eu sou.

Ela lançou a ele um olhar gelado de desprezo, em seguida, espreitou até o banco e recuperou seus sapatos. A mudança abrupta em seu comportamento o deixou olhando para as costas dela em atordoado silêncio. Apesar de sua confusão, ele não pôde deixar de notar a forma que seu vestido descobria a beira de seu traseiro uma vez mais quando ela agachou para pegar os sapatos. Suas mãos imediatamente vibraram com a memória de acariciar a pele nua. Em uma fração de segundo, estava duro novamente e foi forçado a suprimir um gemido.

Fotte, a mulher estava enrolando-o em uma confusão. Ainda continuava confuso com o modo que seu corpo continuamente o traía quando ela era a questão, ele lutou para compreender o total significado por trás do comentário dela. Não a ponto de deixá-la sem uma explicação, ele quase estendeu a mão para segurar a suas costas, então pensou melhor sobre isso. Em vez disso, ele mentalmente agarrou seu braço e girou em torno dela.

— O que você está fazendo? Que diabos você está falando?

— Você está atraído por mim, mas você odeia a si mesmo por querer transar comigo — ela disse em um tom amargo. — Você simplesmente não pode tolerar a ideia de dormir com uma aberração. Está bem por mim. Agora me deixe ir.

Sob a amargura na voz dela estava o som gritante de humilhação e uma profunda dor. O surpreendeu que a conexão que sentia por ela escondeu esta particular emoção dele. Enquanto as emoções dela se misturavam com as suas, ele percebeu que esta dor era algo que corria profundamente abaixo das camadas de tudo que moldara sua vida nos últimos anos. Foi uma dor surda que ele só agora experimentou.

A ideia dela ferida o encheu de vontade de puxá-la perto e aliviar o sofrimento que sentia nela, mas rejeitá-la foi uma das coisas mais difíceis que ele já fizera em toda a sua vida. Mesmo agora ele queria arrastá-la até seu quarto e passar a noite beijando cada centímetro dela. Explorando cada curva delicada de seu corpo enquanto ela o ensinava exatamente como ele poderia agradá-la.

— Eu não sei onde você conseguiu essa ideia, mas eu não acho que você seja uma aberração.

— Claro que você acha. Você é como um monte de homens *Sicari* que eu conheço. No minuto em que descobrem que eu não tenho nenhuma habilidade, eles fogem o mais rápido que podem. Eu não sou realmente *Sicari*. Eu sou um dos erros da natureza. E você sabe o que é realmente engraçado? Meu verdadeiro pai é um fodido *Senhor Sicari*. Como isso é irônico?

A dor em sua voz era triste. Foi uma emoção que ele entendeu bem. Sua mãe havia lhe dado para o *Absconditus*, e isto sempre estava lá no fundo de sua mente. Sem pensar com clareza, ele usou sua habilidade para arrastá-la para dentro de seus braços. Provavelmente não era a coisa mais inteligente a fazer, mas tudo o que ele se preocupava no momento era fazer que ela percebesse que não era o problema.

Ele era.

Ela lutou ferozmente, mas ele facilmente a dominou. O lado lógico do seu cérebro assumiu o comando e efetivamente desligou a maior parte de seus receptores sensoriais, mas ele sabia que isto era apenas temporário. Ele precisa fazer com que ela entenda o mais rápido quanto possível, mas ela não estava obviamente com disposição de ouvir.

— Deixe-me ir, seu filho de uma puta.

— Pare de lutar, Cleópatra, e me escute.

— Eu não quero ouvir você aliviar sua consciência.

— Pedra de Júpiter, mulher, cale a boca e me escute — ele disse asperamente. Ela congelou em seus braços enquanto ele olhava para ela. — Eu não dou a maldita importância se você tem habilidades *Sicari* ou não.

— Certo — ela zombou. — Eu tive muitos homens que se afastaram de mim justamente por essa razão. Então você vai me perdoar se eu não acreditar em você.

— Acredite no que quiser, mas eu sei que cada homem que andou para longe de você era um idiota — Dante disse calmamente. Surpresa atravessou o rosto dela enquanto engolia em seco. — Quem ou o que você é não tem nada a ver comigo te afastando. Eu sou problema. Não é você. Quando eu tinha quinze anos, jurei fidelidade ao *Absconditus*.

— Eu estou ouvindo — ela disse. O tom dela disse que ele tinha pouco tempo para convencê-la.

— Eu fiz um juramento de dedicar minha vida ao *Absconditus*.

Ela não disse nada. Ela apenas olhou para ele com uma expressão de perplexidade exasperada. Ele franziu a testa, percebendo que seria difícil fazê-la entender o que estava tentando dizer. Já estava sentindo-se como aquele garoto de quinze anos de idade que foi no dia em que Plácido o enviou para o quarto, para o que ele pensava ser outro teste.

— Você quer dizer como um dos sacerdotes? — ela perguntou baixinho, com os olhos se estreitando para ele.

— Sim. — Ele respirou fundo, em seguida liberando lentamente.

— Como um sacerdote celibatário? — sua voz estava um pouco mais alta.

— Sim.

— Você tem que estar fodidamente brincando comigo — ela exclamou. — Você é virgem?

Ele estremeceu com a forma como a palavra saiu dos lábios dela. Culpa o cortou quando ela se libertou de seu domínio pela segunda vez. Constrangimento, choque e desânimo escureceram seu rosto enquanto ela deu dois passos para trás dele.

— Eu deveria ter... — ele não teve chance de terminar.

— E todo este tempo você me permitiu – e você me beijou. Tocou-me. Inferno, você quase fez amor comigo. E este tempo todo você não disse uma maldita palavra para mim? Nenhuma fodida palavra!

— Eu nunca deveria ter deixado isto chegar tão longe quanto isto fez. — Ele mordeu o interior de sua bochecha com a humilhação e a raiva que ouviu na voz dela.

— Você acha? — ela disse com firmeza. — Que tipo de homem é você? Seria algum tipo de jogo? Para testar a si mesmo?

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Não foi assim. Você é uma mulher linda. Eu não pude...

— Não diga outra maldita palavra. Já ouvi mais do que o suficiente. Apenas me faça um favor. Fique bem longe de mim. Ponto. — Com um olhar final de desprezo em sua direção, ela se virou e afastou-se dele saindo do gazebo. Em segundos, ela desapareceu de vista. Desta vez, ele não tentou pará-la.

— *Fotte.*

Seu punho bateu na lateral de uma coluna do gazebo. Ele deveria ter apenas dito a verdade na primeira vez que ela o beijou. E hoje à noite – esta noite foi um dos piores erros que já cometera. Culpa e vergonha bateu forte nele. Ele deveria ter deixado Tony mostrar a ela o maldito jardim. Por que em nome do Tártaro ele estivera tão obcecado em evitar que o guerreiro estivesse sozinho com ela?

A resposta não era uma que ele gostasse. Admitir que ele fosse fisicamente atraído por Cleópatra era uma coisa. Mas, os sentimentos possessivos que ele experimentou quando Tony flertava com ela era uma nova sensação e algo completamente diferente. O que ele gostava cada vez menos era sua perda de controle, ela era uma preocupação. O minuto que ela vinha para qualquer lugar para perto dele, seu corpo inteiro reagia como se estivesse pegando fogo.



Ele entendeu a natureza física da atração, mas havia algo mais forte, mais atraente, sob o seu fascínio por ela que o perturbava profundamente. A observação de Cornelia de ontem à noite criou o feio raciocínio. Sua amiga estava certa; ele queria fazer valer seus direitos quando Cleópatra estava envolvida, e ele não tinha direito de fazê-lo.

Christus, em vinte e quatro horas, ele foi de ser um homem racional a um pronto para quebrar toda a doutrina que acreditava, ameaçando tudo o que criou ao longo dos últimos quinze anos. Marcus estava pronto para se aposentar. A chegada de Atia a Roma semanas atrás acelerou o *Senhor Sicari* de uma maneira inquieta. Dante sabia que seu tempo para liderar o *Absconditus* se delineava acerca do minuto que Marcus seguiu Atia em retorno a propriedade de White Cloud.

As ações do *Senhor Sicari* deixaram bem claro que ele estava determinado a obter sua esposa de volta. O que significava que a vida de Dante estava a ponto de mudar drasticamente. Até agora, todas as suas decisões dentro da corporação foram do tipo administrativo. Agora elas estariam decidindo sobre a vida e a morte não só dentro do *Absconditus*, como, também da Ordem *Sicari*.

Durante séculos, o *Absconditus* foi uma corporação escondida dentro da Ordem. Ao longo dos anos, o número de crianças nascidas com habilidades telepáticas e telecinética declinaram drasticamente. Algumas eram devido à simples genética, mas os *Pretorianos* era o maior fator, bem como a perseguição implacável dos *Sicari*.

A ordem, determinada a proteger a sua espécie, criara o *Absconditus* para proteger a força de sua raça da extinção. A *Prima Cônsul* e poucos membros de confiança da Ordem eram os únicos a par da existência do *Absconditus*. Enquanto a Ordem e o *Absconditus* estavam separados um do outro, como o *Senhor Sicari* reinante, suas decisões poderiam prevalecer a *Prima Cônsul* em importância no que concerne a ambas as entidades.

Ele poderia ser jovem quando tomou os votos, mas ele sabia mesmo então que, com a exceção do *Senhor Sicari* ainda vivo, ele era o mais forte de todos no *Absconditus*. Isto não era somente seu dever, mas seu desejo para proteger sua família.



A família que sempre esteve lá e não o abandonou. Essa foi a razão para ter feito seus votos.

Plácido atingira um nervo por acusá-lo de sempre colocar os interesses dos outros em primeiro lugar. Isto não estava muito longe da verdade, quando fez sua decisão todos aqueles anos atrás. Sua afeição por Plácido e Marcus desempenhara um papel importante na sua decisão de concentrar todos os seus recursos na corporação. Ele não poderia negar isso. Eles o criaram. Eles foram seu pai e sua mãe.

Mas crescendo ele ouviu e viu coisas que disse o quanto Marcus se sacrificou por causa do *Absconditus*. Mesmo Plácido pagou um preço. Ambos os homens amaram e perderam. Era algo que Dante não tinha a intenção de experimentar em primeira mão, mesmo que Cleópatra o amarrasse dentro de nós.

O que ele disse para Plácido era verdade. Era um estado temporário das coisas. Quando eles concluíssem o resgate no convento, Cleópatra voltaria para Chicago, e quando Marcus se aposentasse, Dante estaria no comando do *Absconditus*. Tudo estava se encaixando em seu lugar como planejado, exceto por uma coisa. Ele nunca esperou se encontrar com saudade de uma mulher que ele não poderia ter.



Quinze

— Isso é uma notícia fabulosa. Quando? Como ela está? Eles ainda estão em Gênova? — Cleo desfiou suas perguntas numa rápida sucessão em seu celular enquanto a voz de Ares ecoava em seu ouvido.

— *Christus*, uma de cada vez, Cleo. — Ares riu. — Phae saiu do coma anteontem. Nós quase a perdemos até que o Lysander fez o laço de sangue com ela. Ela está cansada, mas está ótima.

— Ele fez um laço de sangue com ela? — Cleo engasgou com espanto. Ela fechou seus olhos e ofereceu uma breve oração para Juno pelas boas notícias. Seus dois amigos finalmente se entenderam. — Então onde eles estão agora?

— Eles foram para os Estados Unidos nesta manhã. Lysander e os médicos queriam que ela ficasse outra semana, mas ela insistiu em ir para casa. Ela disse que podia descansar em casa tão facilmente quanto ela poderia descansar no hospital.

— Eles disseram alguma coisa sobre uma cerimônia oficial ou celebração?

— Lysander mencionou em fazer algo em outro mês por aí, quando Phae estiver totalmente recuperada. No meio tempo, os dois vão para a lua de mel no White Cloud. — A estática no celular fez a voz de Ares se quebrar um pouco, e ela não podia ouvir o que ele estava dizendo. Ela se virou de leve para manter a conexão clara.

— O quê?

— Eu perguntei por que você ainda está em Roma? Quando eu falei com a Atia ontem, era óbvio que ela não estava feliz a respeito. — A mudança repentina na direção da conversa deles a deixou tensa.

— Eu sei que ela não está, mas eu não estou pronta para voltar para Chicago ou à White Cloud — ela disse baixinho, indisposta a revelar qualquer uma das razões para ela ficar em Roma.

— Então onde diabos você está? — Ares perguntou severamente. — Eu verifiquei com a associação de Roma, e eles disseram que você não se reportou ainda.

Ela virou a cabeça ao ouvir som de passos e viu Dante entrar na biblioteca. Seus sentidos imediatamente zumbiram com eletricidade. Droga, que merda estava errado com ela? O cara havia se dedicado ao *Absconditus*. Ele era intocável. Irritada pela sua resposta física ao homem, ela se virou abruptamente para longe dele para terminar sua conversa com Ares.

— Eu estou em um lugar seguro, ok? Marcus sabe onde eu estou, então você não precisa se preocupar comigo — ela disse em sua melhor voz tranquilizadora que conseguiu dominar. — Eu preciso ir. Diga ao Lysander e a Phae que eu mal posso esperar para vê-los.

— Droga, Cleo, eu sei que você está tramando algo. Você não ficou para trás só...

— Olha, há alguém aqui. Eu falo com você depois.

Negligente do protesto cheio de xingamentos de seu amigo, ela apertou o botão FIM do seu celular. Ares provavelmente leria para ela o ato de motim na próxima vez que eles se vissem. O homem odiava quando ela desligava na cara dele. O som da Bonnie Tyler, *Holding Out for a Hero*, ecoava de seu telefone, e ela olhou para baixo. Ares. Ela apertou o botão IGNORAR e desligou o telefone, o enfiando de volta no bolso da calça.

Endurecendo seus ombros, ela se virou para encarar Dante. Embaraçoso. Essa era a única maneira que ela podia descrever isso se alguém tivesse perguntado. Maldita vergonha. Ela queria acreditar que ele estava tão desconfortável quanto ela se sentia,



mas ele parecia totalmente à vontade. Era irritante. Era ainda mais irritante que ela se sentisse autoconsciente.

Ela raramente se importava com o que os outros pensavam dela, e certamente não com o que esse homem pensava. Um bufo de risada ecoou na parte de trás de sua cabeça. Ela ignorou. Foi dessa maneira por três semanas já. Desde aquela noite no jardim, os dois desviaram um do outro como se eles fossem parceiros de luta. Eles fizeram tudo que era possível para evitar um ao outro.

Na verdade, ela estava bem certa que era ela que estava evitando. Umas duas vezes Dante tentou falar com ela, mas ela se esquivou dele completamente, exceto quando os outros estavam presentes. Não era como se ele fosse o primeiro homem *Sicari* a rejeitá-la. Mas a razão dele era definitivamente a primeira vez. Ela ficou totalmente puta quando o deixou no jardim após ele ter contado para ela a verdade sobre o juramento dele. Em parte porque ela nunca ficara sexualmente frustrada antes, e em parte porque o homem não se incomodou em contar para ela desde a primeira vez que ele comprometeu seu corpo, mente, e alma para o *Absconditus*.

Não ajudava que ela tomou um pouco da culpa para si mesma. Ela enfiou na cabeça que iria seduzir o cara e não deu realmente uma chance para ele dizer muita coisa.

E se ela fosse realmente honesta consigo mesma, a verdadeira razão para ela estar evitando-o como uma praga era porque estava envergonhada. Dante era diferente dos homens *Sicari* a rejeitou. Ela não sabia como, mas ele tocou algo profundamente nela. Isso fazia a rejeição dele machucar ainda mais do que ela gostaria de admitir. Se fosse possível, a fazia se sentir ainda mais inadequada do que antes.

Ela criou uma regra de ficar longe de homens *Sicari* depois de Michael, e Dante era tão *Sicari* quanto fosse possível. Então pela vida dela, ela não podia descobrir por que tentou conquistá-lo. Não era como se ela fosse desinformada. Ela mordeu internamente a sua bochecha. Não ajudava ao problema que a dedicação dele era um completo desperdício na opinião dela.



O homem era lindo. O que, no nome de Júpiter, o convenceu que ele não poderia liderar a sua associação e ter um relacionamento amoroso e saudável ao mesmo tempo? Ela sugou uma respiração afiada. Relacionamento amoroso? Ela perdeu a cabeça? Mesmo se o juramento dele não fosse um obstáculo, um relacionamento era a última coisa que ela queria.

Isso indicava permanência. Algo que ela sabia que estava fora de seu alcance. Apesar de seu conhecimento, o pulsar do coração dela reverberou em seus ouvidos como um trem desgovernado enquanto ele cruzava o piso em sua direção. Lutar ou pular fora? O instinto de sobrevivência estava trabalhando.

O único problema era, ela não podia saltar fora tão facilmente desta vez. A equipe inteira de resgate iria se encontrar na biblioteca em pouco tempo para instruções de última hora a respeito da incursão desta noite ao convento. Ela apenas chegou mais cedo. E então havia a possibilidade de que o seu subconsciente arranhou que ela chegasse aqui antes de todo mundo.

Era possível que ela desejava secretamente ter um momento a sós com ele? Ela engoliu a bola de medo que se encravava em sua garganta. Não importava se o seu subconsciente a enganou para chegar antes ou não. Fugir não era mais uma opção. Ela não tinha muita opção, a não ser ficar até que alguém mais aparecesse.

Deixar o cômodo agora iria fazer com que ela parecesse uma covarde. Algo que ela não era, mesmo se estivesse agindo como uma pelas últimas semanas. Ela ficou tensa quando ele parou a alguns metros dela, e apesar da distância razoável entre eles, uma onda de calor passou pela sua pele. O estômago dela se revirou quando ela percebeu que a habilidade dele de deixá-la tensa não diminuiu.

Não era somente uma atração física. E havia bastante disso por parte dela. O corpo dela era uma explosão de sensibilidade toda vez que estava perto dele. Para falar a verdade, a presença dele era mais forte do que antes, e algo mais escorregou para o seu coração também. Ela zombou interiormente do pensamento fantasioso.

Eles mal se conheciam. Como era possível ter sentimentos fora luxúria por um homem que ela não conhecia muito bem? E mesmo assim ela o conhecia. Vendo-o

com Pietro no dia da briga de Giuseppe e Santino havia somente enfatizado as pequenas coisas que ela estivera recolhendo desde que ele a tirou daquele beco escuro.

Ele era compassivo, bondoso e leal. Claro, ele era um pouco nervoso, mas isso poderia ser devido as suas investidas não muito sutis. Ele tinha uma natureza bondosa e lembrava bastante Ares e Lysander. Na parte de trás de sua mente, a semelhança que ela traçou entre Dante e Lysander agitou a vida antes de seus pensamentos voltarem para as qualidades de Dante. Era a natureza acolhedora dele que a fez perceber que ela tinha sentimentos por ele que não deveria ter. Sentimentos que não queria examinar porque o único resultado deles seria o desgosto.

— Nós podemos conversar, ou você irá fugir de novo? — aquela voz obscura e sexy era como um dedo quente e preguiçoso trilhando seu caminho pelas suas costas. Ela se encolheu antes de enrijecer os ombros.

— Fugir? Eu não sei sobre o que você está falando — ela mentiu. Ele arqueou as sobrancelhas para ela, e ela apertou seus dentes. Ela não gostava que ele pudesse ver através dela.

— Eu quero explicar aquela noite no jardim — ele disse baixinho.

— O que tem para explicar? — ela deu de ombros em uma demonstração aberta de sarcasmo. — Você fez um voto de celibato e não se importou em me contar até após eu ter feito papel de tola ao tentar te seduzir.

Pronto. Ela disse. Estava aberto agora. Ela pensou que dizendo isso a faria se sentir melhor, mas não. Na verdade, o desapontamento percorrendo o seu corpo era alarmante. Ela tratou um golpe esmagador. Ele estava fora de limites.

— Você não é uma tola — ele disse com uma intensidade silenciosa que a surpreendeu. — Mas eu fui um tolo em não te contar a verdade logo de cara.

— E por que você não contou? — ela falou ferozmente. — Por que você me deixou pensar que estava interessado em mim se você sabia que não podia... que nunca haveria nada entre nós?

— Porque eu queria você. — Um olhar torturado relampejou pelo rosto dele enquanto ela o encarava desacreditada. — Eu te quis desde o primeiro momento que te encontrei naquele beco na noite que você assassinou Angotti.

— E isso deveria fazer eu me sentir melhor como? — ela estourou. Ela ignorou o calor viajando através dela que fez seus mamilos ficarem duros e sensíveis.

— Droga, Cleópatra. Isso não é fácil para mim. — Ele enfiou uma mão pelo seu cabelo. — Eu fiz um juramento. Não é algo que eu possa apenas deixar de lado.

— Ótimo, você não pode quebrar o seu voto de celibato. — Com as mãos descansando nos quadris, ela inclinou a cabeça em uma demonstração aberta de aversão irritada. — Mas só porque você está atraído por mim não significa que você tem que me manter no escuro. Você deveria apenas ter me contado a verdade. Eu teria entendido.

— Não é tão simples.

— Sim, é. — Ela soltou um suspiro de exasperação. — Eu respeito à decisão que você fez, e eu apenas não vejo o problema.

— É um problema porque toda vez que eu chego perto de você, eu quero quebrar o meu juramento — ele disse em um sussurro rouco que arranhou seus sentidos como fogo, e ela viu um lampejo de tormento nos olhos azuis escuros dele. — Nem uma vez em todos estes anos eu me arrependi de me dedicar ao *Absconditus*. Isso é, não até que conheci você.

Atordoada, ela não tinha a menor ideia de como reagir à confissão dele. De uma maneira estranha, ele acabara de fazer o maior elogio que um homem poderia oferecer a uma mulher. Ele a acha desejável o bastante para considerar trair algo que ele acreditava profundamente. Ela obviamente não deixou às coisas fáceis para ele. Na verdade, depois de um momento explosivo no apartamento dela e então o encontro incrível no jardim, ela precisava dizer que ele reagiu como qualquer homem normal de sangue quente.

Não importava que ele houvesse dado sinais o bastante de que ele não tinha experiência com mulheres. Ela deveria ter sabido que algo estava estranho quando ele

foi tão cuidadoso em seus beijos e até mesmo em suas carícias. Mas ela se recusou a assumir toda a culpa pela situação, e com absoluta certeza ela não gostava da ideia de que ele poderia pensar nela como a fruta proibida.

— Você está me culpando por ser uma tentação na qual você está tendo problemas em resistir? — ela perguntou em um tom frígido. — Porque se você estiver, eu não estou caindo nessa.

— Não, não é isso que eu estou falando — ele grunhiu enquanto ele se virava para cruzar o piso e encarar para fora da janela. — *Christus*, eu não sei o que diabos eu estou dizendo.

Com as mãos cruzadas atrás das costas, ele ficou olhando para o pátio interior. A luz laranja-avermelhada do sol poente que passava pela janela deixava a sua figura alta e escura em evidência sombria. Enquanto ela estudava sua postura solitária, seu coração de repente doeu por ele. Ele parecia tão sozinho, e a fazia querer se juntar a ele. Ao invés disso, ela não se moveu. Ela estava se sentindo tensa o bastante esta noite. Ela não queria outra coisa para trazê-la para baixo... como o ver se machucando ou pior.

— Olha, esta noite nós vamos tirar aquelas mulheres daquele buraco *Pretoriano* do inferno. Eu irei embora em menos de dois dias, e nossas vidas podem voltar ao normal. — A ideia de que ela poderia voltar a sua rotina diária sem pensar sobre ele, novamente parecia incorrigível para ela. — Eu irei embora e você não se sentirá tentado a me categorizar como Lilith¹⁵ em toda sua graça.

— Você não é uma Lilith me tentando a pecar. Eu estou te dizendo que tudo isso é minha culpa — Dante rosnou enquanto se virava repentinamente para encará-la, sua expressão dura com uma emoção turbulenta. — É um inferno bem maior do que possuir o seu corpo, e só Juno sabe o quanto eu quero explorar cada centímetro de você com as minhas mãos e boca.

— Seria tão ruim se você fizesse amor comigo? — ela perguntou, deliberadamente evitando a implicação de que ele tinha sentimentos por ela.

¹⁵ Lilith é também referida na Cabala como a primeira mulher do bíblico Adão, sendo que em uma passagem, ela é acusada de ser a serpente que levou Eva a comer o fruto proibido.

Ela o viu ficar pálido e imediatamente percebeu quão injusta foi a pergunta dela. O juramento dele não era somente algo que ele falara da boca para fora. Ele fez o seu voto porque se importava com as pessoas que jurou proteger e liderar. Mesmo se ele tivesse sentimentos por ela... não, ela não iria por aí.

— É uma pergunta que eu me pergunto todo o dia, e...

O que quer que seja que ele estivesse prestes a dizer nunca passou de seus lábios, porque naquele preciso momento, Cornelia entrou na biblioteca. Havia um olhar curioso no rosto da mulher enquanto ela se virava primeiro para Dante e então para Cleo. Apesar da expressão de Dante ter se tornado indecifrável, Cleo sabia que suas próprias emoções estavam facilmente visíveis, então ela se moveu na direção dos mapas abertos na mesa. Cornelia se juntou a ela e ficou de pé ao lado dela em silêncio por um momento.

— Ele está preocupado com você.

— O quê? — ela girou a cabeça para olhar a sua nova amiga.

— Dante. Ele está preocupado que você vá se machucar.

— Isso é um risco que todo mundo está correndo esta noite.

— Verdade, mas você é especial.

— Porque eu sou a filha do Marcus, eu sei — ela balbuciou. Um arrepio percorreu suas costas enquanto ela se lembrava de Dante dizendo que o seu desejo por ela era mais do que a necessidade de fazer amor com ela.

— Não, porque ele gosta de você. Se importa com você — Cornelia disse com uma rápida olhada atrás dela, na direção do Dante. Ele estava falando com um dos membros da equipe que acabara de passar pela porta. — Ele se importa com você bem mais do que ele acredita ter direito de se importar.

— Sim, o juramento. Ele me contou tudo a respeito disso. Não precisa me avisar — ela disse com um encolher de ombros, fingindo indiferença.

A última coisa que ela queria era revelar o quanto a incomodava que o juramento de Dante ficasse entre eles e a possibilidade da felicidade. Bem profundamente ela ouviu o som da risada zombeteira.

— Você não está me entendendo, Cleo. Eu nunca quis que Dante fizesse um juramento ridículo para começar. Eu acho que ele era totalmente muito novo quando Marcus e Plácido concordaram em deixá-lo jurar a sua lealdade ao *Absconditus* de tal forma. — A mulher suspirou suavemente. — Eu não sei quanto ao Marcus, mas eu sei que Plácido finalmente percebeu o erro que foi deixar Dante fazer o juramento tão novo.

— Não importa — Cleo disse com uma amargura repentina que ela sabia que não deveria sentir. Que merda Marcus e Plácido estavam pensando ao deixar um garoto de quinze anos fazer um juramento como esse? — Eu não vou tentar seduzi-lo para fazê-lo trair o seu voto. Eu me recuso a ser o bandido nesse cenário.

— Eu sei que você não irá — Cornelia disse enquanto encontrava o olhar de Cleo. — E é por isso que eu estou rezando para que Dante veja a luz.

— Veja a luz? — que porra Cornelia estava tentando dizer? Ela estava sugerindo que Dante tinha sentimentos mais profundos por ela do que um simples desejo?

— Eu espero que ele perceba que ele se importa o bastante com você para fazer algo a respeito disso. Ele sabe que o voto dele não é obrigatório. Ele o fez antes de se tornar adulto.

— Mas é obrigatório para ele — ela disse baixinho enquanto percebia o quanto ela veio a entendê-lo nesse pouco tempo que eles se conheciam. Admiração cruzou a expressão de Cornelia enquanto ela assentia com a cabeça.

— Exatamente. Você o conhece melhor do que eu pensei.

— Eu não sei como, mas eu posso lê-lo bem mais claramente do que eu posso fazer comigo. Então o que isso diz a meu respeito? — era uma pergunta retórica, e ela não esperava uma resposta.

Cornelia não ofereceu uma. Ela somente pegou a mão de Cleo e apertou de uma maneira tranquilizadora. A ideia de que a mulher sentia pena dela fez Cleo arrancar



gentilmente a mão dela e virar sua atenção para os mapas na mesa. Ela os conhecia de cor, mas era mais fácil fingir o interesse neles do que ver a pena nos olhos da mulher.

Ela estava certa que Cornelia queria dizer mais, mas a chegada de dois lutadores adicionais atraiu a atenção da *Praefect* para longe dela. O cômodo continuou a se encher de guerreiros *Sicari* até que havia pelo menos quinze pessoas presentes. O assalto esta noite seria um ataque em duas frentes. Uma equipe iria usar a van de serviço do Sonny Mesiti para fazer uma entrega inesperada, enquanto o segundo grupo iria entrar no convento pelo lado do penhasco.

Um arrepio repentino na sua nuca anunciou que Dante estava diretamente atrás dela. Ela puxou uma respiração afiada pela maneira que o seu corpo reagia toda vez que ele chegava perto dela. O calor dele aqueceu suas costas por uma fração de segundo antes que ele continuasse e passasse por ela para circular a mesa.

A equipe já havia repassado sobre todos os arranjos finais no dia anterior, e depois de uma breve revisão, eles estavam carregando para uma viagem de quatro horas para o sul na Costa Amalfi. Em um ponto pré-determinado ao longo do caminho, as duas equipes iriam se separar e seguir em duas direções diferentes.

Como um membro da equipe de ataque à beira-mar, Cleo sabia o quão arriscado esta operação era, e pela primeira vez, ela ficou ansiosa. Ela esteve errada em pensar neste plano maluco? Não. Não podia ser louco se Dante estava concordando. Ela viu como ele foi meticuloso nas reuniões da equipe enquanto planejava o ataque. O homem era muito lógico e cuidadoso para ter implementado o plano dela se ele pensasse que poderia ter a mínima chance do plano falhar.

Era quase dez horas quando eles chegaram à doca alugada especificamente para esta missão. Isolada e remota, o terreno era perfeito para o uso deles. A equipe se moveu rapidamente para carregar o equipamento de mergulho e as unidades propulsoras no esguio iate que estava preso à doca.

Enquanto ela carregava seu próprio equipamento na direção à prancha de desembarque que levava ao barco, uma mão forte agarrou o seu cotovelo e a segurou para trás. Imediatamente o calor inundou o seu corpo inteiro enquanto ela se virava e olhava para o Dante.

— Quando nós entrarmos no convento, você fica comigo. Entendido?

Era um comando duro que a alertava para não discutir isso com ele. Ela encontrou o seu duro olhar, e o lampejo de emoção que ela viu cruzar o seu lindo rosto fez o coração dela saltar uma batida. Cornelia estava certa. Ele estava preocupado com ela, e não era somente por causa do seu pai. Um pequeno choque de surpresa explodiu dentro dela. Era a primeira vez que ela pensava no Marcus como seu pai. E havia algo sobre a maneira super protetora de Dante que ela achava um tanto irritante quanto prazeroso.

— Eu sou uma boa lutadora — ela disse num tom firme. — Eu posso cuidar de mim mesma.

— Eu sei disso, mas se você encontrar problemas, eu quero estar lá. Eu não quero que nada aconteça contigo.

— Ótimo, eu tenho certeza que o meu pai vai apreciar a sua atenção com a minha segurança. — Era a maneira dela de colocar distância entre eles, mas ele não a deixou se safar com isso.

— Marcus não tem porra nenhuma a ver com isso. Eu me importo com a sua segurança. Se algo acontecer com você... — a voz dele foi sumindo até se silenciar.

Espanto misturado com prazer se acelerou através de suas veias pelas palavras dele. Ele se importava com ela. Provavelmente mais do que ele queria admitir baseado na expressão dele. Ele tinha sentimentos que não podia ou não iria esconder. Havia uma pontada dura nesse pensamento que doía, e era pior do que ela queria admitir.

— Eu posso me cuidar — ela disse com um pequeno senso de rebelião. — Mas se faz você se sentir melhor, eu vou grudar em você igual à cola.

— Irá me fazer sentir melhor — ele grunhiu com uma óbvia exasperação para a sua resposta espontânea. Sem outra palavra, ele a guiou para frente e para dentro do barco. Enquanto ele a deixava no convés e desaparecia abaixo, ela fez uma careta para as costas dele. Ele estava agindo como se esta fosse a sua primeira missão. O negócio era, uma parte dela gostava da maneira como ele estava agindo.



Ela gostava da maneira que ele a fazia sentir como se ela fosse um tesouro a ser protegido. Na verdade, nem mesmo Michael a fez se sentir dessa forma. Era uma sensação que ela gostava bem mais do que deveria. Ela balançou a cabeça para os seus pensamentos caprichosos.

— Isso é tão fodido — ela murmurou para si mesma e se afundou em um dos assentos que se alinhavam a bombordo do barco.

O seu estado normal de nervosismo a atingiu enquanto olhava para o mar Tyrrhenian, e o iate escorregava silenciosamente para longe do cais. Não era uma sensação nova. Ela sempre se sentia dessa forma um pouco antes de sair para uma missão. Mas esta noite era diferente. Ela estava confusa, também. Era uma sensação estranha, e ela não gostava. Somente aumentava os seus nervos já abalados.

Ela respirou fundo e puxou o ar fresco do mar e então o soltou de forma lenta para relaxar. Acima, o céu estava brilhante com as estrelas. Normalmente as luzes da cidade de Roma obscureciam o céu à noite, mas aqui no iate, que corria com mínimas luzes para evitar ser detectado, a noite estava clara como cristal, e ela não via há semanas. Do canto de seus olhos, ela pegou um lampejo de movimento e pulou enquanto Cornelia sentava-se ao lado dela.

— Eu sinto muito — a *Praefect* disse com uma voz suave. — Eu não quis te assustar.

— Está tudo bem. Eu estou apenas um pouco nervosa. Acontece antes de toda missão. Como você está? — ela estudou a aparência assombreada da mulher.

— Ficaré tudo bem.

Havia algo na voz da mulher que dizia que ela não queria falar, então Cleo permaneceu em silêncio. Ela não podia nem começar a imaginar o que Cornelia estava sentindo nesse momento. A mulher se arrependia de ter tido filhos? A alegria de ter um filho ofuscado pela dor que experimentava agora? De alguma forma ela tinha certeza que a resposta que Cornelia ofereceria a ela seria sim.

Cleo virou sua cabeça para o vento, e duas mechas de cabelo se soltaram de sua trança para roçar em suas bochechas. Ela as tirou para o lado enquanto encarava a



água escura. Apesar de não ter inveja da dor que Cornelia suportava agora, Cleo a invejava por ter um filho. Era a única coisa que ela nunca poderia ter.

Não, não somente a única coisa que ela nunca poderia ter. Ela nunca poderia ter Dante também. O pensamento a perfurou com uma força emocional similar a ser chutada na cabeça. Ela puxou uma respiração aguda. Deus, ela mal conhecia o homem. O que importava se ela não poderia estar com ele? Ela engoliu com força. Importava, e isso era o mais aterrorizante de tudo.



Dexesseis

Marcus ficou na frente da tela da parede que mostrava uma imagem digitalmente melhorada do *Tyet de Ísis*. O espantou em quão bem preservado o pergaminho estava depois de quase dois mil anos de armazenamento na pequena caixa. Ainda assim, demorou três semanas para Atia e outro pesquisador somente desenrolar o frágil papel para que ele pudesse ser fotografado ontem.

Hoje era a primeira vez que ele viu os detalhes do documento de perto. Os séculos destruíram pedaços do artefato e criaram uma borda entalhada que carcomia até o texto e os símbolos no pergaminho. Uma parte do material se rompeu quando foi desenrolado, deixando vários buracos no documento.

Apesar do texto perdido, ele foi capaz de recolher um pouco de informação do manuscrito, até mesmo a partir dos desenhos intercalados no texto, incluindo os ícones que ele reconheceu de sua vida passada, quando viveu e lutou ao lado do primeiro *Senhor Sicari* na Roma antiga. Mesmo através dos séculos, algumas de suas memórias como Tevy eram tão reais e vívidas quanto a sua vida atual.

A agitação dos pensamentos de Atia roçou sua mente. A porta da sala de pesquisa abriu em silêncio, mas ele não se virou. Como de costume, ela chegou mais cedo. Era algo com o qual contou nesta manhã. Houve pouca oportunidade para ele ficar sozinho com ela nos últimos dias. Ele estava certo que isso era um movimento deliberado por parte dela.



Apesar de não poder vê-la, foi fácil notar que ela hesitava em entrar na sala. Ela sempre foi boa em proteger a sua mente, mas a ligação deles de anos atrás criou uma conexão entre eles que permitia que ele sentisse as emoções dela mesmo quando não podia ler seus pensamentos. A ligação entre eles se tornou mais forte com a idade. Ele apenas desejava que a conexão tivesse sido tão forte assim depois do sequestro do Gabriel. Ele puxou uma respiração forte.

Passaram-se três semanas desde a confissão de Atia, e ele não tentou confrontá-la a respeito. Ele precisava de tempo para absorver a revelação dela sobre o dia do sequestro do Gabriel. A declaração dela o surpreendeu, mas sabendo que ela manteve este segredo todos estes anos porque estava com medo dele foi uma pílula dolorosamente amarga de engolir. Somente enfatizava o abismo entre eles porque agora entendia por que ela estivera com medo de contar a ele a verdade.

Quando ela compartilhou a história inteira naquele dia, ele disse que entenderia. Mas talvez ela estivesse certa. Muito provavelmente a raiva dele, o medo, pesar, e a inflexibilidade o fariam condená-la por falhar em manter o filho deles fora das mãos dos *Pretorianos*. Ele estava contente que ela não contou para ele a verdade por essa mesma razão. A condenação dela por ele não seria merecida. Ele entendia agora o quão difícil teria sido tirar a vida do filho deles aquele dia.

A forte memória de Gabriel no Pantheon o abalou. Logicamente, Marcus aceitara que Gabriel não era mais o seu filho, mas não tornava fácil lutar com ele. Foi dessa forma que Gabriel conseguiu ter uma vantagem sobre ele durante a batalha. Lá no fundo, Marcus sabia que ocorreram diversos momentos quando ele poderia facilmente ter matado o seu filho.

Ele sabia desde o primeiro confronto de suas espadas que ele era um lutador melhor que Gabriel. Mas ele não aproveitou a sua vantagem, e na última semana ele percebeu que era porque ele não queria matar o seu filho. Ele se encolheu enquanto seu corpo se lembrava da dor lancinante que a espada de seu filho infligiu em sua coxa.

Foi um ferimento mortal. Mas Gabriel ficara feliz com isso. Ele queria destruir Marcus completamente. Enquanto Gabriel pairava sobre ele pronto para desferir o



golpe final, o pedido de misericórdia de Atia, fez o filho deles hesitar. Demorou tempo suficiente para Marcus fazer o que era necessário.

Seus músculos se apertaram em duros nós com a memória. Empurrar sua espada profundamente no coração de Gabriel foi a coisa mais angustiante que ele já fizera em toda a sua vida. A dor daquele momento ultrapassara a agonia que ele experimentou quando os *Pretorianos* levaram o seu filho.

Isso o fez entender muito bem o motivo de Atia não conseguir tirar a vida de Gabriel no dia que os *Pretorianos* sequestraram o filho deles. Ele já achou difícil o bastante matar o filho dele apesar de saber no que ele se tornou. Mas doce Vesta, ele não podia imaginar o quão difícil teria sido tirar a vida do Gabriel quando ele não era nada mais do que um bebezinho. Agora ele entendia o pesar que ela viveu todos estes anos.

A porta da sala de pesquisa se fechou, mas o calor da presença dela permaneceu. Ele sabia que ela queria correr, mas o orgulho dela não deixava. Novamente houve uma agitação de seus pensamentos contra os dele, e ele se virou para encará-la. A pequena careta em seu rosto era uma que ele reconhecia. Ela estava planejando. Mais provável, elaborando estratégias de como se livrar dele. Ele não estava disposto a deixá-la arrumar uma maneira de fazer isso.

— Você já teve tempo para tentar ler isso? — ele gesticulou na direção da tela com um pequeno movimento da cabeça. A pergunta a surpreendeu, mas ela se recuperou rapidamente.

— Sim, eu olhei as imagens ontem à noite antes de trancar tudo. Era tarde, e eu não fui realmente capaz de distinguir nada. Os desenhos dos padrões de diferentes legiões do exército Romano não faziam sentido para mim. Eles eram obviamente partes da mensagem, mas sem saber o que as diferentes posições significavam, eu não consegui decifrá-la — ela disse com desapontamento.

A frustração dela era algo que ele entedia. Ela esteve procurando pelo *Tyet de Ísis* a maior parte de sua vida, e agora que ela o encontrou, ela se encontrava de frente a outro quebra-cabeça. O fato de que ele não seria de muita ajuda para ela resolver a charada era algo que ele não conseguia engolir. Irritava-o profundamente que podia

se lembrar das cenas horríveis de homens morrendo na batalha, e mesmo assim, lembrar-se de uma simples inclinação ou torção de um padrão romano ia além de sua capacidade.

— Na verdade, os desenhos dos padrões iriam fazer sentido se você fosse um membro da Guarda *Pretoriana* de dois mil anos atrás — ele disse ironicamente, sabendo que eles não faziam muito sentido para ele agora, apesar de ter sido parte da Guarda em sua vida passada como Tevy.

— Então você sabe o que diz? — ela perguntou com uma excitação restringida.

— Não. Eu disse que faria sentido se você fosse um membro da Guarda *Pretoriana* de dois mil anos atrás. — Ele balançou a cabeça. — Eu somente me lembro de pedaços da minha vida como Tevy. As diferentes posições dos padrões não são os comumente utilizados pelos exércitos romanos. Estes são específicos à Legião do primeiro *Senhor Sicari* e se refere a ações específicas.

— Que tipo de ações? Você está dizendo que é um mapa? — desapontamento lampejou pela sua amável expressão. Fez com que ele quisesse colocar os braços ao redor dela.

— Baseado no que nós traduzimos até agora e as variedades de ângulos dos padrões, eu acredito que sim. Você vê os desenho do signa aqui, aqui, e aqui? — ele apontou para diversos padrões desenhados no documento. — Você notou alguma coisa diferente neles?

— Todos eles estão desenhados em vários ângulos e posições — ela disse.

— Precisamente — ele disse. — Na batalha, o padrão era o ponto de encontro. O signa podia ser visto acima de todas as lutas, e era usado para dar comandos às tropas. Uma corneta soava por cima do barulho das lutas, o que dizia aos homens para procurar pelo padrão. Usando diferentes inclinações e posições angulares do padrão, o general poderia assim dar ordens aos seus homens.

— Então você está dizendo que as diferentes posições dos padrões neste documento estão nos dizendo onde deveríamos procurar o que quer que seja que deveríamos estar procurando?

— Sim, até mesmo as moedas são pistas. — Ele apontou para as imagens desenhadas na parte de trás e da frente dos quatro cantos do documento. — Você os reconhece?

— Eles são desenhos de uma moeda do *Senhor Sicari*, exceto aquela no canto inferior direito — ela disse num tom cuidadoso.

Evitando seu olhar, ela lentamente se moveu para ficar um pouco mais próxima a ele. Tão perto e, no entanto tão longe como os anos que eles ficaram separados. O pensamento não era menos doloroso do que uma adaga enfiada nas omoplatas. Ele teve o seu trabalho feito no que dizia respeito a ela. Os pensamentos dele se esticaram em direção aos dela e encontrou o caos.

Embaixo de sua expressão serena, ela estava bem mais apreensiva do que queria que ele acreditasse. Ele se retirou antes que ela tivesse a chance de perceber que ele estava tentando invadir seus pensamentos. Sem tirar seus olhos da imagem ampliada do documento na tela, ele ousou dar um passo na direção dela e apontou para o canto inferior direito da tela.

Mesmo com o canto do documento destruído, a imagem remanescente era fácil de identificar. A cabeça de Ptolomeu I Soter era bem proeminente. Pouco restava da imagem ao lado de Ptolomeu, mas Marcus reconheceu o fragmento remanescente.

— Esta aqui também é moeda *Sicari*.

— O que na terra te faz pensar isso? — ela zombou enquanto dispensava a sua afirmação com um aceno de mão. — Não é como as outras três, que são quase idênticas às moedas do *Senhor Sicari* que temos no baú. Esta aqui tem a imagem de Ptolomeu Soter nela, e o que resta da imagem ao lado certamente não possui qualquer texto em latim, como as outras três moedas.

— É Macedônica — ele disse baixinho.

— Macedônica? — ela olhou para ele surpresa, sua compostura serena exterior dando lugar à mulher que ele conheceu em sua juventude. Curiosidade e excitação mandando cor ao seu rosto enquanto ela se aproximava da tela para estudar a pequena porção do texto que o tempo não conseguiu corroer. Se inclinando um pouco

para examinar a imagem, ela balançou a cabeça e a inclinou na direção dele. — Tudo bem, isso parece escrita Macedônica, mas isso torna ainda menos provável que seja uma moeda do *Senhor Sicari*.

— Vive em dobro quem morre bem — ele disse em voz baixa.

— O quê? — a sobrancelha dela se franziu enquanto ela endireitava a postura para estudá-lo perplexa.

— O clamor de batalha *Sicari*. É o texto na parte de trás da moeda.

— Como você possivelmente poderia saber disso? — ela o encarou, desacreditada. — Nem há texto suficiente na imagem para até mesmo entender o que ele diz.

— Eu sei por que eu tenho uma moeda igual. — Ele assistiu os lábios dela ofegarem silenciosamente, e um nó torceu suas entranhas quando o desejo de beijá-la surgiu nele. Ele esmagou a vontade. — Foi entregue a casa do *Senhor Sicari* no comando desde a época de Maximus.

Atia virou a cabeça para olhar o documento na tela mais uma vez. Sua surpresa deu lugar à contemplação enquanto ela estudava as escritas na frente dela.

— Por que uma moeda com a imagem de Ptolomeu teria o clamor *Sicari*? — ela meditou.

— Ptolomeu deu a moeda apenas para os seus guarda-costas pessoais mais confiáveis, quando um representante declarava que o soldado agia em nome de Ptolomeu. A maioria dos homens que recebeu uma moeda estava com ele e Alexandre quando eles invadiram a Índia. — Marcus cruzou seus braços no peito enquanto estudava o documento por um momento antes de olhar novamente para a sua esposa. — Apesar de que eu tenho certeza que a história perdeu alguns detalhes pertinentes com o passar dos séculos, dizem que eles voltavam da campanha como homens mudados.

— Mudados como? — ela perguntou. Quando ele arqueou as sobrancelhas para ela, e ela balançou a cabeça com ceticismo. — Você está sugerindo que eles tinham a mesma habilidade de um *Senhor Sicari* ou um *Dominus Pretoriano*?

— Sim. — Marcus assentiu. — Eu acho que seja lá o que for que os transformou na Índia, eles trouxeram de volta com eles.

Atia aspirou uma respiração profunda e a soltou enquanto ela silenciosamente considerava a teoria dele. Apesar dos pensamentos dela ainda estarem bloqueados para ele, ele podia sentir nela uma crescente excitação enquanto ela mordida seu lábio inferior. Seus olhos cinzentos ficaram quentes com a satisfação enquanto ela encontrava o olhar dele. Ele foi imediatamente lembrado da primeira vez que eles se conheceram. Os olhos dela brilhavam com a mesma intensidade que ele viu iluminando a expressão dela agora. Ele capturou o coração dela naquela época, e ele de repente acreditou que era possível fazer isso novamente. De alguma forma eles encontrariam uma maneira de colocar o passado para trás deles.

— Se eles traziam algo de volta com eles, isso teria que ter sido uma poção ou possivelmente até uma planta — Atia murmurou.

— Já que provavelmente precisasse ser algo que eles ingerissem, uma poção é a explicação mais razoável. O que for, deve ter mudado a estrutura molecular deles... modificado o DNA deles para somar aquelas habilidades *Sicari*. Nossas habilidades.

— Então você acha que o que nós temos a habilidade de transformar a nossa composição genética?

— Sim. Isso explicaria as histórias que o *Tyet de Ísis* poderia levar a nossa destruição. — Com um aceno ele olhou para o documento na tela. — Se os *Pretorianos* encontrarem uma maneira de aumentar as habilidades deles, eles teriam uma vantagem que a Ordem poderia nunca mais recuperar.

Do canto de seu olho, ele a viu mordiscar seu lábio inferior, a atenção dela claramente focada nas palavras dele. Infelizmente, a única coisa na qual ele podia se focar no momento era a boca amável que ela tinha. Ele mordeu o interior de sua bochecha, usando a dor para evitar que ele fizesse qualquer coisa que pudesse quebrar a tênue paz entre eles. Ele precisava ser paciente.

— É possível você beber ou comer algo que te mudou quando você viveu na Roma antiga? — ela perguntou baixinho como se tivesse pensando alto.

— Provavelmente, mas eu duvido que eu soubesse na época. O meu palpite é que apenas uma ou duas pessoas tiveram acesso ao segredo, e eles sorrateiramente deram para os soldados, que em troca se veriam como abençoados pelos deuses. — A parte de trás de suas juntas esfregou a linha de sua mandíbula enquanto ele sentia um inchaço de diversão nela. Ele inclinou a cabeça na direção dela. — Você acha algo engraçado nisso?

— Eu só estou me perguntando se Tevy acreditava ser abençoado pelos deuses ou que ele era um deus quando adquiriu suas habilidades especiais. — Ela estava provocando-o ou insultando-o? Ridicularizando-o, mais provavelmente. Ela sempre dissera que ele era muito arrogante. Ele fez uma careta.

— Você realmente tem uma opinião baixa sobre mim, não é? — de alguma forma ele conseguiu manter sua voz amena, apesar da pontada que as palavras dela infligiram.

— O quê? — confusão a fez franzir as sobrancelhas enquanto balançava a cabeça.

— Você sempre disse que eu era arrogante. Eu imagino que você ache que eu era dessa forma quando era Tevy.

— Não — ela exclamou, enquanto sua mão se esticava até ele. — Eu não quis dizer isso, nem um pouco. Eu estava te provocando. Eu não tenho dúvidas que a sua integridade como Tevy era a mesma de hoje. Você é um bom homem, Marcus. Você sempre foi.

— Eu fui? Eu me pergunto. — Ele inclinou a cabeça para estudar o piso embaixo dele. A pedra branca de mármore parecia tão fraturada quanto os seus pensamentos. — Eu consegui falhar contigo em uma época quando você mais precisou de mim. Dificilmente estas são ações de um bom homem.

E ele falhou com ela. *Christus*, ela quase morreu. Ele perdeu seu filho naquele terrível dia. Perder Atia também teria empurrado-o para o precipício, mas, no final, ele acabou perdendo-a da mesma forma. O sequestro de Gabriel formou uma barreira entre eles, e ilustrou quão pouco se entendiam na época. Talvez até mesmo agora. A mão de Atia tocou o seu braço.

— Ambos falhamos. Eu deveria ter confiado em você. Eu deveria ter te contado tudo quando o Gabriel fora levado.

— Eu não tenho mais certeza que você tenha cometido um erro em não me contar o que aconteceu quando o Gabriel foi levado — ele falou roucamente quando a sua garganta se apertou com emoção. Ela recuou surpresa, e ele engoliu com força para conseguir falar. — Eu gostaria de pensar de outra forma, mas a minha perspectiva mudou nas últimas semanas. Eu agora entendo como é encarar o prospecto de matar o seu próprio filho.

Ele queria acreditar que ele não teria julgado Atia por não seguir o velho código, mas eles sabiam desde aquela época que Gabriel seria um poderoso *Senhor Sicari*. Se ela tivesse contado para ele como havia falhado em sacrificar o filho deles para salvá-lo dos *Pretorianos*, ele duvidava que a teria perdoado. Ele não gostava de admitir isso, mas ele sabia que era verdade. Ele não podia culpá-la por estar com medo de contar a verdade para ele ou esconder Cleo dele.

— Ambos enfrentamos uma escolha terrível, mas você era mais forte... mais corajosa que eu. — O rosto dela ficou pálido, e a voz dela se quebrou por um momento antes de continuar. — Você fez o que um *Senhor Sicari* é treinado a fazer. Você escolheu colocar de lado os seus sentimentos pessoais e proteger aos outros. Era a coisa certa a se fazer.

— E você fez a coisa certa em não me contar sobre a Cleópatra. — Ele a viu recuar com surpresa quando ele encontrou o olhar dela com um olhar firme. — Se você me achou incapaz de perdoá-la pelo Gabriel, por que você não acharia que eu a tiraria de você? Eu não posso te culpar por isso. Eu somente desejo que as coisas tivessem sido diferentes.

Ela se virou, e seu pesar o inundou como uma tempestade raivosa. Combinava com o seu próprio tormento. Sem ter certeza se ela iria rejeitar o toque físico dele ou não, ele se esticou com os seus pensamentos e gentilmente forçou-a a encará-lo.

Eles se encararam por um longo momento antes que ela viesse até ele por vontade própria. Ela não chorou. Ela simplesmente se segurou nele com uma força que o surpreendeu. Depois de diversos longos momentos, ela se afastou e colocou um

pouco de espaço entre eles. Ele não queria deixá-la ir, mas o instinto disse para ele não protestar.

Paciência era a única forma de ganhá-la de volta. O pensamento o fez suprimir um grunhido de frustração, mas ela deve ter sentido o desapontamento dele. Os olhos cinzentos dela escureceram com emoção quando ela encontrou o olhar dele. Por um instante, ele pensou que ela estava prestes a se abrir com ele, mas ela não o fez. Com um balanço da cabeça, ela desviou o olhar e se mexeu para continuar o seu estudo do documento na tela.

Levou cada bocado de força de vontade que ele possuía para não quebrar o silêncio e conduzir a conversa na direção que ele queria. De braços cruzados sobre o peito, ele enfiou seus dedos no biceps, esperando que o desconforto o mantivesse calado. Vários momentos arrastados depois, ela lançou um olhar rápido para ele, antes de voltar sua atenção para a tela.

— Lysander pode ter um pouco da memória do que as posições diferentes nos padrões significam — ela disse baixinho. — Eu acho que nós deveríamos pedir para ele olhar o documento.

— Eu pensei que ele ainda estava na Itália? — Marcus fez uma careta de surpresa enquanto Atia balançava a cabeça.

— Não. Ele chegou ontem à noite com Phaedra. Ela insistiu em vir para casa, e a única maneira que Lysander concordaria em permitir que ela deixasse o hospital em Gênova era se ela viesse para a White Cloud no lugar.

— Tudo bem. Então deveríamos chamá-lo para dar uma olhada no documento o mais cedo possível. — Ele pausou por um breve momento. — Eu também acho que é hora dele saber a verdade. Dante também.

Ela se virou para encará-lo surpresa. — Você irá contra os desejos da Aurélia? Ela não queria que eles soubessem um sobre o outro. Era para a segurança deles.

— Eles não são mais crianças. Dante logo será o *Senhor Sicari* no comando, enquanto Lysander será o primeiro *Senhor Sicari* reencarnado. É certo que se encontrarão uma hora. Na verdade, estou surpreso que eles ainda não se conheçam. —

Ele franziu um pouco a testa enquanto considerava o que poderia acontecer quando os meio-irmãos se encontrassem. A semelhança entre os dois era impressionante, apesar da desfiguração de Lysander.

— Nenhum deles ficará feliz que nós escondemos isso deles. Lysander irá entender a razão, mas e Dante?

A pergunta de Atia fez Marcus recuar. Ela estava certa. Ele não estava certo de como o seu protegido iria reagir às notícias. Ele balançou a cabeça e revirou seus ombros de leve.

— Como Lysander, ele ficará bravo, mas eu acho que ele entenderá a razão por mantê-los separados. Eu imagino que a reação dele será similar à da Cleópatra quando você contou para ela sobre Gabriel e eu. — No instante que ela ficou pálida, ele se arrependeu da escolha de suas palavras. Ele rapidamente esticou seus pensamentos e tocou a bochecha. — A reação dela foi normal, Atia. Ela te perdoará. Estou certo disso. A raiva dela já começou a diminuir no dia que eu dei permissão para ela permanecer no *Absconditus*.

— Algo que você não deveria ter feito — ela disse com firmeza. Ele endureceu com a censura na voz dela, e ela suspirou. — Sinto muito. Você estava certo em deixá-la ficar, mas eu não gosto que ela esteja em Roma. Eu não gostei quando Lysander a escolheu para a equipe dele, e eu não gosto disso agora. Não é seguro para ela. Você já ouviu alguma coisa do Dante?

— Nada. — Ele esfregou a ponta do queixo com os dedos. — A *Praefect* dele ligou outro dia para discutir assuntos menores. Quando eu perguntei a respeito de Cleópatra, tudo o que a Cornelia disse foi que ela estava se provando um desafio para o Dante.

— Isso não me surpreende — Atia disse com um pequeno sorriso. — Cleo segue ordens, mas ela não hesita em questioná-las.

— Então ela é filha de sua mãe. — Ele riu suavemente. — Eu posso me lembrar de um número de vezes quando você se recusou a fazer algo que eu te mandei fazer.

— Isso foi porque você não estava acostumado a ter alguém te questionando. — O sorriso dela aumentou. — Você se lembra do dia que eu descobri a adaga *Sicari* naquela escavação próximo ao Rennes-le-Château?

— Não era *Sicari* na origem — ele grunhiu com irritação. Ela riu.

— Sim, era, mas você não podia admitir que eu estivesse certa. — A sua censura gentil o fez soltar um grunhido desgostoso enquanto esfregava sua nuca.

— Vai fazer com que você se sinta melhor se eu admitir que eu não estou sempre certo? — a pergunta a fez ficar boquiaberta de surpresa com ele. Ele sentiu uma onda de calor subir em seu rosto. — Não é fácil dizer isso, mas eu cometi muitos erros. Um deles foi deixar você me abandonar naquela noite no La terrazza del Ninfeo.

— Pelo que eu me lembro, eu não te dei uma escolha — ela disse baixinho. — Eu tive que voltar para cá para uma reunião do Conselho.

— Você teria ficado se eu tivesse dito que te amava? — a pergunta fez os olhos dela se escurecerem com uma emoção que deu a ele uma pequena lasca de esperança. — Você disse uma vez que era um erro — ele falou roucamente enquanto se lembrava das palavras dela no dia que descobriu sobre a Cleópatra.

— Não — ela exclamou enquanto rapidamente o encarava. — Isso meu deu a Cleo, e... e...

— E o quê, *mea amor*?

Era fácil definir as emoções emanando dela. Confusão, tristeza, e medo. O medo o pegou de surpresa. Ela não tinha nada a temer com ele, e ele gentilmente esticou seus pensamentos para tocar a mente dela. Ela não recuou da carícia mental. Ela se abriu para ele para os seus pensamentos, recebendo-o. Mesmo assim, a vibração do medo dela se impulsionou para dentro da mente dele até que percebeu do que ela estava com medo. Ela estava com medo de confiar nele.

A boca dele ficou seca por causa da esperança que criava raízes em seu coração. Ele imediatamente recuou, dolorido por sondar mais profundamente e tranquilizá-la, mas sabendo que ele não podia forçá-la a vir até ele. E ele não a queria dessa forma de



qualquer maneira. Ele queria que ela viesse até ele com um coração disposto, porque confiava nele e o amava.

No momento que ela deu um passo hesitante na direção dele, o coração dele retumbou dentro de seu peito. O medo não era um conceito estranho para ele. Ele experimentou isso mais do que uma vez, mas ele sempre esteve no controle e capaz de se defender. Isso era completamente diferente.

Pela primeira vez na vida dele, ele estava com medo de realmente perder tudo o que amava. Ele tentou engolir o nó apertando a sua garganta, mas ele falhou. Mal sendo capaz de respirar, ele a assistiu dar outro passo na direção dele. Os dedos dela tocaram sua bochecha levemente, e um tremor o percorreu.

Christus, ele nunca esteve tão certo sobre ela como estava nesse momento. Depois de tudo que eles passaram, ela arriscaria tudo o amando novamente? Lentamente, ele abaixou sua cabeça, permitindo a ela todo o tempo que ela precisava para se afastar dele. Quando ela não se moveu, os lábios dele acariciaram os dela com um beijo leve, com pena.

— Diga-me o que aquela noite significou para você, *caríssima* — ele sussurrou enquanto respirava o doce aroma floral dela.

— Tudo — ela falou engasgada. — É a única coisa que me trouxe conforto quando eu estive sozinha no escuro, querendo você ao meu lado.

— Isso significa que você está disposta a envelhecer ao meu lado? — ele permaneceu parado enquanto esperava a resposta dela.

— Sim.

A resposta dela abalou o seu núcleo, fazendo com que suas mãos tremessem enquanto ele pegava os ombros dela e a puxava para os seus braços. Cada parte dele estava gritando com um júbilo que era quase doloroso em sua intensidade. Ele havia ganhado.

Ela era mais uma vez dele, e desta vez ele não desistiria dela. Nem por ninguém ou por nada. A fome gravou seu caminho através dele, martelando-o enquanto ele

esmagava a boca dela na dele. O gosto sensual dela em sua língua o fez endurecer em um segundo.

Pela Pedra de Júpiter, ele precisava – queria mostrar para ela o quanto ele a amava. A boca dela se moveu acaloradamente contra a dele, e um estrondo duro subiu em seu peito enquanto a mão dela roçava pelo seu pênis duro. Instantaneamente, as mãos dele agarraram o traseiro dela e acomodou a coxa dela contra a ereção dele. A mente dela tocou a dele com uma imagem erótica com ela se ajoelhando aos pés dele, chupando-o e lambendo-o até que ele não fosse capaz de segurar mais sua semente.

Ele gemeu com a imagem estimulante em sua cabeça, enquanto sua língua se enroscava com a dela em uma dança quente, que o deixava dolorido para se libertar. Ela se esfregou contra ele com seus quadris, a fricção do material entre eles deixando-o pronto para tomá-la aqui e agora, e para o inferno com a possibilidade de alguém descobri-los. Com uma rápida virada, ela estava fora de seus braços.

— Não. Não aqui — ela disse num sussurro dolorido que traía quão excitada estava.

— Então onde? — ele olhou incisivamente para o seu pênis e então sorriu para o rubor preenchendo as bochechas dela. — Você é linda, *mea amor*.

— E você é cego como um morcego — ela sussurrou enquanto suas bochechas ficavam ainda mais coradas.

— Eu sempre fui cego no que dizia respeito a você, *caríssima*. — O peito dele se contraiu enquanto ele limpava a garganta. — E se nós não chegarmos a um lugar privado, eu provavelmente ficarei cego a tudo, exceto a fazer amor com a minha esposa.

Os cantos da boca rosa dela se inclinaram para cima enquanto ela olhava para a mão dele. Era um sorriso provocador, e o desejo ardendo em seus olhos cinzentos arrancou o restante de ar de seus pulmões. Ele assistiu em silêncio enquanto ela rapidamente desligava os computadores e deixava em segurança o *Tyet de Ísis*. Em menos de um minuto ela estava na frente dele de novo, e com um uma gentil puxada de suas mãos, ela o tirou do laboratório de pesquisa. Ele foi voluntariamente. Contento de segui-la para onde ela fosse.



Dexessete

Atia perdia os dedos no meio do peito de Marcus enquanto olhava em seus olhos azuis. O amor que viu ali fez seu coração saltar uma batida com a alegria que a envolveu desde esta manhã. Ao longo das últimas horas eles conversaram e fizeram amor enquanto redescobriram um ao outro. No chuveiro poucos minutos atrás, banharam um ao outro com uma ternura que ela não se lembrava de já ter partilhado com ele.

Houve uma nova percepção na forma como eles se tocaram, também. Cada toque ecoou com um entendimento silencioso de que perderam tanto, e seu tempo juntos agora era muito mais precioso. Deus, ela nunca imaginou que fosse possível alguma vez ser tão feliz novamente. E então houve a paixão. A memória de como a sua boca mordiscou, chupou, e provocou seu sexo a fez querer fazer o mesmo por ele.

Montada em suas coxas, ela sorriu enquanto seu corpo flexionava com a tensão no instante em que o dedo escorregou casualmente sobre a ponta de sua ereção. Olhos azuis escureceram com o desejo, ele lançou um sopro severo quando ela arrastou seu dedo indicador para baixo para o comprimento duro e grosso dele.

Inclinada para frente, Atia apertou a boca na linha fina de cabelo que mergulhava para baixo, para a ereção. Uma gota molhada da ponta dele umedeceu seu mamilo quando o peito escovou contra ele. Lentamente, ela deslizou os lábios para

baixo, para o pequeno rasgo logo acima de seu comprimento espesso. Cada centímetro dele era lindo.

Seus movimentos sem pressa e deliberados, ela deu um pequeno sopro sobre sua ereção antes de sua boca fazer um caminho por toda a pele para o local onde seu quadril se juntava com a cintura. A respiração afiada que ele soltou a fez levantar a cabeça para olhar para ele. Necessidade endureceu suas características quando ele a alcançou. Ela facilmente escapou de seu alcance e rapidamente virou a cabeça para levá-lo em sua boca.

A rapidez com que ela fez isso puxou um grito baixo dele. A maneira como ele arqueava para cima em sua boca enviou uma onda de prazer através dela. Calor e um sabor leve de sal acariciaram sua língua, enquanto ela girava em torno de seu comprimento rígido. Outro gemido ressoou dele enquanto suas mãos deslizavam pelo cabelo dela, e ele murmurou algo incoerente. Liberando-o, ela levantou a cabeça e sorriu para a expressão em seu rosto.

— Está tudo bem, Eminência? — ela usou o título de forma lúdica, e ele gemeu quando ela pegou e revirou os sacos ao redor em sua mão.

— *Christus*, mulher, você vai me fazer implorar?

— Na verdade, eu gosto muito do pensamento disso — ela sussurrou.

— Não é da minha natureza.

Seu sombrio rugido a fez rir, mas um momento depois, ela ofegou com um surpreso prazer quando uma força poderosa e invisível levantou-a e ele enfiou para cima, dentro dela. Desejo corria o seu caminho através de suas veias, enquanto seu corpo recebeu o seu. Um arrepio de prazer correu em toda a sua pele, quando ela viu o sorriso triunfante no rosto dele. Ele sabia exatamente o quanto ela gostava de seu comportamento magistral. Fome brilhava nos seus olhos quando ele estendeu a mão e esfregou seu polegar contra a carne sensível do seu sexo. O toque a fez saltar, e ele sorriu perversamente.

— Agora, quem está a implorando, *Senhora Cônsul*?

— Você não está jogando limpo — ela ofegou quando ele aumentou a pressão do toque, enquanto lentamente pressionou mais profundo dentro dela.

— Devo parar?

— Não — ela sussurrou, balançando os quadris contra os dele.

Ele combinava com seu ritmo lento, uma mão apertou em seu peito enquanto ele delicadamente a forçou para trás para aumentar o prazer dela. Uma pressão implacável começou a se construir no local onde eles se juntavam. A cada golpe de seu corpo contra o dele, ela lentamente aumentou o ritmo até que ela o montou selvagememente, o que respondeu a febril paixão ardente entre eles.

A primeira ondulação de seu orgasmo a pegou de surpresa, e ela gritou seu nome. Apertando os dedos em seus quadris, ele a forçou a montá-lo a uma velocidade escaldante, enquanto um tremor violento após o outro caiu através dela. A explosão de êxtase fez seu caminho através de seu corpo e a deixou tremendo enquanto ele gritava de prazer e gozava dentro dela. Por um longo instante eles estremeceram um contra o outro, enquanto as consequências do seu prazer combinado declinavam.

Atia suspirou com contentamento quando se desmontou de Marcus e moveu seu corpo para deitar ao lado dele. Seu braço enrolado envolta dos ombros para puxá-la para seu lado enquanto sua boca roçava a testa. Olhos fechados, ela murmurou um suspiro suave.

— Isso é um suspiro de felicidade ou satisfação? — ele perguntou com uma risada.

— Ambos. — Ela beijou a ponta do queixo, em seguida, levantou-se no cotovelo, para olhar para ele com um sorriso. — Eu não me lembro de alguma vez ser tão insaciável.

— Eu estou recuperando o tempo perdido — ele disse em um tom sombrio e aveludado que enviou um estremecimento preguiçoso pelas costas. Um calor invisível acariciava o lado do peito antes que ele se movesse para escovar todo o duro mamilo.

— Pare de provocações — ela aconselhou-o com um brilho falso que a fez rir.

— Isso é bastante difícil quando me deparo com duas oportunidades deliciosas.

Desta vez, ele estendeu a mão fazendo leves círculos em todo o seio. Ela riu e bateu alegremente na sua mão. Uma rápida olhada para o relógio disse que passava da uma, o que significava que eles passaram a metade do dia redescobrendo um ao outro. Ela deslizou para fora da cama e foi até seu armário.

— Onde você pensa que está indo. — Ele perguntou.

Poderosas mãos invisíveis delicadamente a arrastaram de volta para a cama, onde ela caiu em cima dele. Mãos apoiadas contra seus ombros sólidos, ela se esforçou para longe dele e balançou a cabeça.

— Caso você tenha esquecido, ainda temos um quebra-cabeças para resolver, e eu queria que Lysander viesse e observasse o documento imediatamente.

— Um quebra-cabeça que está sem solução há quase dois mil anos pode esperar mais um dia — ele rosnou.

— Não é apenas o documento. Há outras questões comerciais para atender.

Ela encostou a boca sobre a sua antes que escapasse de seu alcance e fosse para seu closet. Seus dedos acariciaram a seda macia enquanto hesitava em falar quais eram os outros assuntos. Respirando um suspiro, silêncio resignado, ela puxou seu vestido fora de um cabide.

— Eu preciso falar com Ignacio e pedir que reconsidere a sua demissão. — Ela mordeu o lábio quando Marcus não respondeu, e escorregou lentamente em seu manto, com medo de virar.

— Você acha que é sensato pedir a ele para voltar como seu conselheiro? — ele perguntou com uma pitada de inveja na sua voz.

Atia imediatamente se virou para tranquilizá-lo. Ante a visão dele, extraiu uma respiração profunda. Ele era magnífico. Estendido sobre a cama, estava com os músculos rígidos. O tempo mal tocou nele. O que só o deixou mais bonito. Ela hesitou por um momento, consciente do aspecto sensível da sua conversa.

— Ignacio foi meus olhos e ouvidos na Ordem desde que Cleo era pequena. Ele sempre sabe de tudo antes que aconteça, e esse é um tipo de ajuda é insubstituível. — Ela manteve seu tom de voz suave enquanto amarrou o cinto em volta da cintura. — Sem ele, a minha liderança na Ordem será muito mais difícil.

— E você realmente acha que ele vai mesmo considerar o seu pedido? — ele perguntou asperamente. Seguindo seu exemplo, ele saiu da cama e puxou as calças com um gesto afiado. — O homem está apaixonado por você. Se eu fosse ele, diria para você ir para o inferno.

— Então o que você sugere que eu faça? — ela encontrou seu olhar firmemente.

— Pede a Lysander ou Ares para tomar seu lugar. — Sua resposta não foi o que ela esperava. Ela inclinou a cabeça para um lado para estudar o perfil endurecido dele. Ele estava com raiva por ela não pedir para ele assumir as responsabilidades de Ignacio?

— E se eu pedir a você?

— Eu não sou um bom candidato — ele cuspiu fora. Franzindo a testa, ela olhou para ele.

— É porque você tem problemas de comunicação com sua esposa?

— Não. — Ele fez uma careta para ela quando fechou o zíper da calça. — Eu não posso assumir o cargo porque eu te mataria em questão de semanas. Um *Celeris* não é apenas os olhos e ouvidos da *Prima Cônsul*. O *Celeris* protege. E nós bateríamos as cabeças cada vez que tentasse fazer o meu trabalho para mantê-la segura.

— Nós não... — ela retrucou.

— Não? — Marcus bufou com ceticismo. — Firmani não fez um trabalho muito bom mantendo-a segura.

— Isso não é verdade. Ignacio sempre me protegeu — ela protestou. Um olhar de desprezo marcou o seu perfil romano.

— Sua ideia de proteção e os meus são obviamente muito diferentes. O homem a protegia quando você o iludiu para ir ao meu encontro em Santa Maria sopra Minerva?

— Foi você que sugeriu um lugar tão perigoso para começar. — Ela olhou para ele por sugerir que ela ou Ignacio estava em falta por fazer o que ele havia ordenado.

— Não é perigoso durante o dia se você vier com uma escolta. Pedra de Júpiter, Atia. O homem nunca deveria ter concordado em deixá-la ir a Roma, em primeiro lugar. De todas as cidades do mundo, Roma é o lugar onde a *Prima Cônsul* deve ser bem vigiada em todos os momentos, e ainda assim você esteve sozinha em La Terrazza del Ninfeo.

— Eu não estava — ela negou com veemência. — Ignacio estava de guarda ao pé do morro.

— O homem deveria ter estado há mais de vinte metros de distância de você. Se eu fosse um *Pretoriano* naquela manhã, você estaria morta ou pior.

Ela balançou a cabeça em sua repreensão e murmurou um protesto sem palavras. Satisfação varreu suas feições enquanto ele espetou o dedo em sua direção.

— Ah-ha. Veja. Você não pode sequer negar o fato de que Firmani jamais teve uma chance no inferno de parar você de ir para Roma. Se fosse eu, teria amarrado você para mantê-la aqui.

— Você teria gostado disso, não é? — ela retrucou.

— Na verdade, pensando nisso, poderia ter sido muito agradável para nós dois. — Ele rosnou exasperado, mas havia uma borda escura e sensual em sua voz que enviou um calafrio quente em sua pele.

Ela engoliu seco, incapaz de pensar em uma réplica. Eles se entreolharam por alguns instantes antes que Marcus fizesse um movimento de desgosto e virar-se para acabar de se vestir. O silêncio na sala era fino e frágil, deixando Atia sentindo como se o chão sob seus pés cederia a qualquer momento. Eles acabaram de reconciliar. Ela iria deixar que algo ficasse entre eles?



Ele nunca iria admitir isso, mas ela estava certa que Marcus se sentia ameaçado por Ignacio quando se tratava de seus sentimentos. O pensamento dele estar inseguro com ela, fez seu coração doer. Pela primeira vez em anos ela estava fazendo o que era certo, o que a fazia feliz. Ela deu um passo adiante. O momento em que sua mão tocou seu braço, seu corpo ficou duro e rígido.

— Eu não quero discutir com você — ela disse baixinho. Ele virou a cabeça para olhar para ela por um breve momento, antes que ele a puxasse em seus braços com um combinado de movimentos físico e mental.

— Eu te amo, Atia. — Sua voz era em veludo macio no seu ouvido, enquanto sua boca roçou seu lóbulo da orelha. — Mas você mesmo disse. Firmani ajudou a manter o pulso forte na Ordem. Eu não posso fazer isso quando eu já tenho um trabalho de tempo completo para manter sua segurança. Tudo o que eu peço é que você encontre alguém que não seja Firmani para me ajudar a protegê-la.

Atia virou a cabeça para trás para estudar sua expressão resoluta, observando o brilho feroz e inflexível em seus olhos. Ela o alcançou com os seus pensamentos para aliviar o franzir de sua testa.

— Tudo bem — ela disse com um aceno. — Então eu vou pedir para Lysander ser meu *Celeris*. Ares faria isso se eu pedisse, mas ele odeia a política. E, francamente, a ideia de arbitrar entre os argumentos entre você e Ignacio detém pouco apelo.

Marcus lançou um riso suave ante seu tom irônico, e os vincos da sua testa lentamente desapareceram. No momento em que sua tensão declinou, ela deu um suspiro de alívio. Suavemente libertando-se de seu abraço, ela foi em direção à porta do quarto.

— Estou com fome. Você quer algo para comer antes de chamarmos Lysander para o laboratório de pesquisa?

— Só você. — A nota pecaminosa em sua voz a fez corar quando reconheceu o seu olhar sobre o ombro.

— Seja sério — ela disse com uma risada instável.

— Eu sou sério. Tão sério como fui um momento atrás, quando disse que amarrar você seria prazeroso. — Um sorriso brincalhão se curvou em seus lábios quando seu olhar a varreu da cabeça aos pés. Um calor escaldante apressou em seu rosto, e ela mandou um olhar exasperado. Seu sorriso perverso simplesmente abriu.

— Eu vou pegar algo para almoçar — ela disse, agitada por sua provocação. — Você quer que traga alguma coisa ou não?

— Um sanduíche, por favor, Sra. Cônsul. — Estendeu a mão para sua camisa e deu de ombros, saindo de seu caminho.

— Peru no pão de centeio? — ela sorriu para a surpresa que varreu o rosto dele antes dele sorrir como um colegial. É evidente que ele estava satisfeito que ela se lembrou de seu tipo favorito de sanduíche.

— Isso soa bom — ele disse com um aceno de cabeça. — Enquanto você estiver fixada no almoço, vou chamar Lysander e pedir para estar aqui em meia hora.

Ela balançou a cabeça e afastou-se quando ele começou a apertar os botões de sua camisa. Ela mal saiu do quarto antes que o ouviu cantarolar *Volare* sob sua respiração. Atia suprimiu uma risada e saiu do quarto em direção a cozinha. Atrás dela, Marcus eclodiu a canção, e dessa vez ela riu suavemente. A vida era boa. A única coisa que faltava era Cleo. Talvez Marcus estivesse certo. Talvez tudo que Cleo precisava era de tempo. Atia simplesmente desejava que sua filha voltasse logo para que ela pudesse fazer as pazes.



Lysander sorriu para Atia, quando ela abriu a porta para sua suíte. Ele lhe deu um abraço e quando ela se afastou, ela olhou para ele com um olhar de avaliação sobre seu rosto.

— Você parece feliz — ela disse, sua boca curvando em um sorriso satisfeito.

— Eu estou. — Olhou por cima do ombro e viu Marcus esperando para cumprimentá-lo. Quando Atia se afastou, Lysander avançou para cumprimentar o *Senhor Sicari* com o antebraço, a tradicional saudação dos guerreiros *Sicari*. — Marcus, é bom ver você de novo.

— E você, velho amigo. — O *Senhor Sicari* apontou para o sofá. — Sente-se. Há umas coisas que Atia e eu queremos discutir com você.

— Isso soa ameaçador — ele disse com uma risada. Sentando-se na borda da almofada do sofá, Lysander descansou seus antebraços sobre as coxas para apoiar suas mãos na frente dele. — O que é que você quer falar?

O casal se entreolhou por um momento antes de Atia balançar a cabeça e dar um passo adiante.

— Ignacio renunciou ao cargo de meu *Celeris*, e eu quero que você o substitua.

— Se demitiu?

Ele olhou para a *Prima Cônsul* com espanto antes de estreitar os olhos para a mulher, em seguida, voltando-se para estudar o rosto de Marcus. O olhar impassível no rosto do *Senhor Sicari* não enganou Lysander por um minuto. Ignacio parou por causa de Marcus. Ele não poderia culpar o homem. Ele sabia a algum tempo que o *Celeris* estava apaixonado por Atia. Teria sido difícil para Ignacio continuar como seu guarda-costas com Marcus de volta em cena. Lysander voltou sua cabeça para trás, para Atia.

— Então, por que eu? — ante a sua pergunta, Atia assumiu seu rosto político quando naturalmente continuou com sua explicação.

— Eu quero alguém em quem eu possa confiar, e eu não consigo pensar em ninguém mais adequado para a tarefa.

— Eu não tenho certeza se quero a responsabilidade — ele rosnou quando considerava o quão difícil o trabalho de *Celeris* de Atia seria. Ele viu a frustração de Ignacio no passado. — Você não ouve, o que significa que proteger você vai ser mais difícil do que lutar contra uma dúzia de *Pretorianos*.

Marcus bufou ruidosamente, mas Lysander sabia que ele suprimiu um riso. Sua expressão escureceu com irritação, a *Prima Cônsul* atirou ao *Senhor Sicari* um olhar fulminante antes dela se virar para Lysander.

— Eu já fui informada que eu corro muitos riscos, obrigada — ela retrucou. — Marcus achou por bem atribuir a si mesmo como meu guarda-costas em tempo integral. Assim você não estará sozinho em seus esforços para me proteger.

— Eu ainda não tenho certeza se quero o trabalho. Eu não sou um político.

— Você não tem que ser. — Sua irritação retrocedeu, ela ofereceu a ele um pequeno sorriso. — Esse é meu trabalho. Tudo que eu peço é que você me ajude a manter o meu pulso na Ordem.

Lysander olhou para a mulher que conhecia desde que ele era um menino. Ela sempre esteve lá para ele. Como para Ares e Phaedra, a *Prima Cônsul* o levou para sua casa quando ele estava sozinho. Será que ele realmente recusaria o seu pedido? Ele balançou a cabeça lentamente.

— Vou aceitar com a condição de que pelo menos me ouça e considere todas as recomendações que eu faça quando se tratar de sua segurança. — Seu tom era severo, e ele viu um toque de rebeldia cruzar seu rosto antes que ela fizesse uma careta na direção de Marcus. O *Senhor Sicari* aparentemente usou a sua habilidade telepática para incentivar Atia a concordar com sua condição. Embora ele não tivesse certeza se o incentivo era um termo exato baseado na carranca da *Prima Cônsul*.

— Concordo. — Ela jogou a cabeça para ele, um gesto afiado. Em sua concordância relutante, Lysander levantou-se e curvou-se ligeiramente.

— Então eu aceito o desafio de ser o seu *Celeris* — ele disse, mordendo um sorriso de volta quando ela fez uma careta para sua resposta seca. — Então, como vamos proceder?

— Vou precisar informar o Conselho — Atia disse com um aceno de sua mão. — É apenas uma formalidade, já que minha escolha de *Celeris* não precisa de confirmação. Nesse meio tempo, há outra questão que precisamos discutir.

A *Prima Cônsul* mordeu seu lábio e estudou-o por um longo momento com uma expressão desconfortável no rosto. Normalmente, Atia apresentava um rosto confiante para o mundo, e vê-la hesitar pareceu completamente fora do personagem. Carrancudo, ele arqueou as sobrancelhas para ela com uma quantidade razoável de suspeita. O que a mulher estava aprontando agora? Ela olhou para Marcus antes de olhar para Lysander, o seu desconforto era óbvio.

— Receio que tenho algumas notícias que será como um choque. — A *Prima Cônsul* hesitou novamente, e Lysander enrijeceu. Alguma coisa aconteceu. Não poderia ser Phaedra, ele acabou de deixá-la em seu apartamento.

— Quem é? — respondeu asperamente. — Quem está morto?

— Não é nada como isso — Atia disse com um aceno de cabeça. — Na verdade, é exatamente o oposto.

— Em nome de Juno o que isso quer dizer?

Intrigado, ele viu a mulher que ele conhecia desde a infância lutar com algo que ela queria dizer. Atia nunca teve problemas para falar. A *Prima Cônsul* era tão resistente quanto o aço. Com um suspiro pesado, ela passou no chão lentamente.

— Eu queria dizer isto por um longo tempo, mas eu... prometi a sua mãe que não iria dizer. — Mais uma vez ela hesitou. Lysander estreitou os olhos para ela.

— Seria um inferno de muito mais fácil para mim se você simplesmente cuspsisse isso — ele retrucou. — O que você está tentando dizer?

— Você tem um meio-irmão.

As palavras silenciosas de Atia eram uma bomba explodindo na sala, e ele olhou para ela em descrença. O tempo todo que eles estavam em Roma para caçar o *Tyet de Ísis*, ele se perguntou se a *Prima Cônsul* estava perdendo a noção da realidade. Ele agora estava convencido de que ela estava fora de si, e isso comprovava que ele estava certo. Onde diabos ela tirou a ideia que ele tinha um irmão? Ele balançou a cabeça em negação.

— Eu não tenho um irmão. — A dureza de sua enfática declaração fez Atia recuar.

— Ele tinha quatro anos quando você nasceu, e ele nem sabia sobre você. — Atia correu com sua explicação, quando ele abriu a boca para rejeitá-la. — Depois de Nicostratus... possuir sua mãe, ela ficou grávida de você, e levou seu irmão a Roma para ser treinado por Marcus.

— No *Absconditus*? — Lysander bufou e arqueou as sobrancelhas apenas em descrença. A mulher era doente mental. Atia agiu rapidamente para sentar no sofá ao lado dele, e ela tocou de leve a palma de sua mão.

— Já havia sido decidido que seu irmão seria enviado para o *Absconditus* para o treinamento. Então Nicostratus matou o pai de Dante e estuprou sua mãe. Aurélia planejou ir com Dante a Roma, mas quando soube que estava grávida de você, ela escolheu tê-lo sozinho, e deixou Dante nos cuidados de Marcus.

— Ok, isso já foi longe demais — ele rosnou quando se pôs de pé. — Eu não sei que porra você está jogando, mas eu não tenho um irmão.

Uma pressão invisível em seu ombro o fez virar a cabeça em direção Marcus. O momento em que ele encontrou o olhar simpático do homem mais velho ele sabia que Atia dizia a verdade. Mesmo se fosse séculos desde que ele e Marcus serviram juntos no exército romano, ele reconheceu a sinceridade nos olhos do *Senhor Sicari*.

— Sua mãe sabia que Nicostratus tentaria levá-lo embora se soubesse que você era seu filho. O que colocaria Dante em risco também — Marcus disse calmamente. — Dante é tão poderoso quanto era Gabriel. Se Nicostratus tivesse tomado você e Dante como fez com Gabriel, a ameaça à Ordem seria além da medida. Aurélia sabia disso. É por isso que ela tomou a decisão que ela fez.

— Isso não explica por que ela nunca me disse que eu tinha um irmão ou por que você escolheu me contar tudo isso agora — respondeu asperamente. *Christus*, todos este tempo ele tinha um irmão. Um irmão no *Absconditus*.

— Você era apenas um menino quando sua mãe foi morta. E eu acho que com o tempo ela teria dito a você sobre Dante. Mas ela fez Marcus e eu prometer não contar para você. — Atia estava fora de vista, e Lysander virou a cabeça na direção dela. Arrependimento escurecia seus olhos cinza.

— Uma promessa que você quebrou.

— Por quê? Por que quebrar a sua palavra agora? O que você tem a ganhar, Atia?

Ele não se importava que ela se encolhesse quando ele olhou para ela. Ela o levou depois que sua mãe morreu. Ele cresceu em sua casa, e ele ainda começava a perceber que não conhecia esta mulher em tudo. Seu rosto doía com a forma como a fina camada de pele em seu rosto estava tensa com a tensão. Ele virou a cabeça para trás para Marcus quando Atia desviou o olhar para o *Senhor Sicari*.

— Porque é a coisa certa a fazer — Marcus disse calmamente. — Dante está na fila para se tornar o próximo *Senhor Sicari*, e como *Celeris* da *Prima Cônsul* é mais do que provável que vocês dois se encontrem em algum ponto no tempo. Você teria preferido que deixássemos os dois descobrirem isso por conta própria?

A pergunta fez Lysander fazer uma carranca. Ele podia ver a lógica em tudo o que eles estavam dizendo, mas não gostou que apenas agora apresentassem a verdade. Embora ele não tivesse falado com Cleo desde aquela noite no Pantheon, ele conseguia entender como sua amiga deve ter se sentido quando Atia dissera a ela sobre Marcus.

— Sinto muito, Lysander — Atia disse calmamente quando encontrou o seu olhar com pesar óbvio. — Foi feito para proteger os dois. Eu queria dizer a você inúmeras vezes, mas eu havia prometido a sua mãe que iria mantê-lo seguro. As coisas são diferentes agora. A última coisa que eu queria que acontecesse era você conhecer Dante despreparado.

— Será que ele sabe? Sabe sobre mim?

— Ainda não — Marcus disse calmamente. — Eu pretendo dizer o mais cedo possível.



— Eu preciso de tempo para pensar sobre tudo isso — ele rosnou. — Com licença.

Lysander não esperou para qualquer um deles dar sua permissão para que ele saísse. Ele simplesmente se virou e saiu do apartamento. Ele tinha um irmão chamado Dante. Inacreditável. Com exceção de Phaedra, pensou estar sozinho no mundo.

Ele entendeu porque Atia e Marcus o mantiveram no escuro sobre seu irmão, mas não alterou as emoções que batiam nele no momento. Phaedra. Ele precisava estar com sua esposa. Ela o ajudaria a dar sentido a esta notícia inquietante. Nela, ele encontrou um porto seguro. A mulher salvou sua alma, e agora ele só queria abraçá-la e tê-la ajudando a curar mais uma ferida aberta.



Dexoito

O túnel terminou abruptamente bem embaixo da sacada de pedra que era parte do Convento da *Sagrada Mãe*. A parte da rocha, a sacada estava no escuro. A última vez que ela esteve aqui foi de dia, mas ela conhecia as fotos que havia tirado de seu barco, havia uma porta que levava para o convento em si. A única coisa que ela não sabia era que a porta estava trancada.

Ninguém falou uma palavra, mas o braço de Dante de repente pressionou contra o peito dela e forçou suas costas contra a parede. Ela lançou um som suave de aborrecimento e ganhou um olhar severo de Dante, enquanto Tony e outro lutador se moviam para frente. Dante olhou para seus dois lutadores, e quando ela observou suas expressões, ela percebeu que estavam se comunicando telepaticamente. Ela fez uma careta com sua incapacidade de ouvir a conversa.

Com um aceno, Tony se virou um pouco e apontou para um jovem membro da equipe. Sem hesitar, a mulher passou à frente dois rolos de corda com uma âncora de metal em cada uma. Tony pegou um, enquanto o lutador próximo a ele aceitou o outro.

Dante gentilmente forçou Cleo a se afastar da entrada enquanto o resto da equipe recuou mais fundo no túnel também. De onde ela estava com suas costas pressionadas próxima a parede esculpida, ela observou Tony balançar sua corda-âncora pesada para frente e para trás em seguida atirá-la para cima. O som suave do

gancho de três pontas agarrando contra a pedra a deixou tensa enquanto esperava que um *Pretoriano* os atacasse de repente pela varanda.

Quando nada aconteceu, Tony assentiu para Dante, então balançou através da divisão de cinco metros e escalou rapidamente o parapeito de sólida pedra da varanda até que desapareceu no topo. Segundos depois o outro lutador atirou seu gancho acima do parapeito de pedra e repetiu os movimentos de Tony.

Nada aconteceu por um longo tempo até que ela viu Tony endireitar na posição vertical. Uma mão invisível balançou a corda de volta para a entrada do túnel, e Cleo tentou dar um passo a frente, mas o braço de Dante pressionou suas costas na parede pela segunda vez. *Você e eu vamos por último.* Seu pensamento abrupto preencheu a cabeça dela, e ela franziu a testa. O homem seria difícil essa noite. Ele retornou o olhar, sua expressão dura com determinação.

Eu não estou sendo difícil. Eu disse a você desde o começo que se você queria ser parte dessa equipe teria que obedecer todos os meus comandos.

— Bem, eu não preciso de uma babá. Apenas me deixe fazer meu trabalho — ela sussurrou sucintamente enquanto um lutador depois do outro se bandeou para a varanda. Quando eles eram os únicos restantes, Dante passou a corda para ela.

Você tem que esperar por mim uma vez que esteja na varanda.

— Tudo bem — ela murmurou.

Um momento depois ela aterrisou em uma posição agachada sobre a grade da varanda. Ela olhou ao redor, esperando ver cada lutador ainda na varanda, mas para sua surpresa a porta do convento estava aberta. Vários membros da equipe já entraram no estabelecimento, e ela se irritou por não poder se mover para frente.

Você está prestes a conseguir seu desejo, mas fique atrás de mim. E fique perto das bordas daqui. Tony diz que o centro da varanda é instável.

Ela aceitou às instruções mentais dele, enquanto o seguia para a porta parcialmente aberta e escorregou por um corredor escuro. As figuras sombrias do resto da equipe estavam à frente dela. Um filete de luz apareceu na frente dela, e ela percebeu que alguém abriu outra porta, dessa vez para dentro de uma parte ocupada



do convento. Com a respiração suspensa esperou pelo o som da briga começar, mas nada aconteceu.

Isso é muito fácil, o pensamento de Dante sussurrou através dos dela. *Quantos homens você disse que Angotti contou a você que estavam no convento em determinado momento?*

Vinte a vinte e cinco dentro, respondeu silenciosamente. Ele não comentou enquanto sacudiu a cabeça em direção à porta em um comando óbvio para ela o seguir.

Quando eles saíram para o corredor mal iluminado, ela viu Tony desaparecer ao virar na esquina do pequeno corredor. Um som estridente ecoou no ar seguido por um som de raspagem suave quando o lutador reapareceu arrastando um corpo flácido atrás de si. Sem a menor cerimônia despejando o corpo, ele deu um sinal de positivo e com um sorriso disparou de volta pelo caminho que viera.

Certo. Vamos nos mover, Dante comandou na cabeça dela, e quando toda a equipe imediatamente se moveu para frente, ela percebeu que ele emitia a ordem para todos. Sem pensar, ela puxou a espada da bainha em suas costas e apanhou o estilete que colocou dentro de uma capa protetora em sua bota. Quando ela moveu para frente, a única coisa que podia ouvir era o casaco de Dante sussurrando contra o chão de pedra. Ele era o único membro da equipe que vestia um casaco, e ela achou que isso era um som reconfortante por algum motivo.

Mais uma vez Tony desapareceu em torno de outro corredor, e de novo houve um ruído suave de briga antes de puxar outro *Pretoriano* fora de vista.

Dante estava certo. Isso era muito fácil. Mas então talvez eles realmente tivessem o elemento surpresa.

Não estou apostando nisso.

As palavras dele entrelaçaram com os pensamentos dela, e pela primeira vez na vida não a incomodou que alguém lesse sua mente sem permissão. Se qualquer coisa, pareceu natural quando ele o fez. O momento que o pensamento filtrou seu caminho através da cabeça dela, ela o sentiu se retirar de sua mente.



Instantaneamente, ela sentiu como se um pedaço dela desaparecesse. Foi uma sensação aguda que fez seu coração saltar uma batida. Ela olhou na direção dele, e o seu rosto parecia como se fosse esculpido pelas pedras que ladeavam o corredor. Ele estava sentindo a mesma sensação de perda? O que poderia explicar sua expressão de pedra. Ela estava sendo ridícula. Como planejado, a equipe explorou primeiro um corredor e depois outro enquanto moviam em direção a sala de controle.

O som repentino de uma gargalhada rouca e gritos de uma mulher fizeram o estômago de Cleo agitar. Ela se virou automaticamente em direção aos sons, e o toque físico de Dante a surpreendeu quando ele agarrou o braço dela com força.

— Ainda não. Nós garantimos o perímetro primeiro, Cleópatra. Então resgatamos. Se eles conseguirem uma palavra de ataque, Nicostratus enviará cada lutador disponível que ele tem. — As palavras tranquilas em seu ouvido a fez pular. Ela olhou para cima, para ele, e assentiu. Juntos se moveram para frente com lutadores em frente e atrás deles. De alguma forma ela estava certa que não era a ordem normal das coisas. Ela não sabia se sentia estimada ou irritada pela maneira protetora de Dante. Eles estavam dentro de cem metros da porta da sala de controle quando um alarme estridente disparou no prédio. Em segundos, três *Pretorianos* apareceram em uma extremidade do corredor enquanto mais cinco lançaram-se para o corredor atrás deles. Dante olhou primeiro para um caminho, então para o próximo.

— *Fotte*. Não há muito espaço para espadas, pessoal. Tony, você lida com aqueles *bastardi*. — Dante assentiu em direção aos *Pretorianos* em uma extremidade do corredor.

— Cornelia, pegue a retaguarda.

Com a atenção de Dante ocupada, Cleo fugiu em direção à sala de controle. Sua mão agarrou a delicada maçaneta da porta e ela empurrou para baixo. Trancada. Uma olhada para a fechadura disse a ela que havia somente uma maneira de abrir a porta. Ela sentiu Dante atrás dela, e ela se afastou, com um aceno da mão dele, ele destrancou a porta.

No momento que Dante atirou a porta aberta, uma espada cortou o ar dentro do batente da porta. Dedos afastados, Dante jogou sua mão para fora, e houve um som de



um corpo colidindo com um pedaço de equipamento. Quando ele pulou para dentro do quarto, um *Pretoriano* o atacou de trás da porta. Enquanto os dois lutavam, Cleo correu para frente para acabar com o *Pretoriano* que Dante enviara voando para o console. Ela empurrou o homem morto no chão a fim de estudar os monitores acima do console do equipamento.

A câmera focada no portão da frente mostrou uma segunda equipe *Sicari* encontrando um pouco de resistência dos cinco guardas *Pretorianos* na entrada. Rapidamente varrendo o console, no qual um idiota oficial de segurança *Pretoriano* claramente marcou, ela pressionou o botão que abria o portão.

Seus sentidos em alerta máximo, ela mais sentiu do que viu o *Pretoriano* que ela pensou estar morto se levantar do chão. Seus movimentos rápidos, ela conduziu a lâmina profundamente no peito do homem em linha reta ao seu coração. Enquanto ela observava, a luz apagou dos olhos do homem, e ele caiu no chão sem outro som.

— Droga, Cleópatra, cuidado. — As palavras de Dantes foram seguidas por um grunhido alto, e ela se virou para ver a espada do *Pretoriano* fatiar o ombro dele.

— Porra, você vai parar de se preocupar comigo e começar a prestar atenção no que está fazendo? — ela gritou por cima da sirene que ainda gemia no corredor quando ela percebeu que estivera concentrado nela e no *Pretoriano* ao mesmo tempo. — Termine com esse bastardo.

Voltando para o console, ela rapidamente silenciou o alarme. Quando a sirene estridente ficou muda, o som da batalha no corredor ficou mais fácil de ouvir. Ela olhou para cima para o monitor do portão da frente e viu que a segunda equipe *Sicari* já estava dirigindo a van para o pátio da frente. Seu olhar mudou para os outros monitores onde ela viu Cornelia e os *Sicari* lutando com ela por um lugar fora do salão, em outros corredores.

O monitor cintilou quando mudou a visão, e ela congelou ao ver dois *Pretorianos* entrando em um quarto de berços. O berçário. Uma dor aguda de apunhalada cortou através da barriga dela, e ela olhou para baixo esperando ver sangue. Quando ela não viu, gelo esmurrou seu caminho por suas veias. Girando ao redor, ela se carregou para fora da sala de controle e virou à esquerda.

Um mapa do complexo encheu sua cabeça, e ela saltou sobre os *Pretorianos* caídos enquanto corria em direção ao berçário. Ao longe, ela ouviu gritos, mas seu passo não vacilou. A frente, o som de bebês chorando rasgou-a. Um som que cresceu mais suave a cada passo que ela deu. Mais dois passos a levou para dentro do berçário, onde ela viu um *Pretoriano* enviando sua espada para baixo dentro de um berço.

O grito de fúria que ela lançou foi como aquele de um animal selvagem. O *Pretoriano* sacudiu a cabeça para cima, a surpresa nunca deixando seu rosto quando Cleo usou seu impulso para saltar no ar e plantar seu pé no peito do homem. Quando ele bateu no chão, ela enterrou sua espada na garganta do homem.

Sua respiração irregular, ela levantou e tropeçou de um berço para o outro. Com cada passo que ela dava, o horror disso a anestesiava até que ela não podia sentir nada. Ainda pior era o silêncio. Depois de passar o sexto berço, se virou e tropeçou para fora do berçário incapaz de suportar mais. No corredor, ela se inclinou contra a parede e fechou os olhos. Sua mão segurava seu estômago revirado quando ela ouviu o som de seu coração sangrando em seus ouvidos.

De repente, um grito de mulher e um choro de bebê a fez ficar rígida. Sua náusea diminuiu quase que instantaneamente quando ela se empurrou para longe da parede e correu em direção ao som. No fim do corredor, ela ouviu outro grito e o seguiu até um quarto, onde uma mulher jovem estava em uma cama de hospital soluçando descontroladamente enquanto um *Pretoriano* tentava puxar um bebê chorando de seus braços.

— Porque você não tenta com alguém do seu tamanho, *Pretoriano*? — Cleo disse calmamente. — Ou você é um covarde que só mata aqueles que não podem lutar de volta?

O *Pretoriano* sacudiu a cabeça para cima, e o corpo dela ficou tenso quando se lembrou dele do monitor como o segundo homem que entrou no berçário. Ele liberou seu aperto do bebê em seguida avançou na direção dela com sua espada. Cleo disparou para a esquerda, sua lâmina raspando levemente no braço do homem. Ela balançou a cabeça.

— Você precisará se mover um pouco mais rápido do que isso.



O som tranquilo e sem emoção da sua voz a surpreendeu. Por dentro ela estava gritando, mas por fora era negócios como sempre. Não. Não era bem assim. Os lamentos reverberando na sua cabeça criaram um caos que ela sabia que esconderia seus pensamentos de seu oponente. Seus olhos encontraram os do *Pretoriano*, e ela pôde ver a frustração no olhar dele. O homem não poderia sondar o passado, os gritos de caos na cabeça dela. Ele resmungou com raiva e enfiou sua espada nela de novo. Ela saltou para trás com a ponta de sua arma cortando um buraco em sua camisa de malha preta.

— Eu posso dizer bem agora que você vai ser uma boa trepada, vadia. — O sorriso do homem era cruel quando riu.

Em qualquer outro momento ela teria achado sua confiança irritante. Agora ela não sentiu nada. No fundo, o choro do recém-nascido em sua cabeça era uma lâmina finamente afiada cortando em seu coração. Ela ignorou a satisfação do *Pretoriano* e avançou para enviar a borda afiada de sua lâmina através do lado do homem. Não foi um corte profundo, mas ela sabia que teria que doer.

Uma corrida fria de emoção transmitiu através de seu corpo quando uma careta de dor substituiu o sorriso do *Pretoriano*. Ele proferiu uma maldição e balançou sua espada em um arco maldoso em direção à cabeça dela. Em um piscar de olhos, ela fez uma cambalhota rápida passando por ele, em seguida ficou de pé em um movimento suave. Quando ela se virou, arrastou a ponta de sua espada através das costas dele.

Ela sabia que mal o ralou com sua lâmina quando poderia ter facilmente terminado com o homem com um só golpe. Mas ela não queria terminar com ele tão rápido. Os choros em sua cabeça a estimularam. Ela deu um passo para trás quando o *Pretoriano* girou para encará-la.

A fúria no rosto dele não a perturbou, e ela curvou o dedo para ele em um gesto para ele atacá-la. Raiva escureceu a expressão do *Pretoriano* quando ele se lançou para frente para manejar vários balanços ferozes com sua arma para ela. Cleo bloqueou facilmente seus golpes, em seguida, rebateu com uma onda de golpes que levaram o *Pretoriano* vários pés para trás. Ele se recuperou rapidamente para bater sua arma na dela.



Faíscas voavam das armas deles quando as lâminas patinavam uma contra a outra até que o punho de suas espadas estava trancado. Triunfo iluminou o rosto do homem ao mesmo tempo em que uma malícia fria varreu os membros de Cleo, e ela levou violentamente o joelho na virilha do homem. O *Pretoriano* lançou um grito de raiva e dor enquanto lutava para permanecer de pé.

Durante muito tempo houve um véu fino entre ela e a escuridão enterrada profundamente dentro dela. Nos últimos três anos ela lutou contra o prazer de matar quando assassinava seus alvos. Dessa vez não havia nada mantendo seu prazer sombrio na baía. Foi uma sedução que ela deu boas vindas enquanto enviava seu punho batendo no rosto do homem.

Sangue jorrou do nariz do *Pretoriano*, e com uma torção hábil de sua mão, Cleo destrancou sua espada da dele. Ela o viu apertar o controle sobre a sua espada, mas ele nunca teve a chance de fazer nada quando ela trouxe sua espada para cima e fatiou o pulso do homem.

Outro rugido de dor voou para fora do *Pretoriano* quando Cleo puxou a arma de seus dedos inúteis e virou-a de forma a apanhar a espada com sua mão livre. Mais uma vez, Cleo deu uma joelhada em sua virilha, e com um som gutural seu oponente caiu, sua mão segurando a virilha. Ela se abaixou para pegar seu queixo, o forçando a olhar para ela.

Silenciosamente, ela mostrou ao *Pretoriano* a espada dele, então arrastou levemente sua lâmina através do lado de seu pescoço. Os gritos em sua cabeça continuaram quando um filete de sangue constante rolou para baixo e se espalhou pela pele do *Pretoriano*. Ela viu medo cintilando em seus olhos, e pela primeira vez, ela sorriu. Cleo se esticou na posição vertical então chutou o homem na mandíbula. A cabeça dele bateu para trás, e ele caiu para trás no chão com um gemido.

— Quantos bebês você matou em sua vida, *Pretoriano*? — ela perguntou delicadamente quando jogou a espada do homem para fora em um canto da sala e olhou para ele.

— Quantas mulheres *Sicari* você estuprou?

Quando ele não respondeu, ela enfiou a espada no ombro dele. O grito de dor que ele liberou a fez sorrir sombriamente, mas a agonia do *Pretoriano* não ajudou a silenciar os choros ecoando na cabeça dela. Ela retirou sua lâmina do ombro de seu adversário e deu um passo para trás. Pela primeira vez ela se lembrou da jovem mulher e seu bebê. Cleo olhou na direção da mulher, que estava olhando para ela com um olhar chocado em seu rosto.

— O bebê está bem? — Cleo perguntou em uma voz mecânica.

— Sim — a mulher sussurrou.

O *Pretoriano* descolocou no chão, e Cleo levou sua espada para baixo em sua perna, logo abaixo da rótula. Ele se contorceu no chão e gritou em agonia. Ela deu um passo para trás do *Pretoriano* e olhou para a mulher de novo.

— Você reconhece esse bastado? — ela esperou enquanto a mulher assentia. — Ele alguma vez tocou você?

— Sim, ele era... ele... — a voz da mulher sumiu quando um olhar vazio varreu o rosto dela. O olhar de Cleo verificou a sala, e ela apontou para a porta.

— Espere por mim no corredor.

— Vou servir como testemunha — a mulher disse.

— Não. Para fora. Agora. — Cleo disse enfaticamente. A mulher mais jovem empalideceu quando encontrou o olhar de Cleo, então, agarrando o bebê em seu peito, ela se virou e deixou o quarto. Agora, sozinha com o *Pretoriano*, Cleo retornou ao seu lado e arrastou a lâmina para cima ao longo de sua perna até a coxa. Gentilmente, ela usou sua espada para cutucar no alto de suas pernas. Um gemido retumbou para fora dele.

— Devo castrar você, *Pretoriano*?

— Faça o que você quiser — ele cuspiu com força renovada.

O filho da puta disse a ela para fazer o que quisesse. Ela queria fazer com que ele e cada *Pretoriano* tivessem uma morte longa e lenta. Ela o encarou enquanto se lembrava do berçário. O sangue. Vidas preciosas extintas por causa desse monstro e

aquele que ela matou antes desse. — Você soa como se pudesse se recuperar — ela murmurou. — Não podemos ter isso agora, podemos?

De novo sua espada fez contato com as bolas dele, e em uma fração de segundo, ela enviou sua espada tamborilar para baixo. O grito agonizante do homem não deu a satisfação que ela procurava. Ela dirigiu sua espada para seu outro testículo, ou talvez fosse seu pau. Ela não se importou. Isso ainda não diminuiu o tormento que a consumia. Ele gorgolejou alguma coisa, e ela arqueou uma sobrancelha para ele.

— O que? Você desaprova o meu método de execução?

— *Sicari*... código... errado... — sua voz sumiu enquanto ele olhava para ela com um olhar de súplica no rosto.

— Ah... mas aí você está errado — ela disse com um riso amargo. — Eu não sou uma *Sicari*, afinal.

— Mas...

— Sem mas — ela rosnou. Ela não tinha nenhuma intenção de mostrar para esse monstro qualquer misericórdia. Ela dirigiu sua espada através do braço dele até que a lâmina bateu no chão de pedra. O choro de dor do homem ainda não estava tão alto quanto os gritos ecoando em sua cabeça. Gritos de horror que começaram no minuto que ela entrou no berçário.

Sua espada fatiou o lado do homem, e ele começou a soluçar. O som simplesmente endureceu seu coração. Os choros do *Pretoriano* eram um lembrete vívido da noite que ela acordou em uma cama de hospital sabendo que seu bebê tinha ido. Ela puxou sua espada para fora e mergulhou-a em seu outro braço.

— Cleópatra. — O som da voz tranquila de Dante a fez congelar, e ela virou a cabeça em direção à porta. Ela não o queria aqui. Não queria que ele a visse assim. Tremendo, ela olhou para a mão estendida de Dante.

— Ele os matou — ela disse. Em algum lugar abaixo dos lamentos em sua mente, ela ouviu quão fria e mecânica sua voz estava. Desumana.

— Eu sei, *caríssima*. — A expressão de Dante era amável e compassível quando ele gesticulou para ela vir até ele. — Mas isso não é você. Não os deixe comer sua alma, *bella*. Mostre a ele a misericórdia que ele não mostrou aos pequeninos. Deixe Tony colocar esse triste bastardo para fora de seu sofrimento.

Ela olhou para Dante por um momento em seguida olhou para baixo de volta ao *Pretoriano*. Misericórdia? O filho da puta não mostrou nenhuma misericórdia, então ele não merecia misericórdia.

O *Pretoriano* começou a soluçar com dor quando ela enfiou sua espada em partes intactas de seu corpo.

— Queime no inferno, seu fodido — ela disse enquanto se curvava e cuspiu no rosto do homem. Com grandes balanços perversos, a espada dela fatiou seu caminho, primeiro através de um lado da bochecha e depois do outro. Os gritos dele ecoaram no quarto, e seu próprio grito de fúria se fundiu com o do *Pretoriano* quando ela dirigiu sua espada para baixo no peito do homem e ele ficou mole.

Se endireitando, ela puxou sua espada para fora do *Pretoriano* e limpou meticulosamente a lâmina no lençol da cama do hospital. Dentro de sua cabeça o choro diminuiu para um rugido surdo, permitindo que ela sentisse o frisson familiar do corpo de Dante próximo ao dela. O peso de sua mão caiu sobre o ombro dela, e ela encolheu os ombros.

— Eles encontraram Marta? — ela se virou para encará-lo, esperando que ele dissesse o pior.

— Sim, ela está viva e já está na van com os outros.

— Beatrice?

— Cornelia está com ela no corredor. Você a salvou.

As palavras dele a fez olhar para baixo ao *Pretoriano* morto. Ela deveria sentir remorso, mas não sentia. A dor dentro dela era muito crua para ela se sentir arrependida pelo que fizera. O Código *Sicari* não se aplicava aos *Pretorianos*. Ela estava livre para matá-los sem perguntar pelo *Rogare Donavi*, mas ela sabia que o que



ela fez cruzou uma linha silenciosa. Ela não se importava. Ela não era realmente uma *Sicari*. Ela apenas fingia ser.



Dezenove



Dante passeou no chão do salão principal do *Absconditus*. Sol iluminava o quarto, mas isso não fez nada para melhorar seu humor sombrio. Fazia três dias desde a operação de resgate. Três dias desde que ele viu Cleópatra friamente e metodicamente torturar um *Pretoriano*.

A ligação entre ele e Cleópatra continuou a se fortalecer com sua reação ao massacre, aumentando seus próprios sentimentos sobre o banho de sangue. Seu estômago deu um nó ante a memória do tranquilo berçário repleto com crianças assassinadas. Foi o pior massacre da inocência que ele já viu, mas ele estava certo de que era Cleópatra em primeiro lugar.

O jeito que ela torturou o *Pretoriano* revelou mais sobre ela do que qualquer palavra possa ter. Sem a sua ligação telepática, ele simplesmente teria assumido que sua tortura do *Pretoriano* estava enraizada no trauma do momento. Mas saber sobre a perda de seu bebê, e como a espada de um *Pretoriano* a tornou estéril, ajudou a entender um pouco sobre o que levou a sua resposta brutal ao massacre. Ela devia estar segurando os fogos do Tártaro no momento.

No momento em que eles chegaram em casa, Cleópatra ficou em reclusão. Nem uma única vez, desde então, ela saiu de seu quarto. Nem mesmo para checar sua amiga. Só isso já era suficiente para preocupá-lo profundamente. Ela estivera tão determinada a resgatar sua amiga que a sua atual falta de preocupação para o bem estar de Marta o alarmou.

Não ajudava que Marcus se tornava cada vez mais preocupado com a retirada de sua filha. Cleópatra desligou o celular, e quando Marcus foi incapaz de alcançá-la após várias tentativas, ele ligou pedindo um relatório sobre sua filha. O *Senhor Sicari* foi informado sobre a situação, mas se Cleópatra não saísse de seu quarto em breve, seriam os seus pais batendo na porta, não ele.

— Acho que ela ainda se recusa a vê-lo — a voz de Placido atrás dele fez Dante virar-se para enfrentar o *Senhor Sicari*.

— Ela não vai ver ninguém — Dante disse com frustração, e ele enfiou a mão pelo cabelo.

— Cornelia compartilhou comigo o que... o berçário... que foi o pior massacre que ela já viu.

Foi a primeira vez que Placido abordou o assunto com ele. O velho *Senhor Sicari* compreendeu intuitivamente a necessidade de Dante de um tempo antes que estivesse pronto para falar sobre o horror que viu. Agora, as palavras sombrias de Placido vividamente trouxeram de volta a visão terrível que testemunhara no berçário.

No passado, havia apenas duas ou três crianças assassinadas pelos *Pretorianos*, que sempre foi um soco no estômago. Mas, no Convento da *Sagrada Mãe*, com a exceção de duas crianças, mais de vinte bebês *Sicari* masculinos foram abatidos em seus berços. Era terrível o suficiente que os *bastardi* assassinassem as crianças do sexo feminino logo após o nascimento, mas abater os machos simplesmente para mantê-los fora das mãos *Sicari* era incompreensível. Ele balançou a cabeça.

— Não existem palavras para o que eu vi — Dante falou quando engoliu o nó alojado em sua garganta.

Placido soltou um profundo suspiro de tristeza enquanto estudava o mármore sob seus pés. A fragilidade que Dante testemunhou no velho quase um mês atrás parecia ainda mais pronunciada, como se Placido estivesse claramente de luto pela perda de vidas inocentes. O *Senhor Sicari* ergueu a cabeça e encontrou o cansado olhar de Dante.

— Pelo menos Theodorus e Dorothea foram poupados.



Ele simplesmente balançou a cabeça para a observação de Placido. Theodorus e Dorothea eram as duas únicas luzes brilhantes a emergir da escuridão que presenciara no convento. Cleópatra matara o *Pretoriano* no berçário antes que Theodorus conhecesse o mesmo destino dos outros, enquanto Dorothea estava nos braços da mãe quando Cleópatra a salvou.

Cornelia encontrou sua filha e um novo neto também. Com a ajuda da *Praefect*, as chances de Beatrice superar o trauma do seu tempo no convento eram fortes. O fato de que ela queria manter Dorothea dizia muito sobre a força de Beatrice para superar os horrores que ela sofreu.

Placido interrompeu seus pensamentos.

— Eles foram apropriadamente nomeados — Placido disse, referindo-se ao fato de que os nomes dos bebês resgatados *significavam* dádiva dos deuses.

— Eu não sei como Theodorus escapou do berçário sem um arranhão. Cornelia nomeou-o bem. Ele é um bebê de sorte. Quanto a Dorothea e Beatrice, eles estão vivos apenas por causa de Cleópatra.

— Eu acho que Cleópatra tem estado isolada o suficiente. — A declaração silenciosa de Placido soou mais como uma explosão na sala.

— E como você propõe persuadi-la a voltar ao mundo dos vivos?

O velho não respondeu. Em vez disso, os olhos de águia do antigo *Senhor Sicari* se prenderam em Dante. Ficou claro o que o amigo queria. Ele balançou a cabeça em oposição silenciosa, e Placido franziu a testa.

— Você é o único que pode alcançá-la. — As palavras do homem fizeram Dante recuar.

— Eu não sei como fazer isso. — Desta vez ele sacudiu a cabeça de forma mais acentuada. — Ela não me responde mais do que ela faz para você ou Cornelia.

— Você é o único com quem ela está realmente falando, o que significa que você pode convencê-la a sair de sua reclusão — Placido disse em um tom implacável.

— Que diabo faz você pensar isso? — ele rosnou. — Mais uma de suas profecias?

— Não. Uma simples observação. Você é apaixonado por ela.

Sem palavras, Dante olhou para seu amigo. Que diabos o ancião estava pensando? Ele não estava apaixonado por Cleópatra. *Christus*, ele mal conhecia a mulher.

Em algum lugar no fundo de sua mente Dante ouviu um coro de protestos. Ele fechou a porta aos gritos. Como, em nome de Juno ele poderia estar apaixonado por ela? Ele olhou para o *Senhor Sicari*.

— Você está confundindo a minha preocupação por ela com algo que não é — ele disse com uma voz estridente. — Ela é filha de Marcus. Essa preocupação garante sozinha a sua parte. Meu desejo de garantir a sua segurança não é diferente do que qualquer *Sicari* sob meus cuidados no *Absconditus*.

— Então você diz. Mas eu não estou convencido. Você está apaixonado pela mulher — Placido disse enfaticamente.

— Você está errado — ele rosnou, ignorando o riso batendo o seu caminho através de sua cabeça como um alto sino de igreja. — Mesmo que você esteja certo, o que você não está, eu sei onde está o meu dever. Eu só posso ter uma amante. Eu jurei servir a associação e a Ordem.

— O *Absconditus* e a Ordem sobreviveram quase dois mil anos sem um *Senhor Sicari* reinante se cegando pela promessa do celibato — Placido disse com desgosto.

— Eu não me vejo como um sacrifício, mas eu acho essa conversa tão cansativa como a última que tivemos sobre o assunto. — O comentário de Dante fez o *Senhor Sicari* respirar duramente.

— *Va bene*, mas você irá para ela. A convença a sair de seu quarto antes que Marcus diga a você para fazer isso. — O velho virou e foi embora, deixando Dante encarando seu amigo idoso e indo embora.



Cleópatra se recusou a deixá-lo entrar todas as outras vezes que ele foi à sua porta. O que fez Plácido achar que ela ia vê-lo agora? Ele exalava um hálito forte de fúria, em seguida, apertou sua mandíbula. Está bem. Se o velho queria que ele arrastasse Cleópatra de volta ao mundo dos vivos, ele o faria. Mas o *Senhor Sicari* estava errado.

A preocupação que sentia por Cleópatra não era diferente da que sentia por qualquer outro *Sicari* no *Absconditus*. Ele não estava apaixonado por ela. Uma voz na parte de trás da cabeça discutiu com ele, e ele brutalmente esmagou-a em silêncio. Com um juramento murmurado, ele saiu do salão e foi em direção ao quarto de Cleópatra.

O salão principal estava a alguma distância da sua suíte, e enquanto marchou pelos corredores, ele tentou formar uma estratégia para chegar a Cleópatra.

Ele não estava mais perto de um plano do que quando se virou para o corredor de seu apartamento no qual estivera a pouco no salão principal. Ele estava apenas alguns metros de distância de sua porta quando uma emoção triste se chocou dentro dele como uma bala de uma pistola.

Ao longo dos últimos dias, a sua ligação emocional cresceu em força, apesar da porta entre eles, mas hoje a sua desolação era tão gritante que ele ficou rígido com o choque. Um instante depois, a emoção desapareceu. Ela, obviamente, sentiu-o, e se por determinação ou instinto, fechou suas emoções facilmente, como se desligasse uma torneira. Ele olhou para a porta por um instante, em seguida, respirou fundo e com um aceno de sua mão abriu a trava.

A porta se abriu em silêncio, e ele entrou no seu apartamento. A pequena sala de estar parecia um crepúsculo, com as cortinas fechadas bloqueando a luz do sol.

Atrás dele, a porta se fechou com um estalo suave, e quando seus olhos se ajustaram a pouca luz, ele a viu encolhida no canto do sofá, de costas para ele.

— Vá embora, Dante — ela disse com uma voz que era desprovida de qualquer emoção.

— Você sabe que eu não posso fazer isso — ele respondeu calmamente.

— Então diga o que você veio dizer e saia.

A nota sem vida em sua voz agarrou-o mais forte do que se ela estivesse soluçando. Sublinhou a parede que construía em torno de seus sentimentos para mantê-lo fora.

Lentamente, ele caminhou até o sofá para agachar-se na frente dela. Ela desviou o olhar, oferecendo apenas o seu perfil para estudar. Embora ela conseguisse evitar que ele sentisse a sua dor emocional, os efeitos externos eram simples de se ver.

Seu rosto estava pálido, e ele podia ver um leve inchaço no canto do olho. Era um sinal claro de que ela estava chorando, mas ela ainda estava bonita. O reconhecimento puxou seu coração de uma maneira que era estranhamente familiar e ainda desconhecido, ao mesmo tempo. Isso o fez doer com a necessidade de puxá-la em seus braços.

Queria abraçá-la até que a sua dor se aliviasse de seu corpo para o dele. Ele engoliu em seco. O pensamento de ela suportar sua carga sozinha atingiu um nervo dentro dele que nunca pensou que alguém pudesse alcançar. Isso o assustou profundamente, e ele não se assustava facilmente. Seus músculos apertados e preparando-se contra a necessidade de reuni-la em seus braços. Em vez disso, ele descansou os braços nas coxas e apertou as mãos na frente dele.

— Você não pode ficar trancada aqui para sempre, *caríssima* — ele disse suavemente. — Só vai piorar as coisas.

— Eu duvido disso. — Ela se virou para ele, o rosto frio e pedregoso. — Não existe nada pior do que isso. Agora que você já disse o que precisava dizer, por favor, me deixe.

— Eu não vou a lugar nenhum até que você entenda que eu sei o que você está sentindo. — Sua confissão fez seus olhos se estreitarem enquanto ela dirigiu um olhar frio para ele.

—Não — ela mordeu para fora. — Você *não* sabe. Ninguém sabe como isto se sente.

— *Eu sei* — Ele não se moveu. Em vez disso, ele chegou com os seus pensamentos para tocar a parte de trás da sua mão em uma leve carícia. — A raiva, a tristeza, a dor, o desamparo. Senti tudo antes de você se fechar para mim.

— Mesmo se você não sentisse algumas dessas coisas, você não está comigo. Você não pode saber o que estou sentindo. Ninguém pode. — Desta vez, o desprezo em sua voz era cru e brutal, apesar de sua expressão estóica. Gentilmente, ele estendeu a mão e pegou as mãos dela. Ele meio que esperava que ela fosse para longe dele, mas ela só olhava para ele como se ele nem mesmo estivesse lá. Isso fez seu coração doer muito mais.

— Eu sei exatamente o que você está sentindo, porque desde aquele dia fora da sala de treinamento, estamos conectados. Era como eu sabia onde encontrá-la no convento na outra noite.

Sua garganta apertou quando ele se lembrou da violência de suas emoções quando correu para o berçário, em seguida, para a sala onde a encontrou torturando o *Pretoriano*. Apesar da distância entre eles, o seu horror, tormento e fúria pulsaram através dele como se estivesse ao seu lado e deliberadamente lesse seus pensamentos.

— Nós não temos uma conexão — ela disse com todo gelo que podia reunir. — Você está imaginando coisas.

— Então por que você desligou suas emoções no momento em que senti a minha presença fora de sua porta? — ele perguntou afiado.

Ele não tinha a intenção de falar tão rudemente com ela, mas sua maneira sem emoção estava lentamente corroendo sua contenção. Isto era um estranho olhando para ele, os olhos violeta escuro e ilegível. Ele queria de volta a mal-humorada e confiante Cleópatra. A mulher destemida que via o que ela queria e o pegava. Um lampejo de emoção iluminou os olhos antes que ela virasse a cabeça dele.

— Vá embora, Dante — ela disse com aquela voz desapaixorada. — Basta ir embora e não voltar.

— Eu não vou a lugar nenhum, Cleópatra — ele rosnou quando instintivamente estendeu a mão para ela e arrastou-a para fora do canto do sofá para a ponta da

almofada. A expressão estóica em seu rosto desapareceu quando o movimento a surpreendeu.

— Me. Deixe. — Ela enunciou as palavras ferozmente e empurrou com força contra seu peito em uma tentativa de se libertar de suas garras.

Sua luta bateu seu equilíbrio, e ele caiu de volta no chão, arrastando-a com ele. Quando ela caiu em cima dele, o seu olhar irritado encontrou o seu, e alívio passou através dele. A fúria em seus olhos era a primeira emoção real que ele vira exposta desde que entrou na sala. Isso significava que ele a alcançara.

A compreensão fortaleceu quando suas violentas emoções reverberaram contra ele com a força de uma marreta que experimentara fora do seu apartamento há pouco tempo.

— Eu não vou deixar você ir até que concorde em parar de se esconder do que aconteceu na outra noite. — Ele manteve sua voz macia, mas ainda inflexível.

— Escondendo? Você acha que tem tudo planejado, não é? — ela rosnou com uma ferocidade que deu a ele uma sensação ainda maior da raiva fervendo dentro dela.

— Se mostre? — Deus, se a mulher apenas soubesse quão perdido estava. Ele lançou um ronco áspero de riso. — Metade do tempo eu não sei se estou vindo ou indo nos assuntos em que você está metida. A única coisa que sei é que você está sofrendo, e eu não posso suportar a ideia de você com dor.

A confissão o atingiu como se um carro batesse nele por trás. Seus belos olhos violetas alargaram com surpresa, e sua mente cambaleou no significado de sua admissão. Não era possível. Placido não podia estar certo.

Sua garganta começou a inchar fechando-se, e seu peito parecia como se alguém estivesse de pé sobre ele. Ele viu o olhar estreitar para ele, e num movimento rápido ela estava livre de seus braços. Com um movimento ágil, ela rolou para ficar agachada e depois para uma posição vertical. Braços cruzados, ela o observou enquanto ele se levantava.

— Obrigada pela simpatia, mas eu não preciso disso — ela disse calmamente, a sua expressão estoica no lugar mais uma vez. — O que eu preciso é que você dê o fora daqui e me deixe em paz.

— Por quê? Assim, você pode rastejar de volta em seu buraco e sentir pena de si mesma? — ele soltou um suspiro duro com a forma como suas palavras afiadas fizeram sua cabeça virar para trás como se tivesse a atingido.

— Quem diabos você pensa que é? — sua voz era um pouco mais que um sussurro, mas seus olhos brilhavam com a mesma raiva que ele viu apenas uns momentos atrás.

— Alguém que não vai permitir que você continue fugindo do fato de que não pode controlar tudo o que acontece com você — respondeu asperamente.

Ele estava empurrando-a muito forte? Ele sentiu a raiva crescente que cobria a dor que ela lutava para manter bloqueada dele. De si mesma. O sombrio desespero que ele sentia no começo apenas enfatizou o quanto ela estava lutando com ele.

A descoberta de que Marcus era o seu pai simplesmente reforçou a noção irracional de que se não tinha habilidades especiais ela não era *Sicari*.

Então, o abate que ela testemunhou no berçário apenas ampliou a dor e a raiva que sentia com a perda de seu próprio filho, bem como a consequências de sua lesão.

Novamente, a grande necessidade de chamar a dor dela em seu próprio corpo inundou seus sentidos. Ele fechou a distância entre eles com os olhos travados com os dela. Ela vacilou, mas não se afastou dele. Gentilmente, ele segurou o rosto dela com a mão.

— Eu disse a verdade quando falei que podia sentir tudo o que estava sentindo — ele disse em voz baixa. Um pulso de corrente elétrica pulsou por entre os dedos para espalhar através de todo o seu corpo quando ele a agarrou pelos braços e puxou-a para ele. — Eu não entendo como isso é possível. Mas o que eu sei é que eu não posso ficar vendo você lidar com toda a dor sozinha.

— Não — ela murmurou enquanto os olhos se fecharam. — Por favor, não me peça para abrir meu coração para você.

— Você já o fez, *caríssima* — respondeu asperamente.

Ele não contou a ela o quanto lutou para não procurá-la no escuro da noite, quando suas emoções foram tão fortes que ele acordou de um sonho. Não que ele tivera uma boa noite de sono desde a primeira noite que se conheceram. Um arrepio o percorreu enquanto ela pendia contra ele. A acentuada amargura de sua dor era uma onda engolindo-o. Seus sentidos vacilaram, mas ele simplesmente apertou seu abraço e abraçou-a.

Profundos soluços agonizantes ecoaram para fora dela enquanto ela tremeu violentamente em seus braços. Com cada lágrima que derramou, ela se abriu para ele livremente, e a confiança que depositou nele foi humilhante. Suas emoções mais sombrias se tornaram suas quando ele experimentou o horror que sentiu no momento em que entrou no berçário. A sensação era tão aguda, era como se ele estivesse naquela sala em silêncio vendo o banho de sangue mais uma vez. Mas desta vez ele viu através de seus olhos e sentiu a agonia que a agrediu a partir da inocência perdida. Assim como a lâmina era sua raiva e satisfação enquanto torturava o *Pretoriano* antes de tomar sua vida.

Dante não tinha certeza de quanto tempo ela chorou em seus braços, mas a profundidade da emoção que ela lançou, o drenou. Se ele tivesse lutado com mais de uma dúzia de *Pretorianos* não poderia ter estado mais exausto. Mesmo suas reservas foram esgotadas.

Muito lentamente, ela ficou em silêncio e ainda em seu abraço, o alívio se propagou por ele quando suas emoções selvagens declinavam de ambos. Enquanto seu choro ia abrandando, ela não se mexeu. Com qualquer coisa ela se agarrava a ele como se tivesse medo de deixar ir. Sua vulnerabilidade o fez apertar o controle sobre ela. Era um sinal silencioso que ele não iria até ela estar pronta.

O tempo parou, e com seus sentidos completamente abertos a ela, ele podia sentir sua confusão dar lugar a uma serenidade que sabia que ela não experimentara por um longo tempo. Ele agradeceu aos deuses que a dor diminuía para uma dor incômoda enquanto ele pressionava o rosto na seda macia do cabelo dela. O cheiro



exótico de fruta encheu suas narinas, e o cheiro rapidamente banuiu todos os pensamentos aos deuses.

Desejo e outra coisa que ele não quis confessar fizeram o seu caminho através dele. A sensação já era bem definida quando ela estava envolvida. Não importa o quanto ele lutou contra as emoções mexendo dentro dele, elas se tornaram impossíveis de ignorar. Se não fosse por seu juramento – uma onda de emoção bateu o seu caminho através dele esmagando seus pensamentos.

Ele congelou quando Cleópatra levantou a cabeça de seu ombro para olhar para ele com uma pitada de surpresa, antes de seus olhos suavizarem a um roxo profundo. A emoção brilhando em seu olhar fez seu intestino apertar com algo que beirava o limite do medo e excitação.

Christus, ela sabia. Quase como se ela não confiasse em seus sentidos, ela hesitantemente estendeu a mão para traçar sua boca com a ponta dos dedos. Em algum lugar na parte de trás de sua mente, ele sabia que estava prestes a atravessar a perigosa linha entre a sanidade e a loucura.

Com um gemido baixo, ele abaixou a cabeça e pegou os lábios em um forte beijo. Ela provou ser tão doce como cheirava. Como no inferno ele conseguiu resistir todo esse tempo? Prazer varreu-o quando os dentes suavemente puxaram seu lábio para que lhe desse acesso à boca. Em um instante, sua língua dançava com a sua. Timidamente, ele respondeu à carícia íntima.

Quente e abafado, o beijo fez tremer com uma necessidade, o que o deixou impotente para lutar contra ela ou a si mesmo, se ele quisesse. Instinto e um desejo primitivo foram às únicas coisas a guiá-lo enquanto suas mãos deslizavam por baixo da blusa para explorar a suavidade da sua pele. Um pequeno choramingar escapou quando a boca escovou em seu rosto e mordiscou levemente a parte lateral do pescoço. Romãs. Isso era o gosto dela. Azedo, doce e exótico. Os frenéticos movimentos das mãos dela contra sua camisa o fez puxar de lado.

O ar fresco esfriou sua pele, mas não conteve o calor no seu corpo enquanto ele olhava sua camisa ir para cima e sobre a cabeça. Um instante depois, o ar deixou seus pulmões enquanto ela deslizou o jeans pela curva sensual de seus quadris. Renda



preta. Isso mal cobria seus seios, e no pequeno triângulo de seda no ápice da suas coxas. Ele engoliu em seco. Não tinha o suficiente de renda para deixar sua imaginação correr solta. Imediatamente, seu pau inchou e endureceu com a visão dela. Seu olhar violeta nunca deixou o seu quando ela pegou o cinto na cintura da calça. O toque enviou um choque de energia elétrica através dele. Em algum lugar nas profundezas de sua mente uma voz ordenou que se lembrasse de seu juramento. A necessidade primordial silenciou a voz, sem misericórdia, como seus sentidos entrando em ritmo mais uma vez. Mas desta vez as sensações eram muito mais poderosas. Elas eram fogo, urgente e exigente.

Quando ela começou a despi-lo, seu desejo ficou mais forte, mais selvagem. Com um gesto bruto, ele empurrou as mãos dela e terminou de remover suas roupas com nítidos movimentos agitados. Necessidade golpeou de todas as direções quando ele jogou as roupas de lado e puxou-a em seus braços. A conexão mental entre eles se fundiu com o físico quando ele a beijou forte. Imagens eróticas inundaram sua cabeça, e já não importava se eram os seus pensamentos ou dela. A única coisa que entendia era o modo como seu corpo clamava por satisfação.

A demanda o cegou para tudo, exceto o seu aroma doce e sabor. A suavidade do tapete da sala arranhou levemente contra a sua pele quando desceram para o chão juntos. Ele se inclinou sobre ela e olhou-a com um sentimento de posse que nunca sentiu por alguém ou alguma coisa em sua vida. Sua mão enrolou em torno de seu quadril levemente arredondado, e com um aperto firme, ele mentalmente a marcou como sua.

Um suspiro escapou dela, e quando seus olhares se encontraram, ele sabia que ela entendeu o significado de sua carícia. Ele não tinha certeza se ela leu a sua mente ou simplesmente sentiu o significado primordial do toque. Seus olhos estavam escurecidos com paixão, e ela puxou a cabeça para beijá-lo com uma intensidade que aumentou seu desejo ainda mais.

Sua boca era quente contra a sua quando descartou seu sutiã em um movimento frenético, e um momento depois, a visão de seus belos seios tornou quase impossível respirar. Como um explorador maravilhado com uma nova descoberta, ele segurou-a



e estudou a curva de seu peito. A partir daí, seu olhar viajou para baixo ao longo de seu lado, para o quadril e, finalmente, as bonitas pernas.

Ele memorizou cada centímetro dela que acariciava seu olhar. Ela era excelente. Ele pulou quando sua mão deslizou sobre seu quadril para tocar levemente suas costas. Uma pequena risada escapou dela, e no momento em que endureceu, ela beijou-o suavemente, uma garantia silenciosa que ela sentia prazer em sua reação, não diversão. Lentamente, ela começou a traçar círculos suaves em suas costas e para baixo, sobre suas nádegas.

As carícias lânguidas eroticamente aumentaram sua respiração irregular quando ele respondeu ao seu toque. Deus, a mulher era a Vênus encarnada. Duro como uma rocha, ele gemeu com a maneira como seu corpo respondeu tão facilmente. Ansioso para explorar o seu corpo de uma forma similar, a mão escorregou de seu peito para baixo, para a curva suave de sua cintura, onde seus dedos se atrapalharam com excesso de zelo e quebrou o elástico de sua calcinha fio-dental. Como a faixa era frágil, cedeu, e ele congelou. Ele foi muito áspero.

Um breve segundo mais tarde, seu coração reiniciou quando ela guiou sua mão até o lugar incrivelmente cremoso entre as pernas. Sua boca ficou seca com a forma como seus dedos foram revestidos por um calor líquido quando ele pressionou em seu calor. Um suave sussurro de som passou em seus lábios, e ele congelou de novo, ao perceber como sua tentativa desajeitada de agradá-la deve ter sido. Seus olhos encontraram os dele, e ele tremia com o que viu em seu olhar.

Excitação e desejo brilhavam em seus olhos violeta quando sua mão perdia seu caminho preguiçosamente até onde ele estava acariciando. Suas pálpebras vibraram para baixo, quando ela guiou os dedos para um pequeno pedaço de carne dentro de suas dobras elegantes e encorajou-o a aplicar uma pequena quantidade de pressão no local.

O pedido silencioso o fez esfregar suavemente o nó inchado com o polegar. Ela puxou contra sua mão, e ele repetiu a carícia. Outro forte tremor arruinou seu belo corpo, e o gemido baixo que ecoou para fora de sua garganta vibrou sobre sua pele. Ele não precisava ser experiente para entender o som. Seu toque dava prazer, a



excitava. Era um som de prazer que acendeu uma chama dentro dele e apagou tudo, exceto o desejo de conhecer cada centímetro dela.

De repente, ela virou seu corpo e forçou-o de costas para pairar sobre ele. Cabelo preto sedoso caiu para frente até que formou uma cortina em volta do rosto dele, e a única coisa que podia ver era suas belas feições. Desejo ardia quente em seus olhos violetas, e no instante seguinte ela afundou o cremoso centro para baixo sobre o seu pênis.

Um silvo de ar passou seu caminho através de seus dentes cerrados quando tensão bloqueou seu corpo rígido. Ele não tinha certeza se era de surpresa ou prazer. Possivelmente ambos. Olhos fechados, ele estremeceu com as sensações intensas agarrando-o. Desejo. Prazer. Alegria.

Christus. Era isso o que era estar nos Campos Elísios? Um segundo depois, ela balançou lentamente o corpo dela sobre o dele, e ele sabia que a resposta era um não.

Isso era um céu que nem mesmo os Campos Elísios poderiam proporcionar. O atrito do seu corpo contra o dele desafiou a descrição. Ela agitou algo escuro e primitivo dentro dele até que consumiu seu corpo.

Dedos agarrando seus quadris, ele gemeu e pediu para ela se mover mais rápido. Um momento depois, sua mente girava e prazer inundava o cérebro quando ela arqueou-se para trás para que ele a penetrasse ainda mais profundamente. Ela soltou um grito suave e se moveu rapidamente, montando-o em um ritmo frenético que o empurrou para um lugar que nunca estivera antes.

Uma atração familiar puxou seu pênis, fazendo seus dedos cavar mais fundo na carne macia de seus quadris. Não. Ainda não. Era muito cedo. Mas ele não tinha controle. Por uma fração de segundo ele estava pousado na beira de um penhasco alto, antes que explodisse dentro dela e caísse em uma luz ofuscante que puxou um grito de intenso prazer de seus pulmões.

Segundos depois, ela tremeu e seu corpo apertou fortemente contra ele. Ele tirou outro grito dele quando seu orgasmo enviou ondas de choque correndo ao longo de cada nervo em seu corpo. Onda após onda de prazer inacreditável rolou sobre ele, e ele se deitou no tapete gasto quando ela veio para frente para descansar a testa contra



a dele. Sua respiração rápida combinava com a dele, e ele passou os braços em torno dela para abraçá-la apertado.

Ficaram assim por algum tempo antes que ela escorregasse para fora e enrolasse seu corpo no dele. Sem pensar duas vezes, ele manteve seus braços ao redor dela. Lá no fundo ele sabia que esse era o único lugar que queria estar. Ela o fez sentir como se estivesse em um sono profundo, e ele estava apenas começando a perceber como era estar vivo.

No espaço de apenas poucos minutos, toda a sua vida mudou. Não era simplesmente o fato de que ele quebrara seu voto. Foi o fato de que Placido estava certo. Ele estava apaixonado por Cleópatra. Não parecia possível, mas não podia negar o que seu coração dizia.

Agora ele precisava enfrentar as consequências. O conhecimento o fez fechar os olhos. A mão dela roçou a testa, e ele virou sua cabeça para encontrar o seu olhar perturbado.

— Você está bem? — sua pergunta suave o fez balançar abruptamente antes que olhasse para o teto.

— Sim — respondeu asperamente. Ele queria compartilhar tudo o que estava pensando e sentindo, mas não conseguiu encontrar as palavras. Um silêncio frágil esticou entre eles por um longo momento.

— Você está lamentando o que aconteceu. — A vulnerabilidade apertada em sua voz o fez virar a cabeça para trás em sua direção. Ele moveu rapidamente seu corpo para pairar sobre ela e sacudiu a cabeça enquanto acariciava sua bochecha.

— Não, *caríssima*. Como eu poderia lamentar a experiência mais incrível da minha vida? — ele engoliu em seco. Era a verdade.

— Mas você ainda se sente culpado.

Sua voz era suave quando ela virou a cabeça para longe dele. O remorso no rosto dizia que ela acreditava que era em parte responsável pela sua decisão. Seus dedos pegaram seu queixo em um aperto firme quando ele a forçou a olhar para ele.

— Foi a minha escolha, Cleópatra — ele disse firmemente. — Eu tomei a decisão de quebrar o meu juramento. Você não é culpada.

Ele se afastou dela para sentar-se e envolver seus braços em volta dos joelhos. Um choque de dor subiu por ele, fazendo-o fechar os olhos enquanto lutava para aceitar que ele havia quebrado a fé com aqueles que se comprometeu a servir. Ele não se arrependia por um minuto de fazer amor com Cleópatra, mas a sua culpa por não se absolver antes do seu juramento fez a experiência agri-doce. Ela moveu-se para trás para pressionar o rosto no ombro e colocou os braços em torno dele.

— De quem é a confiança que você quebrou? — ela perguntou em voz baixa. — O *Absconditus*? Placido? Meu pai? Ou a sua?

— Minha? — ele abriu os olhos, surpreso, ela rapidamente mudou-se para ajoelhar na frente dele.

— Sim, sua. O que faz um menino de quinze anos de idade fazer esse tipo de juramento? Acho que você fez isso porque estava com medo. — Havia um delicado entendimento em sua expressão que ele não se sentiu digno, e balançou a cabeça.

— De quê? — ele disse firmemente quando percebeu que sua observação atingira um pouco perto de casa.

— De ser abandonado de novo como sua mãe te abandonou. — Ele se encolheu quando ela estendeu a mão para acariciar seu rosto com os dedos. — Tomando o juramento significava que você não precisava se arriscar em se preocupar sobre quem poderia parar de amar você, ou pior, deixá-lo.

— Você está errada. — Rígido com a tensão, ele balançou a cabeça enquanto ela ignorou sua acentuada negação.

— É por isso que você sempre quis agradar meu pai e Placido — ela disse suavemente. — Eu acho que no fundo você sempre teve medo que eles poderiam te mandar embora se você não fizesse tudo o que eles pediam.

— Eles não teriam feito isso. — Sua voz era áspera com emoção enquanto lutava com a verdade do que ela estava dizendo.



— Você está certo. Eles não teriam. — Ela segurou o rosto dele em suas mãos, seu olhar violeta nunca vacilou do dele. — Mas esse garoto de quinze anos não sabia disso. Tudo o que sabia era que sua mãe o deixou sozinho quando ele tinha quatro anos e nunca mais voltou. Aquele menino acreditava que a única maneira que podia evitar a perda de todos que amava seria dedicando sua vida a eles. Para o *Absconditus*.

Ele não se moveu quando voz de Cleópatra morreu ao longe e ela se inclinou para beijá-lo suavemente. O toque de sua boca na sua não aliviou a culpa mantendo-o como refém, mas suavizou as algemas. Lá no fundo, ele sabia que ela estava certa. Ele era um menino quando tomou sua decisão, e estava mentindo para si mesmo sobre suas motivações para fazer seu juramento desde então. A questão era, ele poderia se perdoar por sua mentira?

Envolvendo os braços em torno de Cleópatra, ele enterrou o rosto no pescoço dela, respirando sua fragrância doce. Ele não tem que ouvir sua voz para saber que ela ainda estava preocupada, que ela era a culpada por sua decisão de deixar de lado o seu voto. Sua conexão mental parecia crescer mais forte a cada hora, o que tornou tão fácil de sentir a sua preocupação.

— Eu não me arrependo de fazer amor com você, *dolce cuore* — ele murmurou em seu ouvido.

Era a verdade. Ele nunca poderia se arrepender da escolha que fez. Como ele poderia se arrepender de estar com ela quando a amava tanto? O único arrependimento real que tinha era o fato de que ele vivera uma mentira todos estes anos. Ele enganou não apenas a si mesmo, mas sua família também. Ele empurrou a culpa em um lugar escuro para se esconder dela. Ceticismo escureceu seu rosto quando ela levantou a cabeça para olhar para ele. Ele passou os dedos pela sua face.

— É uma das poucas coisas que eu fiz certo em minha vida — ele disse com um pequeno sorriso. Ela estudou o rosto por um momento antes que ele sentisse o seu alívio.

— Estou feliz — ela disse em um tom rouco. — Porque eu penso que foi incrível, você estava incrível.



O elogio fez seu rosto queimar. *Christus*, ele estava corando como um adolescente. Ele fez uma careta enquanto ela riu e tocou seu rosto.

— Não há necessidade de estar envergonhado. Quando eu digo que foi incrível, acredite.

Cleópatra estendeu a mão e lentamente explorou a curva de seus lábios com os dedos em uma carícia doce que carregava com ele um calor que penetrou sua pele. Ele mordiscou delicadamente as pontas dos dedos com os dentes. O calor do seu toque espalhou lentamente em suas veias até que necessidade consumiu seu corpo e o atingiu com força em um segundo. Ele abaixou a cabeça para beijar o lado do pescoço.

— Talvez devêssemos repeti-lo, só para ter certeza.

— Hmm... você está pronto para isso? — apesar de sua provocação, ele ainda podia sentir a sua incerteza.

— Eu acho que sim — ele rosnou quando pegou a sua mão e a fez pegar seu pênis inchado.

— Sim, acho que você está. — Seu tom ofegante disse que ela gostava de tocá-lo, e uma corrida de triunfo surgiu através dele quando viu a antecipação em seus olhos.

Em algum lugar na parte de trás de sua cabeça, a culpa tentou roubar o prazer que o toque dela lhe dava. Sem pensar duas vezes, ele fechou sua mente para tudo, exceto o seu delicioso sabor e aroma quando capturou sua boca em um forte beijo. Mais tarde ele descobriria o caminho de se entender com a escolha que fizera.

Por agora, tudo o que ele queria era amá-la.



Vinte



Viva. Era a única palavra que Cleo podia pensar na maneira em que Dante a fez sentir. Era algo que ela nunca experimentou antes. Era uma sensação emocional e física de ser uma parte de alguém mais. A ligação entre eles era uma que ela não entendia, mas estava lá mesmo assim. Foi desde aquele dia no corredor quando os pensamentos deles se fundiram e ele viu o passado doloroso dela. Com cada dia que passava isso crescia mais forte, apesar de seus melhores esforços para ignorá-lo.

Intenso prazer baniu cada pensamento de sua mente enquanto os dedos dele roçaram seu seio. Era uma carícia de exploração, um pouco hesitante e incrivelmente sensual. Que ela era a sua primeira era um pensamento excitante. Isso significava que ela era especial. Ela estremeceu interiormente e rapidamente empurrou o pensamento de lado.

Ao invés disso, ela focou sua atenção no rosto de Dante enquanto ele gentilmente, quase reverentemente, embalou seu seio. A fascinação em suas características enviou um pequeno arrepio por suas costas, que se tornou um arrepio de prazer no momento em que ele circulou seu mamilo com o polegar. O leve toque tirou uma dura respiração dela, e seus olhares se trancaram por um breve momento antes de ele lentamente baixar sua cabeça para tomar sua boca. Suas costas arquearam em direção a ele enquanto um prazer sensual se prolongava através de seus membros. A sensação de calor preguiçoso envolveu-se ao redor dela, deixando seu batimento cardíaco fora de controle. O homem estava definitivamente decidido a recuperar o



tempo perdido quando se tratava de sua falta de experiência. Ela não estava prestes a protestar. Outra respiração forte encheu seus pulmões no instante que a língua dele girou em torno de seu bico. Ela não se lembrava de ter desfrutado do toque de um homem tanto quanto o seu. O pensamento mal foi registrado quando seus dedos gentilmente sondaram pela carne mais importante entre suas pernas. O toque arrancou um baixo grito de excitação dela.

Ela rebolava seus quadris para cima, enquanto o polegar esfregava firmemente contra a carne sensível. Doce Vesta. Para um inocente, ele aprendeu rapidamente. Ela nunca quis tanto um homem. Sexo sempre foi agradável, mas nem mesmo Michael criara este desejo constante dentro dela. Uma necessidade de possuir e ser possuída. Isso provocou um calor incandescente profundamente no interior que ela sabia que nunca iria embora. Sua respiração era irregular quando ele deslizou um dedo dentro dela.

— Deus — ela gritou forte. No momento em sua boca deixou seu peito, seus olhos se abriram para olhar para ele. Desejo brilhava no seu olhar.

— Acho que você gosta disso — sua voz era uma carícia rouca.

— Sim, muito — ela ofegou quando ele escorregou um dedo dentro dela e aumentou a pressão de seu curso entre as pernas. — Doce Mãe de Juno.

Ele abaixou a cabeça para beliscar o lado do pescoço. Outros homens administraram carícias semelhantes, mas nunca agitou o corpo dela em tal estado frenético. O que diabos estava acontecendo com ela? Desejo enrolava no fundo de sua barriga até que ela doía com a necessidade de tê-lo pulsando dentro dela.

Ela apertou as mãos contra os ombros em um esforço para mudar o equilíbrio de poder entre eles, mas ele resistiu. Um instante depois, ele estava em cima dela e se estabelecia entre as suas pernas. Foi uma exibição surpreendente de confiança dele. Braços apoiados em cada lado dela, ele olhou para ela com uma expressão que a emocionava e a apavorava ao mesmo tempo.

Em uma forma vagarosa, ele inclinou a cabeça para beijá-la levemente. Ela queria que durasse mais tempo, mas sua boca mudou-se para explorar o lado do pescoço e, em seguida, seu ombro. Seu pênis saltou contra a sua coxa, e ela gemeu.

— Por favor... Eu preciso de você dentro de mim agora — ela sufocou duramente. Sua resposta foi pressionar a ponta de sua ereção levemente contra ela. *Christus*, o homem não a escutou? — Por favor...

— Eu gosto da maneira como você diz, por favor. — Seu sussurro era uma lufada quente e provocante através da parte superior dos seios. A ponta da língua umedecendo a pele. — E eu gosto do seu gosto.

Sua boca era como uma brisa quente de verão contra sua pele, puxando-a em um turbilhão de sensações ardentes. Ela gemia quando seu pau pressionava com mais força contra a sua entrada. A antecipação apertava todos os músculos do seu corpo enquanto ela apertou os quadris para frente, uma silenciosa demanda. Ele levantou a cabeça para olhar para ela.

Fome escureceu os olhos antes que ele subitamente entrasse dentro dela. Astuto e requintado, a sensação dele enterrado dentro dela a fez exclamar com intenso prazer. Ele permaneceu quieto por um longo momento e depois com golpes lentos moveu seu corpo contra o dela. Ela arqueou seus quadris para cima. Com cada impulso desejo enrolou apertado e duro dentro dela.

Deus, ela nunca se sentiu assim antes. Cada parte dela ansiava por ele, ao ponto dela está certa que pararia de respirar se ele se afastasse dela.

Necessidade queimou o seu caminho em cada centímetro dela, cegando-a para tudo, exceto o calor dele dentro dela. Seus quadris continuaram a mover-se contra ela enquanto ele abaixou a cabeça para chupar um duro mamilo.

Prazer trovejou o seu caminho através dela quando sua língua passou no rígido pico. Desejo pulsou o seu caminho através dela e a fez elevar seus quadris em um demanda frenética para ele aumentar o ritmo de suas investidas. Cada respiração que ela tomou era mais irregular do que a anterior, enquanto seu corpo clamava por uma liberação do extraordinário tormento que passava através de suas veias.

Com um grito, ela empurrou seus quadris para cima, quando seu corpo apertou em torno de seu pênis. Como uma tempestade selvagem, seu orgasmo a levou para um pico elevado de intenso prazer. Um tremor após o outro a atravessou quando caía do



cume. Segundos depois, o prazer a puxou para cima novamente quando o corpo dele começou a se chocar contra o dela em fortes e rápidas investidas.

Cada golpe do corpo dele enviava um prazer enrolando seu caminho em cada centímetro de seu corpo, mas foi um lampejo de uma quente emoção acariciando seus sentidos que a fez suspirar. A intimidade do toque mental aumentou seu prazer enquanto os pensamentos dele se fundiram com os dela. Não somente ela estava experimentando seu próprio prazer, mas ele também.

Era tão intenso quanto sensual. Ela podia sentir tudo o que ele sentia. O atrito. O calor.

A necessidade.

Outra emoção palpitou na beira da necessidade dele, mas era impossível definir completamente, enquanto o prazer a levava para um lugar que ela nunca esteve antes. No momento em que seu corpo apertou em torno dele, ele puxou contra seus quadris e pulsou dentro dela.

Luzes brilhantemente colorida lampejaram dentro de sua cabeça enquanto seus olhos tremularam fechados. A conexão deles a deixou indecisa se as cores vívidas eram sua própria reação às ondas fortes de prazer a engolindo ou dele. À medida que a intensidade de seu clímax desaparecia, uma letargia quente encheu seus membros. Ela não se lembrava de já ter estado tão saciada.

Enquanto a respiração dele forte e cansada se acalmava, ele rolou para o lado, levando-a consigo para ninar em seus braços. O silêncio entre eles era quente e confortável, como se eles fossem amantes há muito tempo. Olhos fechados, ela se aconchegou em seu peito. Seu aroma picante e o cheiro quente e suave da atividade sexual deles encheram seu nariz. Ela se sentia completa e inteira. Algo que ela nunca sentiu antes. O pensamento a assustou.

No pouco tempo que ela conhecia Dante, ela desenvolveu sentimentos por ele. Sentimentos que corriam mais profundo do que ela havia percebido até agora. E isso complicava as coisas. Levava seu relacionamento com ele a um nível totalmente diferente. Algo para o qual não estava preparada. Pior, o homem quebrou seu voto por ela.



Logicamente, ela sabia que ele fizera sua escolha por vontade própria. Tudo aconteceu muito rápido, mas de alguma forma, ela ainda se sentia como Lilith seduzindo Adam no Jardim do Éden. Não era um sentimento agradável. Isso rebaixou o que eles acabaram de compartilhar. E ela não gostou nenhum pouco disso, porque foi a experiência mais maravilhosa que ela já teve com um homem.

Um pensamento calmo acariciou os dela, e ela endureceu em seus braços. Era o mesmo sentimento que ela sentira antes, assim como naquele momento final de prazer intenso havia apagado todos os outros pensamentos em sua cabeça. Ela respirou fundo. Deus, ele não podia possivelmente... era por isso que ele quebrara seu juramento? Rapidamente saindo de seus braços, ela ficou de pé. Seu olhar caiu para as roupas emaranhadas, e ela procurou através dos itens em um esforço frenético para encontrar suas coisas.

— O que em nome de Júpiter está errado? — Dante disse em uma voz rouca. Ela pegou vários artigos da roupa dele com mãos trementes e jogou-os para ele.

— Você precisa se vestir.

Ela puxou suas calças jeans e encontrou quase impossível de fechá-las porque seus dedos tremiam muito. Mãos fortes a giraram para encará-lo. Ele elevou-se sobre ela com uma expressão sombria em seu rosto.

— Não vou fazer nada até você me dizer o que está errado.

— Você está apaixonado por mim — ela exclamou. Sua testa enrugou com uma expressão de perplexidade.

— Isso é uma coisa ruim?

— Sim... não... sim. — Ela tentou se libertar de seu aperto.

— Qual é? Sim ou não? — ele perguntou com irritação.

— Você não pode me amar.

— Por que não? — sua boca se estreitando com irritação, ele a balançou gentilmente.

— Há muitas razões de por que não.

— Tais como?

— Tal como... não posso ter filhos. — As palavras foram como uma lâmina cortando seu coração. Não era apenas que ela não podia ter filhos. Ela não podia ter filhos dele. Isso a fez querer chorar. E ela já havia chorado o suficiente.

— Eu sei disso, *caríssima*. Não importa. — A doçura em sua voz só piorou as coisas. Porra, por que ele era tão malditamente compreensivo e... maravilhoso. Ela puxou um braço livre.

— Não seja ridículo — ela retrucou. — É claro que importa. Não somente isso, mas não sou *Sicari*.

— Agora, quem está sendo ridícula? — a nota cortante em sua voz indicava que sua frustração estava crescendo.

— Você sabe o que quero dizer.

— Não, eu não sei — ele mordeu para fora. — Você tem o sangue de um *Senhor Sicari* fluindo em suas veias. Eu não sei quanto mais *Sicari* você quer. Mas mesmo se você não for *Sicari* eu ainda te amo.

— Droga. Não diga isso. — Desta vez ela se puxou completamente livre de seu alcance.

Dor e humilhação endureceram o seu rosto, fazendo encher os olhos com água. Deus, se ela chorasse agora... Ela não faria isso. Ela engoliu a bile subindo em sua garganta. Talvez ela estivesse sendo ridícula, mas ela era a pior coisa que poderia acontecer com ele. Ele já quebrara seu juramento com ela. Ela não o deixaria desistir de qualquer outra coisa. A próxima coisa que ela sabia era que ele estaria falando de um laço de sangue.

— Claro que eu quero um laço de sangue com você. É a ordem natural das coisas.

— Não. Não é. — Ela olhou para ele, com raiva por ele ter lido seus pensamentos.

Sua conexão só vai tornar as coisas ainda mais difíceis se ela não encontrar uma maneira de mantê-lo fora de sua cabeça. O som de um telefone celular tocando perfurou o ar, e ela deu um suspiro de alívio. Com uma maldição murmurada, ele pegou as calças e procurou no bolso pelo pequeno dispositivo.

— O que é? — ele rosnou.

Era impossível ouvir o outro lado da conversa, mas no minuto em que seu rosto ficou pálido, seu coração saltou em sua boca. Alguma coisa estava terrivelmente errada. Medo roeu através dela enquanto o sentia cambaleando com a dor. Ela se aproximou e agarrou seu braço.

— Meus pais — ela sussurrou baixinho. Quando ela fez a pergunta, percebeu que incluía Marcus em sua preocupação. Ele balançou a cabeça para ela.

— Informe Marcus. Coloque o composto em alerta máximo, e eu quero dois times prontos para ir em quinze minutos. Eu vou encontrá-lo na garagem. — Mesmo antes de ele terminar a chamada, Dante já estava se vestindo.

— O que aconteceu?

— Nicostratus atacou a instalação principal da cidade. Existem apenas alguns sobreviventes, a maioria deles *Vigilavi*.

— Doce Vesta — ela respirou horrorizada. Lembrou-se dos amigos que ela fez mais de um ano atrás quando permaneceu na unidade. Salvatore, Stefano, Maria... será que alguns deles ainda estavam vivos?

— Porra. — O xingamento de Dante era uma mistura de raiva e tristeza, tudo em um. — Essa instalação tem algumas das medidas mais fortes de segurança da Ordem.

— Como eles poderiam possivelmente ter passado através de suas defesas a menos... — sua voz foi sumindo com o pensamento terrível.

— A menos que o *Bastardi* teve ajuda de dentro.

Ele terminou seu pensamento e ela encontrou o seu olhar com o coração apertado. Um *Vigilavi* traiu a Ordem, ou pior ainda, um *Sicart*? Dante se afastou dela e

voltou a se vestir. A ligação entre eles nunca foi mais forte, e sua raiva fria agredia seus sentidos.

Cleo entendeu sua fúria muito bem. Ela a consumiu na outra noite no convento. Um arrepio correu por suas costas. Foi por isso que Nicostratus atacou a instalação de Roma? Seja qual for a razão, ela não estava prestes a ficar para trás. Ela era uma lutadora experiente, e se os *Pretorianos* retornassem, Dante precisaria dela.

— Eu vou com você.

— Não. — A palavra era um trovão na sala. Ela olhou para ele em choque. Dante lançou um olhar rápido em sua direção quando puxou suas calças. — Você vai ficar aqui.

Cleo estreitou os olhos ao vê-lo puxar sua camisa sobre a cabeça. Sua tensão era uma vibração dura, invisível contra sua pele. O homem não estava sendo apenas razoável. Ele estava fazendo exatamente o que ela temia que ele fizesse. Ele estava tentando protegê-la. Era uma tarefa impossível.

— É por isso que eu não vou ter um laço de sangue com você — ela disse calmamente.

— Eu não tenho tempo para isso, Cleópatra. Vamos discutir isso mais tarde. — O rosnado disse a ela exatamente o quanto ele queria protegê-la.

— Não. Nós não vamos. Porque não há nada para discutir. Você não pode me favorecer em detrimento de outros quando se trata de situações como esta. Você sabe disso. Isso vem com a territorialidade.

— Eu não estou a ponto de levá-la em uma situação como esta, onde a sua falta de habilidades poderia matá-la.

Se ele batesse em seu rosto ela não poderia ter estado mais atordoada. Atordoada, ela imediatamente recuou quando ele deu um passo em sua direção. No instante em que ela recuou, angústia atravessou seu rosto.

— *Christus*, eu não quis dizer isso assim, Cleópatra.



Seu tormento rolou antes dela cortar sua conexão, fechando-se fora dele. Foi difícil de fazer, mas ela aprendeu na prática como esconder os seus pensamentos de *Pretorianos*. Ele pode se arrepender de suas palavras, mas ilustra precisamente o porquê ela nunca poderia se vincular com ele. O fato de ser *Sicari* era simplesmente pelo sangue e nada mais, isso sempre ficaria entre eles.

— Eu sei exatamente o que você quis dizer — ela disse em uma voz desprovida de emoção. Ela se virou rapidamente e recolheu suas roupas. — Vou encontrá-lo na garagem.

O silêncio na sala era grosso com a tensão quando ela se virou e caminhou em direção a seu quarto para se vestir para a missão. Impiedosamente, ela fechou cada emoção que possuía, com exceção de uma vontade de ferro de fazer o que foi treinada para fazer. Os *Pretorianos* declararam guerra ao lançar um ataque a uma Instalação de Roma, e ela precisava provar mais uma vez que ela merecia.

Em seu quarto, ela se trocou com uma velocidade que anos de disciplina a ensinara. Quando ela puxou uma camisa preta de malha, ela ouviu a porta da suíte se fechar. Emoções turbulentas ameaçaram se romper, mas ela as esmagou antes que tivessem a chance de surgir e ameaçar a compostura. Ela tinha um trabalho a fazer, e com habilidades *Sicari* ou não, tinha a intenção de fazê-lo com a melhor de sua capacidade.

Cleo terminou de se vestir em tempo recorde, e em menos de dez minutos seguia outros membros do *Absconditus* para a garagem. Não havia falatório, apenas um silêncio sombrio que refletia a gravidade da situação. Sem qualquer instrução, as equipes lançaram-se em quatro veículos. Cleo fez uma nota específica de onde Dante estava e deliberadamente evitou sua SUV. Seu olhar encontrou o seu através da distância entre eles, e ele sacudiu a cabeça na direção de seu carro. Ela ignorou o comando silencioso e subiu no veículo mais próximo. Momentos depois as duas equipes rugiram para fora do composto.

* * *



Enquanto Atia caminhava pelo corredor em direção ao laboratório de pesquisa, ela brincando cutucou Marcus com o cotovelo.

— Você está fazendo isso novamente.

— Eu sempre cantarolo quando estou de bom humor ou me sentindo satisfeito — Marcus disse e deu um sorriso perverso para ela. — Eu gostei de não ter que pensar sobre trabalho para variar.

— Algo que eu deveria ter pensado, ao invés de permitir todos os seus caprichos, nos últimos três dias. — Ela atirou um olhar rápido de exasperação, em seguida, suavizou sua voz. — Mas eu não me arrependo.

— Contanto que você nunca faça — ele murmurou enquanto paravam em frente à porta do laboratório.

— Nunca. — Escovando as pontas dos dedos em toda a boca antes que ela colocasse seu código privado para o painel de segurança na parede. Quando ela ouviu o clique suave da liberação de bloqueio, ela empurrou a pesada porta de aço e entrou na sala escura. Ela imediatamente congelou. Alguma coisa estava errada. Ela podia sentir.

Mentalmente, ela visualizou o interruptor de luz e ligou-o para cima, sem tocá-lo. As lâmpadas fluorescentes piscaram brevemente, antes de firmarem e iluminou o laboratório.

— Algo não está certo — Marcus rosnou quando entrou na sala.

As palavras de seu marido simplesmente confirmaram o que seus sentidos diziam. Medo atravessou através de Atia, quando ela não respondeu, mas correu para o cofre que armazenava seguramente o *Tyet de Ísis*. No momento em que tocou no painel de segurança eletrônica, ela sabia que o documento havia desaparecido. Isso não a impediu de freneticamente abrir o cofre, esperando que estivesse errada. Ela não estava.

— Porra. — A raiva de Marcus era uma sensação palpável em sua pele. Ela se virou para vê-lo parado em frente ao computador quando ele bateu com o punho

contra a bancada de aço. Ele olhou para ela, o rosto sombrio. — O disco rígido foi limpo.

— Doce Vesta.

Ele se empurrou de pé em fúria. — O documento se foi?

Quando ela assentiu, Marcus expressou outro juramento. Ele imediatamente puxou o celular do bolso da calça. Dedos pressionados contra seus lábios, Atia passeou no chão em frente ao cofre vazio. Quem matou Sandro deveria ser a mesma pessoa que roubou o documento do *Tyet de Ísis*.

— Lysander, encontre Firmani. O documento desapareceu — Marcus falou. Um segundo depois, sua voz tornou-se um rosnado brusco e vingativo. — Quando?

Outra longa pausa ocorreu na conversa, e Marcus encontrou seu olhar com uma expressão que ela se lembrou do dia em que Gabriel foi levado. Ele estava pronto para matar alguém.

— Traga um carro e ligue para o aeroporto. Eu vou atrás dele. — Marcus bateu na tela de seu telefone para encerrar a conversa, suas feições sombrias com fúria. — Esse vereador, que é um espinho no seu lado, Cato, está desaparecido. Ele desapareceu há três dias. Aparentemente Firmani o localizou em um voo comercial para Roma a partir de O'Hare. Ele levou um dos aviões da Ordem ontem para segui-lo.

— Cato? — Atia franziu a testa. — O homem é um burro, arrogante desprezível, mas um traidor? Não. E ele é muito covarde para matar alguém. Quem matou Sandro era altamente qualificado. Cato não usou uma espada em anos.

— Então, quem mais poderia ser? — havia um tom mais sombrio sublinhando a voz de Marcus que a fez recuar quando ela sentiu o sangue de seu rosto, deixando sua pele fria.

— Não. Não Ignacio. — Ela balançou a cabeça bruscamente. — Tem que ser outra pessoa. Eu não posso acreditar que ele trairia a Ordem assim.

Ou eu. Embora ela não dissesse as palavras, pairava no ar como sinos tocando alto em uma igreja. As características de Marcus endureceram quando elas foram

definidas em pedra. Era evidente para ela que ele acreditava que sua defesa de seu *Celeris* outrora estava enraizada em emoções que ela realmente não sentia por Ignacio. Será que ele ainda estava tão incerto dela? Ela rapidamente se adiantou e pegou a mão dele. Ele não a rejeitou, mas a tensão rígida em seu corpo não aliviou.

— Marcus, por favor. Ele é meu amigo há mais de vinte e cinco anos. Será que você já pensou o pior de Placido após todo esse tempo? De Máximo quando você viveu na Roma antiga?

Ele soltou um juramento suave e puxou-a em seus braços. — Não. Eu acharia impossível acreditar que qualquer um deles seria capaz de qualquer ato traidor. Mas eu não gosto de Firmani. Eu deveria ter sido o único com quem você desabafasse em todos esses anos. Não ele.

— Não foi você que disse que não podemos apagar o passado? — ela disse calmamente. — Você está aqui agora, e isso é tudo que importa. Meu coração nunca pertenceu a alguém, exceto você.

— Eu te amo, Atia. — Seus pensamentos acariciaram-na quando ele a esmagou contra ele. — Eu não posso te perder de novo.

— Você não vai.

Marcus segurou-a por um longo momento, então inclinou a cabeça para beijá-la ternamente. — Eu preciso ir. O carro estará pronto agora.

— Eu vou com você.

— Não. Você não vai — ele disse em voz firme. — É muito perigoso.

— Eu sei que é perigoso, mas você precisa de mim. Eu conheço bem Ignacio. Eu sei como ele pensa. — Atia encontrou seu olhar severo de forma constante. — E ele é a minha responsabilidade. Se ele traiu a Ordem, eu quero ouvi-lo.

O olhar proibido no seu rosto disse o quanto ele quis recusar. Com um aperto de sua cabeça, ele lançou um grunhido suave de frustração.

— *Christus*, se eu me recusar, você só vai me seguir, não vai?



— Sim.

— Muito bem, mas é contra meu melhor julgamento — ele cuspiu. — Vai arrumar uma mala de viagem. Vou notificar Lysander que seus deveres como o novo *Celeris* acabaram de começar.

— Se Ignacio realmente está trabalhando para os Pretorianos... — sua voz foi sumindo.

— Se ele está, nós vamos encontrá-lo. — Marcus tocou seu rosto antes de sacudir a cabeça em direção à porta. — Agora vai. Precisamos agir rapidamente.

Com um aceno, ela correu para fora do laboratório e se dirigiu para o quarto para recolher algumas roupas frescas. Não poderia ser Ignacio. Ele não podia. Precisava haver alguma explicação. Talvez Cato fosse capaz de mais do que ela percebeu. Mas e se estivesse errada? Ela se encolheu. Ignacio sabia praticamente tudo sobre a Ordem. Defesas, códigos de segurança, tudo isso. Ele poderia destruir todos eles. E se isso acontecesse, seria culpa dela por confiar nele.



Vinte e Um



Cleo entrou pela porta da instalação de Roma e tomou uma respiração forte. O abate foi horrível. Os *Pretorianos* eram facilmente identificáveis por insígnias em suas mangas da camisa, mas eles eram poucos e distantes entre si. A maioria dos mortos eram *Sicari* e *Vigilavi*. Era óbvio que ninguém foi poupado.

Dante e vários outros membros do *Absconditus* se moveram mais profundamente na instalação para assegurá-la. Pouco antes de desaparecer através de uma das portas, ele olhou para ela e, em seguida, para Cornelia. Era óbvio que ele usou telepatia para instruir a sua *Praefect* que vigiasse Cleo, porque ela viu Cornelia dando uma rápida olhada em sua direção enquanto ela balançou a cabeça. Os olhos de Dante encontraram os dela rapidamente, mas ela se virou para longe. O aguilhão de suas palavras ainda cortando profundamente.

Cautelosamente, Cornelia se ajoelhou ao lado de um *Sicari* caído para verificar o pulso do homem. Cleo seguiu seu exemplo e se moveu para verificar um guerreiro perto dela. O homem estava morto, então Cleo delicadamente fechou os olhos e cruzou os braços sobre o peito na posição tradicional cerimonial. Quando ela terminou, moveu-se para o corpo seguinte, esperando e rezando para encontrar alguém com uma fraca batida de coração que ainda poderiam salvar.

Com cada guerreiro morto ou *Vigilavi*, seu coração foi ficando mais pesado. Em seguida, ela ouviu. Um suspiro. Seu olhar correu em direção ao som, e viu um rosto

que ela reconhecia coberto de sangue. Foi ao seu lado em menos de um segundo, ela gentilmente tocou a testa de Salvatore.

— Cornelia, eu preciso de um curador. Agora — Cleo disse olhando por cima do ombro para a *Praefect*. A outra mulher assentiu com a cabeça e correu. Cleo virou a atenção para o amigo.

— Sal, é Cleo. Você vai ficar bem. — Ela só podia esperar que não fosse mentira.

Ela estremeceu quando sua mão pegou seu braço em um aperto, mas ela não tentou erguer os dedos para longe. Em vez disso, ela rapidamente avaliou seus ferimentos. Suas feridas eram profundas, e ele perdeu uma grande quantidade de sangue, mas ainda havia uma chance de que ele pudesse sobreviver se o curandeiro chegasse logo. A boca de Salvatore moveu-se, Cleo e se inclinou para frente.

— Shh... Vai dar tudo certo. Um curador estará aqui a qualquer momento.

Ela fez uma oração rápida que estava certa arrancou um suspiro forte e o aperto em seu braço aumentou ainda mais. Seus olhos se arregalaram com um olhar que a assustava. Seu olhar dizia que sabia que era tarde demais para ele. Deus, onde estava o curandeiro?

— Espera, Sal, por favor. Só mais um momento — ela implorou. Seus lábios se moviam de novo. Foi menos do que um sussurro, e ela teve que colocar sua boca perto de sua orelha, para escutá-lo.

— Não... confie...

Um instante depois, o ar sacudiu em seus pulmões, antes que ele desse seu último suspiro. A pressão em seu braço diminuiu quando o aperto de Sal diminuiu com a sua morte. Com a cabeça baixa, ela apertou os olhos contra a tristeza que passava por dela. Sal era um gigante gentil. Sempre cuidando de todo mundo com uma força de um grande irmão.

Tomando uma respiração profunda, ela lutou para recuperar o controle de suas emoções. Sal sempre foi fatalista sobre a morte. Ele não iria querer que ela gastasse mais de um minuto de luto por ele, porque ele sempre foi da opinião de que os caídos

se encontravam novamente nos Campos Elísios. Suavemente removendo a sua mão do braço dela, ela o colocou em seu peito antes de cruzar o outro braço sobre ele.

Quando ela levantou o braço, algo dourado escorregou de sua mão para bater no chão de mármore com um som suave de metal contra pedra. Ela terminou com seu amigo, em seguida, pegou o pedaço de jóia deitado ao lado dele. O anel parecia familiar, e ela olhou para ele durante alguns segundos antes de seu coração se tornar um estrondoso trovão em seus ouvidos.

Ignacio. Era o seu anel.

Ela pegou o anel em sua mão, em seguida, ficou de pé para procurar através da carnificina para encontrar o homem que foi seu pai substituto desde a infância. Frenética, moveu-se de uma figura para outra, na esperança de que Ignacio não estivesse entre os corpos no piso principal da entrada da instalação. Quando ela não o encontrou, ela parou no meio da sala com um pânico crescente dentro dela. Onde ele estava? Um som de algo raspando atrás dela, a fez puxar a sua espada da bainha em suas costas enquanto se virava para enfrentar um desconhecido. A visão de Ignacio encostado à porta da instalação coberto de sangue fez de seu suspiro um misto de medo e alívio. Ela saltou para frente para ajudá-lo, mas ele acenou que não.

— Que porra você está fazendo aqui? — ele perguntou ferozmente, um olhar estranho no rosto.

— Eu estive hospedada no *Absconditus*. — Ela mordeu o lábio com preocupação quando viu o sangue escorrer por entre os dedos, onde a mão estava prensada em seu lado. Ela puxou-o mais para dentro da casa e fechou a porta atrás dele.

— Eu vou ficar bem, apenas alguns cortes — ele rosnou com um aceno de cabeça. — Cheguei tarde demais. Eu... persegui dois dos *Bastardi* quando eles saíram da casa. Deixei um deles morto em um beco a dois quarteirões de distância.

— Quando achei o seu anel, eu temi o pior — ela exclamou, enquanto ignorava o protesto e se inclinou para examinar a lesão. Com um toque suave, ela puxou a mão para longe da ferida. Era profundo, mas onde nenhum dos principais órgãos poderia estar danificado.

— Você achou o meu anel? — havia uma nota estrangulada em sua voz que mal registrou enquanto rapidamente examinava o restante de suas feridas.

— Sim. — Ela se ajeitou de pé e abriu a mão para olhar para o anel na palma da mão. — Eu estava certa que você estava morto.

A joia de ouro estava coberta de sangue, e pela primeira vez pareceu estranho que Sal o segurava em sua mão. No momento em que ela viu, ela ficou com tanto medo pela segurança de Ignacio que a questão de por que seu amigo tinha o anel ainda não ocorrera a ela. O olhar de Cleo lentamente deslocou a partir do Anel para o rosto de Ignacio. Algo em sua expressão atingiu um profundo acorde de horror dentro dela.

Tensão acelerou através de seu corpo com a velocidade de uma cobra venenosa se preparando para atacar. A ideia deslizando em sua consciência era muito inacreditável, e ela imediatamente rejeitou a ideia. Era ridículo. Ignacio jamais poderia trair a Ordem. Ele estendeu a mão para ela, e o instinto a fez tomar um rápido passo para trás.

— Eu posso explicar, *caríssima*. — A nota pedindo em sua voz fez Cleo recuar.

— Eu estou ouvindo — ela disse baixinho, rezando para que ele tivesse uma explicação sólida para porque o anel esteve na mão de Sal.

— Salvatore estava trabalhando para os *Pretorianos*.

A mentira deslavada fez o estômago de Cleo apertar como se ela estivesse fisicamente doente. Sal nunca teria trabalhado para os *Pretorianos*. Ele odiava os *Pretorianos* mais do que qualquer *Sicari* que ela já conheceu. Os *Bastardis* o deixou órfão quando tinha treze anos, forçando-o a assistir enquanto estupravam e assassinaram sua mãe e a irmã antes de o deixarem para morrer.

Ele só mencionara uma vez, mas a maneira na qual ele contou a sua história estaria para sempre gravada em sua memória. Mesmo Ares não odiava os *Pretorianos* tão profundamente como Sal fazia. Agora Ignacio tentava convencê-la que Sal era o único que traiu a Ordem? Ela sabia melhor, e isso deixava apenas uma alternativa.

Negação raspou em cada um dos seus sentidos quando a palavra traidor virava o seu caminho através de sua cabeça. Não era possível. Ela saberia. Porra, sua mão

saberia. O Homem era uma parte de família desde que ela tinha idade suficiente para andar. Isso não era possível. Mas tudo apontava para ele. O anel, seus ferimentos foram superficiais na melhor das hipóteses, sua aparição aqui em Roma sem a mãe. Nada daquilo fazia sentido.

Quando ela olhou para Ignacio em um horrorizado silêncio, o peito doeu como se alguém tivesse arrancado seu coração para fora. Na parte de trás de sua mente, os pensamentos de Dante escovavam contra os dela. Estava claro que ele percebeu que algo estava terrivelmente errado, mas ela o empurrou para fora de seus pensamentos e bloqueou-o de um exame mais profundo. Se o que ela temia era verdade, ela seria a única a tirar a vida de Ignacio. Ninguém mais.

— Você não ouviu o que eu disse? — a voz de Ignacio era dura quando ele deu um passo em sua direção. Cleo recuou dele, e os olhos de Ignacio se estreitaram.

— Você é um mentiroso — ela respondeu asperamente. — Mentiroso e traidor.

Não se incomodando com suas palavras, ele estudou-a em silêncio com uma expressão fria no rosto de pedra. — Um traidor é alguém que trai seu próprio povo. Eu não tenho feito isso.

— Que merda você chama isso? — ela cuspiu as palavras quando gesticulava furiosamente para a carnificina ao redor deles.

— Necessário.

— Necessário? — ela sussurrou quando bile subiu em sua garganta.

A negação com a qual lutava evaporou quando absorveu sua brutal resposta sobre o fato. Como ele poderia admitir sua culpa tão calma e sem qualquer evidência de remorso? Ele traiu a Ordem. Sua mãe. Ela. Um nó se desenvolveu na garganta de Cleo, tornando difícil respirar, quando ela lutava com a extensão e a profundidade da traição de Ignacio.

— Sim. Necessário — ele rosnou. — O documento no *Tyet de Ísis* era uma ameaça para o *Collegium*. Eu não podia deixá-lo permanecer em mãos *Sicari*. Eu nunca fui conivente com esse abate. Isto foi Nicostratus. — A última parte de sua declaração mal foi registrada nela.

— O *Collegium*? Você roubou o documento apenas para que você pudesse dar a esses *Pretorianos*? Por quê? — sua garganta arranhou com as lágrimas não derramadas, ela o olhou com horror. Ele os traiu. Traiu-a.

— Porque eu não sou *Sicari*. — As palavras faladas sombriamente só serviram para aumentar às emoções turbulentas, abrindo seu caminho através dela. — Por mais de 30 anos eu fingi ser um.

— Como diabos você pode fingir ser um *Sicari*?

Foi muito fácil. Suas palavras perfuraram seus pensamentos com facilidade.

— Mas a sua habilidade telecinética... — uma leve pressão cercou sua garganta para estrangular suas palavras, e o medo pela primeira vez passou através dela.

Eu não sou nem de longe tão forte como Vorenus ou outros de minha espécie, mas foi o suficiente para enganar os membros da Ordem.

Ela agarrou o punho invisível em torno de sua garganta quando as frias palavras de Ignacio encheram a cabeça dela. Seu medo a fez vulnerável para Dante e permitiu quebrar o seu bloqueio mental, seus pensamentos eram uma carícia reconfortante.

Vai ficar tudo bem, caríssima. Estou indo.

A promessa de Dante derivou para o fundo enquanto Cleo lutava com um novo tormento. O homem que ela reverenciou como um pai não era sequer um *Sicari*. A compreensão enfatizou seu senso de ser uma intrusa. Tudo que Ignacio disse e fez a partir do momento que ela era uma criança foi construído sobre uma mentira. Ele era uma mentira. Era como se alguém tivesse aparecido e rasgado toda a sua infância. Pela primeira vez, pesar cruzou seu rosto quando ele balançou sua cabeça.

— Essa é a única coisa que não era mentira — ele disse calmamente. — Você é a filha que nunca tive, e se sua mãe tivesse me amado, eu teria de bom grado traído meu voto para o *Collegium* por ELA. Por vocês duas.

— Seu filho da puta.



Ela saltou para frente e com um duro golpe para seu peito. Ele resmungou antes de seu punho conectar com a mandíbula dela. Atordoadas, elas cambaleou para trás, o gosto salgado de sangue enchendo a boca.

— Não me faça te machucar, Cleópatra. — Ele sacou a espada quando pesar escureceu seu rosto mais uma vez.

— Por que você voltou? — ela cuspiu sangue de sua boca quando olhou para ele, seu ódio sufocando a dor da traição.

— Pelo o meu anel. Você pode não acreditar em mim, mas isso significa algo para mim.

— Você está certo. Eu não acredito em você — ela disse em uma voz gelada.

As palavras mal saíram da sua boca quando ela sentiu Dante. Um olhar calculado atravessou o rosto de Ignacio antes de uma mão invisível agarrar as tranças, puxou-a para ele. Dor rasgou seu couro cabeludo quando ela instintivamente lutou para se torcer livre de aperto invisível de Ignacio, Mas suas tentativas só pioraram a dor na sua cabeça.

Uma mão forte combinada com a força invisível torcida em torno dela a deixou pressionada no peito de Ignacio. Com o braço travado em torno dela, ele pressionou a ponta afiada da espada em sua garganta. O momento que Dante entrou na sala, os sentidos de Cleo balançou com a força de suas emoções.

Sua raiva, medo por sua segurança, e uma impotente indecisão que ela sabia que era desconhecida para ele cresceu sobre ela. No momento em que seu olhar encontrou com o seu, o seu coração doía, porque ela percebeu que ela fez isso acontecer. Ela tirou a única coisa que ele lutou para preservar. Sua capacidade de se distanciar de suas emoções em uma situação de crise estava em perigo por causa dela.



Vinte e Dois



Dante se ajeitou para verificar outro corpo sem vida no chão, desta vez de um jovem *Vigilavi*. A menina não poderia ter muito mais do que 16, sua vida terminou por uma garganta cortada. Ele estava além da fúria. Cada parte dele desejava encontrar o *Pretoriano* o mais próximo e lentamente esculpir o *bastardo* pela atrocidade que encontrou aqui nas instalações de Roma da Ordem.

Embora a instalação fosse de apenas um quarto do tamanho do *Absconditus*, o silêncio era uma sensação tangível sobre a pele. Isso gritava assassinato de uma forma que só foi superado pelas mortes dos inocentes no convento. Mas desta vez não houve milagres. A súbita nitidez de seus sentidos cresceu ainda mais quando o medo de Cleópatra varreu sua cabeça. Ele imediatamente saiu do salão e desceu um dos muitos corredores da instalação.

Um par de voltas rápidas depois, ele viu Cornelia correndo na direção dele.

— Onde está Cleópatra? — ele nem sequer tentou esconder sua preocupação. Os olhos do *Praefect* eram tranquilizadores e simpáticos quando ela levantou a mão em um gesto aplacador.

— Ela está bem. Eu não a teria deixado se a entrada principal não fosse segura. Ela encontrou um guerreiro que ainda está vivo, e eu estou procurando por Noemi. Você sabe, as minhas habilidades telepáticas não são as mais fortes.



Dante acenou com a cabeça e concentrou seus pensamentos para encontrar o curador no edifício. Ele mal escovou a mente de Noemi para chamá-la quando percebeu uma mudança nas emoções de Cleópatra. Fúria, sentimentos de dor, decepção, e outras clamavam como uma campainha de aviso dentro de sua cabeça. Ele tentou entrar em seus pensamentos, mas ela empurrou-o para trás, fechando-o para fora. Ele sacudiu a cabeça em direção Cornelia.

— Alguma coisa está errada — ele rosnou. — Você está certa que a porta da frente foi assegurada?

— Sim, Mario foi o último através da porta, e tenho a certeza que o alarme foi definido. — A expressão de Cornelia era de confusão quando ela encontrou seu olhar.

— A única pessoa que pode entrar aqui ou é um membro da instalação ou um dos oficiais superiores da *Prima Cônsul*.

Por um momento, Dante considerou essa possibilidade. Mais uma vez as emoções de Cleópatra caíram em sua cabeça. Desta vez, o medo era tão forte que ele era capaz de ver o que viu. Embora ele não reconhecesse o homem que ela estava enfrentando, ele poderia dizer que o homem era alguém que ela conhecia e confiava. Não. Ela já não confiava nele. *Christus*, o filho da puta a tinha em um aperto telecinético.

— Traga Noemi para a sala da frente. Agora.

Dante não se preocupou em explicar o seu comando, quando passou correndo por Cornelia e correu em direção à entrada principal. Seu coração batendo forte com medo, ampliou os seus pensamentos para tocar a mente de Cleópatra.

Vai ficar tudo bem, caríssima. Estou indo.

Seus pensamentos eram caóticos e incoerentes, e era impossível dizer se ela o ouviu falar. Era ainda mais difícil entender o que estava vendo em sua cabeça. O fato o fez correr ainda mais rápido. No fundo de sua mente, ele se lembrou da sua responsabilidade de proteger seu povo de forma igual e sem favoritismo. Mas seu medo empurrou o pensamento de lado. Tudo o que sabia era que a mulher que ele amava estava com problemas, e ele não estava prestes a deixar algo acontecer com ela.

Enquanto ele correu pelo corredor que levava à entrada, o medo de Cleópatra tornou-se uma angústia que atormentava. Deus, se alguém a estava machucando...

Ele voou pela porta aberta da entrada, as botas deslizando no chão de mármore encharcado de sangue. Sem esforço, ele recuperou o equilíbrio e chegou a um impasse dentro da sala ao ver Cleópatra refém com uma espada em seu pescoço.

Sua reação inicial foi de ampliar seus pensamentos e arrancar a lâmina longe de sua garganta. Nada aconteceu. Atordoados, ele estendeu a mão e apontou para a arma mortal para que voasse para fora da mão do homem. Mais uma vez, nada aconteceu, e um pânico desconhecido torceu o seu caminho através de seu corpo. O estranho sorriu agradavelmente para ele.

— Não precisa se preocupar. Você não perdeu seus poderes. Acontece que eu possuo algumas habilidades, tais como a sua também.

Dante temperou-se a não reagir ao tom agradável do homem, mas suas entranhas estavam enroladas tão apertadas como uma mola pronta para ser lançada. Pedra de Júpiter.

O homem era um *Dominus Pretoriano*. Como, em nome de Juno ele entrou na instalação? Ele ficou em silêncio enquanto avaliou a situação, a indecisão varrendo seu caminho através dele como uma emoção estrangeira.

Ele esteve em muitas situações como esta, e em nenhuma vez hesitara em tomar medidas. Isso era até agora. Seu instinto o fez querer ir para frente e matar o *bastardo* que ameaçava Cleópatra, mas não o fez. Ele não podia arriscar a sua segurança. O olhar de Cleópatra encontrou o seu, e no momento seus olhos escureceram, Dante sabia que ela entendia sua indecisão. Um suave vibrar contra os seus pensamentos fez perceber que ela tentava alcançá-lo com seus pensamentos, e ele se abriu para ela.

Não deixe que ele me use contra você. A preservação da Ordem e o Absconditus devem vir primeiro.

Eu não vou perder você. Ele encontrou o seu olhar com determinação quando ele viu uma expressão obstinada varrendo seu rosto.

— Dante Condellaire, conheça Ignacio Firmani, *Celeris* da *Prima Cônsul*, mas o mais importante de tudo, traidor da Ordem *Sicari*. — As palavras de Cleópatra soavam como pingentes arrancados de um teto de gelo antes de cair no chão. Sua expressão era fria e composta, apesar das emoções exaltadas que sentiu fluindo dentro dela. Em seguida, o impacto de sua declaração chocou contra ele. *Celeris* da *Prima Cônsul*.

Doce mãe dos deuses, ele respirou.

Como *Celeris* da *Prima Cônsul*, o homem estava a par de tantos segredos como o próprio *Senhor Sicari*. Ele tinha autorização para acessar qualquer instalação *Sicari* no mundo, com exceção de uma, o *Absconditus*. Dante lutou com o conhecimento de que o *Collegium* tinha uma toupeira na hierarquia da Ordem. Quanto estrago já estava feito e por quanto tempo?

Ser escolhido como um *Celeris* era um sinal de confiança, e era um trabalho raramente dado a alguém que não era bem conhecido pela *Prima Cônsul*. Pesar fez seu rosto empalidecer, Cleópatra parecia que lutava contra as lágrimas. Claramente, a traição de Firmani foi um duro golpe para ela. Se o homem serviu como a figura de seu pai, sua traição seria ainda mais desoladora. E o que dizer da *Prima Cônsul*? Seria possível que ela fosse uma parte de algo que Marcus não era sequer ciente?

— Não. Atia não sabia mais do que Cleo sabia. — Firmani rosnou, e Dante não podia ter certeza se o homem leu sua mente ou se a sua expressão havia doado sua especulação. — Nenhuma delas é responsável por tudo que eu fiz.

— Pelo menos você tem coragem de admitir isso. — O desgosto de Cleópatra era evidente em sua resposta, e Dante estendeu a mão para ela com seus pensamentos.

Pedra de Júpiter, Cleópatra, vai calar a boca? O homem tem uma espada na sua garganta. Não dê a ele uma razão para usá-la. Seu duro comando mental fez o seu olhar estreitar para ele, e apesar do brilho que ela enviou no seu caminho, ele sabia que ela ia fazer o que ele disse.

— Condellaire? — o *Celeris* disse seu sobrenome com uma nota de curiosidade quando olhou para Dante cuidadosamente por um momento. — Eu não sabia que Lysander tinha um irmão. Você se parece com ele. Ou pelo menos do jeito que ele costumava parecer até que Nicostratus o pegou.

— Eu não tenho um irmão — ele disse asperamente. Seu olhar cintilou em direção a Cleópatra quando seu espanto inundou seus sentidos. Será que ela realmente acreditava em Firmani?

Impossível.

— Pense o que quiser, mas eu conheço Lysander muito bem para não reconhecer um irmão dele. A semelhança é impressionante. — Algo sobre o tom pragmático de Firmani enviou um frio que fluía através dele, mas ele ignorou a sensação enquanto olhava para o homem.

— Deixe Cleópatra ir, e eu te dou minha palavra que não vou impedi-lo de sair. — Dante deliberadamente fechou os pensamentos para evitar que o traidor percebesse que Cornelia e Mario corriam em direção ao hall de entrada.

— Nós dois sabemos que eu não posso fazer isso. — O *Celeris* balançou a cabeça. — Pelo menos não até eu estar em segurança, fora dessa porta.

— Você realmente acha que estará seguro novamente? — Cleópatra perguntou com uma voz monótona. Havia um olhar assombrado em seus olhos que fez o corpo de Dante ficar rígido com a tensão. Ela estava claramente no limite, e o pensamento dela fazer algo imprudente o assustou profundamente.

— Um comentário digno da mulher que criei — Firmani disse com orgulho, mas a sua compreensão sobre isso não facilitará.

Ele parecia apertar seu aperto, e quando Cleópatra moveu-se um pouco, um pouquinho de sangue apareceu em sua garganta. Ela nem sequer vacilou, o que só aumentou o medo, fazendo o intestino de Dante se torcer. *Christus*, se ele a perdesse, não, ele não ia deixar isso acontecer.

— Você diz isso como um pai orgulhoso, e ainda está segurando uma faca no pescoço dela — Dante disse calmamente.

— É necessário. — Firmani encolheu os ombros.

— Como roubar o documento do *Tyet de Ísis* e garantir a aniquilação da Ordem são necessárias? — Cleópatra partiu. Em sua acusação, a garganta de Dante fechou. Se Firmani tinha o documento, eles precisavam recuperá-lo.

— O documento vai garantir a sobrevivência do *Collegium*. Ele já está sendo analisado enquanto falamos.

A declaração de Firmani dos fatos fez Dante cerrar os punhos e morder o interior de sua bochecha em um esforço para permanecer imóvel. Se o homem não tivesse a vida de Cleópatra em suas mãos, Dante o teria rasgado em pedaços agora. Atrás dele, ouviu o som de pés correndo, e o traidor arqueou as sobrancelhas.

— Então você chamou ajuda.

— Liberte Cleópatra e eu vou dizer que você está autorizado a sair ileso.

— Nós dois sabemos que você não vai fazer isso. — Firmani balançou a cabeça, e Dante enviou ao homem um olhar gélido.

— Sou um homem de palavra — ele disse friamente. — Se eu disser que vai sair livre, então você vai.

— Não! Você não pode fazer isso — Cleópatra gritou agudamente enquanto tentava se torcer livre do aperto de Firmani.

Sua ação só fez que a espada em sua garganta morderse sua pele mais profundamente, e o coração de Dante bateu uma parada dentro do seu peito quando uma fina corrente de sangue escorria de seu pescoço. Dante a alcançou com seus pensamentos para agarrar os ombros e segurá-la quieta. Em todo o curto espaço entre eles, o seu olhar travou com o dele, e um fio de um pensamento derivou seu caminho através de sua cabeça, fazendo-o agarrar-se a ele como um navio buscando uma âncora.

Não faça isso, Dante. Você nunca vai perdoar a si mesmo... ou eu. Havia uma frieza em seu pensamento que fez Dante sacudir a cabeça um pouco quando ele encontrou seu olhar angustiado.

Estou fazendo isso porque eu te amo.

Então, se você me ama, me deixe ir.

Ele ignorou seu apelo silencioso e voltou sua atenção para Firmani. Os *Celeris* o olhou com cuidado por um longo momento antes que acenasse com a cabeça.

— Muito bem. Uma vez que eu passar pela porta, eu vou deixá-la ir.

— Não. — A voz de Cornelia era fria com amargura quando ela entrou na sala por uma porta à esquerda. Sua aparência assustou tanto Dante como Firmani.

— Ele não pode ir livre. Os mortos merecem justiça.

— Eu dei minha palavra — Dante rosnou.

— Mas eu não — respondeu a *Praefect*.

Sem qualquer outro aviso, Cornelia se atirou em direção Firmani, balançando sua espada horizontalmente em direção à sua cabeça. Seu único pensamento foi a segurança de Cleópatra, Dante mentalmente puxou Cornelia a uma parada menos de um pé de distância de Firmani. Ao ordenar que a *Praefect* parasse, a espada do *Celeris* caiu longe do pescoço de Cleópatra em um clarão de velocidade e caiu no peito de Cornelia.

Atordado, Dante viu Cornelia ceder contra a lâmina antes de Firmani retirar sua espada do corpo da *Praefect*. Os próximos segundos ocorreram em câmera lenta. Dante avançou para pegar sua amiga, que caía ao chão. O sangue jorrou entre os dedos quando ele pressionou a mão sobre a ferida e chamou Noemi. Seus olhos se encontraram com o de Cornelia quando ela moveu os lábios e tentou falar.

— Não fale. Noemi está aqui. — Ele olhou para o médico que alcançou o lado de Cornelia. O olhar em seu rosto era sombrio, e ele rejeitou a ideia de que nada poderia ser feito.

— É tarde demais. — As palavras sussuradas da *Praefect* vagaram através de sua cabeça.

— Não. Noemi está aqui. — Dante se recusou a aceitar que ela estava morrendo. Morrer por causa dele. Em sua tentativa de salvar Cleópatra ele deixou Cornelia vulnerável, impedindo-a de proteger a si mesma.



— Não o deixe sair. — Os pensamentos de Cornelia o fez virar a cabeça para Firmani e Cleópatra.

O *Celeris* já estava mais do que no meio da porta, arrastando Cleópatra com ele. A fúria, crua e primitiva dinamitou por Dante, e ele estava de pé em um instante. Ele foi em direção à porta, só para bater em uma parede invisível. Ele cambaleou para trás, em seguida, saltou para frente novamente, aplicando sua própria habilidade como uma força de oposição contra a barreira invisível.

A resistência que ele encontrou era menor, mas o esforço para romper custou segundos preciosos enquanto Firmani puxava Cleópatra fora da casa. Quando Dante saiu da instalação *Sicari*, viu Cleópatra sendo arrastada para o banco traseiro de um SUV preto.

Antes que ele pudesse chegar ao veículo, a porta se fechou e o carro guinchou alto enquanto rugia para longe da calçada. Desesperado, ele estendeu seus pensamentos antes que a distância entre eles tornasse impossível chegar até ela.

Vou encontrá-la, caríssima. Eu prometo. Na parte de trás de sua cabeça, ele ouviu o menor sussurro dela dizendo seu nome, e então ela se foi.



Vinte e Três



O sol do fim da tarde aquecia um dos quartos principais no complexo *Absconditus* quando Atia passou pela porta. Sentado em uma cadeira do outro lado do quarto, Placido levantou-se lentamente para cumprimentá-la. Mãos nodosas apertaram as dela quando parou na frente dele, beijou-o em ambos as bochechas. Embora suas características estivessem desgastadas rudemente pela idade, seu sorriso era tão malicioso como foi sempre.

— Você está brilhando justamente como você fez na primeira vez que Marcus me apresentou a você.

— Sempre adulator — disse com um sorriso. Placido mantinha um lugar especial em seu coração porque tentou desesperadamente reunir ela e Marcus depois que Gabriel foi levado. Ele envelhecera drasticamente desde a última vez que o viu, mas seus olhos ainda eram tão brilhantes e afiados quanto os de uma águia. Atrás dela, os sons abafados da voz irritada de Marcus a sobressaltou, e ela se virou para a porta. Mesmo daqui, sua raiva fez o cabelo na parte de trás do pescoço ficar em pé. A última vez que ele estivera irritado assim foi no dia que Gabriel foi levado. Seu coração parou de bater no peito quando Marcus entrou a passos largos na sala de espera, seguido de perto por Lysander.

— Porque em nome de Júpiter não me contaram sobre o ataque no minuto em que saí do avião? — suas palavras eram um trovão baixo e ressoante de raiva, mas Placido parecia despreocupado.

— Havia qualquer coisa que você poderia ter feito entre o aeroporto e aqui?

— Não jogue jogos comigo, velho — Marcus rosnou. — Deveriam ter me contado.

Era a primeira vez que Atia o ouviu perder seu temperamento com um antigo *Senhor Sicari*, e isso a amedrontou. Abaixo de sua raiva, Atia detectou algo mais escuro se agitando dentro de seu marido. Algo terrível aconteceu, e ele estava profundamente preocupado.

— O que aconteceu? — perguntou quietamente. Manteve seus olhos fixos em Placido enquanto liberava um baixo rosnado de raiva.

— Nicostratus declarou guerra contra o *Absconditus* e a Ordem. Os *Pretorianos* conseguiram acesso à instalação principal da cidade e assassinaram todos que estavam dentro esta manhã.

— Todos? — ofegou na descrença.

— Ninguém foi poupado — as palavras de Marcus racharam agudamente como gelo que cede em um lago congelado. — Nem mesmo o *Vigilavi*. E a única maneira possível de que o *bastardo* poderia ter feito o que fez era se tivesse ajuda de dentro.

Ele deslocou o olhar para ela, e ela soube exatamente o que ele estava pensando. Ignacio. Seu coração afundou enquanto se esforçava para aceitar a probabilidade crescente que seu velho amigo era responsável por roubar o documento do *Tyet de Ísis* e pela atrocidade bárbara na instalação de Roma. Ela poderia somente esperar que Cleo não tivesse – seus pulmões se apertaram até que ficou impossível respirar. De repente sentindo-se tonta, Atia balançou em seus pés enquanto o medo deixava sua pele ficar fria.

— *Cleo*. Onde ela está?

— Ela e Dante foram à instalação depois que recebemos a notícia do massacre. — Placido, apesar de sua idade, moveu-se rapidamente para tomar seu braço e guiá-la a uma cadeira próxima.

— Eu quero vê-la. — À sua demanda, um olhar desagradável estabeleceu-se sobre as feições desgastadas de Placido. O idoso *Senhor Sicari* olhou Marcus, e um breve segundo depois, Marcus ficou branco. Certamente Placido comunicara algo a

Marcus com suas habilidades telepáticas, ela começou a ficar em pé, mas uma força poderosa prendeu-a no lugar.

No minuto que Marcus caminhou em direção a ela, ela agitou a cabeça. Não era possível. Sua filha não poderia estar morta. Foi à área *após* massacre. Marcus agachou-se na frente dela e agarrou suas mãos em um aperto forte.

— Firmani a pegou — Marcus disse em uma voz desagradável. Uma arremetida de alívio diminuiu a tensão nos músculos de Atia. Cleo estava viva. Ignacio cuidará dela assim como fez quando ela era uma criança. Seu alívio evaporou quando viu um tormento familiar nos olhos de Marcus.

— *Mea amor*, ele a pegou para Nicostratus.

As palavras não foram registradas por um momento enquanto Atia olhava fixamente as feições duras e angustiadas de seu marido. Não. Marcus estava errado. Não era possível. Ignacio nunca faria algo cruel assim. Ele sabia quanto devastador o rapto de Gabriel foi para ela. Família não fazia coisas como essa, e ele era família, não pelo sangue, mas família apesar disso. Confiara nele. Estimara sua amizade. E Cleo o adorava.

— Você está errado. Ele não feriria Cleo. — Ela mal reconheceu sua própria voz da maneira que vibrou com medo e negação. Marcus tentou falar, mas não pôde claramente. Em vez disso, puxou-a para frente em seus braços e a segurou apertado. Ela tremeu violentamente em seu abraço, mas não chorou. Um entorpecimento rastejou por seus membros até que não podia sentir qualquer coisa. Era o rapto de Gabriel mais uma vez. Sua filha estava nas mãos dos *Pretorianos*, e as probabilidades de salvá-la eram pequenas.

— Eu receio que haja mais notícias más, meu amigo. — As palavras quietas de Placido fizeram Marcus afastar-se dela e olhar para cima, ao idoso *Senhor Sicari*. — Cornelia está morta.

Marcus lentamente levantou, uma expressão chocada no rosto. Embora Atia houvesse encontrado a mulher somente uma vez, soube quanto bem importante ela era no *Absconditus*.

— Morta? Como?

— Eu sou responsável pela sua morte.

A voz de Dante era quieta e desprovida de emoção quando entrou no quarto e caminhou adiante. Ainda esforçando-se com seu medo por Cleo, Atia olhou fixamente em branco no homem que acabara de chegar. Levou um momento para perceber quem ele era. A última vez que vira Dante, ele era muito mais novo. O que a golpeou era sua forte semelhança com seu irmão. Não era tanto suas características físicas, tão notavelmente similares, bem como a maneira que se portava. Sua maneira estóica. Seu olhar voou para Lysander, que estava rígido em pé bem na entrada. Sua expressão não revelou nada, mas um tic ligeiro em sua bochecha cicatrizada indicava que finalmente estava convencido que tinha um irmão.

— Explique — Marcus comandou asperamente.

— Eu dei a Firmani minha palavra que poderia ir livre. Cornelia discordou de mim. Quando ela tentou matar Firmani, eu a impedi, e ele a matou.

— Você disse para aquele *bastardo* que poderia ir *livre*? — Marcus deu um passo em direção a Dante como se fosse golpear seu aprendiz, mas a mão retorcida de Placido o conteve.

— O metido a besta tinha uma espada na garganta de Cleópatra. Dante estava tentando conservar a vida da sua filha — o homem idoso vociferou. — Ela descobriu que Firmani era o traidor, e o *bastardo* a usava para escapar.

Chocado, Atia olhou fixamente para Placido enquanto sua mente se esforçava para lidar com a realidade das palavras do antigo guerreiro. Lentamente seu torpor deu caminho a uma raiva feroz enquanto aceitava a verdade sobre Ignacio. Ele traiu não somente a ordem, mas ela também. Como ela pôde ter sido tão cega?

Marcus endureceu-se no tom punidor de Placido, e seu olhar saltou de seu idoso mentor de volta para Dante. As emoções conflitantes em guerra dentro de Marcus esticaram-se através da distância entre eles como um choque elétrico. Suas emoções duelaram com seus sentimentos da raiva, dor, medo. Nenhum *Sicari* era tão importante assim para ser salvo se ao fazer isso ameaçasse a existência da Ordem



inteira. Dante ignorara esse fato concordando em deixar Ignacio ir livre para salvar a vida de Cleo.

Ela nunca foi tão grata a qualquer um em sua vida inteira. Sua filha ainda estava viva graças a Dante. Uma gavinha de alívio deslizou para dentro de sua cabeça quando os pensamentos de Marcus se misturaram com os dela. Entrelaçado com seu alívio estava o mesmo medo que nunca veriam sua filha outra vez.

— Eu não sei se agradeço ou mando você para um desafio — Marcus vociferou enquanto encarava Dante. A expressão estóica não deixou o rosto de Dante quando se curvou ligeiramente.

— Seja qual for à punição que você escolher, Eminência, não será tão dura quanto o fardo que carrego pela morte de Cornelia e meu fracasso em salvar sua filha.

Havia algo na voz de Dante que fez Atia dar uma olhada mais próxima nele. Sua boca era uma linha fina de tensão que refletia que ele estava escondendo algo deles. O que quer que fosse, a sua capacidade de ocultar suas emoções tornava impossível determinar o que ele poderia estar pensando. Marcus franziu o cenho antes de sua expressão suavizar um pouco.

— Você nunca deu a mim ou a Placido qualquer razão para duvidar de sua tomada de decisão antes, e tenho certeza que você fez o que achava que era a coisa certa a fazer. Eu sei o quão próximo você era de Cornelia. Sua morte é um duro golpe para todos nós.

Dante se encolheu as palavras de Marcus, e Atia observou como sua postura estava rígida. Tinha a aparência de um homem carregado de culpa. Dante não respondeu, mas simplesmente balançou a cabeça em reconhecimento. Marcus estudou o homem mais jovem por mais um instante antes que puxasse uma respiração profunda e exalou.

— Eu quero o complexo em alerta máximo, e duplique as equipes de segurança. Se Nicostratus foi ousado o suficiente para atacar a instalação de Roma, é possível que pudesse considerar lançar um ataque a nós aqui. Dante, eu quero que você...

Marcus abruptamente parou de emitir ordens e franziu o cenho enquanto ele atirava um olhar na direção de Lysander. Dante seguiu o olhar do *Senhor Sicari*, então se adiantou e estendeu o braço para Lysander.

— Eu acho que é hora de nos apresentarmos. Eu sou Dante. Seu irmão. — Foi uma saudação com palavras duras, e Dante fez uma careta de arrependimento aparente para a sua maneira abrupta.

Assustada, Atia olhou para Marcus, que balançou a cabeça em perplexidade. Quando ficou evidente que Marcus não disse nada, ela se virou para Placido. Pelo seu queixo caído, ficou claro que ele estava igualmente surpreso com a revelação de Dante.

— Eu não notei que você sabia — Lysander murmurou enquanto agarrava o braço de Dante na antiga saudação *Sicari*.

— Firmani me disse que eu tinha um irmão. — Sua mandíbula travada com tensão, Dante enviou a Placido e Marcus um olhar duro. — Eu não acreditei nele até poucos minutos atrás. Eu simplesmente gostaria que alguém tivesse me dito antes.

Ambos os *Senhores Sicari* pareciam decididamente desconfortáveis, e Atia levantou-se e atravessou o chão para ficar ao lado de Dante. — Você pode não acreditar em mim, mas não dissemos a nenhum de vocês a verdade, porque estávamos tentando protegê-los — disse ela suavemente. — Sua mãe queria tanto manter vocês a salvo.

— Perdoe-me, Madame Cônsul, mas acho que é difícil acreditar que minha mãe poupava um pensamento para a minha segurança considerando que ela me deixou aqui aos cuidados dos outros e nunca mais voltou. — As palavras de aço de Dante deixaram Atia sem palavras, e quando ela não respondeu, ele ofereceu um aceno. — Se você me der licença, tenho trabalho a fazer.

Assim que Dante caminhou para fora do quarto, Atia olhou impotente por cima do ombro para Marcus. Ele imediatamente avançou para tocar levemente em seu ombro para reassegurar, em seguida, virou-se para Placido. — Ele ouvirá melhor você do que ele irá a mim — Marcus disse calmamente. — Veja se você pode consertar algumas cercas quebradas.

— Eu vou com ele — Lysander disse. — Talvez vá ajudar se ele tiver alguém que pode ter empatia com ele sobre não saber a verdade.

Atia estremeceu a referência não muito sutil de Lysander de sua própria descoberta recente de que ele tinha um irmão. Ela deu um passo em direção a ele, mas um toque invisível de Marcus a impediu de ir atrás de seu novo *Celeris*. Enquanto ela observava Lysander e Placido saírem da sala, o impacto total de tudo o que acabou de acontecer rolou sobre ela. Foi como reviver as primeiras horas depois que Gabriel foi levado. O entorpecimento, a raiva e o medo. O medo era a pior parte. Talvez ainda mais agora, porque ela sabia que seu filho nunca viera para casa, e o pensamento de que Cleo também estava perdida para ela era como uma faca cortando seu coração. Ela puxou uma respiração afiada com a dor tangível em seu peito.

— Fale comigo, *mea amor*. — A voz de Marcus foi um golpe suave em seus sentidos quando ele fechou a distância entre eles. Quando ele envolveu os braços em volta dela, Atia inclinou-se nele e pressionou sua bochecha em seu peito.

— Ela não vai voltar, vai? — ela sussurrou. Marcus não a respondeu por um longo momento.

— Eu não vou mentir para você, Atia. — Sua voz falhou de emoção. — Eu não sei. Mas eu vou fazer tudo ao meu alcance para trazê-la de volta sã e salva.

— Ambos iremos. — Ela levantou a cabeça e olhou em seus olhos azuis escurecidos com a dor. — Eu amo você, Marcus.

— E eu a você, *caríssima*. Com todo meu coração e alma. — Beijou-a delicadamente, em seguida, puxou-a para perto de novo, e Atia se inclinou para ele, tirando consolo no conforto de seus braços.



Vinte e Quatro



A luz da lua encheu o pátio interior do composto do *Absconditus* quando Atia sentou em um banco olhando para o céu. Incapaz de dormir, ela deixou Marcus em sua cama e saiu para o jardim para pensar. Ela estendeu a mão em direção à lua.

Estava tão perto que estava certa de que quase podia tocá-la. Assim como Cleo estava tão perto e ainda inacessível. Atia fechou os olhos contra o medo do que poderia estar acontecendo com sua filha. Será que Ignacio permitiria que Nicostratus a machucasse?

Ele não poderia ter fingido o tempo todo com o cuidado que tinha com Cleo, como se fosse sua própria filha. Ele sempre a adorou. Sua afeição por Cleo precisava ter sido real, não precisava? Ela piscou para conter as lágrimas ao perceber que sua própria cegueira colocou a vida de sua filha em perigo.

Desta vez, porém, ela não ia deixar Nicostratus ganhar. O *Pretoriano* filho da puta tomara o filho dela. Ela não iria deixá-lo ter a sua filha, também. Ela olhou para o telefone celular no banco de pedra ao lado dela, em seguida, pegou, apertou uma das teclas de discagem rápida, e colocar o telefone em seu ouvido.

O primeiro sinal fez a boca ficar seca quando percebeu o que ela estava planejando. Se Marcus soubesse, ele a trancaria para impedi-la de seguir com seu plano. Ela empurrou o pensamento fora de sua cabeça. Ela o amava, mas isso era algo

que precisava fazer para reparar a falha em proteger Gabriel. Ela não podia mudar o passado, mas Cleo era o futuro, e salvar sua filha era tudo que importava.

— Olá, Atia. — A voz de Ignacio era tranquila, com resignação e sentimento de culpa. Ela não pensou sobre o que diria quando ele atendesse, mas o som de sua voz enviou uma onda de raiva por ela.

— Eu quero minha filha de volta.

— Está fora de minhas mãos.

— É? — ela disse em uma voz fria. — Diga a Nicostratus que estou disposta a trocar minha vida por Cleópatra.

— Você está louca? — Ignacio disse asperamente. Sua voz era sombria, com uma emoção que deu esperança a ela que ele se importava o suficiente sobre ela e Cleo para salvar as duas.

— Talvez. Mas eu amo minha filha. Você pode me culpar por querer salvá-la? — ela manteve a voz fria, e uma longa pausa seguiu sua pergunta antes de ouvi-lo pronunciar um juramento macio.

— Não. Deixe-me ver o que posso fazer.

— Como assim?

— *Christus*, Atia. São duas horas da manhã.

— Você está acordado. Consciência culpada, talvez? — desta vez, ela não escondeu sua raiva. — Desperte o *bastardo* e deixe-me saber onde podemos fazer a troca. Eu quero minha filha livre antes do amanhecer, ou eu juro por Juno, vou destruir o *Collegium* em questão de meses.

— Nós dois sabemos que é impossível — Ignacio respondeu com um grunhido de descrença.

— Eu tenho a fórmula — ela disse em voz baixa.

— Você esquece o quão bem eu conheço você, Atia. Você sempre foi boa em blefar.

— Eu sou? — ela respondeu friamente. — Nós mandamos e-mail para Lysander com imagens dos padrões na manhã após digitalizarmos o documento. De forma que o primeiro *Senhor Sicari* reencarnado lembrou-se ainda mais do que esperávamos. Diga a Nicostratus que, se alguma coisa acontecer com minha filha, eu vou fazer a sua morte uma prolongada experiência em agonia.

Sua voz endureceu com cada palavra até que ela terminou. Do silêncio do outro lado do telefone, ela estava certa de que Ignacio tentava determinar se ela estava dizendo a verdade ou mentindo.

— Eu espero uma resposta na próxima meia hora — ela disse friamente, em seguida, encerrou a ligação.

Curvando-se para baixo, ela descansou o cotovelo no joelho, a cabeça aninhada em sua mão enquanto ela orava para Ignacio ter acreditado nela e que pudesse persuadir Nicostratus a aceitar suas mentiras como verdade. Atrás dela, ela ouviu um som suave, e estava de pé em uma fração de segundo para enfrentar a ameaça em potencial. A visão de Lysander fez o seu coração acelerado ir para um ritmo mais normal.

— Doce Vesta, você me assustou até a morte. O que você está fazendo aqui?

— Acabei de falar ao telefone com Phaedra, e eu precisava de um lugar para pensar sobre tudo o que aconteceu. Aqui parecia ser um bom lugar. — O lado com cicatrizes de seu rosto estava escondido dela, ele olhava para a lua com uma expressão estranha. — Cleo encontrou Marta e a salvou.

— Marta está viva? — perplexa, sua boca se abriu em surpresa, quando Lysander olhou para ela com uma expressão confusa e assentiu.

— Ela está aqui no complexo. Eu a vi mais cedo nesta noite. Ela e Dante me disseram como Cleo descobriu onde Marta estava sendo mantida e planejou toda a operação de resgate. — Ele lançou um som suave de espanto. — Pelo que eu posso dizer, Marta vai ficar bem. Ela me contou sobre este *Pretoriano* que a protegeu enquanto ela foi mantida prisioneira.

— Desde quando *Pretorianos* protegem *Sicari*, especialmente as mulheres *Sicari*?
— mordeu fora ferozmente em descrença.

— Aparentemente, o *Pretoriano* disse Marta, que há uma facção crescente no interior do *Collegium* que quer um fim aos combates entre os *Pretorianos* e os *Sicari*.

— Eu não acredito nisso. — Atia descartou a ideia com um sorriso de escárnio.

— Marta está convencida de que este *Pretoriano*, Draco, eu acho que era esse o seu nome, está dizendo a verdade.

Lysander tinha uma expressão de alguém que não sabia o que acreditar, mas Atia não confiava na palavra de qualquer *Pretoriano*. As ações de Ignacio simplesmente cimentaram sua crença de que o único *Pretoriano* bom era um morto.

— Como, em nome de Juno, Cleo conseguiu que Dante concordasse com seus planos? Tenho certeza que ele não contou a Marcus. Se tivesse, Marcus teria me dito.

Lysander ergueu a sobrancelha para ela, e ela exalava um hálito forte que demonstrou sua irritação. — Ótimo. Ele teria me dito após o fato.

— Cleo descobriu que Marta estava sendo mantida no Convento da *Sagrada Mãe* na costa do Mar Tirreno. Ela convenceu Dante a reunir uma equipe para resgatar Marta e outros. — Lysander balançou a cabeça como se ainda tivesse dificuldade em acreditar que havia acontecido. — Dante estava trabalhando em um plano semelhante, porque a filha da mulher que Ignacio matou hoje era uma prisioneira no convento também. Eles praticamente devastaram o local. Eles só perderam um membro da equipe no ataque.

— Pedra de Júpiter. Nicostratus deve ter ficado furioso e ansioso por vingança. Com Ignacio entregando o documento do *Tyet de Ísis*, o *bastardo* atingiu a instalação de Roma, porque ele acredita que é invencível. — Atia mordeu o lábio por um breve momento, enquanto tentava descobrir como ela poderia usar esta informação para sua vantagem.

— Você sabe que eu não vou deixar você ir sozinha, não é?

— Do que você está falando? — ela perguntou com um aceno de cabeça, tentando esconder quanto ele pegou de surpresa.

— Eu ouvi você falando com Ignacio, e se você acha que eu vou deixar você fazer isso sem uma escolta, você está enganada. — A mancha preta no rosto de Lysander intensificou o olhar duro e inflexível de seu único olho. Devido ao fato de que ele ouviu a conversa, ela balançou a cabeça.

— Não há nenhum ponto em você arriscar sua vida — ela disse.

— Eu discordo. É o meu trabalho protegê-la, e eu devo a Cleo por salvar Marta — ele disse calmamente. — E se ele tem o documento do *Tyet de Ísis* como você pensa, então eu diria que ele está em uma posição muito poderosa.

— Mas ele não tem você, que é por que você não pode ir comigo — ela disse em uma voz enfática, quando ela fez um gesto em direção a ele. — Eu realmente acredito que você vai reconhecer um ou mais padrões da mensagem no documento. Não podemos arriscar.

— Você sabe muito bem que eu não vou dizer nada para filho de uma cadela. — Seu olho verde esmeralda era duro sob o luar. A linha esticada de sua boca estendeu suas cicatrizes características em uma máscara viciosa. — Este é um argumento que você não vai ganhar, Atia. Se você se recusar a ouvir, então eu vou acordar Marcus, e vamos ver exatamente o quanto você ganha com este esquema de vocês.

— Não se atreva a me ameaçar, Lysander Condellaire — ela retrucou.

— Não é uma ameaça — ele disse em uma voz calma e implacável. — Eu não estou indo só porque sou o seu *Celeris*. Eu tenho um interesse pessoal nisso, também. Cleo é a coisa mais próxima de uma irmã que eu tenho, e eu também tenho contas a acertar com Nicostratus.

— E se o *bastardo* marcar ponto antes? E sobre Phaedra? Você está disposto a deixá-la sozinha depois de tudo que vocês passaram?

Lysander não disse nada por um momento antes de rejeitar sua pergunta com um aperto firme de sua cabeça. — Phaderra sabia desde aquela noite no *Pantheon* que eu eventualmente teria que acertar as contas com Nicostratus. Ela vai entender.

— Você é um idiota teimoso — Atia disse com um som áspero de desgosto.

— Então Phaedra vive me dizendo — ele disse ironicamente, sua boca enrolada em um leve sorriso.

Atia soltou um juramento suave de frustração e raiva e se afastou dele. Como, em nome de Juno, Phaedra vencia a teimosia do homem? Um suave som soou no bolso da calça, e ela congelou. Ignacio.

A única razão que poderia estar chamado de volta tão rápido era que Nicostratus dissera que não. Seu coração se contraiu de medo antes de começar a correr em uma velocidade assustadora. Lentamente, a mão deslizou em seu bolso e tirou seu celular. Ele continuou a tocar enquanto ela olhou para ele em silêncio. Após o quarto toque, ela bateu levemente na tela para atender a chamada.

— Sim.

— O patriarca aceitou o seu pedido. — O tom formal de Ignacio era um excelente indicador de que Nicostratus estava por perto. A preocupação que ela ouviu anteriormente na voz Ignacio foi substituída por um tom estóico que não revelara qualquer emoção. — Você virá sozinha.

— Eu vou? — ela não poderia evitar a pequena risada de sarcasmo. — Diga a Nicostratus que ele é um idiota se acha que estou indo sozinha. Meu novo *Celeris*, Lysander, vai estar lá apenas para garantir que seu Patriarca mantenha seu lado da barganha.

— Muito bem. — A resposta pomposa de Ignacio tornou óbvio que ele não estava prestes a transmitir cada palavra sua para Nicostratus. — Encontre-nos no topo do Tarpeian Rock em uma hora.

— O quê? Ele não vai me torturar para aprender todos os segredos da Ordem? Não, ele tem você para isso, não é mesmo? — Ela fez uma pausa para deixar que sua acusação sarcástica afundasse dentro dele. — O Tarpeian Rock? Pelo menos o *bastardo* não perdeu seu senso de humor. Eu estarei lá.

Atia fez uma careta quando fechou o telefone para encerrar a chamada. O Tarpeian Rock era onde os criminosos da Roma antiga foram jogados para a morte



como um castigo por seus crimes. Pelo menos ela sabia como Nicostratus planejava executá-la. E ela não tinha dúvida de que estaria morta ao nascer do sol, apesar da determinação de Lysander de não deixar nada acontecer com ela. Sua boca secou, com medo, ela encontrou o olhar de seus *Celeris* serenamente, embora ela estivesse longe de estar acalma por dentro.

— Vamos encontrá-los no Tarpeian Rock em uma hora — ela disse calmamente.

— Por que, em nome de Juno ele iria escolher esse lugar?

— Você disse que ouviu a minha conversa com Ignacio.

— Obviamente, não a coisa toda — ele rosnou. — Que porra é essa que você prometeu?

— Minha vida pela de Cleo.

Lysander a encarou, sem palavras. Ela se afastou dele, com medo de não ser capaz de manter a compostura diante de sua horrorizada expressão. E ela estava definitivamente tendo problemas para manter sua habitual forma imperturbável. Ela não tinha medo de morrer, contanto que ela soubesse que Cleo estava segura e longe das mãos *Pretorianas*. Nada era mais importante. Salvar Cleo era tudo que importava agora.



Vinte e Cinco



As frias palavras de Atia ainda ressoavam nos ouvidos de Ignacio quase uma hora depois enquanto ele sentava ao lado de Cleo no caminho para o Tarpeian Rock. Embora ele não tivesse ninguém para culpar a não ser a si mesmo, o ódio na voz de Atia o cortara profundamente. O que ele esperava? O homem que ela conhecera por quase trinta anos a traiu. Seu olhar deslocou-se para Cleo, sentada esmagada no canto mais distante do banco traseiro. Sua linguagem corporal dizia que queria colocar tanto mais distância entre eles quanto possível.

Ignacio virou a cabeça para olhar pela janela do carro. Como ele explicaria que não tinha a intenção de que nada disso acontecesse? Uma parte dele sempre esperou que nunca tivesse que trair a confiança deles. Ele pensara que ser espião de Nicostratus seria fácil. Ele não contara com amar o inimigo.

Ele mesmo construiu uma vida com Atia e Cleo. Ele amava as duas, e o fato de que usara Cleo como um escudo em seus esforços para escapar de Condellaire era algo que Ignacio nunca se perdoaria. Entrara em pânico. O momento em que Cleo percebeu que ele os traiu, sua expressão de horror e nojo quase arrancou seu coração. Seu olhar piscou de volta na direção dela.

— Eu sinto muito. — Ele não tinha certeza que ela havia ouvido suas desculpas até que ela virou a cabeça em sua direção.

— Vai se ferrar, *Pretoriano*. — Sua resposta o fez gelar.

— Eu não esperava que você entendesse. Eu não quis que nada disso acontecesse.

— Você é um espião e um traidor — ela vociferou em uma voz imparcial. — Agora me faça um favor e cale a porra dessa boca. Eu não me importo que você possa estar se sentindo um pouco culpado. Embora me surpreenderia se você sequer fosse capaz de sentir remorso.

— Você é como uma filha...

— Você *sequer* chegue lá, seu *bastardo*. — Cleo quase gritou o comando, e o *Pretoriano* no banco do passageiro da frente se virou. Ignacio gesticulou para que ele ignorasse o que estava acontecendo no banco traseiro. Inclinando-se para frente, ele fechou a janela de vidro que separava os assentos da frente e de trás.

— Eu entrei em pânico, Cleo. Eu não teria pegado você de refém se estivesse pensando direito. Eu devia ter esquecido o anel, mas não pude.

— Pergunte-me se me importo.

— Eu sei que sim — ele disse com uma quebra na voz. Ele sabia exatamente o que ela estava pensando momento. Ela estava ferida, e ele era o responsável. — Se não se importasse, você não estaria tão brava comigo agora.

— Não se gabe. E você não pode se importar tanto, já que você me entregou para o Nicostratus.

— Não é bem assim.

— Na verdade, eu não dou a mínima. Então por que você não cala a boca e me deixa quieta.

Ignacio virou-se para longe dela, e fechou os olhos. Precisava haver uma saída para isso. De alguma forma ele encontraria um jeito... imediatamente ele fechou seus pensamentos. Ele estava tão acostumado em estar em companhia *Sicari*, que esquecera que precisava proteger sua mente dos outros *Pretorianos*. Nicostratus tinha espiões em toda parte. Ele precisava se lembrar disso.

O carro deu uma parada bruta, jogando ele e Cleópatra para frente. Suas vísceras deram um nó com a tensão e dor. Eles chegaram ao Tarpeian Rock um pouco

mais rápido que esperara. Ele olhou para Cleo, e como se ciente de seu olhar ela virou a cabeça. O ódio em seus olhos o enjoou. Sem uma palavra, ele saiu do carro, e deu a volta para abrir a porta para ela. Assim que saiu do carro, ela se esquivou de seu toque.

— Não me toque, seu merda.

Nicostratus havia acabado de sair do carro, e ouviu o comentário áspero de Cleo. O Patriarca se juntou a eles com um sorrisinho no rosto.

— A vadia está dando trabalho, Firmani?

— Não, Excelência. — Ignacio sacudiu a cabeça.

— Que pena. Poderia ser bem agradável discipliná-la.

— Quem conheceu o Patriarca do *Collegium* está por dentro de suas esquisitices — Cleo zombou. — A próxima coisa que você sabe que alguém vai me contar é o quanto ele ama chupar pinto.

No minuto em que o comentário grosseiro de Cleo rasgou o ar, Nicostratus ficou branco de fúria. Em um lampejo de movimento, o Patriarca fechou a distância entre ele e Cleo e a bateu forte. O golpe não foi tanto uma surpresa quanto a força dele.

Cleo poderia ter jurado que a porra de um martelo havia batido em seu queixo quando sua cabeça lançou-se para o lado pelo golpe que Nicostratus desferiu em seu rosto. Quem sabia que o Patriarca não tinha senso de humor? Se suas mãos não estivessem atadas nos pulsos, ela teria golpeado o *bastardo*. Ao invés disso, ela teve de sossegar e olhar feio para suas costas enquanto ele caminhava para longe do veículo em que ela estava próxima.

O baque suave da porta do carro a fez pular. Era um lembrete vívido do quanto ela foi forçada a entrar e sair de um veículo *Pretoriano*, duas vezes agora em menos de vinte e quatro horas. A primeira vez fora na instalação *Sicari* quando Ignacio a usara como um escudo humano. Depois de jogá-la no carro, ele permaneceu em silêncio o tempo inteiro que ela o destruiu com suas palavras raivosas.

Quando eles chegaram ao complexo do *Collegium*, ele dera uma ordem que ela não conseguiu compreender e então foi embora sem olhar para trás. Por alguma razão,



aquela ação doeu ainda mais do que descobrir que ele era um traidor. Furiosa, ela derrubou seus dois guardas antes que mais três aparecessem e deixassem-na inconsciente.

Ela acordara em um quarto sem janela que assumira que fosse uma cela de novatos. Ela caminhara pelo piso várias horas antes que a lógica a lembrasse que precisava dormir se queria aproveitar alguma oportunidade de escapar. Embora houvesse sido difícil, ela dormira e acordara aos cochilos por várias horas. Não era muito descanso, mas era melhor que nada.

Ao menos ela fora capaz de permanecer em pé quando Ignacio simplesmente ficou parado e permitiu que o Patriarca a golpeasse. Obviamente, Nicostratus não ficara grato pelo lembrete de que tivera seu traseiro chutado no *Pantheon* poucas semanas atrás. O gosto de cobre do sangue corria por sua língua, ela cuspiu no chão.

— *Pretoriano* imbecil — ela murmurou. Nicostratus deu a volta e começou a fechar a distância entre eles, fúria torcendo suas feições em uma máscara horrenda. Para sua surpresa, Ignacio imediatamente deu um passo na frente dela.

— Excelência, ela não é boa para nós se estiver morta.

Olhando sobre o ombro de Ignacio, Cleo viu Nicostratus estudá-la com uma expressão malevolente antes de sorrir. O olhar brutal em seu rosto enviou um calafrio gelado por sua espinha apesar do ódio fervendo dentro dela. O *bastardo* estava tramando alguma coisa, e ela sabia que não gostaria disso. Depois de um momento, Nicostratus assentiu e se virou para se dirigir ao caminho íngreme diante deles. Virando em seus calcanhares, Ignacio olhou com raiva para ela.

— Droga, Cleo. Mantenha a boca fechada. Estou tentando mantê-la viva — ele sussurrou.

— Não me faça nenhum favor, seu traidor do caralho — resmungou ela.

— *Christus*, você é tão teimosa quanto a sua mãe. — Ignacio agarrou seu braço e forçou-a a caminhar ao seu lado enquanto seguiam Nicostratus.

— Não *ouse* mencionar minha mãe. Se alguém confiou em você mais do que eu, foi ela. — Ela cuspiu mais sangue da boca. Doce Vesta, para um homem velho, o Patriarca tinha um inferno de um soco. — Onde estamos indo?

Ignacio grunhiu algo que ela não ouviu, e ela cambaleou no caminho rochoso.

Atrás deles seis *Pretorianos* seguiam. Ela ouviu um dos homens dizer o nome Alessandro, e imediatamente gelo cobriu sua pele. O que quer que Nicostratus planejara, se ele estava trazendo um *Dominus Pretoriano* junto, não seria agradável. Ela olhou em volta tentando ver exatamente onde estava. Apesar do brilho da lua, ainda estava escuro com todas as árvores abrigando o caminho. Enquanto eles marchavam para cima, ela reconheceu algo familiar sobre o lugar, mas ela não conseguiu atribuir o que era.

Cleo cambaleou novamente, e Ignacio a pegou e a colocou de pé. Ela se esquivou dele com um puxão violento, os olhos encontrando os dele. Havia uma mágoa lá que tentava lascar a camada de granito com o qual revestiu seu coração. Sem uma chance no inferno que ela o deixaria enganá-la novamente. Ela tivera muito tempo para pensar a respeito naquele minúsculo quarto no *Collegium*. A traição de Ignacio tornou a mentira de sua mãe sobre Marcus pálida em comparação.

Sua mãe estivera tentando protegê-la. Ignacio simplesmente estivera as usando. Pior, o fodido *bastardo* havia matado uma boa mulher. Quando Cornelia afundou contra a espada de Ignacio, Cleo soubera que ela estava além do toque do curador. Ela vira a vida piscar nos olhos de Cornelia exatamente antes de olhar na direção de Dante. A angústia no rosto dele deixou claro que ele fizera a única coisa que Cleo temia que fizesse. Ele escolhera protegê-la ao invés de pensar na segurança dos outros da sua equipe. Fora um momento terrível para ela.

Uma imagem de Dante preencheu sua cabeça. *Deus*, como ela se apaixonou por um *Senhor Sicart*? Ela não sabia se ria ou chorava com o pensamento. O frio cobrindo sua pele diminuía quando ela se lembrava dos pensamentos dele ligados com os dela quando Ignacio e seus capangas a levaram. Cleo sabia que ele viria procurá-la, mas ela estava certa que seria tarde demais. Seria melhor desse jeito. Ela não queria ver ninguém mais morrer por sua causa.

O caminho que eles continuavam dava caminho a um planalto vagamente coberto por árvores e arbustos. No momento que ela entrou na área ela sabia exatamente onde eles estavam. O *bastardo* iria atirá-la do Tarpeian Rock como um antigo criminoso romano. Seu olhar se moveu rapidamente ao seu redor quando tentava encontrar algum método de escapar.

Não havia nenhum. O que Ignacio disse? Ele estava tentando salvar sua vida? Se isso era o que ele tinha em mente, não era um plano no que dizia respeito a ela. A única maneira de sair era o caminho atrás dela. Com os pulsos atados, ela achava malditamente difícil passar por cinco *Pretorianos* e um *Dominus Pretoriano*.

Então havia o *Pretoriano* próximo a Nicostratus. O Patriarca virou a cabeça e falou com Draco. Por alguma razão, ela achou divertido que um dragão estivesse guardando o Patriarca. Um som ao longe à esquerda a fez virar a cabeça, e apesar de sua tentativa de não reagir, ela arfou. Do outro lado, a uma pequena distância entre eles, ela encontrou o olhar de sua mãe.

O alívio no rosto de Atia era inegavelmente evidente, e quando Cleo viu Lysander emergir da escuridão, seu coração pulou uma batida quando procurou por Dante seguindo-o. Vários segundos se passaram e seu coração se afundou quando percebeu que ele não estava com eles, mas Marcus também não. Não fazia sentido. A tensão no ar estava pesada, e Cleo saltou o olhar para Nicostratus. O *bastardo* parecia que acabara de ganhar na loteria.

— O que você está fazendo aqui, mãe? — Cleo gritou enquanto continuava estudando Nicostratus. O Patriarca sentiu seu olhar e virou a cabeça na sua direção.

— É bem heróico, realmente — disse ele com um sorriso atrativo. — Atia concordara em ser trocada por você.

— *O que?* — ela estalou a cabeça de volta na direção de sua mãe e olhou para Atia com horror. — Você ficou maluca?

— Você pode ser adulta, Cleópatra, mas eu ainda sou sua mãe e a *Prima Cônsul*. Mostre-me o respeito que eu adquiri. — As palavras afiadas fizeram Cleo se encolher quando ela olhava indefesamente sua mãe. O olhar duro no rosto de Atia diminuiu, e Cleo sentiu um carinho suave e invisível em sua bochecha. Pela primeira vez, Cleo

percebeu de onde a rara habilidade telecinética de sua mãe viera. Vinculando-se a Marcus, Atia ganhara uma habilidade que poucas mulheres *Sicari* possuíam. O toque imediatamente fez lágrimas se empoçarem nos olhos, e Cleo piscou forte para evitar que elas caíssem.

— Estou encantado em vê-lo Lysander. — O Patriarca sorriu para o rosto cicatrizado do guerreiro, e Cleo poderia jurar que havia um olhar de prazer real no rosto do Patriarca.

— Eu não posso dizer o mesmo — Lysander respondeu com uma voz gélida.

— Por que não paramos com os jogos, Nicostratus — Atia disse com uma calma de aço que parecia impressionar até mesmo o Patriarca. — Eu vim como o combinado. Deixe minha filha partir com Lysander e eu permanecerei.

— Não. Eu não vou deixar você fazer isso, mãe. — Cleo sacudiu a cabeça enquanto era varrida pelo pânico.

— Está tudo bem, *caríssima*. Eu sei o que estou fazendo.

— Não. Você não sabe. Este fodido bastardo irá matar você.

Cléo deu um passo na direção de sua mãe somente para ter Ignacio contendo-a. Ela enviou um olhar crítico de ódio por sobre o ombro, e ele imediatamente a soltou. Cambaleando para frente, ela alcançou sua mãe em poucos passos enquanto Atia a encontrava no meio do caminho. Envolvida nos abraço quente de sua mãe, Cleo enterrou o rosto no ombro de Atia e lutou com as lágrimas.

— Está tudo bem, *bambina*. Estou aqui agora. Tudo vai ficar bem. — A voz de sua mãe estava tão suave e amável enquanto Atia a segurava apertado. Quando Cleo ergueu a cabeça, uma raiva sombria varreu o rosto de sua mãe enquanto ela gentilmente tocava os machucados de Cleo.

— Quem bateu nela? — Atia dirigiu um olhar duro a Nicostratus.

— Ela teve problemas ao sair do carro. — A resposta do Patriarca fez com que Cleo atirasse a ele um olhar nervoso por sobre o ombro antes de voltar a atenção à Atia.

— Por favor, não faça isso, Mãe — implorou Cleo. — Você é mais valiosa para a Ordem do que eu. Em nem sequer sou *Sicari*.

— Não é *Sicari*? — A expressão pálida de Atia fez Cleo se encolher. — Não seja ridícula. Você sempre foi sensível demais sobre suas habilidades. Seu coração é mais *Sicari* do que você percebe. Somente um *Sicari* teria arriscado tanto para salvar Marta ou aliviado Lysander da culpa que ele carregara desde que Marta foi levada em sua vigília. Eu nunca fiquei tão orgulhosa de você quanto estou agora.

Às palavras de sua mãe, a luta de Cleo para conter as lágrimas enfraqueceu consideravelmente, e uma lágrima deslizou por sua bochecha. Ela engoliu de volta mais lágrimas quando sua mãe gentilmente tirou a lágrima do seu rosto. Amor brilhava nos olhos de Atia quando ela prontamente encontrou o olhar de Cleo.

— Eu não pude salvar seu irmão, *caríssima*, mas eu posso salvar você.

— Eu não quero ser salva — Cleo vociferou enquanto o medo se agarrava a ela.
— Eu quero você saia daqui. Agora.

— Minha decisão está tomada, Cleópatra.

Ela sugou uma respiração afiada. Sua mãe nunca usava seu nome inteiro a menos que estivesse determinada a fazer o que queria. Cleo encontrou o olhar de Lysander por sobre o topo da cabeça de sua mãe. A expressão de seu amigo era sinistra enquanto ele sacudia a cabeça lentamente. Obviamente, Lysander lutara a mesma batalha e perdera assim como ela.

— Estou ficando cansado dessa exposição emocional. Ou sua filha vai embora ou irei executar vocês duas — Nicostratus disse com uma voz impaciente.

Atia o prendeu com um olhar gélido antes de voltar seu olhar para Cleo. O calor nos olhos de sua mãe fez o coração de Cleo se tornar com pesar que já se espalhara por todo o corpo até que doeu. A dor em sua mandíbula não era nada comparada à dor de dizer adeus a sua mãe.

— Eu amo você, Mãe. — Ela sussurrou as palavras, e Atia beijou Cleo nas duas bochechas.

— Nem a metade do quanto eu amo você, *bambina* — Atia sussurrou quando ela deu um passo para o lado e gentilmente empurrou Cleo na direção de Lysander. — Continue agora. Lysander a levará para casa.

Seu olhar fixo em sua mãe, Cleo se moveu na direção de seu amigo, o coração se partindo a cada passo que dava. Quando ela alcançou Lysander, ele a envolveu em um abraço de urso que dificilmente diminuiu a tristeza entorpecendo seu corpo.

— Não desista da esperança ainda, Cleo — seu amigo murmurou em seu ouvido. — Tenha um pouco de fé.

Cleo ergueu a cabeça para ver o olhar de determinação de Lysander. Seu tapa olho negro enfatizava as cicatrizes brancas que cobriam metade do rosto, a pele puxada apertada pela tensão. Havia um reflexo de algo mais em seu olho verde que pegou seu coração. Ela planejava algo, ou estava simplesmente tentando amenizar sua dor? Ela sacudiu a cabeça quando ele puxou uma faca da bota e cortou a corda que atava suas mãos.

— Eu confesso que nunca pensei que teria o prazer de o membro de mais prestígio da Ordem vir diante de mim sem mais que um suspiro de resistência.

Quando as palavras de regozijo de Nicostratus flutuaram pelo ar, Cleo saltou de Lysander e se virou para ver sua mãe em pé em frente ao Patriarca. Havia um olhar feroz e orgulhoso em Atia que encheu o coração de Cleo de admiração pela coragem que sua mãe mostrava em face do triunfo alegre de Nicostratus.

— Vamos acabar logo com isso? — disse Atia friamente. — Estou ficando cansada dos seus jogos.

— Como quiser. — Nicostratus virou a cabeça na direção de Ignacio. — Você fará as honras, Firmani, já que você organizou esta pequena reunião.

Cleo viu um olhar assombrado passar rapidamente pelo rosto de Ignacio à ordem, e ele não se mexeu. O Patriarca franziu o cenho quando ele assentiu com a cabeça na direção de Atia. Por um momento, Cleo pensou que Ignacio recusaria a ordem, mas não o fez. Sua expressão desprovida de emoção, ele caminhou na direção de Atia, e no momento que sua mãe instintivamente encolheu-se para trás, Cleo

começou avançar. Ela não chegou muito longe, quando os dedos de Lysander fincaram em seu ombro.

— Paciência — sussurrou ele.

Ela olhou para ele e congelou pela insinuação de satisfação em seu rosto. Um segundo depois, uma gavinha familiar de emoção serpenteou seu caminho por seus pensamentos, acariciando-a com uma ternura que fez seu coração inchar com o que ela sabia que era uma emoção perigosa.

Eu disse a você que a encontraria, dolce cuore.

Então por que demorou tanto? Ela enterrou fundo sua vulnerabilidade, indisposta a aceitar o que seu coração estava dizendo. Quando Dante não respondeu ao seu sarcasmo, de repente, medo a agarrou e pensou que havia sonhado com sua voz na sua cabeça.

Atrás dela houve um som suave de pedra se esmigalhando quando alguém se aproximava da clareira. Ela virou a cabeça na direção do barulho para ver Marcus e Dante emergir das árvores. Em um piscar de olhos a área explodiu com pragas e o sussurro alto de espadas arrastadas das bainhas de couro.

— Sua vadia *Sicari* enganosa — Nicostratus rugiu de fúria enquanto puxava a espada e a agitou para Atia. Com um grito de horror, Cleo saltou para frente. Antes mesmo que ela alcançasse sua mãe, a espada de Ignacio parou a lâmina de Nicostratus de tocar Atia.

A surpresa no rosto do Patriarca instantaneamente se torceu em uma raiva assassina, e com uma finta rápida, Nicostratus trapaceou Ignacio deixando seu peito vulnerável para a lâmina do outro homem. Em um único empurrão, o Patriarca enfiou a espada. Quando Cleo alcançou Atia, Lysander as passou em um lampejo de velocidade, cego para confrontar Nicostratus.

O repentino estrondo de espadas explodiu na clareira enquanto ela tentava puxar sua mãe para fora do combate. Atia violentamente se livrou do agarre de Cleo e cambaleou para frente para puxar Ignacio para longe da luta.

— Pela Pedra de Júpiter, mãe. Eu preciso que você saia daqui.

— Não ainda — Atia vociferou enquanto se inclinava sobre seu velho amigo.

Emoções conflitantes romperam por ela enquanto observava sua mãe se ajoelhar ao lado de Ignacio e pegava sua mão. Uma parte dela queria matar o homem onde ele estava, mas outra parte dela queria chorar porque ele estava morrendo. Ela rapidamente pegou a espada de Ignacio então deu a volta por sua mãe para ajoelhar-se ao lado do seu mentor, certificando-se que tinha uma visão clara da luta. Ignacio agarrou seu braço com a mão, e ela olhou para ele.

— Perdoe-me — ele disse com um som estridente. O apelo rasgou seu coração, mas ela sacudiu a cabeça.

— Não. O que você fez é imperdoável — ela sussurrou. — Você me fez pensar que nos amava. Eu não posso perdoar isso.

— Eu... amo você sim. — Ignacio tossiu forte por um momento, e uma gota de sangue correu de sua boca quando sua respiração ficou difícil. — Eu amo vocês duas. Mas ele... tirou vocês de mim. Não restou... nada mais para mim.

Seu olhar mudou para o de Atia, e ele levantou a mão para tocar seu rosto. Com uma expressão de pesar, Atia pegou sua mão na dela e gentilmente afagou sua testa suada.

— Você salvou minha vida, velho amigo. Obrigada por isso.

— Faria... de novo — ele murmurou. — Faria...

A voz de Ignacio morreu quando sua cabeça refestelou-se para o lado, e Atia soltou um pequeno grito de dor. Os pensamentos familiares de Dante se misturaram com os de Cleo em um aviso frenético. Ela imediatamente saltou o olhar para cima e viu um dos *Pretorianos* arremeter na sua direção e de sua mãe. Cleo estava de pé em um movimento fluido, a espada que segurava raspando contra a lâmina do *Pretoriano* enquanto ela impedia a arma de cortar Atia em duas.

A estranheza de sua posição a impediu de empurrar o outro lutador para trás, e seu sorriso de regozijo a irritou como o inferno enquanto lutava para manter o equilíbrio. O sorriso do *Pretoriano* sumiu quando o pé de Atia se afundou no meio de suas pernas. Com um grunhido de dor, o lutador agarrou as virilhas, e Cleo torceu sua

espada contra a dele. Sua arma circulou a do *Pretoriano* em um movimento rápido que desarmou o lutador. Sem esperar que ele se recuperasse, Cleo estava atrás dele com a ponta da espada pressionando a parte de trás do seu pescoço.

— Você foi vencido, *Pretoriano*, e eu devo pedir seu perdão. Você o dá? — Cleo cuspiu então esperou pela resposta do homem.

Quando ele murmurou um áspero não, ela mordeu a bochecha por dentro e desceu a espada, matando o *Pretoriano* instantaneamente. Quando o homem se enrugou no chão, Atia gritou um aviso, e Cleo se virou preparada para lutar com outro *Pretoriano*.

— Porra — ela vociferou quando viu dois *Pretorianos* arremetendo para ela.

O primeiro a alcançá-la quase arrancou sua cabeça, mas ela caiu e passou rolando pelo lutador. Quando levantou em um rápido movimento de salto, sua boca se escancarou quando o segundo *Pretoriano* correu sua espada pelo outro lutador. Quando o *Pretoriano* virou na sua direção, ela o reconheceu como o homem chamado Draco. Seu salvador não falou. Ele simplesmente fez uma leve reverência e ofereceu um pequeno sorriso antes de correr para ajudar Marcus e Dante, que lutavam com os três *Pretorianos* restantes e o *Dominus*.

Cleo se virou quando Atia gritou seu nome e viu a mãe apontando para onde Lysander lutava com Nicostratus. Ela deu um rápido passo para frente somente para parar quando viu o Patriarca baixar a guarda e Lysander atingir o homem com um golpe que deixou Nicostratus com um braço inútil.

Sem estar prestes a interferir nos demônios pessoais de Lysander, ela virou na direção da outra batalha devastando a uma curta distância. A visão de Draco desviando uma espada *Pretoriana* com alvo nas costas de seu pai a fez querer abraçar o homem antes que ela questionasse sua sanidade por querer abraçar um *Pretoriano*. Quando ela viu Marcus vacilar levemente, ela sabia que isso era uma surpresa. O *Senhor Sicari* mal deu a Draco um aceno de obrigado antes de se lançar em um novo ataque do oponente *Pretoriano*.

Quando o *Pretoriano* cruzou as espadas com Marcus, o homem empurrou com a mão livre e enviou Draco voando para trás. Ela franziu o cenho. O *Dominus*

Pretoriano. Seu olhar voou na direção de Dante, que lutava sozinho com os três lutadores restante. Ele desviou um ataque feroz enquanto saltava no ar e pousava um chute poderoso na lateral da cabeça de outro lutador. No processo, o terceiro *Pretoriano* cortou a costas de Dante. Ela o ouviu grunhir de dor antes que se virasse para bater em seu atacante.

Medo serpenteou por Cleo, e ela correu para se lançar na briga. Sua espada ressoou alto contra a lâmina do *Pretoriano* que era para o pescoço de Dante enquanto ela evitava que a arma fizesse qualquer dano. Claramente surpreso pelo seu ataque, o lutador virou a cabeça na sua direção.

— Hora de morrer, vadia.

— Não hoje, imbecil. — Sua espada se levantou ao nível do ombro, Cleo sorriu e gesticulou para o *Pretoriano* atacar. Dentro de sua cabeça, ela sentiu o toque dos pensamentos de Dante misturando-se com os dela.

Christus, Cleópatra, você vai sair daqui, merda? Eu posso lidar com estes bastardos. Sua ordem mental era um vívido lembrete da discussão que tiveram sobre ela ir à instalação *Sicari*.

Claro que pode, e se eu não tivesse entrado para ajudar, você estaria sem cabeça agora. Ela não se incomodou em esconder seu desprezo ao comando quando ela dava um contragolpe na espada do *Pretoriano* que se aproximava, então bateu sua mão livre na garganta do homem.

Droga, Cleópatra. Saia daqui agora. É uma ordem.

Seus pensamentos eram fáceis de ignorar, quando ela foi pega de surpresa quando o *Pretoriano* com quem lutava recuperou-se de seu golpe mais rápido do que ela esperava. Cerrando os dentes, ela esmagou a parte de trás da bota no joelho do *Pretoriano* e ouviu um estalo alto.

Só porque dormimos juntos, Dante Condellaire, não lhe dá o direito de me dizer o que fazer. Sua espada foi de encontro contra a do *Pretoriano* que lutava para se levantar. *Agora saia da porra da minha cabeça e me deixe fazer meu trabalho.*



Fechando seus pensamentos para tudo a não ser a tarefa em mãos, Cleo dançou para direita para evitar a espada *Pretoriana* que ia diretamente para o seu peito. Girando nos calcanhares, ela terminou atrás do *Pretoriano* e arrastou a espada pela parte de trás de sua perna. A espada deixou um corte profundo que danificou os músculos da perna do lutador, e ele se estatelou no chão. Com a ponta da espada contra a garganta dele, ela viu o olhar de resignação em seu rosto. Desta vez quando ela pediu seu perdão, seu oponente o garantiu a ela.

Um olhar rápido na direção de seu pai mostrou que Draco estava machucado, mas em pé, enquanto Marcus tinha o *Dominus* na defensiva. À sua direita ao longe, ela viu Lysander travado um combate próximo com Nicostratus. Enquanto assistia, ela viu Nicostratus afundar de joelhos, e um momento depois Lysander executou o Patriarca. O alto grunhido de dor atrás dela a fez virar para trás, para Dante.

Dos três *Pretorianos* que Dante estivera lutando, somente um ainda estava em pé. Seu alívio foi curto quando viu Dante voar para trás vários centímetros sem o *Pretoriano* tocá-lo. Deus, outro *Dominus*. Ela pensara que havia apenas um.

Seu coração se afundou até o buraco do estômago enquanto ela assistia Dante recuperar o equilíbrio e então circular o *Pretoriano* com uma expressão cansada no rosto. Ela podia ver que eles estavam igualmente competindo, mas a ideia de que algo acontecesse a Dante a apavorava como o inferno.

Droga, Cleópatra, não vou dizer de novo. Afaste-se.

Ela não respondeu seu comando mental. Ao invés disso, ela permaneceu enraizada no lugar que estava sentindo-se mais inútil do que já se sentira na vida. Um momento depois, a boca de Cleo ficou seca quando o *Dominus* mandou Dante voando para trás no tronco de uma árvore próxima. Antes que Dante pudesse se recuperar, o *Dominus* saltou para frente e enviou a espada cortando o braço de Dante. Grunhindo de dor, Dante deu um próprio contragolpe, mas sua espada errou o peito do outro homem por meros centímetros. Quando o *Dominus* pulou para sair do alcance da arma de Dante, ele virou a cabeça na direção de Cleópatra.

— Cleópatra, é? — o *Dominus* a olhou com frio divertimento. Um sorriso cruel curvou lentamente os lábios do homem quando ele olhou de volta para Dante. — Parece que você tem uma fraqueza, *Sicari*.

Dante não respondeu o homem. Ele simplesmente atirou a espada no ar, e ela assobiou na direção do *Dominus*. O *Pretoriano* facilmente agiu contra os golpes fortes da arma enquanto Dante controlava a espada com sua habilidade telecinética. O *Dominus* rosnou de raiva enquanto lutava com a arma de Dante, dando a Dante tempo suficiente para se lançar para frente em uma cambalhota apertada para bater o corpo nas pernas do outro lutador.

Pego de surpresa, o *Dominus* cambaleou e caiu de costas. Quando atingiu o chão, a espada do *Pretoriano* colidiu com a de Dante. A força da lâmina do *Dominus* enviou a espada de Dante girando até que bateu no chão, a arma tremendo loucamente. Dante estava de pé em uma fração de segundo, mas em um borrão de movimento, o *Dominus* arqueou as costas e se atirou para trás e em pé.

Cleo engoliu em seco quando viu Dante estender a mão para a espada. A arma mal se mexeu, e pânico serpenteou em seu estômago. *Christus*, ele gastou a maioria de sua energia telecinética. Sem um segundo pensamento, ela se apressou na direção da arma, ignorando o comando de Dante para ficar afastada. Seus sentidos se elevaram, ela sabia que o *Dominus* estava em seus calcanhares.

No momento que sua mão envolveu o cabo morno da espada de Dante, ela a puxou do chão. Totalmente ciente do *Pretoriano* se dirigindo diretamente na sua direção, ela jogou o corpo no ar em uma rolagem horizontal que a pousou em pé e encarando os dois homens.

Facilmente, ela lançou a espada de Dante para ele enquanto se preparava para lutar com o *Pretoriano*. O *Dominus* parou no minuto que ela levantou a espada. Com um riso de escárnio no rosto, ele bufou com uma risada sombria então estendeu a mão em um gesto cortante. O ar saiu com um ruído dos pulmões de Cleo quando uma força invisível esmagou seu peito. Ela estava certa que um elefante sentado em cima dela não poderia ter sido mais doloroso do que quando ela atingiu o chão com força.



Uma alta maldição de Dante a puxou de sua dor, e ela jogou o olhar para vê-lo atacar o *Dominus* com um golpe violento após o outro. Surpreso pela força do ataque de Dante, o *Pretoriano* recuou vários passos. Quando Cleo tropeçou em seus pés e cambaleou para frente, ela viu o *Dominus* encontrar uma abertura na posição defensiva de Dante.

Seu sorriso era malvado, o *Dominus* guiou sua espada para a coxa de Dante. Quando Dante soltou um rugido de dor, o *Dominus* torceu a lamina na ferida, forçando Dante a ficar de joelhos. Com a mão livre, o *Pretoriano* pousou um soco forte no queixo de Dante, e Cleo assistia com horror quando Dante atingia o chão. Adrenalina bombeava por seu corpo enquanto bloqueava a dor e corria para frente.

O *Dominus* arrancou a espada da perna de Dante, e justamente quando ele empurrou para baixo, Cleo se jogou na frente de Dante. Os dois homens ficaram surpresos por sua ação, e quando suas costas pressionaram Dante no chão, ela olhou para cima para o *Pretoriano* quando sua espada perfurou seu ombro.

— Porra — ela gritou pela dor renovada antes da raiva rasgá-la. — Você está *realmente* começando a me irritar, imbecil.

Sua fúria acrescentou força ao chute que ela pousou no meio das pernas do *Dominus*. No minuto que ele se dobrou para frente de dor, Cleo cravou a espada no peito do homem, direto em seu coração. Espanto forçou a boca do *Pretoriano* abrir de surpresa antes que a luz em seus olhos se apagasse. Quando caiu para frente, Cleo usou os dois pés para empurrá-lo para longe dela e retirar a espada ao mesmo tempo.

A dor parecida com adagas em seu peito se renovou a cada respiração que tentava dar. *Christus*, o *bastardo* deve ter mandado uma de suas costelas para o pulmão. Ela rolou de perto de Dante para se curvar no chão e tentar controlar a dor que martelava em seu corpo. Seu ombro estava em chamas, enquanto uma faixa apertada se enrolou em volta de seu peito, tornando difícil respirar.

Uma mão forte gentilmente a rolou de costas, e ela gemeu quando a dor se espalhou por cada centímetro do seu corpo. Angústia, e um pouco de raiva, escureceu as feições de Dante quando se curvou sobre ela.

A raiva em seu olhar era para o *Pretoriano* ou para ela?



Cleo não tinha certeza se queria saber, porque se ele estava bravo com ela, a última coisa que ela podia lidar no momento era uma discussão. Além disso, ela fizera o que qualquer *Sicari* faria. Ela protegera o herdeiro do título do *Senhor Sicari*. Não era só isso. Ela estivera disposta a dar a vida por ele, porque o amava. Com um suspiro, ela fechou os olhos. Deus, ela era um a boba.



Vinte e Seis



Os olhos de Cleópatra tremiam fechados, fazendo um pânico vermelho como ferro em brasa queimar o seu caminho no peito de Dante. Um rápido exame em sua ferida no ombro mostrou que ela não estava em perigo por uma lesão mais séria, mas ele podia encontrar outras feridas abertas pelo corpo dela. Preocupado mais que o inferno ele lembrou como o *Dominus Pretoriano* o enviara voando pelo ar como um saco de farinha. O som de sua respiração ofegante e dura fez seu intestino dar um nó de medo. Ela provavelmente quebrara vários ossos das costelas, e se tivesse perfurado um pulmão, seria esse o motivo para sua dificuldade em respirar. Pior ainda, ela poderia ter o fígado dilacerado.

— Droga, Cleópatra, por que você não me escuta?

— Em vez de gritar comigo, você acha que talvez você poderia dizer obrigado? — ela respondeu asperamente. Seus olhos ainda estavam fechados, mas o alívio varreu a irritação óbvia em sua voz. Ele gentilmente tocou o lado dela, a dor cortou em seu rosto bonito. — Porra, você é um *Pretoriano*. Você está tentando quebrar uma das minhas costelas?

— Pare de reclamar — ele disse. — Eu disse para você ficar longe dele, mas você não escutou, não é?

— De nada — ela disse com uma tosse, e o sarcasmo em sua voz deixou claro que ela não estava feliz que ele não reconheceu seu sacrifício.

— Obrigado — ele rosnou.

Dante não precisava de um lembrete de que ela salvou sua vida. Ela quase se matou ao fazê-lo. E se ela não fosse levada a um curandeiro, ela ainda podia.

Do jeito que ela acabara de responder ao seu toque, não havia uma forte possibilidade de que ela tivesse alguma hemorragia interna.

Uma sombra bloqueou a luz da lua brilhando no rosto de Cleópatra, quando Atia chegou e se ajoelhou ao lado da filha. A *Prima Cônsul* levantou a mão de Cleópatra para seu rosto.

— *Caríssima*, no que você estava pensando? — ela respirou quando olhou para a filha. Com a mão livre, ela escovou as pontas dos dedos em todo o rosto pálido de Cleópatra e encontrou o olhar de Dante. — Eu vi o que o *Dominus* fez com ela.

— Eu vou ficar... bem. — Cleópatra tossiu asperamente quando apertou a mão de sua mãe. — Eu ... Desculpe mãe.

— Silêncio, *bambina*. Eu sou a única que está arrependida. — Atia pressionou a sua boca nas costas da mão da filha. — Eu deveria... ter dito sobre seu pai a um longo tempo atrás.

Outro quadro de tosse arqueou o corpo de Cleópatra, e um olhar de medo brilhou nos olhos cinzentos de Atia quando ela virou seu olhar para Dante. Ele balançou a cabeça.

— Ela vai ficar bem. Eu só preciso fazer com que ela saia daqui. Tenho certeza que ela tem algumas costelas quebradas e, possivelmente ela perfurou um pulmão. — Ele olhou para Cleópatra, que abriu os olhos para olhar para ele. Ela fez uma careta.

— Eu não estou morrendo — ela ofegou. — Agora me ajude por que eu posso caminhar até o carro.

— Você não está andando.

— E eu suponho que você vai me levar com essa perna? — outro espasmo de tosse fez seu rosto torcer de dor. Dante engoliu o nó de medo alojado em sua garganta.

— Apenas cale a boca, e deixe eu me preocupar com minha perna — ele disse violentamente.

Ele ignorou a expressão de espanto de Atia quando se levantou sobre seus pés. A dor na coxa foi torturante, mas ele sabia que podia descer o morro com ela em seus braços. Outra sombra apareceu sobre seu ombro, e ele olhou para cima para ver Marcus, bem como o *Pretoriano* chamado Draco se juntar ao círculo em torno de Cleópatra. Ambos os homens estavam sangrando, mas ainda estavam de pé. Atrás deles estava o corpo do *Dominus*, Alessandro. Ele mal reconheceu o homem quando se inclinou para levantar Cleópatra.

Lysander apareceu de repente ao lado de Atia e gentilmente empurrou a *Prima Cônsul* para o lado.

— Aqui, deixe-me levá-la. — Um único olho verde reconheceu o seu olhar, e Dante olhou para ele.

— Eu vou fazer isso — Dante olhou. Seu meio-irmão arqueou as sobrancelhas ligeiramente, enquanto olhava para ele por um longo e demorado tempo e, em seguida, assentiu.

— Ok, mas pelo menos me deixe ajudá-lo a levantá-la — Lysander disse calmamente.

Foi uma oferta que Dante estava mais do que disposto a aceitar, até por que se ele levantasse Cleópatra ele poderia machucar mais a sua perna. Com um abrupto aceno, ele se endireitou e viu quando seu irmão ergueu cuidadosamente Cleópatra do chão.

Ela gritou de dor, e Dante rapidamente se adiantou suavemente para tomá-la de Lysander. Quando ele se virou para transportar Cleópatra para o carro, Dante viu o olhar astuto de Marcus. Foi fácil ler a curiosidade nos olhos de seu mentor, e ele não perdeu a olhada rápida do *Senhor Sicari* para sua esposa. Dante lançou um pequeno juramento debaixo de sua respiração e começou a descer a colina, mantendo seu passo tão firme quanto possível. Cleópatra gemeu baixinho, e quando ele a olhou, ela estava olhando para ele. A conexão entre eles era mais forte do que nunca, e seus pensamentos estava entrelaçados com a dela.

Estou machucando você?

Não mais do que qualquer outra pessoa faria.

Eu poderia estar andando, e eu não entendo por que você não me deixa.

Christus, você é uma mulher cabeça-dura.

E você estaria morto se não fosse... A intensidade de seu incômodo o varreu como um incêndio, enquanto ela fechou os olhos novamente.

Você está certa. Obrigado.

Ele manteve sua resposta mental gentil e quando ele olhou para dela. A expressão de Cleópatra estava amolecida com satisfação.

Ele não tinha dúvida de que se ela não tivesse se atirado entre ele e o *Dominus*, a espada *Pretoriana* o teria cortado ao meio.

E você pensou que eu não estava à altura da tarefa.

Amargura tingiu levemente seu pensamento, e ele olhou para ela com seu rosto pálido.

Eu não quis dizer isso assim.

Devo citá-lo?

Ela tossiu e seu chiado aumentou, mas sua dor emocional estava amarrada a ele como um chicote. Ele apertou sua mandíbula, sabendo que ele era o responsável por sua angústia mental. Um pequeno relevo no chão o fez desestabilizar, e Cleópatra deu um grito agudo. Remorso passou por meio dele, e ele parou por um momento.

Tudo o que eu queria era mantê-la segura, coração. Eu amo você.

No instante em que ele dividia seus sentimentos, ela fechou a cara para ele. Frustrado, ele lançou um som áspero da raiva, e um silêncio tenso caiu entre eles quando ele levou-a para o carro. Não demorou muito para Lysander alcançá-lo, e ele ajudou Cleópatra a se instalar na parte traseira do SUV.

Quando seu irmão se ofereceu para dirigir, Dante acenou com a cabeça e deslizou no veículo ao lado de Cleópatra. Quando Lysander cuidadosamente mudou a marcha, Dante viu Marcus e Atia correndo para o outro veículo.

— Alguém precisa chamar alguns varredores para limpar essa bagunça — Dante disse calmamente.

— Marcus já tomou conta disso.

— Bom. — Seu olhar caiu para rosto adorável Cleópatra, e ele tirou um fio de cabelo de sua bochecha.

— Cleo é como uma irmã para mim.

A declaração tranquila de Lysander fez Dante olhar para o espelho retrovisor. Ele olhou para seu irmão, com um olhar verde de aço. Lysander foi claro colocando-o de sobre aviso para não ferir Cleópatra. A súbita crise de riso de Cleópatra seguida por uma série de tosse e chiado o assustou.

Diga ao bacciagalupe que eu não preciso dele me protegendo.

— Ela disse que não precisa de você ou de mim para protegê-la. — Seu olhar encontrou o de Lysander no espelho novamente, e seu irmão olhou para ele.

— Eu não a ouvi dizer qualquer coisa.

Havia uma pergunta não formulada na observação de Lysander que Dante não quis responder. Em vez disso, ele só deu de ombros e voltou seu olhar para Cleópatra. Seus olhos estavam abertos, e ela o olhava com uma emoção que tirou seu fôlego antes de desaparecer. Dante estendeu a mão para tocar seu rosto, mas com uma careta de dor, ela virou a cabeça para longe dele. Para o mais breve dos momentos, ele pensou ter escutado algo sussurrando em sua cabeça, mas era um pensamento muito fraco, mas ele sabia que ela havia dito.

* * *



Passara mais de 48 horas desde a batalha no Tarpeian Rock, e Dante estava determinado a resolver as coisas com Cleópatra. Ele estava indo fazer a mulher admitir que eles pertenciam um ao outro. Dante silenciosamente entrou no apartamento de Cleópatra sem bater. Ela já sabia que ele estava aqui.

Quanto mais perto ele chegava de sua suíte, mais forte os seus sentidos reagiam a sua proximidade. Sua resposta foi igualmente forte, mas quando ele chegou a sua porta ela ergueu um escudo mental entre eles.

Ele esperou por ela em silêncio. Segundos depois, Cleópatra saiu do quarto. Como sempre, ele tomou um fôlego a distância. Seu cabelo escuro era uma nuvem preta de seda que caiu sobre seus ombros. Ela era a mulher mais linda que ele já viu.

Hoje ela estava vestida com calça jeans e uma camisa de manga comprida. Ela arregaçou as mangas para expor seus antebraços, e embora ela parecesse completamente relaxada, ele sabia que ela não estava. Um pássaro vibrando em sua gaiola com a visão de um gato não era nem a metade tão frenético como Cleópatra estava, no momento. Essa era a única coisa que ele podia sentir com a barreira mental que ela ergueu entre eles.

— Como está se sentindo?

— Estou bem — ela disse em um tom cauteloso. — Um pouco dolorida ao redor das costelas. Noemi estava fraca, e eu a fiz parar o *Curavi* quando eu soube que era capaz de terminar a cura por minha conta.

— Bom — ele disse, e logo em seguida balançou a cabeça. — Quero dizer. Estou feliz que você esteja melhor. Você tomou alguns golpes duros na outra manhã.

— Já levei piores. — Ela deu os ombros.

Se ele não tivesse conhecido ela bem o suficiente, ele teria perdido o olhar assombrado que passou pelo seu rosto. Assim como rapidamente apareceu, desapareceu no mesmo minuto. No seu lugar tinha um profundo pesar.

— Eu sinto muito por Cornelia.

A referência inesperada a sua amiga fez com que ele começasse, a sacudir sua cabeça para reconhecer sua simpatia.

— Obrigado.

A morte de Cornelia era algo que ele manteve enterrado no fundo de sua mente por dias agora. Agora que o *Rogalis* de sua amiga foi realizado a noite depois que ele trouxe Cleópatra para casa. Como *Tribune*, ele exerceu as funções de Orador, mas sua culpa fez a tarefa quase insuportável.

— Não foi culpa sua. — A declaração de Cleópatra o fez endurecer.

— Você está errada.

Era definitivamente sua culpa. Em seus esforços para manter Cleópatra segura, ele interferiu com o ataque de Cornelia. A morte de sua amiga ilustrava por que ele nunca deveria ter tomado Cleópatra aquele dia. Ele perdeu um amigo, e quase perdeu a mulher que amava.

— Eu não estou errada — ela respondeu bruscamente. — Cornelia fez sua própria escolha. Ela não obedeceu a suas ordens, e teve sua morte.

— Não foi isso.

Ela estreitou os olhos para ele. — Você deu um comando, e Cornelia escolheu ignorá-lo. Você poderia apenas me culpar pela morte dela.

Chocado com a sua declaração, ele balançou a cabeça. — Como em nome de Júpiter, eu poderia culpá-la pela morte de Cornelia?

— Você disse que minha falta de habilidades poderia ter me matado. A mim não, mas Cornelia está morta porque eu não tive a capacidade de impedir Ignacio de me tornar refém. Então isso me faz à responsável?

— Doce mãe de Juno — ele respondeu asperamente. — Eu disse por causa de toda uma equipe de uma instalação *Sicari* acabara de ser exterminada. Lutadores com habilidades foram mortos. Você poderia ter as habilidades de um maldito *Senhor Sicari* que eu ainda teria ordenado que você ficasse para trás. Colocar você em uma situação



como essa me dá medo como o inferno. O pensamento de perder você me assustou muito mais.

Cleópatra não disse nada, mas seu escudo escorregou ligeiramente com suas palavras. Por um instante fugaz ele pegou um vislumbre de seus sentimentos em conflito. Ela se recuperou rapidamente e o estudou com um olhar inescrutável.

Ele deu um passo em direção a ela, e ela imediatamente recuou. O medo dela o destruiu. O abismo entre eles parecia aumentar a cada segundo, e ele não sabia como chegar até ela.

— Maldição, diga alguma coisa — ele exigiu.

— A morte de Cornelia não é mais culpa sua do que é minha. Não foi a minha falta de habilidade que fez Ignacio trair a Ordem ou matar Cornelia. Ambos escolheram seus caminhos. — Ela passou uma mão pelo cabelo para tirar as tranças negras do rosto. — Foram eles o tempo todo, e não havia qualquer coisa que você ou eu poderíamos ter feito para salvá-la.

Dante fechou os olhos por um momento, enquanto tentava aceitar sua razão. Seria possível que ele estivesse tomando muita responsabilidade pelo o que havia acontecido?

A memória da espada de Firmani contra o pescoço de Cleópatra criou um nó em sua garganta. Até aquele momento, ele nunca hesitou antes, em batalha. Nenhuma vez. Mas em um breve instante repensando a sua decisão, a sua resposta para a situação teria sido a mesma, não importa quem Firmani tenha feito refém. Ele nunca teria sacrificado um de sua equipe. Mas sendo Cleópatra a que estava em perigo isso destruiu sua calma normal, mas ele teria feito o mesmo julgamento se tivesse sido qualquer outro, e Cornelia ainda estaria morta. A culpa que ele carregava com ele há dias se tornou mais suportável. Seu olhar focou novamente em Cleópatra, mas ela rapidamente desviou o olhar.

— É verdade o que Ignacio disse? — apesar da curiosidade em sua voz, ele reconheceu que a sua pergunta era um desvio de tática. — Lysander é realmente o seu irmão?

— Meio-irmão — ele disse com um aceno. Ainda dava uma estranha sensação saber que ele tinha família, e ele podia dizer que Lysander se sentia da mesma forma.

— Ontem passamos algum tempo juntos, conversando.

— Lysander foi o irmão que eu nunca tive. Ele cuidava de mim.

— Ele ainda o faz. — A mandíbula de Dante se contraiu ao se lembrar do olhar de Lysander sobre ele e Cleópatra.

— *Christus*, ele tentou te intimidar, não foi?

— Ele tentou. — Ele permitiu que sua boca se torcesse em um ligeiro sorriso. Lysander não havia ficado feliz quando Dante se recusou a responder a quaisquer perguntas sobre Cleópatra. Seu meio-irmão finalmente deixou o assunto ir, mas não sem outro aviso.

— Eu posso apenas imaginar como isso foi — ela murmurou.

— Lysander pode ser bastante intimidante quando ele quer.

— Eu consegui me segurar — ela disse em tom irônico. Ele olhou, como se percebendo que a sua resposta não foi muito gentil. — Desculpe.

Ela mordeu o lábio, e ele sabia que seu desconforto não foi só porque ela inadvertidamente feriu seu ego.

A rígida tensão, parecia que ia desmontar a casa em um segundo, ele pensou em uma desculpa, mas se ele não resolvesse a tensão logo, depois seria mais difícil do que nunca encontrar um caminho para resolver as coisas entre eles.

— Nós ainda temos negócios inacabados. — Dante estreitou os olhos para ela, e então olhou incisivamente para baixo, para o tapete, antes de levantar o seu olhar de volta para o rosto de Cleópatra. Ela deu um suspiro e o olhou.

— Nós temos? — ela disse num tom descuidado que foi uma pobre tentativa de esconder quão nervosa estava.

— Sim. O temos. — Ele inclinou a cabeça para o lado para estudá-la. Mesmo que ela se trancasse para ele, não era possível para ela manter todas as suas emoções

escondidas através do escudo que colocara. A ansiedade que vinha dela era quase palpável pela forma que encheu o espaço entre eles.

— Eu quero saber para onde vamos a partir daqui.

— Nós não estamos indo a lugar algum — ela disse de uma forma concisa.

— Então você está disposta a esquecer tudo o que aconteceu.

Ele observou como seu olhar violeta era turbulento e emotivo.

— A única coisa que aconteceu foi um grande sexo — ela soltou a tensão em sua voz como se aquilo estivesse sufocando-a.

Alívio e satisfação o varreram com as palavras *grande sexo*. Pelo menos ele não envergonhou completamente a si mesmo quando se tratava de sua iniciação nos prazeres do amor. Mais importante, ela admitiu que o que eles compartilharam a abalara profundamente. Pela primeira vez desde que eles se conheceram, ela se mostrava pouco confiante.

— Na verdade, eu pensei, já que foi incrível, devemos fazê-lo novamente. — Ele mordeu os lábios dando um sorriso, e a boca dela se abriu em choque. Mas ela se recuperou rapidamente com uma agitação veemente de sua cabeça.

— Não. Não vai acontecer. — Curta, direta e ao ponto, como sempre.

— Então, eu não fui nada mais que um desafio para você? — seu coração se apertou com a possibilidade de, de repente, estar errado sobre ela.

— Não — ela exclamou, antes de algo nublar seu rosto.

— No início você era, mas quando o senhor explicou... Não foi assim, e você sabe disso.

Seu medo diminuiu quando ele sentiu a batalha sendo travada dentro dela. A vulnerabilidade que ela esforçava esconder o fez amá-la ainda mais.

— Então me diga como foi. — Ele estendeu a mão e com os seus pensamentos traçou uma trilha invisível ao longo do interior de seu braço nu. Cleópatra engasgou, e desta vez ele se permitiu um pequeno sorriso de triunfo.

— Pare com isso — ela exclamou.

— Parar o quê?

Ele se concentrou no pequeno recuo na parte inferior de sua garganta, imaginando sua boca mordiscando-a lá. A respiração afiada que ela soltou sinalizou que ela estava longe de ser imune a ele.

— Pare de me tocar — ela retrucou.

— Eu não estou tocando em você.

Um pequeno sorriso levantou um canto de sua boca para cima. Seu toque invisível correu ligeiramente por seu peito indo para o mamilo. Seu corpo respondeu a carícia invisível apesar de seus esforços para não mostrar qualquer reação.

— Eu estou avisando, Dante Condellaire — ela sussurrou, lutando contra a maré crescente do desejo fazendo o seu caminho através de seu corpo.

— Você está lutando uma batalha perdida, Cleópatra. — Calor a envolveu com o seu toque invisível passando em toda a sua pele e abrindo o botão de cima da blusa. — Eu quero você, e eu sei que você me quer, também.

A velocidade com que ele se moveu a assustou. Um momento ele estava olhando para ela como um tigre contemplando a sua próxima refeição, e no outro ela estava envolta em seus braços. O calor dele pressionou o seu caminho através de suas roupas e em todos os poros de seu corpo. Um tremor a arruinou quando ela viu a determinação de seus olhos azuis escuros pouco antes de ele abaixar a cabeça e capturar sua boca com a dele. Foi um beijo duro, cheio de paixão e fome. Ela reconheceu o desejo em si mesma. *Christus*, ela devia estar tentando lutar com todas as suas armas. Se ela permitisse que isto continuasse, a situação iria explodir em seu rosto. Mas seu corpo traidor se recusou a ouvir o que seu cérebro estava dizendo, e ela se derreteu para ele.

O calor dentro dela tornou-se um incêndio que passava por seu sangue até que ele empurrou o seu caminho em cada fibra de seu ser. Razão a abandonou. Sendo substituída por uma necessidade tão forte que ela estava cega para qualquer coisa,



exceto para fome de seu toque. Com os braços em torno de seu pescoço, ela mordeu suavemente em seu lábio inferior até que ele deu acesso à sua boca.

Sua língua dançava e girava em torno dele, intensificando a necessidade de que tinha uma piscina de calor líquido entre suas coxas. Mãos fortes seguraram seus quadris e a puxou para frente até que o seu pênis foi aninhado contra ela. Um gemido baixo rolou para fora da boca dele, quando ela mexeu o corpo sobre sua ereção em um convite silencioso.

Ele respondeu colocando as mãos em sua bunda e a erguendo para cima. Ela imediatamente colocou os pés em torno de sua cintura, enquanto ele a carregava para seu quarto. Apanhados em uma paixão febril, ela estava faminta e atada ao lado de seu pescoço com beijos e pequenas mordidas em sua pele com os dentes, enquanto seu, aroma quente e picante inundava suas narinas.

Ela inalou o cheiro delicioso dele, a respiração dele até, que sua respiração fosse uma parte dela. O colchão pressionou em suas coxas quando ele a jogou na cama em seguida, deu um passo atrás para puxar a sua camiseta azul marinho por cima de sua cabeça. Duro e muscular, seu coração quase parou de bater por uma fração de segundo antes que ele voltasse ao seu ritmo normal. Ele estava ainda mais bonito do que ela se lembrava. Ela abaixou as mãos para tirar os seus jeans, mas ele pegou suas mãos e as levou à boca. O toque queimou a ponta dos dedos.

— Ainda não, *caríssima*. — Suas mãos invisíveis rapidamente abriram o botão da camisa e o empurrou para o lado para revelar o laço vermelho escuro de seu sutiã. Pura luxúria brilhou em seus profundos olhos azuis quando ele olhou para ela. Deus, se ele continuasse a olhar para ela assim, ela ia ter um orgasmo antes mesmo dele empurrar para dentro dela. Algo primitivo e escuro brilhou em seu rosto, e ela estava certa de que ele havia lido seus pensamentos.

Com um som gutural e incoerente, ele a empurrou para trás e para cima da cama acabando de tirar seus jeans. Suas ações refletiram em um suspiro de surpresa, mas foi à fome apaixonada que refletiu sobre seu rosto que fez seu coração bater descontroladamente em seu peito.



Uma mão invisível enrolou em torno de seu tornozelo depois lentamente deslizou ascendente ao longo de sua perna. Tentador e requintado em seu ritmo sem pressa, sua carícia invisível causou um grito suave quando ele deslizou a boca sobre a seda de sua calcinha. Ela nunca quis a boca de um homem em sua forma tão crua antes. Seus quadris se arquearam para cima, e ele empurrou a calcinha para baixo até chegar a seus tornozelos.

A imagem dele a beijando intimamente encheu sua cabeça, e um grunhido suave escapou enquanto suas mãos passavam através de sua barriga.

É isso que você quer, meu coração? Minha boca em você?

A pergunta silenciosa foi um prazer que a despertou ainda mais do que se ele tivesse pronunciado as palavras.

Sim amor.

Então me mostre o que fazer, caríssima. Mostre-me como agradá-la.

Com os olhos fechados ela visualizou sua boca em seu sexo, sua língua acariciando e girando em torno da carne pulsante entre suas dobras escorregadias. Poucos segundos depois, sua boca estava fazendo exatamente o que ela imaginou. Prazer tomou conta do seu corpo com seus beijos íntimos a fazendo se contorcer na cama.

Com cada movimento de sua língua, ele a levou para um pico arrebatador após o outro até que a intensidade foi tão forte que a empurrou para um lugar que ela nunca esteve antes. A força de seu orgasmo foi um entorpecimento mental, e ela arqueou para cima com um grito agudo. Se equilibrando na borda de uma nuvem, ela caiu para baixo até que estava sobre a cama, com sua respiração irregular.

Dante esfregou a língua contra suas coxas, e ela gemeu quando o calor de sua boca queimou o seu caminho através de seu estômago até seus seios. Sua boca segurando um mamilo coberto de renda, e ela gemeu com uma fome renovada. *Christus*, ela não se cansava dele. Seu cabelo cheirava a sabonete, e ela passou seus dedos através dos fios escuros. Mãos invisíveis a levantaram ligeiramente e desabotoou o sutiã.



Um instante depois, seus dentes estavam levemente abrasivos sobre seu mamilo, enquanto ele descartou o último pedaço de sua roupa. No instante em que seu pau rígido pressionou em seu estômago, uma onda de desejo correu por meio de seus membros. Ansiosa para tocá-lo, ela enfiou a mão entre seus corpos em direção ao seu comprimento rígido.

Ele se contorceu ao seu toque, e um momento depois, sua boca devorava a dela com uma fome que combinava com a dela própria. A fazendo provar o gosto da sua própria essência que estava em seus lábios, enquanto sua língua se enroscou com o dela, e o ar instantaneamente desapareceu de seus pulmões quando ele preencheu o seu corpo com um golpe completamente duro.

Seu corpo se fechou em torno dele, regozijando-se no prazer que a união deu a ela. A necessidade teceu uma teia de seda sobre seu corpo, segurando-a refém quando ele ergueu a cabeça. Seus sentidos revelavam a paixão que deixava os seus olhos escuros e tempestuosos. Nenhum homem jamais olhou para ela assim antes.

Você está no meu sangue, mea amor. O pensamento escovou contra a sua mente com a suavidade de uma pena. *Você pertence a mim e mais ninguém.*

Ela não teve tempo de absorver a implicação de suas palavras não ditas enquanto ele retirou um pouco seu pênis então empurrou de volta para ela. A ação puxou um baixo gemido dele, e ela levantou seus quadris para recebê-lo uma e outra vez quando ele aumentou a velocidade de suas investidas. A força e o poder dele engolfaram-na, enquanto cada uma de suas investidas a puxou em direção a um êxtase que ela só sentia com ele. Seu corpo estremeceu contra o seu movimento selvagem quando ele mexeu e dançou seu caminho através de sua pele. Ele a puxou com um forte aperto até o seu corpo fechar duramente em torno dele, e ela se agarrou a ele quando seu orgasmo fez seu caminho em direção a ele. Segundos depois, um grito escuro rolou para fora de sua garganta, e ele empurrou para dentro dela uma última vez antes de seu corpo inteiro se sacudir contra o dela em um clímax.

Ele caiu para frente, o rosto enterrado em seu pescoço, e ela se deleitou com o calor de seu corpo forte pressionado em cima dela e o mundo girava lentamente em um impasse.



O calor sufocante se estabeleceu em seus membros e ela fez um murmúrio, protestando quando ele rolou para longe dela. A mão quente agarrou a dela, e ela fechou os olhos para saborear o prazer prolongado pelas carícias em seu corpo. Deus, o homem era um aprendiz rápido. Se possível, foi ainda melhor do que a primeira vez.

— Eu tenho a sua imaginação perversa como inspiração — ele murmurou, enquanto lia seus pensamentos.

— Você não tem ideia — ela disse com uma risada quando visualizou uma posição erótica que eles ainda iriam tentar. Um escuro grunhido retumbou em seu peito, e seu corpo formigava com um som possessivo.

— Nós vamos ter que fazer algo sobre esses pensamentos impertinentes. — Dante virou de lado e sorriu para ela.

Havia uma expressão relaxada e quase infantil sobre ele que a fez esticar a mão para tocar ao lado de sua face. Dante imediatamente virou a cabeça para pressionar um beijo carinhoso na palma da sua mão. Foi uma carícia simples, mas assustadora. Dante não precisava dela em sua vida. Ela só iria complicar as coisas para ele. Ela viu o que aconteceu quando Ignacio segurava uma faca em seu pescoço. Dante hesitou, e isso custou à vida de sua amiga. Ela o amava demais para colocá-lo através dessa espécie de inferno novamente.

Silenciosamente, os seus pensamentos passavam suaves através dela como um pedaço de seda. Houve uma profunda intimidade quando ele leu cada pensamento dela. Desejo, e pânico fluíam dentro dela quando ela percebeu quão vulnerável estava. Se ela não tivesse cuidado, ele saberia a verdade.

— Não se esconda de mim, Cleópatra. — Havia uma escura intensidade em suas palavras que fizeram sua garganta fechar com medo. Seu sorriso irônico foi um de diversão que nasceu a partir de anos de prática. Ela encontrou seu olhar sombrio.

— Eu não chamaria isso de me esconder de você. — Cleo fez um gesto para seu corpo nu, e ela viu o flash do desejo em seus olhos, antes que ele estreitasse o olhar para ela.

— Você sabe muito bem o que eu quis dizer.

— Não, eu não — ela mentiu.

— Então me deixe soletrar para você — ele disse ferozmente. — Eu não vou deixar você fugir de mim.

— Deus, eu não estou fugindo. — Ela saiu da cama para caçar suas roupas.

— Você poderia estar me enganando, porque eu acho que você está fazendo um maldito bom trabalho para esconder a verdade.

— E o que é verdade nisso? — ela retrucou e afastou para levantar sua calcinha.

— Que eu te amo. Que pertencemos um ao outro.

Ela congelou. Foda-se, o homem simplesmente não ia desistir.

Lentamente, ela virou a cabeça para olhar para ele sobre seu ombro.

— Pelo que me lembro, já tivemos essa conversa.

— Não. Você estava tentando fazer disso um caso e não uma história de amor.

— E eu pensei que eu fiz isso muito bem — ela disse, enquanto mergulhou os braços nas mangas de sua camisa.

— Você fez? Que eu me lembre, o seu raciocínio era que eu não poderia amá-la porque você não pode ter filhos e você não é uma *Sicari* de verdade — ele disse calmamente.

— Essas são razões muito boas se você me perguntar. — Seus dedos tremiam quando ela empurrou um botão errado na lapela.

— Não, elas não são, mas por que se preocupar em apontá-las quando tudo o que você tem que fazer é dizer que você não me ama?

Pânico passou através dela, e ela se virou para olhar para ele. Algo em sua expressão fez sua garganta começar a se fechar. Ela engoliu em seco quando uma determinação sinistra endureceu suas feições.

— Depois, tem a façanha que você fez na outra manhã.

O tom de desaprovação de sua voz a fez fazer cara feia para ele.

— Façanha — ela retrucou. — Eu estava fazendo meu trabalho.

— Seu trabalho não chama sair para se sacrificar e me salvar. — Seus olhos azul meia-noite estavam trancados com os dela, e ela podia sentir a cor deixando seu rosto quando ela viu a certeza em seu olhar. Ela rapidamente tentou reagrupar.

— Eu salvei você porque você é o *Senhor Sicari*. O *Absconditus* não pode ficar sem um líder — ela mentiu e tentou se afastar dele.

Antes que ela pudesse chegar muito longe, ele estendeu a mão e a puxou para trás até que ele estava segurando-a apertada em seus braços. Determinação fez a sua boca ficar firme e em linha reta. Ele disse que pretendia fazer tudo o que pudesse para fazê-la admitir a verdade. Um lado de seu rosto estava pressionado em seu peito musculoso, ela tentou não deixar cair sua barreira mental, mas seu corpo estava reagindo a ele, ela deveria ter ido para Chicago na manhã seguinte à batalha no Tarpeian Rock. Não. Ela deveria ter encontrado uma forma diferente para resgatar Marta. Ela deveria ter deixado esse lugar há muito tempo. Antes que ela caísse apaixonada por ele. Antes que ele desse a chance dela quebrar seu coração ou destruir sua capacidade de liderar o *Absconditus*.

— Seu raciocínio não se sustenta. Eu não sou o *Senhor Sicari*. Eu sou o *Tribune* — ele murmurou. Seu penetrante olhar segurou o dela, e seu coração parou com o conhecimento das chamas em seus olhos. — Você estava disposta a se sacrificar para me salvar. Diga-me o porquê.

Cleo virou a cabeça dele. Se ela confessasse, ele não iria deixá-la ir. Mas será que ela realmente queria sair?

Dedos fortes pegaram o queixo e a forçaram olhar para ele novamente. Sua cabeça desceu até a sua boca, escovando através dela.

— Eu quero a verdade, Cleópatra. — Seus lábios deixando seu rosto em chamas. — Diga-me por que você estava disposta a se sacrificar para me salvar.

Um tremor percorreu o corpo dela pelo jeito carinhoso que ele estava beijando seu rosto. Primeiro a bochecha, em seguida, sua testa, então a outra face. *Christus*, o

homem não fazia ideia de quão indefesa seus beijos a fazia se sentir. Ou talvez ele soubesse. Ele ergueu a cabeça.

— Diga-me, Cleópatra. — Foi um comando tranquilo, mas um comando, no entanto. — Diga-me por que você estava disposta a arriscar sua vida para me salvar.

— Porque eu te amo — ela falou, sua voz saindo pesada, mas ela não podia mais mentir.

Sob a palma da mão, ela podia sentir a tensão em seu corpo recuar quando ele olhou para ela.

— Diga isso de novo.

— Eu amo... Você.

— Isso foi tão difícil?

O calor em sua voz fez seu coração saltar em uma batida, e ela balançou a cabeça. Engolindo em seco, ela fechou os olhos. Depois de Michael, ela tomou a decisão consciente de nunca deixar outro homem entrar em seu coração novamente. Mas com Dante ela se perdeu, ignorando todos os sinais de alerta. Agora ela estava à deriva em águas desconhecidas com apenas ele para se agarrar. Ele a apavorava. Não havia um lugar para ela em sua vida.

Sua mente foi levemente tocada antes dela mudar de pensamento.

— Do que você tem medo, *dolce cuore*? — seus dedos acariciaram delicadamente o lado do rosto de uma maneira que fez sua pele se arrepiar, juntamente com um desejo que ela não sabia ser possível sentir.

— Eu não sou uma *Sicari*. — Ele franziu a testa, e ela suspirou. — É apenas que isso não vai funcionar.

— O que não vai?

— Nós.

— Por causa de uma noção ridícula de que você não tem habilidades, que você não é uma *Sicari*? O fato de que você pode ler os meus pensamentos prova para mim que você é uma *Sicari*.

Sua observação a pegou de surpresa. Por que não, isso não ocorreu a ela antes? Porque ela estava muito ocupada tentando não cair de amor pelo cara. Ela o rejeitou com um aperto de leve com a cabeça.

— Tudo bem, temos uma conexão, mas não significa que eu tenho todas as habilidades. — Era um argumento fraco, e ela sabia disso. O brilho sardônico em seus olhos escuros disse que ele sabia, também.

— Eu te amo por quem você é Cleópatra, e não pelo o que você faz.

— Tudo bem. Mas eu sou uma responsabilidade que você não pode se dar o luxo.

Ela reconheceu, e abriu seus pensamentos para Dante encontrá-la com Ignacio segurando uma faca em seu pescoço. Ele empalideceu ligeiramente, e ela sabia que ele viu as imagens em sua mente. Determinação varreu seu rosto quando ele balançou a cabeça.

— Eu não vou deixar você usar esse argumento para nos manter separados. Nós vamos trabalhar com isso.

— Como? Eu não assumindo mais missões? — ela estremeceu quando ele rapidamente desviou o olhar. — É isso que você está pensando.

— Eu posso adaptar — ele disse com os dentes cerrados como ela encontrou seu olhar novamente. — Só porque eu não gosto do pensamento de você assumir novas atribuições não quer dizer que eu vá parar você.

— Mas se você não me parar, você vai tentar me convencer a não enfrentá-los, não é? — ela perguntou com uma voz feroz. — Isso seria a mesma coisa que me parar. — Suas palavras foram um estrondo em seu peito, saídas com frustração diluída pela sua bela boca. — Vai se vestir.



Seu polegar roçou sobre seus lábios, e a gentileza em seu toque fez o seu comando mais suave do que parecia.

Sem qualquer outro aviso, ele rapidamente conseguiu sair da cama. Ela ficou olhando para ele com espanto. O que foi isso? Ele não ia dizer mais nada para convencê-la que eles pertenciam um ao outro? Por um breve segundo ela repreendeu a si mesma por estar irritada, ele parara de tentar mudar sua mente. Ainda assim, era impossível olhar para ele com a rapidez que ele se vestiu. Seu olhar se encontrou com os dela, e ele acenou para as roupas.

— Eu sugiro que você se apresse. Seus pais vão bater na sua porta a qualquer minuto.

— Como diabos você sabe isso? — ela olhou para ele com horror.

— Porque eu posso sentir a presença de Marcus. Sua mãe está discutindo com ele, e ele não está feliz sobre o que ela está insistindo — ele disse secamente, arqueando uma sobrancelha para ela. — Você é muito parecida com a sua mãe. Vocês duas querem fazer seu próprio caminho.

Cleo olhou para ele e se atrapalhou com seu jeans. Ela não era nada parecida com sua mãe. Ok, talvez ela fosse uma pouco. Ela estremeceu. Dante estava certo. Ela era muito mais parecida com a mãe do que gostaria de admitir.

Qual seria a reação de sua mãe quando ela encontrasse Dante em seu apartamento? Ela seria entupida de perguntas sobre ele na primeira chance que Atia tivesse. Ela congelou. *Christus*, e se seus pais perceberam que ela e Dante... ela se recusou a terminar o pensamento. Ele quebrara seu voto por causa dela, e ela não fazia ideia de como isso afetaria Dante ou como seu pai reagiria.

Já era ruim o suficiente que Dante estava determinado a fazer sua relação mais permanente. E como ele esqueceu como isso afetaria o *Absconditus* e a Ordem. Preocupar-se com uma família fazia um *Senhor Sicari* vulnerável. E ela tinha certeza de que sua mãe e pai concordariam. Sua mente tropeçou com o fato de que ela se referia facilmente a Marcus como seu pai agora.

Embora os dois estivessem longe de saber, bem como os outros, um grande passo para que ela pensasse nele como um pai foi Ignacio. Ele sempre foi à figura paterna em sua vida. Sua garganta fechou com a memória da traição de Ignacio e então seu sacrifício no Tarpeian Rock.

Suas ações mostraram que ele realmente a amava e sua mãe. Era impossível para ela perdoá-lo completamente, mas sua disposição de dar a vida por sua mãe a fez pensar com menos severidade nele. A campainha tocou quebrando a harmonia do local.

Dante foi colocar os sapatos e atirou para ela um olhar estranho.

— É melhor deixá-los entrar — ele disse com uma calma determinação que colocou seus sentidos em alerta enquanto ele amarrava o sapato. Ele estava tramando algo.

— Mas você não está nem mesmo vestido ainda. — Ela olhou para ele em pânico. O pensamento dele passeando pelo seu quarto com seus pais na sala de estar fez sua pressão arterial subir. Isso com certeza não seria fácil de explicar.

Mais uma vez estava a nota de aço de propósito em sua voz. Ele a enervou. A campainha tocou novamente, e ela explodiu com uma respiração áspera e caminhou para fora do quarto.

No momento em que ela abriu a porta, Atia se adiantou e envolveu Cleo em seus braços. Sobre o ombro de sua mãe, ela viu a expressão do rosto de Marcus e uma centelha de preocupação em seus olhos. Dante estava certo. O *Senhor Sicari* não estava tão feliz em estar aqui.

— *Caríssima*. — Sua mãe beijou sua bochecha, em seguida, com suas mãos ainda segurando os ombros de Cléo, ela recuou para olhá-la com cuidado. — Você está se sentindo melhor? Nós estivemos preocupados com você.

Cleo forçou um sorriso para a mãe, em seguida, afastou-se e apontou para o casal entrar na suíte. Depois que ela fechou a porta atrás deles, ela se virou, esperando ver Dante saudando seus pais, mas ele não estava lá. Um arrepio rastejou sobre sua pele. Foda-se, o que era que o homem estava querendo fazer?

— Cleo, você me ouviu? — A voz de Atia era tensa com emoção, e Cleo piscou os olhos em confusão.

— Desculpe mãe. O quê?

— Eu perguntei se você vai me perdoar e vir para casa.

Por um momento, Cleo olhou para sua mãe, perplexa. Perdoá-la por quê? A expressão de medo apertou o rosto de Atia e fez Cleo estremecer. Depois tudo o que aconteceu, a revelação de sua mãe algumas semanas atrás, parecia uma transgressão menor no esquema geral das coisas.

Que sua mãe havia mentido para ela ainda a incomodava, mas ela ofereceu sua própria vida para Nicostratus em troca de Cleo. A ação só reforçou sua afirmação que tudo que a mãe fez era para manter Cleo segura. A sua mãe poderia ter feito uma má escolha em não dizer para Cleo que seu pai ainda está vivo, mas ela entendeu seus motivos.

O sequestro de Gabriel mudou a forma de escolha de sua mãe, e Cleo não podia culpá-la por isso. Se ela tivesse estado no lugar de sua mãe, ela provavelmente teria feito a mesma coisa para seu filho. Seus olhos se encontraram com os de Atia, ela engoliu em seco, em seguida, andou para frente e abraçou-a. Atia ficou rígida por um instante antes que ela também abrasasse Cleo.

— Oh, *bambina* — Atia chorou em silêncio. — Se eu tivesse perdido você...

— Desculpe, mãe — ela murmurou, com pesar. — Eu estava irritada e teimosa.

— Eu não achei que seria de outra maneira. — As bochechas Atia estavam úmidas, ela recuou e agarrou as mãos de Cleo firmemente. — Tudo ficou para trás agora. Eu estou apenas grata você está segura.

— Como eu também — Marcus disse calmamente. Cleo virou a cabeça para encontrar o seu olhar azul brilhante. O alívio que ela viu passar em seus olhos aqueceu seu coração. Houve outra coisa em seu olhar que dizia que ele estaria lá para ela, sempre que ela precisasse de um amigo ou um pai.

— Você vai voltar para casa com a gente, para White Cloud? — Atia perguntou com uma emoção silenciosa. — Eu sei que seu pai... Marcus gostaria de conhecê-la melhor.

— Eu gostaria de conhecê-lo, também — ela disse.

O formigamento familiar varreu o pescoço dela, e ela estremeceu ao redor para ver Dante sair do quarto. Dolorosamente ciente de espanto de seus pais, ela olhou para ele. Sua raiva não parecia incomodá-lo nenhum pouco quando ele se virou para eles.

— Eminência. *Senhora Cônsul*.

Dante inclinou ligeiramente em sua direção quando ele parou ao lado de Cleo. O silêncio se arrastou estranhamente quando seus pais olharam para Dante e depois para ela. Extremamente desconfortável, ela disparou um olhar feroz para Dante, antes de reconhecer a curiosidade nos olhos de seus pais.

— Eu suponho que você esteja se perguntando.

— Tenho certeza de que eles já descobriram o nosso segredo, *caríssima*. — Dante deslizou um braço em volta de sua cintura e a puxou para seu lado.

— Segredo? — Cleo olhou para ele com um misto de confusão e raiva. Ele não olhou para ela. Em vez disso, ele abaixou a cabeça em direção a Marcus.

— Eminência. — Dante deu uma respiração profunda, então exalou. — Eu gostaria de pedir sua permissão para o laço de sangue com a sua filha.

O chão deslizou, e sua boca se abriu quando ela olhou para ele. Seu pedido obviamente surpreendeu seus pais também.

O casal de idosos ficou sem palavras quando eles olharam para os dois com espanto. Ignorando a surpresa de seus pais, Cleo se soltou do aperto de Dante e olhou para ele com indignação.

— *Christus*, mas você tinha um plano, não é? — ela perguntou.

— Eu acho que respondi a essa pergunta mais cedo no quarto.

A resposta calma de Dante fez Cleo olhar para ele com os olhos arregalados de horror. Ele realmente acabou de anunciar aos seus pais que eles estavam dormindo juntos?

Obviamente foi a conclusão que seus pais chegaram, considerando o suspiro alto de sua mãe e a forma que Marcus estava limpando sua garganta. Ela não ia discutir na frente de seus pais, ela estendeu a mão e tocou seus pensamentos.

Em nome de Juno, o que acha que está fazendo? Você só disse aos meus pais que estávamos fazendo amor há pouco tempo.

Exatamente.

O quê?

Fazendo amor. Sua boca se inclinou levemente com diversão. É o que as pessoas fazem quando elas se amam. Quando elas querem compartilhar suas vidas juntos.

Eu já disse que não vou fazer o laço de sangue com você.

E eu disse que suas razões não foram boas o suficiente.

Você precisa de um herdeiro.

Nós vamos adotar. Há uma abundância de órfãos aqui no Absconditus que precisam de pais amorosos.

Deus, você é um bastardo teimoso.

Não em qualquer lugar próximo do tão obstinada que você é, mea amor.

Você está desperdiçando seu tempo. Você tem responsabilidades, e você não pode se dar ao luxo de me fazer um deles, não importa o quanto você me ama.

Dante olhou para ela em silêncio por um longo momento, não se comunicando com ela durante esse tempo. De repente, seu rosto endureceu com uma resolução sombria que a assustava. Ele acenou para ela, em seguida, virou-se para seus pais.

— Cleópatra acha que é impossível para nós estarmos juntos enquanto eu for o *Senhor Sicari*. — O perfil de Dante parecia um busto de pedra esculpido enquanto ele

se curvava para Marcus. — Portanto, devo renunciar à minha função como *Tribune* e herdeiro do título de *Senhor Sicari*.

Cleo não precisava sequer olhar para os pais para saber que eles estavam tão atordoados quanto ela. Ela ficou congelada, incapaz de acreditar se o que ouviu estava correto. O homem perdeu a cabeça do caralho. Ele acabou de abdicar como o próximo *Senhor Sicari*. Pedra de Júpiter. Quem estava indo substituí-lo? Será que ele esperava que Marcus fosse continuar como líder do *Absconditus*? Ela agarrou o braço de Dante, os dedos apertando os músculos de seu braço.

— Você está louco? Você não pode fazer isso.

— Sim. — Ele balançou a cabeça tristemente quando ele afastou a sua mão de seu braço. — Eu posso.

— Se você está tentando me chantagear, não vai conseguir.

— Não chantagem, *mea amor*. Eu só não conheço nenhuma outra maneira de convencê-la de que você é mais importante para mim do que qualquer coisa ou qualquer outra pessoa no mundo.

Com outro ligeiro aceno na direção de Marcus, Dante colocou as mãos sobre as costas e saiu, deixando Cleo e seus pais olhando para ele em choque. O som da porta do apartamento fechando silenciosamente atrás dele soava com uma finalidade que a horrorizou. Ele desistiu de tudo por ela. O seu voto para o *Absconditus* e agora suas responsabilidades como o próximo *Senhor Sicari*.

Era um sacrifício que não poderia deixá-lo fazer. Ela correu atrás dele, a porta batendo contra a parede quando ela correu para fora de sua suíte. Dante que andava em passos largos já estava no fim do corredor, e ela correu atrás dele. Ela chegou até ele, assim que ele virou a esquina, em mais três passos rápidos, ela parou na frente dele.

— Eu não vou deixar você fazer isso — ela disse ferozmente.

— Isto já foi feito, *mea amor*. — Seus dedos deixaram uma calorosa trilha em seu rosto enquanto ele estudou-a com um resignado olhar.

— Então vai agora desfazê-lo — ela parou na frente dele. — Volte lá e diga a Marcus você cometeu um erro.

— O único erro que eu poderia fazer é deixar você ir, *dolce cuore*. Uma vez que o único obstáculo no caminho de você e do seu vínculo comigo era o meu título e minha responsabilidade, então eu o elimino.

— Mas eu nunca disse que faria o laço de sangue com você se você não fosse o herdeiro do meu pai.

Ela passou os dedos pelos cabelos com a frustração. Ele era a única pessoa que ela já conheceu que era tão inflexível e determinado quanto ela mesma. Ia ser impossível passar seus dias ligada a ele.

Trepidação inundou suas veias. Ela era louca até mesmo de considerar a possibilidade. Mas ela já havia considerado.

— Do que você está realmente com medo, Cleópatra?

No momento em que ele fez a pergunta, a resposta passou através de sua cabeça com o barulho de um rebanho de pássaros. Ela estava com medo de não ser digna dele. Cleo olhou para ele. O amor brilhando nas profundezas de seus olhos azul-escuro com o medo dela, também.

Ele desistiu de tudo por ela, simplesmente provava que ele acreditava que ela merecia.

Cleo não fazia ideia se havia mais alguém capaz de ser o *Senhor Sicari*, mas ela estava certa que não haveria ninguém tão bom para o cargo como Dante. Ele nasceu para liderar o *Absconditus*. A tensão se agarrou em seus músculos enquanto se preparava para falar o que ela esperava que fosse uma mentira convincente.

— A única coisa que eu temo é o que vai acontecer com o *Absconditus* e a Ordem se eu deixar isso acontecer. — A mentira o fez estremecer. Seu tempestuoso olhar azul fez uma careta.

— Isso não é o porquê você está realmente com medo.

— Porra. O que mais você quer de mim? — ela retrucou. A determinação em seus olhos aumentou a tensão fazendo seus músculos ficar rígidos como pedra.

— A verdade. — Ele não ia desistir. Merda, Cleo deu uma profunda respiração, em seguida, a soltou asperamente.

Ela virou a cabeça para longe dele.

— Eu tenho medo de não ser digna de você.

Em uma fração de segundo, Dante a esmagou contra ele. Cleo escondeu o rosto em seu pescoço quando ele a abraçou. Tremor passou por ele, e gentilmente acariciou as bordas de sua mente. A profundidade do amor que ela sentiu nele era humilhante. Ela não o merecia, mas ela faria tudo o que podia para ser digna dele.

— Eu não posso pensar em nenhuma mulher mais digna de mim.

— Oh, eu tenho certeza que existem muitas — ela murmurou, quando se afastou para olhar um pouco para ele. — Mas, como *Senhor Sicari*, você também vai ter que se preocupar comigo.

— Caso você tenha esquecido, abdiquei aquele título. — Seu tom irônico fez o seu olhar se estreitar para ele.

— Bem, você seguirá para a direita, voltará lá dentro e retirará a sua demissão, se você quiser que eu faça o laço de sangue com você. Os *Sicari* precisam de você. E eu me recuso a ser a razão da queda do *Absconditus* e da Ordem.

Ela não teve a oportunidade de terminar, por que ele inclinou seu rosto e colocou sua boca sobre a dela. Foi um beijo de posse, mas manteve a promessa do compromisso que nunca, ninguém fez a ela antes. O beijo se aprofundou quando sua boca se abriu debaixo dele, e sua língua se juntou com dela em uma dança de fogo que enviou uma onda quente de calor, fazendo o seu caminho por cada célula do seu corpo.

Desejo explodiu em sua barriga, e ela gemeu quando uma imagem erótica tomou forma em sua cabeça. Uma imagem que ela sabia que não era dela, e acelerou seu coração para um ritmo inacreditável. Deus, ela queria ele... Seu corpo queria mostrar o quanto ela o amava. No apartamento. No quarto. Seu quarto. Quanto mais cedo



melhor. O corpo de Dante, de repente sacudiu com o riso quando sua boca deixou a dela e passou para sua bochecha.

— O quê? — ela perguntou quando ela jogou a cabeça para trás para olhar para cima, para encontrar o olhar ele.

— Seus pais — ele gemeu baixinho. — Eles ainda estão em seu apartamento.

— Porra — ela murmurou com a frustração.

— Um comentário adequado em ambas as situações. — Sua risada era de diversão, ele fez um cálice em seu rosto com as mãos.

Ela o queria naquele mesmo instante, mas ela sabia que eles tinham uma vida inteira para fazer amor. Ele acariciou a mente dela com um acordo silencioso. Ela sorriu para ele, seus dedos esfregando contra sua boca.

— Eu te amo, Dante.

— E eu também, *caríssima* — ele murmurou enquanto enchia sua cabeça com imagens de como exatamente ele pretendia provar seu amor na próxima vez.



Vinte e Sete



— Minha vida por sua vida.

Cleo tremeu um pouco quando o som de sua voz ecoou em uníssono com Dante. Ela testemunhou numerosos rituais de laço de sangue, mas as palavras nunca ressoaram tão fortemente nela, como fizeram agora. Seu olhar encontrou o do mais novo *Senhor Sicari* do *Absconditus* quando eles deram as mãos na frente do altar de pedra lavrada no salão cerimonial da associação. Preocupação tremeluzia nos olhos azuis escuros de Dante no momento em que ela estremeceu. Cleo voluntariamente abriu sua mente para ele.

Eu estou bem. Apenas os nervos.

Você vai sem medo para um poço de serpentes Pretorianas, mas você tem medo de um pequeno corte na palma da sua mão? Cleo revirou os olhos para a sua provocação suave.

Espertinho.

Sua exasperação carinhosa rendeu um golpe invisível em sua bunda. Assustada, ela respirou forte para não chorar de surpresa. O sorriso perverso que se curvou em seus lábios fez seu coração saltar uma batida, mas quando a maldade nos olhos desvaneceu-se rapidamente para revelar seu amor, ele a deixou sem fôlego. Dante

apertou as mãos na dela enquanto uma sensação esmagadora de alegria e felicidade pulsava entre eles.

Virando a cabeça para trás em direção ao altar, Cleo assistiu sua mãe reverentemente desembrolhar a Adaga de Cassiopeia a partir do seu lenço de veludo. Os movimentos cuidadosos da *Prima Cônsul* enfatizaram a solenidade subjacente da feliz ocasião. Marcus ficou ao lado de sua mãe como testemunha oficial da cerimônia a pedido de Dante. Seus pais oficializaram a cerimônia de laço de sangue. Foi um momento que Cleo nunca teria sonhado possível até uma questão de dias atrás.

Marcus encontrou seu olhar e sorriu. Era fácil sorrir de volta. Ela passou o tempo das últimas duas semanas conhecendo o seu pai, e ela gostava dele.

Seu olhar mudou de volta para sua mãe. Havia ainda uma tensão entre seus pais, e pela primeira vez desde a descoberta que seu pai estava vivo, Cleo encontrou-se esperando que Atia e Marcus encontrassem a felicidade que foi negada a eles durante anos.

Com a Adaga de Cassiopeia descansando em seus dedos, Atia levantou a lâmina e ergueu. Olhos fechados, os lábios de Atia moveram-se em uma oração silenciosa antes de oferecer a lâmina para Cleo. Sem hesitar, Cleo aceitou o punhal depois de olhar para Dante.

— Meu coração pelo seu coração — ela disse com uma voz forte.

Levantando a sua mão da de Dante, ela apertou sua mandíbula e arrastou borda finamente afiada da adaga em sua mão em um golpe rápido e profundo. As terminações nervosas gritaram em protesto, mas a dor desapareceu rapidamente para um pulsar menor. Seu toque suave, Dante pegou a lâmina dela.

— Meu sangue pelo seu sangue — Dante disse calmamente enquanto cortava a palma da mão, em seguida, silenciosamente adicionou um carinho ao voto tradicional. *Mea amor.*

Ele apertou a mão dela em seu sangramento, o sangue de seus cortes misturando de uma forma física que representava o seu compromisso um com o outro. Atia sorriu para eles quando ela entregou uma faixa de linho para Dante. Com um movimento

hábil, envolveu uma extremidade do pano em torno do pulso de Cleo, em seguida, sobre as suas mãos, unindo-a a ele antes que soltasse o material. Usando a faixa restante do pano, Cleo repetiu o movimento e Dante se uniu a ela da mesma forma. Seu coração disparou, ela olhou para ele com um sorriso.

— Nosso sangue e corações são um só.

Atia fez um som calmo, e Cleo virou a cabeça para ver os olhos da mãe brilhando com lágrimas, ela limpou sua garganta.

— Dois corações *Sicari* que uma vez batiam sozinhos agora batem como um. — Atia sorriu para eles quando ela agarrou as mãos unidas. — Deixem que todos que estão aqui com você hoje saibam que Júpiter e Juno sorriram sobre vocês. Que o amor que vocês compartilham seja tão forte e profundo como o amor de Máximo e Cassiopeia.

Quando Atia terminou de falar, os aplausos ecoaram no salão cerimonial. Cleo e Dante viraram a cabeça com o barulho, rindo da entusiástica recepção para a sua ligação. Com um puxão suave em suas mãos atadas, Dante forçou Cleo para olhar para ele.

— Nunca houve uma mulher mais bonita ou mais digna de ser a esposa de um *Senhor Sicari, caríssima* — ele disse suavemente.

A garganta de Cleo fechou-se com emoção, e ela perguntou se era possível morrer de pura felicidade. Seu braço livre envolveu-se em torno dela, Dante puxou-a apertada e capturou sua boca em um forte beijo. No momento que ele levantou a cabeça, bem-intencionados avançaram. Seus pais foram os primeiros a parabenizá-los enquanto eles circularam o altar de pedra. Cleo sorriu para sua mãe antes de Atia puxá-la em um abraço apertado.

— Eu não poderia estar mais feliz por você, *caríssima* — sua mãe sussurrou no ouvido de Cleo. — Ele é um homem bom, e é óbvio que ele te ama muito.

— Obrigada, mãe.

Atia recuou e tocou seu rosto quando Marcus se adiantou para abraçar Cleo e pressionar um beijo suave em sua testa. — Eu espero que você mantenha meu sucessor na ponta dos pés, *cara*.

— Eu acho que não há nenhuma dúvida de que ela vai fazer exatamente isso — Dante disse com um sorriso enquanto ele se lançou para Atia em um abraço caloroso. Cleo não respondeu. Ela simplesmente arqueou as sobrancelhas e sorriu docemente para seu novo marido.

— Algo me diz que ela já está planejando a sua rendição. — Marcus riu.

— Eu a entreguei há muito tempo. — Dante inclinou-se para ela e roçou sua boca em sua bochecha. A ternura em sua voz era uma brisa morna em sua pele.

— Como eu sabia que você faria — uma voz grave ecoou por cima do ombro. Cleo imediatamente virou a cabeça para ver Placido sorrindo para eles com prazer. Com a mão livre, ela abraçou calorosamente o *Sicari* ancião.

— Se eu fosse mais jovem, *bella*, eu teria feito o nosso mais novo *Senhor Sicari* trabalhar muito mais para ganhar o seu afeto. — Placido deu um tapa brincalhão no rosto de Dante em um gesto de carinho. Um largo sorriso no rosto, Dante apertou o ombro do velho guerreiro com a mão.

— Você poderia ter que me fez trabalhar mais, mas eu ainda teria ganhado seu coração. — As palavras de Dante fizeram Placido abanar o dedo para ele.

— A confiança pode ser uma coisa perigosa, meu filho — Placido advertiu com uma risada, antes de se virar para Cleópatra. — Se eu fosse...

Gritos furiosos fora do salão cerimonial interromperam a advertência de Placido, seguido pelo forte som das espadas batendo juntos. Uma mulher gritou, e menos de um segundo depois, um homem tropeçou no corredor. Sangue escurecia os dedos de onde ele pressionou as mãos contra uma ferida em seu lado. Sua espada arrastando no chão atrás dele, o homem cambaleou para frente até que caiu de joelhos.

— *Christus*, é o *Pretoriano* do Tarpeian Rock — Cleo ofegou quando ela olhou para as características sombrias de Dante.

Outro grito ecoou no corredor, e Cleo empurrou o seu olhar de volta para o *Pretoriano* para ver Marta correndo para frente para proteger o homem com seu corpo de dois lutadores *Sicari*. Dante não respondeu, mas caminhou em direção ao *Pretoriano* ferido, puxando Cleo junto com ele. Um dos lutadores arrastou Marta para longe do homem que ela estava protegendo, enquanto o outro preparava para desferir um golpe letal.

— Pare.

A voz de Dante não era alta, mas ecoou claramente na grande sala. O lutador parecia disposto a protestar, antes que relutantemente baixasse a espada. Com o olhar frenético em seu rosto, Marta se torceu livre de seu captor e correu para o lado do *Pretoriano* ferido. Ela sussurrou algo, mas o homem sacudiu a cabeça violentamente.

— Gostaria de falar com o *Senhor Sicari* — respondeu asperamente. — Onde ele está?

— Você está ferido. — Dante virou a cabeça para o curandeiro de pé na borda do círculo de pessoas que cercavam o *Pretoriano* caído. — Noemi. Cure a sua ferida. Angelo, você e Samuel o levem.

— Não. — O *Pretoriano* quase gritou a palavra. — Eu vim para falar com o *Senhor Sicari*.

O desespero ficou visível na voz do homem quando ele rejeitou a oferta de ajuda de Dante. Ainda ligado ao Dante pelo pano do laço de sangue, Cleo rapidamente desembrolhou o pano de seu pulso. Quando ele murmurou um protesto de surpresa, ela levou a mão à boca e beijou a ponta dos dedos.

— Você tem um trabalho a fazer. — Sua explicação calma o fez pegar seu queixo.

Eu te amo, Cleópatra.

Eu sei.

Voltando ao *Pretoriano* deitado no chão, Dante ajoelhou-se ao nível dos olhos do homem. — Ou você é um homem muito corajoso, *Pretoriano*, ou um tolo. Qual é?

— Um pouco... de ambos, eu acho. — O homem ferido fez uma careta quando ele moveu-se para cima em uma posição sentada. — Agora me leve para ver... o *Senhor Sicari*. Eu tenho uma proposta para ele.

— Eu sou o *Senhor Sicari*, *Pretoriano*.

— Vorenius? — havia uma nota distinta de arrependimento na voz do homem ferido, como se ele esperasse que Dante dissesse que Marcus estava morto e a notícia o entristecia.

— Ele deixou suas funções para mim.

— Então, ele ainda vive.

— Eu vivo. — Marcus se adiantou na linha de visão do *Pretoriano*. — Qual é o seu nome, *Pretoriano*?

— Verdi. Draco Verdi.

— Diga-me, Draco Verdi — Marcus disse calmamente. — O que é tão importante que estava disposto a arriscar sua vida para entrar no *Absconditus* para me encontrar?

— O *Tyet de Ísis*. — As palavras do *Pretoriano* fizeram Dante inalar uma respiração rápida, e ele atirou um olhar para o seu mentor, que havia ficado rígido.

— O que tem isso? — Marcus perguntou em voz baixa.

— Eu gostaria de devolver o conteúdo. — O rosto de Verdi se contorceu de dor, ele moveu seu corpo ligeiramente.

Dante encontrou o olhar cético de Marcus, enquanto um murmúrio de incredulidade percorreu o círculo de guerreiros em torno deles. Placido emergiu da multidão como um boxeador para o centro de um ringue de boxe.

— Não confio nele, menino — o velho *Senhor Sicari* rebateu com o vigor de um homem de metade de sua idade. — *Pretorianos* não podem ser confiáveis.

— Draco Verdi é tanto um homem de honra como qualquer *Sicari* aqui. — Marta adiantou-se para olhar o antigo guerreiro. — Eu me responsabilizo por ele.

Placido olhou-a com uma mistura de irritação e avaliação em sua forma desafiadora. Quando ficou claro que ela não estava prestes a retirar-se sob o duro olhar do velho *Senhor Sicari*, Placido curvou-se levemente em direção a Marta com um respeito relutante. Uma rápida olhada sobre seu ombro disse a Dante que sua noiva estava desnorteada pela compaixão de Marta pelo *Pretoriano*. Ao lado dele, Marcus inclinou para sussurrar no ouvido de Dante.

— A confiança não é a questão agora. O homem vai morrer se Noemi não curá-lo em breve. Se ele está mentindo ou dizendo a verdade, nós precisamos dele vivo para descobrir o que ele realmente quer.

— Concordo — Dante disse com um forte aceno de cabeça. Ele virou a cabeça de volta para o *Pretoriano* ferido. — Nosso curador verá a sua ferida, e depois vamos conversar.

— Eu não...

— A única razão pela qual você ainda está vivo, Verdi, é por causa de sua ajuda para Vorenius no Tarpeian Rock. — Dante olhou para o homem severamente.

— Minha vida... é de pouca importância... a menos que eu acabe com o conflito entre nós. — Verdi alcançou o bolso de sua jaqueta de couro e duas espadas imediatamente pressionaram contra sua garganta. O *Pretoriano* fechou os olhos, em seguida, olhou para Dante. — Eu o trouxe comigo.

Dante endureceu ante a declaração suave e estendeu a mão para o bolso do homem. Dedos fortes agarraram seu pulso. Assustado, ele encontrou o olhar de Marcus.

— Nunca se pode dizer que uma serpente pode se esconder. O *Absconditus* não pode se dar ao luxo de perder seu líder.

Por um momento, Dante pensou em protestar. Ele não sentiu nada malévolo do *Pretoriano*, mas ele também reconheceu a sabedoria das palavras de Marcus. Se Verdi destacou em esconder seus pensamentos, o homem poderia ter vindo aqui com o assassinato em mente. O *Pretoriano* poderia facilmente ter espanado o forro do bolso com um veneno que penetre na pele para atingir a corrente sanguínea.

— Minha palavra... não quero fazer nenhum dano — Verdi raspou com outra expressão contorcida.

— Veremos, *Pretoriano*. — Lentamente, Marcus enfiou a mão na jaqueta do homem e tirou uma caixa.

O círculo em torno deles apertou quando Dante e Marcus ficaram em pé. Dante franziu a testa enquanto os dois estudaram a caixa. Seu mentor olhou para ele como se pedisse permissão, e Dante acenou com a cabeça bruscamente. Sua boca tensa com a tensão, Marcus cuidadosamente abriu a caixa. Dentro havia um pedaço decadente de pergaminho e dois pen drives.

— Pedra de Júpiter — Marcus respirava com espanto.

— Para ganhar... sua... confiança. — A respiração do *Pretoriano* cresceu cada vez mais difícil, e no momento seguinte, ele caiu no chão do salão cerimonial.

— Draco. — Apesar da exclamação suave de Marta, o pânico em sua voz fez vários combatentes olharem para ela com desconfiança e desaprovação.

— Samuel. Angelo. Leve-o para a enfermaria. Noemi, faça o que puder. — Antes que Dante sequer terminasse de falar, dois lutadores saíram da multidão.

Quando levaram o *Pretoriano* inconsciente para fora do salão cerimonial, a curadora e Marta acompanharam de perto, em seus calcanhares.

— Marta. — A mulher parou no momento que Dante disse o nome dela, mas ela não se virou para encará-lo. — Você sabe como o *Pretoriano* obteve acesso ao composto?

Ela não se moveu por um longo momento. Então, como se doesse fazer isso, Marta virou-se para enfrentar Dante com os ombros para trás e cabeça erguida. — Eu o deixei entrar no complexo.

Sua resposta não surpreendeu Dante. Ele assumiu o máximo. — E a razão para seu ato de traição?

— Draco salvou minha vida quando eu estava no... ele me protegeu depois... — No momento em que sua voz vacilou, Dante apertou sua mandíbula com pesar. Ele deveria questioná-la em privado e não submetê-la a uma inquisição aberta.

— Nós podemos discutir isso...

— Não tenho nada a esconder. — Marta inclinou o queixo para cima em desafio. — Draco Verdi me protegeu enquanto eu estava no inferno *Pretoriano*. Ele é um homem bom, e eu confio nele com a minha vida. Draco veio aqui para oferecer aos *Sicari* uma trégua. Ele não iria deixar-me ser o seu mensageiro. Ele insistiu em fazê-lo em pessoa.

— Então você deixou-o passar por nossas defesas. — Acusação de Placido era dura quando ele a castigou da borda do círculo de lutadores. Ante o olhar duro de Dante, o antigo guerreiro golpeou o ar com as mãos em um gesto de exasperação.

— Sim, e eu faria de novo — Marta retrucou enquanto mandou ao velho *Senhor Sicari* um olhar rebelde. — Ele sabia que haveria céticos, e ele acreditava que colocar sua vida na linha era a única maneira de convencer um *Sicari* como você que ele era sincero.

Placido corou ante a resposta feroz de Marta e desviou o olhar do seu olhar desafiador. Ciente de que ela silenciou o velho *Senhor Sicari*, Marta voltou-se para Dante.

— Draco é o líder de um grande contingente dentro do *Collegium* que estava à beira de derrubar Nicostratus antes de ser morto. Com o Patriarca morto, nem mesmo o Monsenhor Gregori tem o poder de impedir que Draco estenda a mão de paz e amizade para nós. — Ela fixou o seu olhar para Marcus. — Você, acima de todos os *Sicari* deve acreditar na sua sinceridade, *Il mio signore*. Ele ajudou a salvar a sua vida no Tarpeian Rock não muito tempo atrás.

Marcus encontrou seu olhar constante quando ele balançou a cabeça em concordância. — É verdade que sem a ajuda de Verdi, eu teria encontrado dificuldades para derrotar o *Dominus Pretoriano*.

Mãos cruzadas atrás das costas, a palma de Dante picava onde a Adaga de Cassiopeia havia cortado através de sua pele. Era um lembrete vívido de Cleópatra e seu vínculo. Ele estendeu a mão como os seus pensamentos para escovar contra a dela. O calor das reflexões de sua esposa misturou com a sua, embora ela não oferecesse algum conselho, apenas o apoio já era em gentil apoio.

— Sob as circunstâncias, eu vou adiar qualquer decisão quanto à sua punição até depois de ter falado com Verdi sobre sua proposta. — O flash de alívio nos olhos de Marta o fez perceber que, que apesar de sua demonstração de nenhum medo, ela estava mais assustada do que se suspeitava. — Como é óbvio que você está preocupada com o bem-estar do homem, vá ver como ele está indo.

Marta acenou seus agradecimentos antes de girar ao redor e correr para fora da sala. Quando ela desapareceu pela porta, um ruído surdo rolou através do grande salão. Era um som de ceticismo lutando com esperança. Ao lado dele, Marcus limpou a garganta.

— Será que alguém se esqueceu de pedir vinho para a ocasião, ou estou enganado?

O ancião *Senhor Sicari* olhou os rostos na multidão que os cercava. Quase imediatamente, o humor de todo mundo aliviou e os convidados foram em direção ao *buffet* que foi criado, lá no fim do grande salão. Marcus virou-se para Dante, sua expressão um túmulo.

— Os documentos e os pen drives devem ser destruídos.

— Você não pode fazer isso — Atia exclamou baixinho quando ela mudou-se para ficar ao lado de Marcus. Placido, Lysander, e Cleópatra completaram o círculo. — Como *Prima Cônsul*, eu não posso permitir isso.

— Será que você quer colocar em risco a possibilidade de paz entre os *Pretorianos* e *Sicari*? — Marcus suspirou duramente quando ele encontrou o olhar de Atia.

— Você não pode esperar que eu fique de braços cruzados enquanto você destroi um documento que os *Sicari* têm procurado desde o tempo de Maximus.

— Não é sua decisão — Lysander disse em um tom prosaico.

— E exatamente quem você acha que deve tomar a decisão? — Atia arqueou a sobrancelha de forma imperiosa e olhou para seu *Celeris*.

— É responsabilidade do *Senhor Sicari* — Marcus respondeu em um suave, mas firme, tom.

Tirando a caixa fechada, Marcus entregou a Dante. As palavras de seu mentor enfatizaram o que Dante já sabia. A decisão de destruir ou preservar o documento era uma decisão dele e só dele. Como o *Senhor Sicari* reinante, sua palavra era lei, não só no *Absconditus*, mas dentro da Ordem em si. Mesmo antes de Marcus indicar sua opinião sobre o que fazer com o pergaminho, Dante sabia o que estava em jogo. O documento e o arquivo digital precisavam ser destruídos se quisessem paz entre o *Sicari* e *Pretorianos*.

— Então, Dante deve optar por manter o documento. — A voz de Placido era de aço inflexível. — Não podemos confiar em um *Pretoriano* para nos dizer a verdade, e muito menos sugerir haver uma trégua entre nós.

— Podemos nos dar ao luxo de não acreditar nele? — Dante disse assim que seu olhar encontrou o velho guerreiro.

O ancião *Senhor Sicari* zombou com desgosto, mas não respondeu. Dante virou a cabeça para encontrar o olhar inescrutável de seu meio-irmão. Resignação esticava o tecido cicatrizado no rosto tenso de Lysander, enfatizando sua grotesca desfiguração. Se alguém tinha razão para desprezar os *Pretorianos* era ele.

— Eu não acho que você realmente tem uma escolha. — A resposta de seu meio-irmão fez Atia e Placido suspirar com indignação, mas Lysander não se preocupou em reconhecer as suas objeções. — Enquanto esse documento existir haverá sempre alguém tentando roubá-lo e resolver o quebra-cabeça. E esse alguém poderia facilmente ser um *Sicari* como um *Pretoriano*.

— Verdi trouxe-nos uma oferta de paz. — O indicador de Marcus bateu contra a tampa da caixa que o *Pretoriano* arriscara a vida para entregar. — Se o homem está

dizendo a verdade sobre querer um armistício entre nós, então não pode manter o documento ou os arquivos digitais.

Ao longo do debate, Cleópatra permaneceu uma presença morna, confortável ao lado de Dante. Seu olhar não deixou a caixa que ele mantinha quando ele alcançou a mão de sua esposa. Seus dedos se entrelaçaram juntos até as feridas em suas palmas estarem ligadas novamente. Um pulso de energia fechou o seu caminho até seu braço, e ele esperou para ela dizer alguma coisa. Quando ela não falou, ele gentilmente apertou a mão dela.

Você não tem nada a dizer, mea amor? Ele virou a cabeça na direção dela. Um sorriso, caloroso e amoroso curvou-se em sua boca.

Você já tomou sua decisão, e isso é bom o suficiente para mim. É no melhor interesse de todo Sicari. Houve uma pequena pausa em seus pensamentos, diante de seus olhos escurecidos com emoção. *Incluindo a mim.*

Sua resposta silenciosa foi ainda mais animadora porque ilustrou que ela aceitou que sua herança *Sicari* não era definida por suas habilidades, mas por seu coração. Dante levantou a mão para pressionar seus lábios contra a pele quente abaixo os nós dos dedos. Ele voltou sua atenção para o pequeno grupo que o cercava.

— A questão pode esperar até amanhã. Hoje é o dia do meu laço de sangue, e eu pretendo aproveitar com minha esposa.

Atia e Placido bufaram com indignação, mas Dante não deu a eles uma chance de formar um protesto. Em vez disso, ele deslizou a caixa no bolso interno de sua jaqueta e puxou Cleópatra para longe do grupo. À medida que se afastavam, Marcus seguia. Quando eles estavam fora do alcance da voz dos outros, o *Senhor Sicari* tossiu um pouco.

— Posso ter uma palavrinha com Cleópatra? Em particular? — A pedido de Marcus, Dante sorriu e com um aceno de cabeça deixou os dois sozinhos. Quando Marcus viu seu sucessor, ele apertou as mãos atrás das costas.

— Ele é um homem bom. Fico feliz por vocês dois.

— Obrigada.



A voz de Cleópatra tinha uma nota de emoção como que se esperasse que Marcus evoluísse para algo mais profundo entre os dois. O pouco tempo que passaram juntos criaram um vínculo tênue entre eles, e ele queria reforçar essa conexão. Foi a principal razão que ele pediu para falar com ela sozinho. Ele limpou a garganta, sem saber por onde começar. Era uma sensação estranha, mas desde que renovou seu relacionamento com Atia, ele estava se sentindo inquieto de muitas maneiras.

— Você quer saber se eu aprovo você e minha mãe voltar a ficar juntos novamente.

Marcus descobriu que era impossível não sorrir. Direto e ao ponto. Era uma característica dela que encontrou desconcertante no início. Mas ele rapidamente veio apreciá-la. Havia tantas coisas sobre sua filha que ele aprendeu a desfrutar no curto espaço de tempo que passaram juntos.

— Sim. — Ele acenou com a cabeça.

— Eu sinceramente aprovo — Cleópatra disse. — Mamãe te ama, e apesar de tudo o que aconteceu ao longo das últimas semanas, ela está mais feliz do que eu jamais vi.

Marcus olhou por cima do ombro para sua esposa, que estava imersa em uma acalorada discussão com Lysander e Plácido. — Eu tenho medo que ela esteja infeliz comigo no momento.

— Ela vai superar isso. — Cleópatra inclinou a cabeça de lado para olhar em volta de seu ombro. — Embora ainda não. Lá vem ela.

— O que, em nome de Juno, você estava pensando? — Atia exclamou quando ela chegou a um impasse ao lado dos dois e olhou para Marcus. — Dante te ouve. Ele vai destruir o documento com base em sua sugestão.

— Dante fez a sua mente antes que alguém dissesse o que ele deveria fazer. — As palavras silenciosas de Cleópatra fizeram tanto Marcus e Atia olharem para ela com surpresa. Sua filha balançou a cabeça. — Não, não é transferência do laço de sangue. Dante e eu estávamos ligados há algum tempo. Eu não sei como, nem por que,

apenas é. Mas eu sei que ele fez a sua mente sobre o documento antes mesmo de enviar Marta atrás de Verdi.

— Ele vai destruí-lo, não é? — Atia respirava com um suspiro de tristeza.

— Deixe-o ir, mãe. Você não pode vencer o tempo todo. Além disso, a perda pode realmente ser divertida de vez em quando. — A malícia nos olhos violetas de Cleópatra fez Marcus fazer uma ligeira careta, enquanto uma expressão perplexa escureceu as características de Atia. Rindo, Cleo adiantou-se para beijar a face de sua mãe, em seguida, fez o mesmo com Marcus. O gesto de carinho fez sua garganta se estreitar de emoção. Injúria iluminando seu rosto, e ela olhou para a mãe. — Eu vou deixar os dois sozinhos. O pai tem algo que quer discutir com você, e eu estou perdendo minha própria festa de laço de sangue.

Quando sua filha sorriu e passou em busca de seu marido, Marcus e Atia foram deixados olhando para ela.

— Ela acabou de chamá-lo de pai? — a admiração na voz de Atia combinava com seu próprio senso de espanto.

— Sim. — Ainda espantado pela exibição de carinho de sua filha, ele balançou a cabeça em perplexidade. Ele entrelaçou os dedos com Atia e olhou para seu olhar luminoso. — Venha, eu tenho algo para você.

— Mas a recepção...

— Eles não precisam de nós — ele disse com firmeza e puxou-a para fora do salão cerimonial.

— Pelo menos me diga onde estamos indo.

— Voltar no tempo.

Um pequeno sorriso inclinou sua boca para cima. Sua mão apertou com força na sua, ele forçou-a a segui-lo em um ritmo rápido pelo corredor. Atia murmurou algo sob sua respiração enquanto caminhavam em direção aos seus aposentos, mas ele não conseguia distinguir as palavras. Alguns momentos depois, ele a levou para o suíte e

fechou a porta atrás deles. Exasperação piscou em seus olhos cinzentos, Atia enfrentou-o com as mãos nos quadris.

— Você quer me dizer por que me arrastou para longe da celebração de minha filha?

— Nossa filha. — Sua resposta firme a fez estremecer com pesar, e ela balançou a cabeça.

— Por que você me tirou da celebração de laço de sangue da nossa filha?

— Porque nós temos nossa própria celebração para atender.

— Celebração? Você não está fazendo nenhum sentido.

Marcus foi até a estante contra a parede e pegou a lâmina de veludo que ele colocou lá no início do dia. Ele virou-se para Atia e então lentamente puxou a arma de sua luva protetora. Os rubis no punho da lâmina brilhavam na luz fraca do quarto. O momento em que viu a adaga cerimonial, ela respirou forte com surpresa. Sua reação deixou claro que ela reconheceu a lâmina que usara em seu laço de sangue anos atrás na cerimônia.

— Hoje eu pretendo fazer você ser minha de novo — ele disse com suave determinação. Com um movimento rápido ele virou a lâmina e cortou, abrindo a velha cicatriz na palma da sua mão. — Minha vida pela sua vida.

— O que você está fazendo? — Atia engasgou e deu um passo rápido para frente para pegar sua mão. — Nós fizemos o laço de sangue há muito tempo.

— Mas essa ligação não era forte o suficiente, não é? — ele entregou a ela o punho da lâmina, em primeiro lugar. — Desta vez eu quero que seja inquebrável, porque eu nunca vou deixar você de novo.

Ela não se moveu por um momento, muito calma, e por alguns segundos, ele pensou que ela iria recusar. Lentamente, Atia tirou a lâmina dele e se encolheu quando cortou sua cicatriz na palma da mão.

— Meu coração pelo seu coração — ela sussurrou. — Meu sangue pelo seu sangue.

À medida que apertaram as mãos juntas, Marcus inclinou a cabeça e beijou-a.
— Eu te amo, Atia. Eu nunca vou parar de te amar, *caríssima*.

Sob sua boca, seus lábios eram macios e compatíveis quando ele aprofundou o beijo. Um calor escaldante registrou na mão onde o seu sangue se uniu para se tornar um. O vínculo entre eles no passado era forte, mas enquanto sua energia serpenteava pelo seu sangue, ele sabia que seu compromisso renovado era indestrutível. Com uma mordida contra o lábio inferior, ele a fez abrir a boca para ele. Em uma fração de segundo, sua língua acoplou-se com o dela quando o seu gosto doce agrediu seus sentidos. Desejo cresceu através dele, e ele estava duro em um instante. *Christus*, se a mulher apenas soubesse o que fazia a ele.

— Eu sei. — O sussurro suave de seu riso ecoou em sua cabeça, puxando uma risada como resposta dele enquanto ele levantou a cabeça.

— Você está muito confiante, *mea amor*. Eu acho que é hora de mostrar como é difícil para você resistir a mim.

— Um desafio. — Sua voz era suave, com um traço de malícia passando por ele.

— Não, *caríssima*. Uma promessa. — Ele sorriu enquanto gentilmente a puxou para o quarto. — Nós pertencemos um ao outro, corpo, coração e mente.

Ela foi avidamente com ele, e eles estavam quase na porta de seu quarto quando ela falou. — Cleo.

— O que tem ela?

— Eu preciso dizer a ela...

— Se você está preocupada que ela não vai aprovar, não esteja — ele murmurou enquanto perdia seu dedo indicador para baixo ao lado de seu pescoço. — Ela já disse que ela aprova.

— Ela disse? — a nota confusa na voz de Atia o fez sorrir.

— Sim, só há pouco tempo — ele disse pacientemente. Seus olhos se arregalaram quando ela olhou para ele. Um momento depois, os olhos cinzentos estreitaram com uma pequena quantidade de irritação.

— Você está me manipulando mais uma vez, Marcus Vorenius.

— Ninguém jamais manipula você, *dolce cuore*. — Por um momento parecia que ela ia discutir com ele. Ele torceu uma sobrancelha para ela, e ela riu.

— Você é impossível.

— O que é uma das razões pelas quais você me ama. — Marcus levantou as mãos entrelaçadas à boca e beijou a ponta dos dedos. — Venha, eu tenho um presente para você. Feche os olhos.

Gentilmente, ele guiou-a para a porta do quarto e abriu-a. — Olha, *mea amor*:

O cheiro de rosas enchia o ar enquanto ela obedeceu ao seu comando. Seu suspiro de alegria quando viu a sala deu a ele o mesmo prazer imenso que teve mais de trinta anos atrás, quando ele a surpreendeu da mesma maneira. Desta vez, foi mais difícil impedi-la de descobrir a surpresa. Mas a expressão de alegria em seu rosto enquanto ela olhava para as pétalas de rosas vermelhas escuras salpicadas por todo o chão e a cama fez seus esforços valerem a pena.

— Quando? — ela sussurrou.

— Fiz acordos com um dos *Vigilavi*. Você gostou? — Marcus sabia qual seria a sua resposta, mas ele queria ouvi-la dizer isso.

— É... é lindo, *caro*. Obrigada. — O olhar de Atia reuniu-se ao dele, e um olhar sensual escureceu os olhos cinzentos. Era um olhar que ele sabia que nunca seria capaz de resistir. Ele a puxou mais para o quarto, fechando a porta atrás dele.

— Então me agradeça adequadamente — ele disse com um sorriso perverso.

Ela riu, em seguida, de bom grado obedeceu à ordem do *Senhor Sicari*.

Fim ...

A série Order of the Sicari é composta pelos três livros.

01 – Assassin's Honor

02 – Assassin's Heart

03 – Inferno's Kiss

Esperamos que tenham gostado da série. Até a próxima.



GLOSSÁRIO

A língua Sicari é uma mistura de Italiano e Latin, mesclados entre si para formar um dialeto que não é nem italiano nem Latim que estudamos hoje em dia. O dialeto tem evoluído nos últimos dois mil anos, como qualquer idioma.

Como o Latim é uma língua morta, é razoável supor que mesma língua Sicari evoluiu com mudanças no uso de palavras, dialetos, ortografia e outros usos gramaticais porque os Sicari combinavam o uso do latim com outros dialetos italianos ao longo dos séculos.

Aqueles que estão familiarizado com o latim e italiano podem encontrar a leitura do idioma Siacari irritante devido à licença poética utilizada na criação da língua Sicari.

A seguir se encontra um glossário de termos para os interessados na língua utilizada nos livros. Tendo em conta que diferentes palavras tem o mesmo significado, isto se deve as mudanças no dialeto ao longo dos séculos. Além do Italiano e Latim utilizados.

Absconditus – Comunidade dos Senhores Sicari

Amici – Amigo, companheiro

Amore mia– *amor meu*

Bambola – Punho

Bastardi – Bastardos (plural)

Bastardo – Bastardo

Bis vivit qui bene moritur: A frase está em latim, significa "Morre bem quem vivi duas vezes".

Bonum fortunium et longa vita Good – Boa fortuna e longo vida

Cak – Merda

Canicula – Zoar alguém sem escrúpulos

Capicse – Entendido

Cara – Querida (femenino)

Carino – Carinho (masculino)

Carissima – Carinho(femenino)

Caro – Querido (masculino)

Care Deus – Querido Deus

Celeris – Guarda – costas / acessor da Cónsul Prima

Coglioni – Bolas

Colei – Bolas

Come lei desidera – Como quiser

Condottiero – era um senhor feudal que controlava uma milícia (ou mercenários), sobre a qual tinha comando ilimitado, e estabelecia contratos com qualquer Estado interessado em seus serviços entre os séculos XIV e XVI. Nesse caso refere-se à arma normalmente usada por eles.

Condottiere (condottiero no singular)– foram os mercenários, soldados líderes (ou os senhores da guerra)

Cuore mio, meu coração

Curavi – É o ritual de cura de uma curadora empática de la Orden de los Sicari

Damno id. expressão em latim que significa droga, perda de tempo. Inferno.

Destinatus diabolus –Destino Diabólico

Desponsatio. Noivado em Latim

Deus – Deus

Dolce cuore – doce coração

Dolce mia – meu doce

Dolcezza –doçura

Dominus – Mestre / Mestres, referindo-se aos Lordes Praetorianos

Exsilium – Exílio da irmandade Pretoriana e da Igreja

Fanculo – Foder

Figlio di puttana – Filho de puta

Fotte – Foder

Gratias Deus – Graças a Deus

il christi omnipotentia – Cristo todo poderoso

il mio signore – meu senhor e soberano (um título de alto escalão)

il mia signora – minha señoira e soberana (um título de alto escalão)

Inamorata. amor

Indictio – Castigo

l'amor Deus – Por amor de Deus

Lei stupido inganna. Traduzido literalmente do italiano seria, “ela engana os estúpidos”.

Longior vivere ordinis Sicari – Larga Vida a Ordem dos Sicari

Mater Dei. Meu deus ou Mãe de deus

Mea amor – Meu amor

Mea cor – Meu corazón

Mea delicia – Minha delicia

Mea dulcis – Meu doce

Mea gladius non voluntas concidi – Minha espada não falhará

Mea kara – Minha amada

Mea karus – Meu amado

Mea mellis – Meu doce

Merda di toro – Mierda de toro

Molto bene. Muito bem

Monsignor. Monsenhor, do francês Dom. Título honorífico dado a um padre.

Ob amor Deus – Pelo amor de Deus

Piccola mia. Meu bebê

Porco – Cerdo

Potior – Droga Pretoriana para suprimir as habilidades dos Sicari

Praetorian Dominus – Equivalente aos Senhores Sicari

Pueri – chico

Stonza – Merda

Testa di Cazzo – Gilipollas

Tironis – Principiante/novatos; rango dentro de la Orden

Va bene – Bien

Vecchio amico – Viejo amigo

Vecchio idiota – Viejo idiota/tonto

Vigilavi – Gente que sirve o trabaja con los Sicari

Cleópatra



O nome Cleópatra significa "glória do pai", Thea significa "deusa" e Filopator "amada por seu pai".

É uma das mulheres mais conhecidas da história da humanidade e um dos governantes mais famosos do Egito, tendo ficado conhecida somente como Cleópatra, de facto co-governou sempre com um homem ao seu lado: o seu pai, o seu irmão (com quem casaria mais tarde) e, depois, com o seu filho. Contudo, em todos estes casos, os seus companheiros eram apenas reis titularmente, mantendo ela a autoridade de facto.

Cleópatra foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura e arte gregas.

Ptolomeu I

Tomou o título de rei a partir de 305 a.C., instituindo então o culto dinástico do rei-salvador (Sóter), de acordo com a tradição dos Faraós egípcios. Fundou um império poderoso que, sem conquistas territoriais, manteve um reconhecido esplendor econômico e cultural, firmado em novas e eficazes formas administrativas. Instituiu a capital de sua dinastia em Alexandria, hoje a segunda maior cidade do Egito e uma das cinco maiores cidades da África, cidade fundada por seu predecessor, Alexandre. Nos últimos anos do seu reinado, exerceu co-regência com o filho, seu herdeiro real. Implantou o culto de Serápis e fundou a cidade de Ptolemaida, no Alto Egito.

Constantino I



Também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande,, foi um imperador romano, proclamado augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306 e governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte.

Caio Júlio César

Foi um patrício, líder militar e político romano. Desempenhou um papel crítico na transformação da República Romana no Império Romano.

As suas conquistas na Gália estenderam o domínio romano até o oceano Atlântico: um feito de consequências dramáticas na história da Europa. No fim da vida, lutou numa guerra civil com a facção conservadora do senado romano, cujo líder era Pompeu. Depois da derrota dos optimates, tornou-se ditador (no conceito romano do termo) vitalício e iniciou uma série de reformas administrativas e econômicas em Roma.

Alexandre III da Macedônia,

Dito o Grande ou Magno foi um príncipe e rei da Macedônia, e um dos três filhos do rei Filipe II e de Olímpia do Épiro – uma fiel mística e ardente do deus grego Dioniso. Alexandre foi o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em sua juventude, teve como preceptor o filósofo Aristóteles. Tornou-se o rei aos vinte anos, na sequência do assassinato do seu pai.

Agradecimentos

Disponibilização em Espanhol:



Em especial, o nosso mais profundo agradecimento a toda equipe de Tradução e Revisão envolvida neste projeto, pessoas sem as quais nada disto seria possível.

Tradutores:

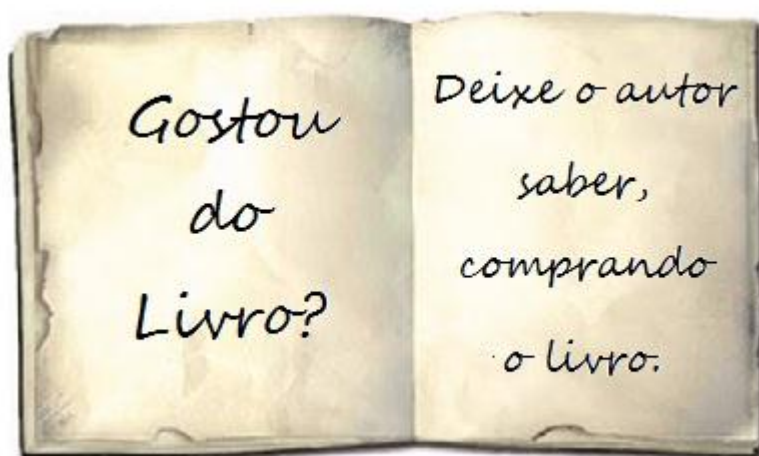
A equipe TAD agradece imensamente a boa vontade e disposição dos tradutores durante os três livros. Meninas, sintam-se orgulhosas pelo excelente trabalho, e saibam que as pessoas que lêem agradecem de coração.

About Monica

seu primeiro romance na idade de nove anos quando ela escolheu o pseudônimo que usa hoje. A partir do dia quando ela escondia suas histórias de suas irmãs para seu primeiro manuscrito completo e concluída, ela sempre acreditou em seu sonho, apesar das rejeições e contratempos. Uma mulher workaholic, mãe e esposa, Mônica acredita que é possível para o bom rapaz ganhar se trabalhar duro o suficiente.

Monica é um sobrevivente, e é um assunto que ela se tornou perita. Uma sobrevivente de estupro em 19 anos de idade, escrevendo romance erótico tem ajudado no processo de cura em sua longa vida. Sua escrita a ajudou a recuperar alguma de sua auto-estima.

Monica fez sua primeira venda em 2004. Ela é membro da Romance Writers of America (RWA) e foi em 2005 Finalista do RWA Golden Heart, bem como o vencedor do EPPIE 2009 para Melhor Romance erótico histórico. Ela sempre teve altas críticas do BookReviews RT e outros revisores.





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

☺ *All Creatures of the night get together After dark* ☺